

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA

Nicole Angélica Schneider

**"E EU, ANARQUIA, QUE SOU TUA FILHA FIEL E DEDICADA ESTOU  
DE BRAÇOS ABERTOS PARA RECEBER": MULHERES NO  
MOVIMENTO ANARQUISTA DO RIO GRANDE DO SUL (1889-1930)**

Santa Maria, RS  
2022

**Nicole Angélica Schneider**

**"E EU, ANARQUIA, QUE SOU TUA FILHA FIEL E DEDICADA ESTOU DE  
BRAÇOS ABERTOS PARA RECEBER": MULHERES NO MOVIMENTO  
ANARQUISTA DO RIO GRANDE DO SUL (1889-1930)**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado e História, Programa de Pós- Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em História**.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Glauca Vieira Ramos Konrad

Santa Maria, RS  
2022

Schneider, Nicole Angélica

"E eu, Anarquia, que sou tua filha fiel e dedicada  
estou de braços abertos para receber": Mulheres no  
Movimento Anarquista do Rio Grande do Sul (1889-1930) /  
Nicole Angélica Schneider.- 2022.

205 p.; 30 cm

Orientadora: Glaucia Vieira Ramos Konrad  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de  
Pós-Graduação em História, RS, 2022

1. Mulheres Anarquistas 2. Movimento Anarquista 3.  
Rio Grande do Sul 4. Mundos do Trabalho I. Konrad,  
Glaucia Vieira Ramos II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, NICOLE ANGÉLICA SCHNEIDER, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

**Nicole Angélica Schneider**

**"E EU, ANARQUIA, QUE SOU TUA FILHA FIEL E DEDICADA ESTOU DE  
BRAÇOS ABERTOS PARA RECEBER": MULHERES NO MOVIMENTO  
ANARQUISTA DO RIO GRANDE DO SUL (1889-1930)**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado e História, Programa de Pós- Graduação em História, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em História**.

**Aprovada em 9 de junho de 2022:**

---

**Glaucia Vieira Ramos Konrad, Dr<sup>a</sup>**  
(Presidente/Orientadora - UFSM)

---

**Frederico Duarte Bartz, Dr. (UFRGS)**

---

**Maitê Peixoto, Dr<sup>a</sup> (Ac - Versailles)**

Santa Maria, RS  
2022

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi construída por muitas mãos. São tantas pessoas que me ajudaram e para as quais eu devo tanta gratidão, que será feito sem ordem de importância, pois todos foram, por mínima ação que possa parecer, fundamentais para conclusão desta etapa da pesquisa.

Agradeço à Marlene e Albano Schneider, meus pais. Como é bom amadurecer e perceber o tanto que vocês fizeram e fazem por mim. Qualquer realização minha é uma realização de vocês, possível por causa de vocês.

Agradeço ao Luan Augusto Schneider, meu irmão caçula. Você não é muito de falar, mas o pouco que fala comigo é bom demais. Gosto de trocar ideias e alegrias contigo. Estou aqui por você também. Filhos de calçadistas e pedreiros, nós podemos!

Agradeço à Barbara e ao Kevin, por terem aberto sua casa na minha primeira vez em Santa Maria/RS, eu sem um tostão no bolso, vocês me orientaram, me acalmaram e me cederam um espaço do seu lar e do seu tempo.

Agradeço à Ana Serafini, por me abrigar em sua residência na única chance que tive de estar presencialmente num acervo. Obrigada por ter aberto sua casa para mim e ter me recebido imensamente bem.

Agradeço ao Iuri Portinho Souto, que foi meu companheiro nos anos deste mestrado. Saiu de sua zona de conforto, me auxiliou a manter-me alimentada e com moradia nos anos de desemprego, esteve presente em muitas das crises de angústia e de alegria. Dividiu uma residência comigo durante a pandemia e a pesquisa. Sei que não foi fácil. Muito obrigada!

Agradeço à Michele Valent, que além de ser minha psiquiatra, o que por si só é motivo de muito agradecimento, me proporcionou serviços, trabalho e oportunidades de atuar como profissional da História e ter uma renda nos períodos de curso. Sempre me ajudou a organizar os pensamentos, tomar boas atitudes e teve papel fundamental para a escrita deste trabalho.

Agradeço à Caroline Duarte Matoso, além de ser uma das minhas amigas mais próximas e amada, concedeu algumas das suas fontes do CDH/FURG para que pudesse contribuir para minha pesquisa diante da situação pandêmica. Obrigada amiga, pelas conversas sobre operárias, pelas trocas teóricas, pelas publicações em parceria e pela nossa amizade sempre tão gostosa e acalentadora.

Agradeço à Caroline Atencio Medeiros, outra amiga tão próxima e querida, ser sua fã e te ver crescer me dá forças para não desistir. Obrigada pelas conversas, confortos e trocas que são tão importantes.

Agradeço à Andrielle Paula Frana, por confiar em mim o suficiente para dividir suas angústias e compartilhar os momentos nebulosos que os tempos presentes nos forçam a passar. Obrigada por me permitir estar na sua vida, isso é fundamental para mim. Sua coragem me inspira.

Agradeço à Thavani Teles Paz, por ter respondido aquele *spotted*. Sua amizade se tornou essencial nos dias difíceis em Santa Maria, fruto de carinho e muito amor.

Agradeço à Bruna Silvana de Souza, minha amiga de “aborrescência”. Nossa amizade é um abraço de urso. Distante já é boa, mas próxima é melhor. Estar contigo é a certeza de que vou me sentir inteiramente respeitada e cuidada. Obrigada!

Agradeço aos meus colegas do PPGH, por estarem lá comigo passando pelo primeiro ano desbravando Santa Maria. Camila, obrigada por ter me aceito, se tornado uma companhia tão agradável e amável. Marcos, nunca pensei sairia para beber com um recifense, foi uma honra. Richard e Arthur, grata por terem aberto o quarto da empregada para mim, foi ótimo ter dividido o lar com vocês, assim como a visitante amada Dienifer, fonte de muitos debates feministas. E um abraço apertado aos “Os desesperados sem bolsa”, Tiago e Paula, grata pelas discussões, distrações, caronas, conversas e companhia.

Agradeço à Simone Bianchi e ao Fernando por confiar no meu trabalho, pela oportunidade de exercer minha profissão em pesquisa e vasculhar passados e aprender sobre o mundo. Agradeço aos meus colegas de trabalho, principalmente Priscila e Bruna, por terem acompanhado alguns devaneios sobre minha pesquisa durante o expediente. Fui uma mestrandia sem bolsa e ter a oportunidade de trabalho foi fundamental para conseguir chegar até aqui.

Pode parecer um pouco incomum, mas quero deixar meu agradecimento aos meus melhores amigos: Jade, Snoopy, Lucy, Dino, Alice, Rex (em memória) e Maia (em memória). Às vezes, esqueço que são cachorros. Em pandemia e *home office*, vocês foram meus companheiros mais fiéis. Agradeço também a gata Tequila (em memória), foi uma honra ser sua madrastra.

Agradeço aos servidores públicos do CRAS de Teutônia/RS, por terem me auxiliado na inscrição do CadÚnico, o qual, diante do desemprego e o curso, foi o programa que ajudou na minha sobrevivência e a Equipe do Covid do Hospital Ouro Branco, Teutônia/RS, pelo excelente tratamento que recebi nos dias de internação devido à contaminação. Estive com medo, assustada e fraca, mas recebi todo o auxílio da equipe de enfermeiras que esteve diariamente comigo, acalmando e controlando meus sintomas. Obrigada ao SUS, por ter me proporcionado leito, exames e medicação, além do suporte para consultas e exames de tratamento e recuperação.

Agradeço aos funcionários do Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS, por terem me recebido por dois dias seguidos, me auxiliado na pesquisa e escaneamento dos documentos que acabaram sendo meu maior leque de fontes.

Agradeço também ao André Jobim pelo compartilhamento de algumas fontes bageenses.

Agradeço à Maitê Peixoto, pelos excelentes destaques, indicações de leituras e abordagens na construção desta pesquisa. Agradeço ao Frederico Bartz, pelo olhar apurado e pelo compartilhamento de fontes. Sou muito grata por terem abraçado a ideia e contribuído para o resultado desta dissertação.

Agradeço imensamente à Glaucia Vieira Ramos Konrad, por ter acreditado que esta pesquisa era possível. Obrigada por ter aceitado me orientar, por ter me auxiliado nos objetivos da pesquisa, fontes e argumentos. Obrigada por ter me ajudado a me manter em Santa Maria/RS, durante o primeiro ano de Mestrado, foi uma ajuda essencial. Apesar dos anos de pandemia tenham dificultado nossa comunicação, obrigada por estar sempre disponível, pela paciência de lidar com minhas limitações e dificuldades. Obrigada pela sua sensibilidade! Este trabalho não teria existido sem você, não é possível expressar toda admiração, respeito e gratidão. Imensamente, obrigada!

*“Sabemos perfeitamente que falamos ao deserto, mas, mesmo assim, gritaremos cada vez mais, na esperança de que no meio da aridez da inconsciência, ligada a mais imperdoável apatia, existam ainda algumas oásis, verdejantes de dignidade no pleno sentindo da palavra.*

*Às vezes, tanto se grita, até que alguém se acorda.”*

(Agostina Guizzardi, 1906)



## RESUMO

### **"E EU, ANARQUIA, QUE SOU TUA FILHA FIEL E DEDICADA ESTOU DE BRAÇOS ABERTOS PARA RECEBER": MULHERES NO MOVIMENTO ANARQUISTA DO RIO GRANDE DO SUL (1889-1930)**

AUTORA: Nicole Angélica Schneider  
ORIENTADORA: Glaucia Vieira Ramos Konrad

Esta dissertação objetiva perceber como as mulheres trabalhadoras eram percebidas nos jornais de divulgação anarquista e outros materiais de divulgação ideológica, compreendendo os discursos, como também, localizar as trabalhadoras e mulheres que tiveram ações anarquistas junto ao movimento operário gaúcho, as quais contribuíram de alguma forma na construção de greves e conscientização do anarquismo com a classe operária. A historiografia sobre o Mundos do Trabalho na Primeira República é extensa, muitas pesquisas desvendaram as organizações e rostos que compõem o movimento que provocou greves históricas, que por momentos estavam conectas as pautas internacionais. Com a recente industrialização, imigração europeia e abolição da escravização, a vida no Rio Grande do Sul foi se transformando e os trabalhadores precisaram se adaptar as novas regras e aos novos serviços. Não demorou para que ideias de organização trabalhista, transformação social e melhorias para a vida desses trabalhadores comecem a circular entre os setores populares. Entre estas ideias, está o anarquismo. Diante de método de ação direta, divulgação por jornais e peças teatrais, conexão com outros movimentos, ação sindical, busca por libertação, educação e emancipação dos trabalhadores das mazelas provocadas pelo sistema que estava engolindo-os, as ideias anarquistas foram se infiltrando entre os trabalhadores e as trabalhadoras. Com essas propostas para destruir o sistema capitalista, os anarquistas formaram um movimento que se articulou entre os operários e esteve envolvido em greves e confrontos com brigadianos. A historiografia apresenta uma classe trabalhadora de identidade heterogenia, composta por homens, mulheres, imigrantes, negros e crianças e este trabalho está comprometido em contribuir para esta concepção historiográfica.

**Palavras-chave:** Mulheres Anarquistas. Movimento anarquista. Rio Grande do Sul.

## **ABSTRACT**

### **"AND I, ANARCHY, WHO AM YOUR FAITHFUL AND DEDICATED DAUGHTER AM WITH OPEN ARMS TO RECEIVE": WOMEN IN THE ANARCHIST MOVEMENT IN RIO GRANDE DO SUL (1889-1930)**

**AUTHOR:** Nicole Angélica Schneider  
**ADVISOR:** Glaucia Vieira Ramos Konrad

This dissertation has the objective of perceiving how working women were perceived in anarchist newspapers and other materials of ideological dissemination, understanding the discourses, as well as locating the workers and women who had anarchist actions in the labor movement in Rio Grande do Sul, who contributed in some way in the construction of strikes and anarchist awareness with the working class. The historiography on the World of Work in the First Republic is extensive, many researches have unveiled the organizations and faces that made up the movement that caused historic strikes, which at times were connected to international demands. With recent industrialization, European immigration, and the abolition of slavery, life in Rio Grande do Sul was changing and workers needed to adapt to the new rules and services. It was not long before ideas of labor organization, social transformation, and improvements to the lives of these workers began to circulate among the popular sectors. Among these ideas is anarchism. Through the method of direct action, dissemination through newspapers and plays, connection with other movements, union action, the search for liberation, education, and emancipation of workers from the evils caused by the system that was swallowing them up, anarchist ideas began to infiltrate among the working men and women. With these proposals to destroy the capitalist system, the anarchists formed a movement that was articulated among the workers and was involved in strikes and confrontations with brigadiers. Historiography presents a working class with a heterogeneous identity, composed of men, women, immigrants, blacks, and children, and this work is committed to contributing to this historiographical conception.

**Key-words:** Anarchist Women. Anarchist Movement. Rio Grande do Sul.

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- SANTOS, Polydoro. Francisco Ferrer. <b>O Sindicalista</b> , Porto Alegre, p. 2, nov. 1924. ....	45
Figura 2- GARCIA, J. Pedro Krapotkine. <b>O Sindicalista</b> , Porto Alegre, p. 3, março 1921... 45	45
Figura 3- S/A, Princípios do anarchismo. <b>O Sindicalista</b> , Porto Alegre, p. 1, 25 nov. 1926. 46	46
Figura 4- ALCINA, Mauricio. Confrontos. <b>Revista Liberal</b> , Porto Alegre, p. 7, 01 mai. 1921. ....	47
Figura 5 – TOFFOLO, Carlos. Escola Elizeu Réclus, <b>A Luta</b> , Porto Alegre, p. 3, 01 jul. 1910. ....	65
Figura 6 - FRANCE, Anatole. Pela Vida de Sacco e Vanzetti. <b>Revista Liberal</b> , Porto Alegre, p. 10, 01 mai. 1922. ....	70
Figura 7 – S/A. Movimento operário: A Greve de S. Paulo - As 8 horas triunfando. <b>A Luta</b> , Porto Alegre, p. 1, 02 jun. 1907. ....	73
Figura 8 – S/A. Noticiário. <b>A Defesa</b> , Bagé, p. 3, 01 maio 1911.....	76
Figura 9 – S/A. Carnet Social Aniversários. <b>A Evolução</b> , Porto Alegre, p. 4, 30 nov. 1925..	77
Figura 10 - IGNOTUS. A mulher e o confissionario. <b>Revista Liberal</b> , Porto Alegre, p. 6, fev. 1922. ....	79
Figura 11 – S/A. Santas Criaturas. <b>Revista Liberal</b> , Porto Alegre, p. 11, out. 1921.....	81
Figura 12 – S/A. Opinião de Peso. <b>Revista Liberal</b> , Porto Alegre, p. 12, fev. 1922. ....	82
Figura 13 – S/A. Em Marcha... A conquista do Pão. <b>Revista Liberal</b> , Porto Alegre, p. 1, jul. 1921. ....	85
Figura 14 – <i>Il cammino dei lavoratori (Il quarto stato)</i> , 1901 - Giuseppe Pelizza da Volpedo (1868-1907). ....	86
Figura 15 - A Anarquia. GAWRYSZEWSKI, Alberto. 2009. ....	86
Figura 16 – S/A. Ideal. <b>Revista Liberal</b> . Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1923.....	87
Figura 17 – S/A. A libertadora. <b>A Luta</b> , Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1907.....	88
Figura 18 – S/A. S/T. <b>A Luta</b> , Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1909. ....	89
Figura 19 – S/A. 1º de Maio: Labor.Omnia.Vincit. <b>Revista Liberal</b> , Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1922. ....	90
Figura 20 – MAUPASSANT, Guy de. A Morta. <b>A Luta</b> , Porto Alegre, p. 4, 30 maio 1916..	94
Figura 21 - Propaganda o Grêmio L.D. Filhos do Trabalho - Rio Grande/RS, 1929.....	96
Figura 22 - Maria Antônia Soares discursando no Primeiro de Maio de 1915 - <b>A Cigarra</b> , São Paulo, 11 maio 1915. ....	106
Figura 23 - Elvira Boni na mesa de encerramento do Terceiro Congresso Operário, 1920... 108	108
Figura 24 - Julia Malvina Hailliot Tavares, com sua turma em frente à sua casa. ....	112
Figura 25 – S/A. Movimento Associativo. <b>O Sindicalista</b> , Porto Alegre, p. 3, 31 out. 1925. ....	115
Figura 26 - S/A. Movimento Operário. <b>Correio do Povo</b> , Porto Alegre, p. 5, 11 jun. 1925. 115	115
Figura 27 - S/A. A sessão de encerramento do Congresso. <b>O Sindicalista</b> , Porto Alegre, p. 1, out. 1925. ....	116
Figura 28 - <b>Correio do Povo</b> , Porto Alegre/RS, p. 2, 7 agosto 1917. ....	118
Figura 29 - Irmãs Martins. ....	122
Figura 30 - Escola Moderna, Porto Alegre, 1917.....	123

Figura 31 - Espertirina Martins. ....	124
Figura 32 - Registro de Nascimento de Espertirina Augusta Martins. 02/01/1904, Vila de Lageado. ....	125
Figura 33 – Exames. <b>A Federação</b> , Porto Alegre, p. 3, 27 dez. 1917. ....	126
Figura 34 - Grafite fazendo referente à Espertirina, fazendo alusão aos trabalhos de Banksy. ....	127
Figura 35 - Representação de Espertirina. ....	128
Figura 36 - Foto de Perfil. Ateneu Libertário A Batalha da Várzea. ....	128
Figura 37 - Registro de nascimento de Dorvalina – 1900, Porto Alegre. ....	129
Figura 38 - Dorvalina Martins Ribas. ....	130
Figura 39 - Praça Josué Ribas Martins. ....	131
Figura 40 - Folha de Capa da obra "Amor e Ouro". ....	133
Figura 41 - Redactor: A. Libonati Avena. <b>O Automobilista</b> , Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1926. ....	136
Figura 42 - Capa da obra "O Chauffeur", por José Freitas da Silva e Anna Libonati Avena. ....	138
Figura 43 - Elisa e seu esposo em frente à Livraria Internacional. ....	140
Figura 44 – Elisa e seu esposo Friedrich. ....	141

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

AEL	Arquivo Edgard Leuenroth
AIT	Associação Internacional dos Trabalhadores
CDH	Centro de Documentação Histórica
CFES	Centro Feminino de Estudos Sociais
CGT	Confédération Générale du Travail (França)
CNT	Confederação Nacional do Trabalho (Espanha)
COB	Congresso Operário Brasileiro
FORA	Federação Operária Regional Argentina (Argentina)
FORGS	Federação Operária do Rio Grande do Sul
FURG	Universidade Federal de Rio Grande
IHGB	Instituto Histórico Geográfico Brasileiro
IHGRGS	Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul
IWW	Industrial Workers of the World (Estados Unidos da América)
NPH	Núcleo de Pesquisa Histórica
OIT	Organização Internacional do Trabalho
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2</b>	<b>A FILOSOFIA VIRA PRÁTICA: ANARQUISMO, OPERÁRIOS E MULHERES</b> .....	27
2.1	ANARQUISMO: DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS .....	27
2.2	NOÇÕES SOBRE TRABALHO: MOVIMENTO ANARQUISTA, ANARCOSSINDICALISMO, SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO .....	36
2.3	ANARQUISMO E MULHERES: MORAL, EXPECTATIVAS E EXPERIÊNCIAS .....	48
<b>3</b>	<b>MOVIMENTO OPERÁRIO GAÚCHO E A AÇÃO DOS ANARQUISTAS</b> .....	58
3.1	ANARQUISMOS NO RIO GRANDE DO SUL .....	59
3.2	O MOVIMENTO ANARQUISTA NAS PÁGINAS DOS JORNAIS.....	67
3.3	A MULHER PARA O MOVIMENTO OPERÁRIO E ANARQUISTA GAÚCHO .....	76
<b>4</b>	<b>MULHERES NO MOVIMENTO ANARQUISTA</b> .....	101
4.1	MULHERES TRABALHADORAS: MORALIDADES, RUPTURAS E RESISTÊNCIA ANARQUISTA.....	102
4.2	AS ANARQUISTAS NO RIO GRANDE DO SUL: MILITANTES, SINDICALISTAS, PROFESSORAS, ESCRITORAS.....	111
4.2.1	<b>Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939)</b> .....	111
4.2.2	<b>Grupo Libertário Feminino (Porto Alegre): Alzira Werkauser e Cantalice Silva</b> .....	114
4.2.3	<b>Centro Feminino dos Navegantes (Porto Alegre)</b> .....	118
4.2.4	<b>Centro Feminino de Estudos Sociais (Pelotas): Amélia Gomes, Lali Costa, Victoria Costa e Eliza De Oliveira</b> .....	119
4.2.5	<b>Irmãs Martins: Espertirina, Eulina, Dolsina e Virgínia</b> .....	121
4.2.5.1	<i>Espertirina Augusta Martins (1903-1942)</i> .....	124
4.2.6	<b>Dorvalina Martins Ribas (1900-1944)</b> .....	129
4.2.7	<b>Agostina Guizzardi</b> .....	131
4.2.8	<b>Alayde L. Campos</b> .....	134
4.2.9	<b>“Rosa”</b> .....	135
4.2.10	<b>Anna Libonati Avenna (-1961)</b> .....	136
4.2.11	<b>Elisa Hedwig Augusta Wolf (-1942)</b> .....	138
4.3	SUAS AÇÕES DIALOGAM COM O MUNDO OPERÁRIO .....	141
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	150
	<b>FONTES</b> .....	152
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	156
	<b>ANEXOS</b> .....	168

# 1 INTRODUÇÃO

*“Pode o homem ser livre se a mulher é escrava?”*

(Sheerley)<sup>1</sup>

Esta dissertação tem como recorte temporal o período final do século XIX, início do século XX, e remete-se as experiências vividas no Rio Grande do Sul, do Brasil recém republicano e pós-abolicionista. Aos poucos, aconteceu a industrialização das cidades e a transformação do trabalho artesão para o trabalho operário, de forma lenta e contínua. Em indústrias de pequeno porte, que ainda mantinham aspectos artesanais, a atuação dos trabalhadores estava mais condicionada ao seu próprio ritmo, havendo a pressão de usar o seu tempo em prol da produção das mercadorias, com controles regulares para manter o tempo útil. Nas indústrias maiores, nas quais comportava-se maquinário, o ritmo de trabalho é tocado pela ferramenta mecanizada. Foi, principalmente nesse segundo espaço, onde o capitalismo atuou com maior força, com controle sobre a produção massiva das matérias primas em produtos e sobre o operariado (ARAVANIS, 2010, p. 152 e 153).

A situação dos trabalhadores, com carga de trabalho extensa, baixo pagamento e condições subumanas, provocou o início de reclamações e insatisfações, que logo se transformaram em revoltas e aos poucos foram chegando imigrantes europeus através de proposta governamental de clarear e disciplinar os centros urbanos. Prontamente, esta carga imigratória juntou-se aos trabalhadores brasileiros, se organizando em sindicatos e associações, a fim de traçarem reivindicações perante as injustiças que compunham suas relações de trabalho e o sentimento de revolta da classe trabalhadora.

Além de mão de obra, os imigrantes trouxeram nas bagagens algumas experiências de luta de classes em curso no velho mundo, vinculadas as ideias socialistas. Nos espaços organizados pelos trabalhadores, eles se reuniam e pensavam em formas de conseguirem melhorias para suas vidas. Outros viam nesse espaço a oportunidade de organizar os trabalhadores para a transformação geral da sociedade capitalista industrial, como os adeptos das ideias socialistas e libertárias.

Com o desafio de envolver os trabalhadores na luta anarquista e identificados com o movimento anarquista em curso na Europa, utilizaram suas principais ferramentas de protesto e articulação para apresentar e convencer os trabalhadores da necessidade de uma verdadeira

---

<sup>1</sup> SHELLEY. S/T. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 10, fev. 1922.

transformação, a qual deveria ser feita através da anarquia. Além de incentivarem a luta operária por direitos, a imprensa operária era um forte veículo de divulgação das ideias anarquistas, antiestadistas, antimilitaristas e anticlericais.

Apesar de não aderirem às diversas ideologias socialistas, os sindicatos revolucionários implementados no Brasil foram fortemente influenciados pelas ideias e ações anarquistas em todo território brasileiro onde a classe operária se organizou (OLIVEIRA, 2009).

Com o intenso avanço do fascismo nos países europeus (PINHEIRO, 1997), muitas famílias que carregavam o anarquismo vieram refugiados para o território americano, com pais, mães, filhas e irmãs. Muitas destas mulheres aproveitavam para trabalhar como professoras, o que possibilitava-as frequentar espaços públicos. Como educadoras, leitoras e escritoras, algumas mulheres contribuía para a causa anarquista no território brasileiro. Como afirma Benito Bisso Schmidt (1998, p. 1464) ao citar a participação e ação de Maria Lacerda de Moura, Agostina Guizzardi e Laura Brandão no movimento operário anarquista: “Professoras, escritoras e militantes... estas mulheres não foram apenas “companheiras”, mas ativas participantes das lutas dos trabalhadores brasileiros”.

As mulheres que faziam parte da classe operária buscaram atuar de forma política no movimento revolucionário que estava tomando forma. No setor industrial brasileiro, na década de 1910, as mulheres e meninas chegaram a ser 70% da mão de obra em São Paulo, nos setores de fiação e tecelagem. Elas ocupavam cargos também nos setores de vestuário e alimentícios. A presença delas nesses setores era devido a ideia difundida que as mulheres são mais delicadas e submissas, tendo a paciência e o cuidado que essas produções e produtos exigiam (MATOS e BORELLI, 2018, p. 128). Depois de estudar as Greves Gerais de 1906 e 1917, Isabel Bilhão (2016) percebeu a presença de mulheres ativas nas manifestações, inclusive como mecanismo para amenizar o impacto diante do público porto alegre, diante do qual, as mulheres ainda significavam passividade.

Mesmo no movimento operário anarquista, onde há pretensões revolucionárias, a participação e até a inclusão das mulheres na luta e no pós-luta apresentam-se restrita. O movimento reservava o espaço doméstico para as mulheres, defendendo sua educação, para que, com seus poderes de persuasão, livrassem os seus maridos, filhos, irmãos da tentação do conformismo e colocá-los diante da luta contra o capital que os explorava (ARAVANIS, 1999).

A problemática que trabalharemos nesta pesquisa é a presença de mulheres no movimento anarquista vinculado ao movimento operário do Rio Grande do Sul, durante o período de mais forte resistência e ação correspondente à Primeira República. Estabelecendo



como principal objetivo a identificação da questão feminina neste movimento anarquista/sindicalista.

Para tanto, iniciaremos compreendendo a presença e papel das mulheres nas teorias anarquistas internacionais, na sua sociedade utópica e em suas relações com o trabalho. Desta forma, buscamos contribuir com a análise dos anarquistas sul-rio-grandenses e a forma como as mulheres trabalhadoras eram percebidas por eles. Nestes mesmos espaços, buscaremos pela presença feminina, a fim de mensurar a participação de mulheres, usando o movimento mundial como comparativo para continuidades e especificidades da situação do Rio Grande do Sul. Ao buscar a participação das mulheres nas reivindicações e ações contra o Estado, será possível notar o espaço ocupado por elas, suas pautas e níveis de semelhanças e disparidades com o movimento como um todo, evidenciando o espaço tomado por elas e seus cargos.

Como destaca Claudio Batalha (2006), o campo da História do Trabalho tem recebido diversas contribuições no século XXI, rompendo com a perspectiva de trabalhador operário. Com os debates sobre trabalhos informais, rurais, urbanos e os trabalhos da escravidão e pós-abolição, novos recortes estão sendo integrados ao conceito de classe, fundamental para o campo, como gênero, raça e etnia. Esta pesquisa se coloca como contribuidora desta nova abordagem do Mundos do Trabalho, a fim de contribuir para compreender melhor os espaços de resistência e convívio, principalmente destacando os aspectos relevantes para a vida das trabalhadoras, não abandonando o aspecto de classe.

O movimento anarquista no Brasil, e principalmente no Rio Grande do Sul, foi atrelado ao movimento do Sindicalismo Revolucionário, ligado à classe trabalhadora da crescente indústria brasileira. Desta forma, compreender a intensidade da participação de mulheres, identificando-as como trabalhadoras, nos meios de reivindicação do trabalho, torna-se uma forma de contribuir para a historiografia do Mundos do Trabalho.

Desde os anos 60 e 70, o silêncio das mulheres na construção da História vem sendo quebrado por diversas pesquisas sobre seu papel nas relações e acontecimentos passados, visto que, as opressões sistemáticas são sentidas diferentemente entre homens e mulheres, torna-se importante o olhar de uma pesquisadora sobre a atuação de outras, contando suas histórias.

A conexão entre a história das mulheres e a política é ao mesmo tempo óbvia e complexa. Em uma das narrativas convencionais das origens deste campo, a política feminista é o campo de partida. Esses relatos situam a origem do campo na década de 60, quando as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação. Foi dito que as feministas acadêmicas responderam ao chamado de “sua” história e dirigiram sua erudição para uma atividade política mais ampla (...) (SCOTT, 1992, p. 64).

Através deste chamado de Joan Scott, enquanto mulher branca, pesquisadora, da classe trabalhadora, beneficiada com as conquistas dos movimentos feministas e trabalhistas ao longo da História do Brasil, comprometo-me a tentar revirar uma parcela pequena desta grande História das Mulheres que foi submetida as narrativas masculinas, incluindo o nome delas na História do Trabalho.

No início do século XX militantes anarquistas encontravam-se escrevendo em periódicos e publicando artigos e livros, como as já citadas Maria Lacerda de Moura e Luce Fabbri. Pesquisas estão sendo feitas por pesquisadoras como Samanta Colhado Mendes<sup>2</sup>, Mariana Affonso Penna<sup>3</sup> e Livia Olivetti<sup>4</sup>, além de Margareth Rago<sup>5</sup>, tanto da presença das mulheres no movimento como dos assuntos e representações do feminino. A obra “A Mulher é uma Degenerada”<sup>6</sup> de Maria Lacerda de Moura foi reeditado e lançado em versão comentada em 2018, pelo Tenda de Livros<sup>7</sup>. Sobre o Rio Grande do Sul, historiadoras como Isabel Bilhão, Silvia Petersen e Maria Amélia da Silva buscaram trazer um pouco desta participação das anarquistas no movimento do Estado. A fim de contribuir com a pesquisa destas historiadoras, buscaremos nomear algumas das personagens que se fizeram presentes, personificadas e, ressaltar a presença das mulheres e o espaço que era reservado para elas na primeira parte do século XX, além de dar mais força a representação feminina na luta operária da época, contribuindo assim, para fortalecer na luta feminina diante dos anos sucessores. E esse é o escopo desta pesquisa.

Fundamental para a História Social do Trabalho, a concepção de classe guia-se pela historiografia britânica, na qual o termo não se configura em uma categoria ou estrutura, enrijecida. A classe é vivida, sentida e experimentada. Experiência esta que é provocada pelas relações de produção e a consciência de classe está relacionada a compreensão das relações culturais e sociais. A experiência e conscientização, do compor e ao mesmo tempo fazer a classe (THOMPSON, 1987, p. 10 e 11), especificamente nas formas de luta contra sua exploração, é o que se busca compreender na pesquisa.

---

<sup>2</sup> MENDES, Samanta Colhado. **As Mulheres Anarquistas na cidade de São Paulo** (1889-1930). Dissertação de Mestrado. Franca: UNESP, 2010.

<sup>3</sup> PENNA, Mariana Affonso. O Anarquismo e a questão das mulheres. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 196, setembro/2017.

<sup>4</sup> OLIVETTI, Livia. As Mulheres Anarquistas da Família Soares: a história de luta de uma mãe e suas quatro filhas no Rio de Janeiro da Primeira República. **Emecê**, n. 34, março de 2016.

<sup>5</sup> RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar**: a utopia da cidade disciplinar (1890-1930). 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

<sup>6</sup> MOURA, Maria Lacerda de. **A mulher é uma degenerada**. Tenda de Livros, 2018, 320p.

<sup>7</sup> Projeto editorial que visa retomar a vida de mulheres anarquistas. Mais informações: <https://tendadelivros.org/>

Ao trabalhar o movimento operário do Rio Grande do Sul, fica evidente para Silvia Petersen e Maria Elizabeth Lucas (1992) a dificuldade de encontrar definições precisas de anarquistas ou comunistas nas práticas e discursos. Determinar uma definição precisa de quem é anarquista a rigor fica difusa em meio às práticas. Porém, isso não significa que não havia pessoas que se diziam anarquistas, pelo contrário, existiam periódicos que assumiam a posição anárquica, como o periódico *A Luta*.

Diante da realidade de trabalhadores não anarquistas, torna-se considerável outra variante. Pensando nas posturas de sindicalizados ou não, Emilia Viotti da Costa (1990) aponta para a necessidade de não considerar todo trabalhador um militante. Não eram todos os trabalhadores do período que estavam aliados a sindicatos, associações ou partidos, mesmo assim, ressalta a autora, suas histórias devem ser contadas.

A historiografia sobre o movimento refere-se aos imigrantes europeus na introdução da ideia clássica anarquistas. É certo que houve muita emigração europeia de 1830 até os anos industriais brasileiros, sendo os primeiros prussianos e austríacos, posteriormente chegando ao Brasil italianos, romenos e lituanos. Principalmente a segunda leva de imigrantes se estabeleceram nos centros urbanos e nas fábricas que estavam sendo instaladas. Mas não podemos ignorar que o movimento construído no Brasil teve uma maciça participação de brasileiros, entre eles muitos negros pós-abolição (LONER, 1999). A realidade das pessoas que tinham algumas relações com os ideais e condutas anarquistas, diante do trabalho e da sociedade, promoveu uma abertura em relação às fontes e outros materiais que não se colocam como anarquistas, possibilitando encontrar práticas ou discursos vinculados com a ideias libertárias em outros veículos operários e sindicalistas. Tendo em vista este suporte historiográfico, juntamente com as teorias e ideias anarquistas que tiveram influência no território brasileiro, é possível perceber textos e autores vinculados ao movimento revolucionário.

Pensando nessa formação heterogênea do operariado gaúcho, lança-se mão sobre outros elementos conceituais que podem auxiliar na compreensão da classe. A abordagem da divisão sexual do trabalho contribui para melhor explicar sua complexidade. Esta divisão fica mais explícita no período transitório da barbárie para o civilizatório. Friedrich Engels, após refletir e dialogar com teorias sobre a evolução social, apresentara o período entre o fim da sociedade primitiva e das relações calcadas em grupos para a sociedade moderna e civilizada, com famílias monogâmicas, a origem da submissão das mulheres e conseqüentemente de seus trabalhos. Quando o trabalho doméstico, na sociedade primitiva, era comum a todos do grupo, e quando as relações aconteciam sem normas familiares, o laço materno era o que unia os grupos

em parentescos. Com o excedente da produção de mercadorias do que era necessário para a subsistência, o lado paterno, responsável pela produção de ferramentas, foi tornando-se mais importante. O controle sobre as relações sexuais, antes não colocado como questão principal, começara a ser necessário para garantir os filhos legítimos e detentores da herança provinda das trocas e negociações do pai. Com a desvalorização dos trabalhos que não produzissem excedente e as alianças forçadas entre homens e mulheres em relacionamentos monogâmicos, as mulheres foram perdendo espaço na sociedade pública, “[...] convertida em servidora, em escrava do prazer do homem e em mero instrumento de reprodução.” (ENGELS, 2012, p. 60).

Essa transformação de parentescos resulta na sociedade dos séculos XIX e XX, bem como na forma desigual em que o trabalho é ajustado e colocado na sociedade entre os sexos. Sua desigualdade aponta para a exploração da mão de obra feminina muitas vezes pelo próprio marido. Esta acontece sobre as mulheres, coletivamente e individualmente. Primeiramente, diante da sociedade é aceitável os trabalhos domésticos serem destinados às mulheres, assim, os homens tornam-se confortáveis para a exigência deste trabalho por sua esposa no espaço individual. Mesmo fora do casamento, a exploração sobre a responsabilidade dos filhos permanece exclusivamente para as mulheres, sendo adicionado os encargos da manutenção financeira que acarreta os descasos sobre o exercício do trabalho remunerado durante o processo da relação matrimonial. A matriz e manutenção dessa exploração feminina está na construção cultural, o que dá argumentos e força para caso necessário, sejam feitas cobranças do "patrão" do espaço privado, ou seja, o marido. Cobranças que também ocorrem interiormente, pois as mulheres, crescendo em meio a esta imposição de papéis sociais, contribuem para o fortalecimento dele, agem de forma condicente por naturalidade, sendo este o comportamento ensinado e exigido num casamento, como o cuidado do marido e o amor maternal naturalizado pelos filhos (BIROLI, 2016, p. 727). Sendo oriunda do início da exploração capitalista a desigualdade entre homens e mulheres, esta pode ser considerada, segundo Engels (2012, p. 67), a primeira opressão de classe.

O mesmo debate pode ser encontrado nas socialistas Eleanor Marx-Aveling (MARX-AVELING, 1896) e Clara Zetkin, que trazem a compreensão que as mulheres têm dois tipos de trabalho: o primeiro é o da fábrica, onde produz para o sistema um produto a ser comercializado; e o segundo é o de dona de casa, onde faz o papel fundamental de esposa e mãe, garantindo a manutenção e reprodução da classe trabalhadora.

Os Estudos de Gênero também não estão separados dos estudos dos Mundos do Trabalho, como as mulheres não estão distantes do trabalho. Joan Scott (1995, p. 85) aponta para essa situação inseparável, em que ambos estão interconectados para compreender como as

mudanças e permanências ocorrem. O objetivo ao utilizar gênero como uma categoria de análise é problematizar este silenciamento e compreender como elas eram tratadas e representadas em suas épocas, percebendo as relações de poder entre gêneros.

Levando em consideração os apontamentos de Elizabeth Souza-Lobo (1991), em que a carga de trabalho das mulheres é superior à dos homens, considerando o cuidar dos filhos e da casa um ofício essencial para a reprodução e manutenção da classe trabalhadora. A quantidade de tempo depositada no trabalho doméstico está intrinsecamente relacionada com o tempo gasto em espaços políticos e decisórios. De acordo com Flávia Biroli (2016) a determinante desta divisão política, na qual os homens são os principais em espaços sociais, públicos e políticos, está diretamente relacionada com a forma como o trabalho doméstico está dividido. A atuação política realizada por mulheres é constantemente barrada, e para as poucas que ultrapassam todos os obstáculos, as pressões dão conta do aumento da carga. Julgamentos e pressões sociais sobre as mulheres que estão numa ação política, principalmente sobre suas responsabilidades como mãe e cuidados do lar, são constantemente executados, afirmando o espaço distinto que as mulheres ocupam ao público. Há exigências de presença das mulheres tanto em espaços políticos como sindicatos, associações e partidos políticos, mas também apenas para aquelas que mantiverem a organização plena no espaço familiar e doméstico. Mesmo ocupando um cargo político, as responsabilidades do lar permanecem sendo exigidos e pressionados sobre as mulheres, uma carga não compartilhada com os homens. (BIROLI, 2016, p. 742 e 743).

Ou seja, a participação política das mulheres está condicionada pelo baixo rendimento salarial, o qual não lhe proporciona a independência financeira, e dupla jornada de trabalho, que pode ser vista como múltipla, considerando todas as atividades realizadas no espaço público e privado (SAFFIOTI, 1981, p. 32).

A identidade operária tradicionalmente “[...] não raras vezes, confundiu-se com/e reafirmou o papel masculino através do protagonismo ou da ameaça de ações violentas.” (BILHÃO, 2005, p. 108). Desta forma, pesquisas que ressaltam a existência de trabalhadoras e suas participações em movimentos reivindicatórios se tornam importantes para transformar esta percepção. A própria entrada das mulheres no mundo do trabalho, devido a necessidades e por emancipação, provoca mudanças nos comportamentos automaticamente, pois o contato entre homens e mulheres se torna mais cotidiano e o espaço público transforma-se em um ambiente misto.

[...] entrada das mulheres no mundo produtivo suscitou o aumento de sua convivência com os homens no interior das fábricas, nas ruas e bondes da cidade e o fato de estarem lado a lado em passeatas, manifestações e momentos comemorativos, etc. contribuiu significativamente senão para a transformação das tradicionais atribuições de gênero

– uma vez que muitas das relações familiares patriarcais continuaram sendo mantidas no interior das fábricas – ao menos para dar visibilidade a uma parcela crescente de operárias que traziam para o interior do mundo do trabalho, além de novas demandas e reivindicações, a transformação das formas reivindicativas influenciadas por sua identidade de gênero (BILHÃO, 2008, p. 12).

Ao perceber a moral burguesa sob os ombros femininos, Bilhão (2008) conclui que o espaço público era sinal de perdição, direcionado apenas para os homens. Na construção da identidade ideal de mulher para a jovem República, a trabalhadora, a que tem a necessidade de sair de casa atrás de seu sustento é logo subjugada. Seguindo a linha já apontada por Margareth Rago (2014, p. 88-89) quanto mais as mulheres saírem da esfera da vida privada e doméstica, mais a sociedade burguesa utiliza as justificativas religiosas para julgá-la pecadora e jogar sobre seu corpo o sentimento de culpa, devido ao abandono das suas funções naturais de mãe e esposa.

A divisão sexual do trabalho é um importante elemento que constitui e garante na sociedade o gênero, todavia, este sofre a influência fundamental dos elementos raça e classe, conjuntamente. Um elemento vai conversando com o outro e constituindo grupos sociais distintos (BIROLI, 2016, p. 732). Assim

[...] a divisão sexual do trabalho é produtora do gênero, ainda que não o seja isoladamente. Ela compõe, de forma destacada, as dinâmicas que dão forma à dualidade feminino-masculino, ao mesmo tempo que posiciona as mulheres de maneira desigual segundo classe e raça (BIROLI, 2016, p. 739).

O conceito interseccional é contemporâneo comparado aos primeiros debates de gênero, sendo algumas vezes usado por suas teóricas como a junção de abordagens raciais, patriarcais, classistas, entre outros eixos nos quais o poder é fonte de discriminação e construção de desigualdades referentes à categoria “mulher” de análise. De acordo com a feminista negra estadunidense Kimberlé Crenshaw, o termo compreende “[...] as desvantagens, as vulnerabilidades, as opressões e os enfraquecimentos sofridos dinamicamente pelas mulheres, que se encontram em dois ou mais pontos de encontro dos eixos de poder” (COSTA, 2015, p. 151).

Como Fernando Pureza (2019, p. 19) afirma, ao trabalhar com campos analíticos como gênero, classe, trabalho, raça, de uma forma interseccional, se possibilita interconexões mais complexas que contribuem para compreender uma classe trabalhadora e política mais heterogênea, informando “[...] as formas de dominação e resistência que operam um no outro.”

Diante de um cenário que desfavorece as mulheres, elas ainda resistiram, encontrando na luta de classes a forma de sobreviver aos seus cotidianos. Diante disso, obras e pesquisas encontram mulheres lutando ao lado dos homens nos movimentos operários, por melhores condições de trabalho, redução de jornada de trabalho e melhores remunerações. Elas se veem

como classe e “[...] revoltaram-se contra mestres, enfrentaram a polícia, escreveram jornais e levaram para as ruas as reivindicações originárias de sua ambígua situação de classe explorada e sexo subordinado” (PENA, 1983, p. 12). Perceber resistências a estas normas e regras sobre os corpos é uma forma de visibilizar a subjetividade destas mulheres e trazer para o presente suas experiências. Frequentando as ruas, trabalhando, participando de encontros e congressos sindicalistas e reuniões de cunho político como as anarquistas e anarco-sindicalistas, as mulheres traziam seus corpos para serem vistos, resistindo ao controle intencionado pelos poderes externos.

Estas mulheres existiam e iam se fazendo enquanto classe e se construindo enquanto seres políticos, ao mesmo tempo em que iam compondo sindicatos e associações, participando de greves e dialogando com outras trabalhadoras. Constituindo assim o fazer em classe social, teorizado por Edward Thompson (1987, p. 11), o qual afirma: “[...] classe é uma relação, não uma coisa [...]”. Ao que estas mulheres vão vivendo suas vidas, se relacionando e se entendendo como uma classe com ideais e reivindicações, elas se tornam uma fagulha do que foi o movimento operário enquanto um movimento de classes sociais no Rio Grande do Sul no período da Primeira República.

E é a partir desses trabalhos e apontamentos que esta pesquisa se baseia para construir uma nova leitura sobre a participação das mulheres no movimento anarquista e sindicalista revolucionário. Anarquista, pois busca influência e circularidades das ideias do movimento anarquista internacional nas ações e escritos locais, e sindicalista revolucionário, pois foi neste espaço que os anarquistas interagiram com os trabalhadores e se uniram e contribuíram ao movimento operário brasileiro.

Enquanto uma pesquisa qualitativa, enquadra-se como um Estudo de Caso da História Social do Rio Grande do Sul, na qual as mulheres vinculadas à classe trabalhadora são os sujeitos (CRESWELL, 2014). Utilizando da historiografia sobre o movimento, cruzando com discursos e comportamentos, vinculações com perspectivas anarquistas e investigando nas fontes possíveis, a intenção é reunir a maior quantidade de mulheres e pautas.

Ao trabalhar com textos originais dos teóricos que, de acordo com a historiografia, tiveram mais influência no território brasileiro, torna-se possível traçar uma linha de circularidade de ideias e, consecutivamente, comportamentos. Utilizando os discursos da teoria que esteve presente no movimento sindicalista, nos possibilita além de identificar influências anarquistas nos discursos, identificar também continuidades do movimento originário da Europa. Usando de uma história da transferência que remete a fenômenos culturais de um contexto transferidos para outra realidade (BATALHA, 2006, p. 98).

Na busca por essas manifestações discursivas do anarquismo, serão investigados os jornais e periódicos operários, muitos não identificados inicialmente com o movimento libertário, além de meios de comunicação da grande imprensa. A documentação consiste em jornais como *A Vanguarda*, *Avante!*, *A Defesa*, *A Dor Humana*, *A Evolução*, *A Lucta*, *A Luta*, *A Razão*, *A Voz do Operário*, *A Voz do Trabalhador*, *Echo do Sul*, *Nosso Verbo*, *O Syndicalista*, *O Tempo*, *A Revista Liberal*, *A Voz do Povo*, *Echo do Sul Ação Social*, *Democracia Social*, *O Alfaiate*, *O Confessado*, *O Povo*, *O Operário*, *O Proletário*, *A Federação*, *Correio do Povo*, *Jornal do Brasil/RJ*, além de outros em menor número<sup>8</sup>. As fontes referem-se a cidades de Porto Alegre, Pelotas, Rio Grande e Bagé, prioritariamente, cobrindo o período histórico de 1885 a 1934. Esta documentação encontra-se no Núcleo de Pesquisa História (UFRGS), Centro de Documentação História (FURG), Biblioteca Nacional (seção Hemeroteca Digital), Acervo Digital do AEL (UNICAMP) e Museu Dom Diogo/Bagé.

Periódicos anarquistas ou jornais da grande imprensa tem a função de disseminarem suas ideias e representações. A ideia de neutralidade, apesar de muitas vezes defendida pela grande imprensa, deve ser descartada aqui. A própria abordagem de acordo com o gênero tem maneiras diferentes de se expressarem, devido à educação que no início do século XX eram visivelmente diferentes, determinados pelos imaginários sociais de gênero. O documento fala muito mais do que apenas o que está impresso.

Sobre o uso de periódicos como fonte, Tania Regina de Luca (2008), destaca a importância de se atentar aos novos assuntos trazidos por esta mídia operária:

Quando, sob o influxo das renovações da disciplina, a atenção ampliou-se para além do movimento organizado com o acréscimo de questões sobre gênero, etnia, raça, identidade, modos de vida, experiências e práticas políticas cotidianas, formas de lazer e sociabilidade, produção teatral e literária, a imprensa operária continuou a ser um manancial imprescindível, ao lado dos depoimentos orais, das fontes judiciais e dos arquivos policiais, [...] (LUCA, 2008, p. 119 e 120).

A imprensa é constituída por “[...] empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretendem difundir a partir da palavra escrita.” (LUCA, 2008, p. 140). Nos periódicos anarquistas, o seu conteúdo era feito por colaboradores que enviam artigos e cartas de leitores, não possuindo empregados fixos. Eles eram feitos de acordo com a condição financeira, que era regulada pela liberdade de contribuição. Saber quem eram as pessoas que contribuía para a impressão das cópias significa saber para quem o feito era importante e quem era beneficiado (BILHÃO, 2015). É preciso atentar também a sequência e circulação dos

---

<sup>8</sup> Lista completa dos jornais catalogados em Anexo A.



jornais, tendo em mente o público leitor, que neste caso eram os operários e as operárias gaúchos.

Ao identificar discursos e personagens femininos, fazer um levantamento nominal e qualitativo das mulheres encontradas, traços anarquistas e pautas levantadas com o propósito de evidenciar singularidades e continuidades com a teoria anárquica através de uma análise de circulação, também é possível utilizar do recurso de comparação<sup>9</sup> com movimentos de outras áreas do Brasil, como o movimento paulista.

A fim de compreender melhor as ideias dos meus sujeitos, conversando com as teorias de base, no primeiro capítulo debati o significado do anarquismo, quais suas características e principais bandeiras revolucionárias. Após buscarei compreender a relação do movimento anarquista com a classe operária e como suas ideias articulam-se. Direcionando para o Brasil, quais foram as principais influências e circularidade que o movimento anarquista teve junto ao movimento operário, e compreendendo isto, ajudará a visualizar os espaços que as mulheres ocupavam no movimento. E em relação a elas, por finalizar o capítulo, buscarei na teoria anarquista as vertentes e espaços destinados a elas. Os principais teóricos anarquistas deixaram muitos escritos sobre revoluções e comportamentos, averiguar como as mulheres são descritas e colocadas nestes textos, auxiliarão a análise local do movimento.

No segundo momento desta pesquisa, será debatido o movimento anarquista e operário no espaço do Rio Grande do Sul, sua industrialização e sua composição operária. Através das fontes e da bibliografia, será apresentado os meios de comunicação e organização do movimento anarquista gaúcho, sobre quais assuntos se debruçavam, o que defendiam e onde habitavam. Para assim, verificar no final do capítulo, como as mulheres eram representadas nestes espaços, através dos jornais e representações sobre o feminino, buscando compreender como o movimento enxergava as mulheres e o que esperava delas para a luta de classe e sua revolução.

Após visualizarmos o macro internacional e o espaço do Estado, será apresentado as mulheres que ultrapassaram a cortina do anonimato, primeiramente realizando um regate das problemáticas das mulheres no espaço do trabalho e suas posições, e em seguida, visualizando as resistências em outros espaços do Brasil e das localidades vizinhas ao Rio Grande do Sul. Para assim, chegarmos as mulheres encontradas nas fontes, algumas escrevendo, outras agindo, algumas organizando associações e sindicatos e outras educando os filhos dos operários.

---

<sup>9</sup> Faço referência à comparação para nível de compreensão da situação do Rio Grande do Sul em contraposição a outros lugares, em uma relação local-global, conforme levantado por BATALHA, 2006.

Observa-se que em todas as citações, indiretas e diretas, as grafias e destaques foram reproduzidos com transcrição para o português vigente, facilitando a compreensão e tradução.

## 2 A FILOSOFIA VIRA PRÁTICA: ANARQUISMO, OPERÁRIOS E MULHERES

*“Eu sou uma anarquista. Suponho que vocês tenham vindo aqui, a maioria de vocês, para ver como é uma anarquista de verdade ao vivo. Suponho que alguns de vocês esperavam me ver com uma bomba em uma das mãos e uma tocha em chamas na outra, mas estão desapontados por não ver nem uma coisa nem outra. Se tais têm sido suas idéias sobre anarquistas, vocês mereceram estar desapontados. Anarquistas são pessoas pacíficas, cumpridoras da lei. O que anarquistas querem dizer quando falam em anarquia? Websteri dá ao termo duas definições: caos e o estado de existir sem norma política. Nós nos atemos à última definição. Nossos inimigos sustentam que acreditamos apenas na primeira.”*

(Lucy Parsons)<sup>10</sup>

Para compreender quem foram os anarquistas e no que consistia o seu movimento e sua relação com o movimento operário, este capítulo apresentará os significados do anarquismo e seus princípios básicos de ação e conduta, os quais guiam sua teoria e prática. Em seguida, serão realizadas aproximações do anarquismo com as teorias de classe, concepções sobre o trabalho e o movimento operário internacional. A fim de compreender a realidade do Rio Grande do Sul, apresentaremos as fundamentações teóricas do pensamento ideológico e dos movimentos anarcossindicalista e Sindicalismo Revolucionário.

O objetivo deste estudo é discutir as correntes anarquistas e socialistas e situá-las no contexto brasileiro e sul-rio-grandense. Diante disso, identificar a presença das mulheres anarquistas e sua incorporação no mundo do trabalho, bem como as questões de gênero no movimento operário e sindical.

### 2.1 ANARQUISMO: DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS

---

<sup>10</sup> (PARSONS, 1886, p. 1) Fonte: <<https://medium.com/@roxoenegro/eu-sou-uma-anarquista-e310bf27ba69>>

Em 1910, Piotr Kropotkin<sup>11</sup> publica na *Encyclopaedia Britannica*: “Anarquismo é o nome dado ao princípio ou teoria de vida e conduta em que a sociedade é concebida sem governo [...]”. Esta sociedade mencionada não estaria submetida às leis nem obediente a nenhuma autoridade, mas harmonizada pela concordância entre diversos grupos construídos de formas coletivas. O governo seria substituído por associações voluntárias constituídas regionalmente, compostas por pessoas identificadas pelos interesses, com o objetivo de desenvolver livremente a individualidade de cada cidadão. Seria através da colaboração livre que essa sociedade se desenvolveria, com o fim de uma centralidade uniformizante para regionalidades diversificadas. O caracterizado é a sociedade anarquista, reivindicante do fim do capitalismo na busca do “[...] verdadeiro progresso [o qual] está na descentralização, tanto territorial como funcional, no desenvolvimento do espírito local e da iniciativa pessoal e na federação livre do simples ao complexo, ao invés da hierarquia atual que vai do centro à periferia” (KROPOTKIN, 1910).

Anarquia significa uma organização sem autoridades, “[...] a abolição do roubo e da opressão do homem pelo homem, [...] da propriedade individual e do governo; [...] destruição da miséria, da superstição e do ódio [...]” (MALATESTA, 2008, p. 118).

Os significados das palavras “anarquia”, “ácrata” ou “libertário” são muito anteriores ao movimento que se estabeleceu em meio aos debates dos trabalhadores europeus. Os princípios de liberdade social podem ser encontrados em toda a história até chegarem no século XIX, porém o processo de transformar esta filosofia em prática, aconteceu junto ao movimento operário. Assim, o movimento anarquista do século XIX e as teorias e práticas trabalhadas aqui, fazem referência há um determinado tempo histórico e recorte geográfico.

[...] o sonho de liberdade mundial cessou de ser uma pura utopia filosófica e literária, [...] tornou-se o objetivo prático, ativamente buscado por multidões de homens unidos, que colaboram resolutamente para o nascimento de uma sociedade na qual não haveria mais senhores, conservadores oficiais da moral pública, carcereiros nem carrascos, ricos nem pobres, mas irmãos tendo todos sua parte cotidiana de pão, iguais de direito, e mantendo-se em paz e em cordial união, não pela obediência às leis, sempre acompanhadas por ameaças temíveis, mas pelo respeito mútuo dos interesses e pela observação científica das leis naturais (RECLUS, 2011, p. 22).

---

<sup>11</sup> Piotr Alexeyevich Kropotkin (1842-1921), nascido em uma família real russa, abdica do cargo, se tornou um grande estudioso das naturezas e razão, contribuindo em demasiado com a teoria do anarquismo. É considerado o fundador do anarco-comunismo. Principais teorias presentes em: *A Conquista do Pão* (1892); *Campos, Fábricas e Oficinas* (1899); *Ajuda Mútua: Um Fator de Evolução* (1902); e *As Prisões* (1897).

A constituição do movimento anarquista tem diretrizes diversas e é bastante organizado. A filosofia anarquista constituiu-se na exaltação da natureza humana que, de acordo com seus teóricos, é coletiva e comunitária, consistente na busca constante pelo que lhe traz prazer. Desta forma, ela se torna uma das mais fortes críticas à Igreja e ao Estado, segundo as quais estabelecem dogmas e leis que são contra essa natureza, buscando um controle universal e absoluto, que não levam em conta os desejos básicos do homem. Ambas as instituições constroem estatutos que buscam privar a natureza do homem (KROPOTKIN, 2008, p. 22-23).

Diante destas constatações, ser anticlerical é fundamental para o estabelecimento de um movimento e ação anarquista. O anarquista russo Mikhail Bakunin<sup>12</sup> (2011) disserta sobre a decadência religiosa e fato de ser o pecado tão evidenciado e criarem um Deus o qual julgaria os atos individuais e por esse individualismo constituir a salvação ou condenação eterna. A construção de um dilema baseado na individualidade é totalmente oposta à coletividade humana, que seria o princípio básico da humanidade e se constituiria num dos principais objetivos do anarquismo. Acreditando que a vida acontece em comunidade, a moral se dá em sociedade, estabelecida com lugar e tempo.

[...] todas as religiões monoteístas [...] são [...] imorais: ao criar seu Deus, elas proclamaram a decadência de todos os homens, dos quais só admiram a solidariedade no pecado; e ao afirmar o princípio da salvação exclusivamente individual, renegaram e destruíram, na medida de sua força para fazê-lo, a coletividade humana, isto é, o próprio princípio da humanidade (BAKUNIN, 2011, p. 36).

A perspectiva de divindade trazida pela Igreja e pelas religiões são formas de desmoralizar o humano. De acordo com as religiões, toda relação humana sofre uma intervenção divina que a santifica, perspectiva que desumaniza as relações, ausentando o princípio de arbítrio do ser, uma eterna “[...] imolação perpétua da humanidade em honra da divindade” (BAKUNIN, 2011, p. 38).

Seu anticlericalismo se apresenta bem forte e baseia outros aspectos de seus escritos, assim como sua posição contra a existência do Estado. Ambos os elementos existem apenas, segundo Bakunin (2011), para enganar, colocar a humanidade em plano exploratório, enriquecer poucos com a miséria de muitos, sem remorso. São os símbolos dos males da individualidade.

---

<sup>12</sup> Mikhail Aleksandrovitch Bakunin (1814-1876), nascido de uma família de linha nobre russa, tem contato com filosofia e torna-se um dos mais influentes na teoria social anarquista. Para conhecer mais: Deus e o Estado (1882); Estatismo e Anarquia (1873); e A Comuna de Paris e a Noção de Estado (1871).

Ainda de acordo com Bakunin (2011, p. 28-29), a moral política do Estado é impor-se como se fosse o todo, sendo apenas uma parcela. Isso significa que ao comportar-se como um todo, tudo que não se encaixa nos moldes e leis do Estado é negado e subjugado antissocial e anti-humano. Essas instituições se apoiam contra o povo, a fim de usurpá-lo até os últimos suspiros.

As morais que a Igreja e o Estado estabelecem está contra a humanidade e a favor da sua escravidão, pois a pobreza e a fome transformam os homens em escravos das instituições, onde vende-se o trabalho a fim de adquirir meios de não morrer faminto. Segundo Bakunin (2011, p. 72), vender o capitalismo como liberdade para as massas operárias é ignorar que estas estão sendo escravizadas pelo capital e fazem o que este deseja, que usa seu poder de evitar a morte. Condenar um homem a ser esmagado pela miséria, trabalhar dia e noite, ver sofrer os que ama, condenado a brutalidade pela falta de educação, privado de instrução, conservando-o ignorante a fim de não oferecer ameaça ao sistema lucrativo, não é liberdade, é pura escravidão (BAKUNIN, 2011, p. 73).

Diante de uma sociedade sem governo nem religião, a moral anarquista é a forma de organizar a sociedade de maneira que todos tenham meios de viver livremente e com respeito ao coletivo, não para privar a liberdade de alguns, mas para garantir a liberdade de todos (KROPOTKIN, 2008).

Os anarquistas consideram absoluta a natureza humana, a qual só existe em meio social. De acordo com sua teoria, a própria linguagem é um fruto da vivência em sociedade. Quando pensamos, nos remetemos a coisas que conhecemos em sociedade e usamos palavras que vieram devido ao convívio social. Para Bakunin (2011, p. 31) “o pensamento nasce e desenvolve-se com a palavra”. Até a imagem que se tem de si mesmo é consequência da relação do mundo social. Devido a imagens e concepções constituídas coletivamente, é possível ter a percepção individual. Desta forma, não é a individualidade e a coletividade existindo distintamente, é a coexistência de ambas que abriga a natureza humana, ou seja, uma precisa da outra para existir.

O conceito de propriedade estabelecido pelo Estado também é criticado. De acordo com Pierre-Joseph Proudhon<sup>13</sup> (1975), a propriedade é um direito natural de todos os seres humanos, todavia, a diferença entre quem usa a propriedade e quem a possui é o

---

<sup>13</sup> Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), filho de uma família humilde de trabalhadores franceses. Foi um dos primeiros a se colocar como anarquista, contribuiu muito teoricamente para o movimento. Principais ideias alocadas em: O que é a Propriedade? (1840); A Filosofia da Miséria (1846); e Do Princípio Federativo (1863).

que torna a equação totalmente injusta. Segundo Proudhon, para equilibrar essa injustiça, a posse da propriedade deve ser extinguida e sobre ela os trabalhadores poderão trabalhar e assim, enquanto a usam, mantê-la viva e bem cuidada.

Contra a individualidade burguesa a qual visa o sucesso individual no sistema de competições, o anarquismo tem a solidariedade. É a partir deste fundamento, segundo Bakunin (2011, p. 95-110) que a classe se une num único propósito, independente de fronteiras, os trabalhadores do mundo lutam pela economia coletiva, destruição do Estado e liberdade de cada um como a liberdade de todos. Com a união dos trabalhadores é possível a Revolução Social tornar-se realidade. Kropotkin (2009) ressalva que o senso de colaboração é natural. A ajuda mútua ou mutualismo<sup>14</sup> simboliza a vivência na anarquia, pós-revolução.

A moral solidária anarquista deve estar em cada ser, segundo Élisée Reclus<sup>15</sup> (2011, p. 28), “[...] ela se torna uma parte do ser, um produto da vida”. Devido a isto, a educação desde a infância, que seja pautada na liberdade, constrói um adulto capaz de tomar suas decisões e chegará a uma conclusão óbvia: que a anarquia é a melhor concepção moderna de justiça e bondade (RECLUS, 2011, p. 26). Com a questão moral, solidariedade e ajuda mútua, os anarquistas percebem que a autogestão é fundamental para a existência de uma sociedade totalmente livre de governantes. É para isto que os esforços morais e educacionais se encaminham.

Devido a isto Reclus (2011) e outros anarquista se debruçam para construir um sistema de ensino que esteja disponível a todos os trabalhadores e que ao mesmo tempo, seja pautado na liberdade de reflexões e escolhas, e para os anarquistas, levaram todos a adotarem a anarquia como forma de vida.

Para manter o domínio e poder, através da Igreja, o Estado introduz seu aparato de controle: a escola. Esta instituição é construída com diretrizes ditadas pelo imperialismo e o capitalismo industrial, a fim de adquirir mão de obra operária e um mercado consumidor. A escola dentro desse sistema torna-se autoritária, excludente, mantenedora das desigualdades e injustiças, servindo para produzir massivamente seres não pensantes, dependentes, acríticos e obedientes. A crítica anarquista atinge esta instituição com o propósito de transformar a escola no espaço onde justamente a

---

<sup>14</sup> Ver mais na obra completa (KROPOTKIN, 2009).

<sup>15</sup> Jean Jacques Élisée Reclus (1830-1905), militante anarquista francês, participou da Comuna de Paris (1871), estudioso da geopolítica. Principais ideias em: A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista (1902); e O Homem e a Terra (1905).

sociedade terá a oportunidade igualitária para construir seu conhecimento, independente do trabalho que exerça, de forma criativa e investigativa (SANTOS, 2019, p. 15-18). De acordo com a anarquista lituana, Emma Goldman<sup>16</sup> (2019, p. 73), essas instituições de ensino são camisas-de-força, “[...] simplesmente porque uma camisa-de-força para o intelecto é a melhor garantia de uma massa bruta, sem cor e inerte, caminhando como um rebanho de ovelhas entre duas paredes”.

Para Goldman (2019, p. 15) a escola dominada pela Igreja e pelo Estado é usada como ferramenta para dominação de massas, disseminação dos ideais de capitalismo e imperialismo e, principalmente, a instituição se torna a máquina de fazer trabalhadores servis e obedientes. Tanto Goldman (2019, p. 17) como Bakunin (1979) concordam na exclusão social que a escola institucionalizada representa, servindo de manutenção da sociedade de diferentes e injustas classes. A escola burguesa é mantida para não levar conhecimento e emancipação intelectual aos operários e seus filhos, mas para garantir permanência das diversas desigualdades.

A educação e instrução constituem-se em ferramentas para derrubar a desigualdade que existe entre os homens na sociedade, que é naturalmente igualitária (BAKUNIN, 2011, p. 82). Combatendo projetos educacionais de cunho religioso ou liberal, a proposta de Francisco Ferrer<sup>17</sup> da Escola Moderna, tem como principal objetivo a liberdade das crianças em desenvolverem, sempre encunhados nas ciências, seus desejos e aprendizados, independentemente. O pioneirismo está na instituição francesa de Paul Robin<sup>18</sup>. Na escola do Orfanato *Cempuis*, Robin era aluno e professor, o espaço era composto por diversas crianças retiradas de situações insalubres por toda Paris. No *Cempuis*, elas ficavam bem alimentadas, limpas, em meio a natureza e livres, sendo um espaço construído com o propósito de oferecer uma vida saudável para que elas florescessem. Diversos frutos foram colhidos daquela experiência, com a Colmeia<sup>19</sup> do

---

<sup>16</sup> Emma Goldman (1869-1940), militante anarquista lituana, entre diversos exílios e fugas, teve papel importante no movimento anarquista dos Estados Unidos. Atuante junto aos trabalhadores estadunidenses. Fundou e escreveu muitos de seus textos no jornal *Mother Earth* (1906-1917) (DIAS, 2003, p. 13 - 18). Entre seus principais textos estão: *Minha desilusão na Rússia* (1923); *Anarquismo e Outros Ensaios* (1910); e *Vivendo Minha Vida* (1931).

<sup>17</sup> Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909), pedagogo catalão foi o criador do projeto prático da Escola Moderna (1901), que influenciou a educação libertária. Ferrer nunca se colocou como anarquista, mas como livre pensador.

<sup>18</sup> Paul Robin (1837-1912) pedagogo francês, representante da pedagogia libertária. Sua escola francesa serviu de guia para as práticas educacionais anarquistas.

<sup>19</sup> Ver FAURE, S. **A Colmeia**: uma experiência pedagógica. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.



ex-aluno Sébastien Faure<sup>20</sup> e a influência para o mais conhecido experimento educacional de Ferrer.

Mas a Escola Moderna atingiu a maior parte do público depois da execução de Francisco Ferrer y Guardia pelas tropas espanholas em 1909. Depois de conhecer a experiência francesa de Paul Robin e trocar conversas com Louise Michel<sup>21</sup>, Ferrer voltou para a Espanha, de onde é originário e constrói uma Escola Moderna.

Esta instituição foi construída em princípios que consideravam a educação, de uma forma totalmente diferente da guiada pela Igreja e Estado. A educação deveria proporcionar liberdade para a criança desenvolver espontaneamente seus gostos e interesses, se utilizando do professor como conselheiro para instruí-lo na busca de novos conhecimentos. Nas palavras de Ferrer y Guardia (2010, p. 31), “[...] assim como na ciência não há demonstração possível que não seja a pelos fatos, também não existe educação verdadeira além da que está isenta de todo dogmatismo [...]”. O espaço da escola deve pertencer a todas as crianças, em uma educação mista e interclasses, laica e com uma grande biblioteca, e assim estimular a independência intelectual e posicionamento crítico diante de diversos assuntos. Com um propósito social de transformar os indivíduos em seres de conhecimento e libertação que sejam independentes para aprender e reconhecer, tomando posturas de crescimento diante da sociedade livre (FERRER Y GUARDIA, 2010).

E para estabelecer a liberdade total das crianças, a educação deveria estar livre de intrometimentos. Desde o início, na infância, a educação teria que ser libertadora, sendo debatido todos os assuntos que a criança desejar, não havendo impedimentos morais e religiosos. Desta forma, a educação anarquista também visaria a educação sobre a sexualidade, visto que somos seres naturais e tal parte está intrinsecamente envolvida na vida de todos. Com uma filosofia que acredita no conhecimento como poder para uma vida de liberdade, debater abertamente a libertação sexual é ferramenta para construir adultos conscientes de sua espécie e de seus corpos.

Desta forma, a importância da Escola Moderna para o movimento anarquista é verdadeiramente relevante, pois em cidades onde o movimento esteve mais presente é

---

<sup>20</sup> Sébastien Faure (1858-1942), ativista libertário e pedagogo francês. Contribuiu para pensar a educação libertária dentro do movimento anarquista.

<sup>21</sup> Louise Michel (1830-1905), anarquista e professora francesa, preocupada com a infância. Seus escritos eram dedicados em abordar literatura, política e educação nos movimentos sociais revolucionários. Participou da Comuna de Paris (DIAS, 2003, p. 10 - 11). Algumas obras: Cartas a Victor Hugo (compilado); *Prise de Possession* (1890); e *La Misère* (1882).

possível encontrar relatos de uma escola nesses moldes direcionada aos trabalhadores e seus filhos. Junto com o movimento em discussão, está a educação como forma de libertação.

Seguindo a persistência de estarem no caminho certo, se utilizando da educação racional, os anarquistas veem na história a confirmação de suas ações. Buscando embargo na História, é possível perceber que a alegria e desenvolvimento da humanidade vem da ausência de senhores e iniciativas libertárias. Todo o resto, como servidão e tristezas, são derivados de catástrofes naturais ou movimentos regressivos (RECLUS, 2011, p. 71).

Grande defensor do anarquista, Reclus (2011) conclui que com a igualdade social e econômica, o homem terá pão para o corpo e educação para o espírito/mente. Assim, não aceitará mais nenhum regime político que lhe submeta a menos. Após conhecer a vida em comunhão, nenhum mais aceitará a existência de dominantes e dominados. Este seria o processo natural que a revolução anarquista provocaria.

[...] a pessoa humana, tendo enfim o pão do corpo social e aquele do espírito, não se acomodará diante de tal regime, que já teria feito perecer a humanidade se ela não tivesse tido nela elementos poderosos de resistência e renovação: o invencível amor pela vida, a curiosidade de saber, a ironia vingadora contra os dominadores e o espírito de solidariedade entre todos aqueles que sofrem (RECLUS, 2011, p. 78).

Somente com os trabalhadores unidos, será possível conquistar o triplo ideal anarquista: o pão, a instrução e moralidade. Embora muitos dos ideais anarquistas sejam semelhantes a outras ideias derivadas do socialismo, a forma como conquistar esses ideais é o que torna o anarquismo distinto.

Outro posicionamento que caracteriza os anarquistas é o anti-militarismo. Para os ácratas a guerra traçada entre nações, não passa de interesses de classe. De acordo com seus pensamentos, a guerra não passa de um evento traçado entre classes aristocráticas e burguesas, na qual a classe de trabalhadores luta e morre por uma causa que não lhe beneficia, constituída na ilusão da nacionalidade.

O campo de batalha do movimento anarquista se dá na ação direta. Ao defini-la, Voltairine de Cleyre<sup>22</sup> (1912) a vincula a experiência de cooperação, atitude de fazer algo que planejou, sem apelo às autoridades ou pedir licença. A ação direta é a alternativa à ação política, que é atribuída ao sistema eleitoral e representativo. Na defesa da eficiência

---

<sup>22</sup> Voltairine de Cleyre (1866-1912), ativista anarquista estadunidense. Foi considerada por Emma Goldman como a mais brilhante anarquista nascida dos Estados Unidos (DIAS, 2003, p. 12 - 13). Poucos de seus escritos chegaram aos tempos atuais, existindo compilações importantes realizados postumamente, como pelo Project Gutenberg. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/ebooks/43098>>

da greve e boicotes, os anarquistas não apoiam o sufrágio universal, como grande parte de seus contemporâneos, pois não acreditam que um parlamento representativo possa ajudar verdadeiramente os trabalhadores.

A ilusão do sufrágio universal é acreditar que haverá um representante das vontades e necessidades trabalhadoras. É colocar a ação de várias pessoas em uma só e esperar que esta consiga todos os benefícios para todos os outros sem pedir nada em troca. É depositar a responsabilidade da vida de vários em poucas pessoas, substituindo a liberdade dos indivíduos a dominação. Mesmo a ação de supervisão das ações políticas é uma ilusão, devido a responsabilidade entregue e dominação estabelecida (BAKUNIN, 1979).

Cleyre explicita a importância da ação direta dos trabalhadores:

O patrão ordinário não teme coisas como “voto consciente da classe trabalhadora”; há inúmeros locais onde você pode falar o dia todo sobre Socialismo ou sobre qualquer outro programa político; mas se você começa a falar sobre Sindicalismo pode esperar ser expulso em seguida ou na melhor das hipóteses ser convidado a calar a boca. Por que? Não porque o chefe seja tão sábio a ponto de saber que a ação política é um pântano onde o trabalhador se enlameia, ou porque ele percebe que aquele Socialismo político rapidamente está se tornando um movimento de classe média; não. Ele acha que o Socialismo é uma coisa muito ruim; mas que é também uma bela porta de saída! Mas ele sabe que se os trabalhadores de sua fábrica forem sindicalizados, ele terá dificuldades imediatas. As mãos desses trabalhadores serão rebeldes, ele será forçado a gastar dinheiro para melhorar as condições de trabalho, ele terá que manter trabalhadores que detesta, e no caso de greve ele pode esperar danos aos seus equipamentos e edifícios (CLEYRE, 1912, p. 9).

Ela disserta sobre o medo que os patrões têm dos sindicalismos, pois estes estão vinculados diretamente às ações pelas melhorias, não apenas discursos e reflexões. A intenção da ação direta, ou seja, das greves e dos boicotes é trazer perdas econômicas para os donos das fábricas, sem conversações e negociações extensivas nas quais os proprietários conseguem passar a perna nos trabalhadores. A ação é a forma como os anarquistas reivindicam suas pautas. Diante disso, se torna inevitável para a luta anarquista que os trabalhadores ocupem seus espaços de batalha, lutem tanto por melhorias, mas para a transformação total da sociedade, devem ser responsáveis pelos seus atos e destinos.

É com a ação direta e pensamentos de coletividade que os anarquistas vão contribuir para o movimento operário, o que torna possível encontrar anarquistas e suas ideias presentes em movimentos sindicalistas pelo mundo ocidental.

## 2.2 NOÇÕES SOBRE TRABALHO: MOVIMENTO ANARQUISTA, ANARCOSSINDICALISMO, SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO

Durante a Primeira Internacional (1864)<sup>23</sup>, o anarquista Bakunin realiza um discurso de exaltação ao federalismo, no qual prioriza o exercício do trabalho e coloca como base no estabelecimento do socialismo libertário e do anarquismo coletivista e organizativo. De acordo com Lucien Van Der Walt e Michael Schmidt (2009, p. 45) é importante notar que o anarquismo é uma vertente das ideias socialistas que foram debatidas em um congresso do movimento da classe trabalhadora, e assim, foi no meio do movimento operário e sindical que o anarquismo teve seu nascimento, datado historicamente junto à luta trabalhadora, estabelecendo o objetivo a libertação do trabalho das formas que o exploram, a “[...] emancipação do trabalho [...]” (BAKUNIN, 1979, p. 57), e por consequência, dos trabalhadores. Desta forma, o anarquismo esteve desde o seu estabelecimento junto ao movimento operário, visto que o movimento em torno da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) está relacionado quase que diretamente com os operários fabris urbanos.

No discurso, Bakunin (2012), declara a obviedade das disparidades sociais e classifica a sociedade em duas classes:

[...] as classes políticas, compostas por todos os privilegiados, tanto da terra quanto do capital, ou mesmo somente da educação burguesa, e as classes operárias deserdadas tanto do capital quanto da terra, e privadas de qualquer educação e de qualquer instrução (BAKUNIN, 2012, p. 15).

Defende diante da comunidade trabalhadora, que para transformarem suas vidas verdadeiramente, será preciso a união de todos numa luta contra todas as instâncias opressivas. Mudanças apenas sociais ou econômicas não trariam a harmonia para a vida dos operários. A transformação deve ser completa, uma revolução. Seria a única esperança para a humanidade por dias melhores. Assim Bakunin instiga os trabalhadores a se organizarem e rumarem à uma sociedade sem as ficções políticas, jurídicas e religiosas, portadores de toda miséria humana<sup>24</sup>.

[...] a classe operária tornou-se hoje o único representante da grande, da santa causa da humanidade. O futuro pertence hoje aos trabalhadores: aos trabalhadores dos campos, aos trabalhadores das fábricas e das cidades. Todas

---

<sup>23</sup> Primeira Internacional (1864), Londres, também conhecida como Internacional ou Associação Internacional dos Trabalhadores, foi uma organização operária que rompeu com as fronteiras das nações e reuniu membros preocupados com as questões trabalhistas de países da Europa e dos Estados Unidos.

<sup>24</sup> Ver mais sobre o debate das ficções políticas, jurídicas e religiosas em “O Princípio do Estado” (BAKUNIN, 2011).

as classes que estão acima, os eternos exploradores do trabalho das massas populares: a nobreza, o clero, a burguesia, e todas as miríade de funcionários militares e civis que representam a iniquidade e o poder maléfico do Estado, são classes corruptas, atingidas pelas impotências, doravante incapazes de compreender e querer o bem, poderosas somente para o mal (BAKUNIN, 2011, p. 104).

Para que a miséria seja submetida ao nada, deve haver igualdade social, financeira, jurídica e educacional. Uma revolução que leve em consideração apenas um elemento, não será bem sucessiva (BAKUNIN, 2011, p. 77-85). Da mesma forma que, a vitória da revolução só acontecerá se executada pelas mãos dos trabalhadores.

Para o anarquista, a liberdade do homem está em todo seu trabalho que seja em cunho coletivo. Sendo a humanidade constituída apenas em sociedade, todo o trabalho que tenha como objetivo o coletivo social, é a porta para a liberdade.

Tudo o que é humano no Homem, e mais do que qualquer outra coisa, a liberdade, é o produto de trabalho social, coletivo. Ser livre no isolamento absoluto é um absurdo inventado pelos teólogos e metafísicos, que substituíram a sociedade dos Homens pela de seu fantasma, de Deus. Todos, dizem ele, se sentem livre na presença de Deus, quer dizer, do vazio absoluto, do nada; é, portanto, a liberdade do nada, ou então o nada da liberdade, a escravidão. Deus, ficção de Deus, foi historicamente a fonte moral, ou melhor, imoral, de todas as escravizações (BAKUNIN, 2011, p. 76).

A proposta de Bakunin (2011, p. 113-114) leva em consideração a igualdade econômica e social como meio para garantir a liberdade, justiça, dignidade, moralidade, bem-estar dos indivíduos e prosperidade verdadeira das nações. Ela entrará em vigor, de acordo com o filósofo, pela organização espontânea do trabalho e da propriedade coletiva, a partir das associações de produção livre e autogestionadas em federações e comunas. O trabalho é o caminho e o objetivo da Revolução Social<sup>25</sup>.

Para Mikhail Bakunin (2011, p. 129), o trabalho coletivo é o que nos transforma em homens da sociedade. Fora do trabalho estaríamos na nossa primeira forma natural, selvagens e brutos. É através do exercício do trabalho que o homem, em coletividade, constrói a sociedade em que vive.

---

<sup>25</sup> Ao longo da Associação Internacional dos Trabalhadores e de seus encontros, ocorreu um embate entre Bakunin e Karl Marx e seus respectivos seguidores. Bakunin criticava o enfoque dos esforços de Marx em estabelecer um novo Estado. Mesmo a liberdade como objetivo, acorrentar os trabalhadores num Estado ou ditadura comunista não era aceitável, de acordo com ele. Enquanto Marx, considerava Bakunin simplista, com teses sobre o Estado dispersas, de forma universal e desconexa das lutas operárias contra o sistema burguês (TRAGTENBERG, 2016, p. 23-25). Ao longo de suas produções é possível encontrar ataques e respostas e chegou a provocar rachaduras na AIT. O meio de chegar ao mundo livre do capitalismo foi se estabelecendo ao longo de seus debates e dividindo as ideias socialistas e a ação dos trabalhadores: Bakunin e os anarquistas e Marx e os comunistas. Ver mais em (BAKUNIN, 1989) e (HOBSBAWM, 1985).

Com o crescimento e estruturação do movimento constrói-se novos aspectos e ideias que vão dando forma ao que conhecemos hoje por anarquismo. Para compreender o movimento que se estabeleceu no Brasil, torna-se necessário perceber duas vertentes estratégicas e discordantes entre si. Primeiramente os conhecidos como anarco-comunistas, defensores da organização como forma de alcançar a revolução social, que além de considerar as noções de trabalho trazidas por Bakunin, tem forte influência por Kropotkin e Malatesta. A segunda vertente é composta pelos anarco-individualistas, os quais acreditavam na ação individual para garantir a liberdade do indivíduo, posicionando-se contra a relação anarquistas e sindicatos (BATALHA, 2000, p. 24). O anarco-individualismo teve poucos seguidores no território brasileiro. Segundo os historiadores, a posição contra organizacional não encontrou um terreno fértil para se estabelecer, devido ao grande movimento organizacionalista que se fortificou junto ao movimento operário brasileiro (OLIVEIRA, 2009, p. 60). Desta forma, será focado na construção e estabelecimento da vertente organizacional.

Segundo Malatesta<sup>26</sup> (2008, p. 68) os homens vão fazendo a sociedade, ao mesmo tempo que a sociedade vai fazendo os homens, num círculo vicioso. Sua justificativa para a presença dos anarquistas no movimento operário está embasada nesta perspectiva. Para transformar a sociedade, é preciso transformar as pessoas e para transformar as pessoas é preciso transformar a sociedade. Devido a este círculo vicioso, a permanência dos anarquistas junto aos trabalhadores nos seus movimentos de reivindicação, como o sindicato reformistas, é necessário para transformar estes trabalhadores em revolucionários.

Mesmo que a luta sindicalista e operária não tenha um caráter revolucionário, mas sim reformista (pois está dentro das regras jurídicas e morais da sociedade capitalista), intervir como anarquistas neste espaço é a forma de chegar dos grandes protagonistas da revolução: os trabalhadores. Assim, para os coletivistas é necessário fazer parte do movimento operário mesmo este não esteja se colocando como anarquista, pois é neste espaço que será possível os trabalhadores terem contato com as ideias revolucionárias e a transformação será possível (MALATESTA, 2008, p. 124-125). Segundo Malatesta (2008) é nessas movimentações diárias que os trabalhadores aprendem a defender seus interesses e da classe,

---

<sup>26</sup> Errico Malatesta (1853-1932), teórico e militante anarquista italiano. Principais ideias em: *Anarquia* (1891); *Escritos Revolucionários* (2014); *Anarco-comunismo italiano* (2002); e *Entre Camponeses* (1883).

[...] compreendem que os patrões e os governantes têm interesses opostos aos seus, e que não podem melhorar suas condições, e ainda menos se emancipar, senão unindo-se entre si e tornando-se mais fortes do que os patrões. Se conseguirem obter o que desejam, viverão melhor. Ganharão mais, trabalharão menos, terão mais tempo e força para refletir sobre as coisas que os interessam; e eles sentirão de repente desejos e necessidades maiores. Se não obtiverem êxito, serão levados a estudar as causas de seu fracasso e a reconhecer a necessidade de uma união maior, de maior energia; e compreenderão, enfim, que para vencer, segura e definitivamente, é preciso destruir o capitalismo. A causa da revolução, a causa da elevação moral dos trabalhadores e de sua emancipação só pode ganhar, visto que os operários se unem e lutam por seus interesses (MALATESTA, 2008, p. 72).

É no espaço do sindicato que os trabalhadores reivindicam e lutam por melhorias, e quanto mais se envolvem nas problemáticas e soluções, mais vão compreendendo como a máquina do capitalismo funciona, sentindo por suas próprias experiências as opressões dos patrões e do sistema que lucra com sua ruína. A revolta é resultado de um tempo, e com a presença das propagandas anarquistas, o trabalhador que compreende sozinho os elementos opressores, irá valorizar sua autonomia e será levado a agrupar a luta anárquica (MALATESTA, 2008, p. 70). A própria ideia de ser anarquista é dado pelo fluxo como os posicionamentos são postos e como o anarquista age. Os trabalhadores se tornarão anarquistas ao decorrer de sua tomada de consciência de classe, de seus sofrimentos e da exploração que sofrem (MALATESTA, 2008, p. 94).

Malatesta (2019) apresenta um quadro detalhado de organização para a revolução ser feita junto do trabalhador, com passos e etapas que devem se desenrolar naturalmente, decorrente dos processos experienciados. A organização encontrada é antagônica se comparada a fama de caos dos anarquistas.

[...] a organização da classe operária, a greve, a ação direta, o boicote, a sabotagem e a própria insurreição armada são apenas meios; a anarquia é o fim. A revolução anarquista que desejamos excede os interesses de uma única classe – ela se propõe à libertação total da humanidade escravizada, tanto do ponto de vista econômico quanto político e moral. [...] o sindicalismo é um excelente meio de ação, mas é preciso que não percamos de vista o único objetivo que merece nosso esforço: a anarquia (MALATESTA, 2019, p. 242-243).

Para a execução do plano de revolução, um nível de conduta moral é essencial. É preciso que cada um tenha sua bússola moral que estabeleça suas responsabilidades e prioridades e que privem alguns impulsos que levem a prejudicar a ação política. Sem regras básicas, não será possível viver em uma sociedade composta por homens sem critérios e que não tenham recursos para determinar o que é bom e mal para si e para os outros: “hoje, privam-se de pão para socorrer um camarada; amanhã, matarão um homem para ir ao bordel”. A importância de um código moral torna evidente a preocupação do

movimento em manter as palavras próximas das ações, do nível de seriedade que deve ser encarado o cotidiano. O movimento revolucionário não é um passatempo, é seu objetivo de vida (MALATESTA, 2008, p. 101).

Complementando Malatesta, Nicolas Walter<sup>27</sup> (2019) aponta para a comportamento do anarquista, alertando sobre os desvios que uma vida boêmia causa a luta anárquica:

[...] é verdade que os boêmios podem ser considerados parasitas, mas isso também pode ser dito de muitos indivíduos. Por outro lado, eles não fazem mal a ninguém, exceto a si próprios. O melhor que poderia dizer deles é que podem fazer bem enquanto se divertem e desafiam os valores vigentes de uma forma ostensiva, mas inofensiva. E o pior é que eles não têm condições de provocar qualquer mudança real na sociedade e gastam, na vida boêmia, energias necessárias à tarefa reformista que, para a maioria dos anarquistas, é a razão de ser do anarquismo (WALTER, 2019, p. 182 e 183).

Certos comportamentos sociais considerados inadequados, como a presença em bares e bordéis e conflitos considerados desnecessários eram repudiados pelo movimento, não por serem impuros ou criminosos, mas por desviarem o homem da luta pela transformação social. A revolução não viria fácil e nem sem luta, o que exigia uma conduta rígida dos homens anarquistas a fim de torná-la realidade.

Kropotkin (2008, p. 18 e 19) tem uma perspectiva mais científicista, e desta forma, apresenta a formação associativa, colaborativa e anárquica como a forma natural de viver em sociedade, como já apresentado na primeira parte. Para ele, não é aceitável seguir tradições e crenças ignorantes e sem fundamentação, pois segui-las significa, seguir a seus criadores. Não devemos nos deixar ludibriar por palavras vazias, mas carregadas de juízos que não são nossos, e sim dos que as criaram, homens sábios defensores de seus privilégios. A razão que vive em cada um é a potência que proporciona a liberdade total para cada ser humano.

O racionalismo de Kropotkin (2008, p. 35-36) estabelece uma constante reflexão entre pensamentos e práticas, uma ressignificação diária do ser que deve compreender que a liberdade é não ser comandado e não comandar ninguém. Não deixar uma moral perversa se transformar num costume inconsciente. Além de uma educação mais técnico-científica, oportunizando aos trabalhadores conhecimentos rápidos para exercícios de funções trabalhistas (KROPOTKIN, 2009). Os anarquistas constroem espaços educacionais, escolas modernas ao modelo de Ferrer e centros de estudos, a fim de

---

<sup>27</sup> Nicolas Hardy Walter (1934-2000), londrino, colocava-se como anarquista e ateu. Estudou e escreveu sobre o anarquismo.



proporcionar educação para os trabalhadores e seus filhos, espaços de debate e grupos de estudos sobre ciência e organização sindical.

Ao mesmo tempo que os anarquistas brasileiros idealizam a educação libertária proposta por Ferrer, estavam cientes da necessidade de os trabalhadores terem contato com uma educação mais prática. Desta forma é possível encontrar algumas demandas do movimento operário sendo improvisadas pelos anarquistas em seus espaços como educação noturna e educação técnica. Observar essas ações anarquistas junto ao grupo de trabalhadores mostra o interesse que tinham em agir junto as pautas de luta e situações existentes no Brasil. Ao analisar a prática, a historiadora Isabel Bilhão (2016), aponta para a realidade dúbia dos anarquistas. Primeiro, é preciso ter em mente que uma grande parcela da população brasileira durante a Primeira República era analfabeta e o principal meio de divulgação das ideias anarquistas eram escritas em jornais. Com a movimentação da tipografia, impressões e entregas, a questão de uma população trabalhista analfabeta se apresenta como uma problemática. Entretanto, as escolas e espaços gerenciados pelos anarquistas se tornam uma boa forma de divulgação pela palavra, o que leva uma vantagem nas disputas ideológicas e políticas que permeiam o cenário do movimento operário.

De acordo com os pensamentos dos anarquistas apresentados, o poder da associação e da organização é o conhecimento e a participação ativa. Se todos estiverem envolvidos, conhecendo as etapas e funcionamentos, são poucas as chances de um encarregado se tornar chefe e/ou autoridade. Porém, se poucos forem os envolvidos, o interesse da maior parte da população for quase nulo, facilmente a ambição se empoderará do encarregado, e ele começara a ser responsável quase que exclusivo de tudo, um chefe e autoridade. Ele tomara o conhecimento da atividade e os que não tiveram interesse e não se envolveram estariam submissos a autoridade que eles mesmos ajudaram a constituir. Neste anarquismo organizacionalista a reponsabilidade pessoal, tão forte na matriz ácrata, permanece essencial para a estratégia funcionar (MALATESTA, 2008, p. 112).

Uma filosofia não praticada, se torna apenas palavras. Para a anarquia se tornar uma prática, é preciso que ela seja praticada diariamente, em diversos espaços, diante de diferentes dificuldades. De acordo com Kropotkin (2007), é apenas assim, que a anarquia se torna fiel à sua filosofia na prática, praticando. Assim, defende-se que os anarquistas devem estar junto aos trabalhadores, pois são esses que sofrem diariamente as opressões dos dominantes e responsáveis pela fome. O movimento anarquista “Deve apoiar a luta e

a agitação de todos os dias contra opressores e preconceitos, manter o espírito de revolta em toda a parte onde o homem sente-se oprimido e possui a coragem de revoltar-se” (p. 37).

Todas as posturas defendidas até aqui se configuram num anarcossindicalismo, ou seja, um movimento sindical declaradamente anarquista, composto por estes focando na revolução social. Todavia, Cláudio Batalha (2000, p. 26) aponta que o anarcossindicalismo não foi o que se estabeleceu no Brasil. Este regime pode ser percebido rapidamente na Federação Operária Local de Santos e na Federação Operária Regional Argentina (FORA), entretanto, torna-se visível apenas pós 1920, próximo a Guerra Civil Espanhola<sup>28</sup>.

De acordo com a historiografia, no Brasil o movimento operário seguiu o Sindicalismo Revolucionário, vertente do movimento operário francês, apresentado pela Confederação Geral do Trabalho (1906)<sup>29</sup> como alternativa para os outros movimentos europeus. O objetivo do Sindicalismo Revolucionário é quebrar o conflito entre correntes políticas dentro do movimento operário, unindo-os em um sindicato que, sem uma ideologia prioritária, abraça os trabalhadores como classe e os faz lutar pelos direitos e melhorias da classe, estabelecendo a neutralidade entre as lutas socialistas, não vinculando-se oficialmente com nenhuma ideologia que não seja as reivindicações operárias (CORRÊA, 2018). Estabelecendo a ação direta como sua estratégia, rejeitando negociações entre empregados e patrões, torna-se um campo neutro de políticas parlamentares e partidárias, construindo uma organização anti-hierárquica e antiassistencialista, defendendo a greve e greve geral como forma principal de luta trabalhista (BATALHA, 2000, p. 29)

O sindicalismo revolucionário foi, sem dúvida, a tendência mais influente no cenário do movimento operário da Primeira República, tanto por suas diversas iniciativas no campo das lutas sociais como pelas organizações que criou, pelos vários jornais que publicou e pelo esforço muito mais consistente e sistemático de propaganda de suas concepções (BATALHA, 2000, p. 31).

No congresso francês e na Carta de Amiens<sup>30</sup>, é perceptível a influência anarquista. Malatesta é um dos que percebeu as semelhanças das características de ação

---

<sup>28</sup> Foi um conjunto de mudanças econômicas e sociais provocadas por uma guerra civil (1936-1939), sob a bandeira do anarcossindicalismo. Trabalhadores sob a bandeira da autogestão buscaram derrubar o fascismo e implantar uma sociedade anarquista. Uma das mais importantes vitórias do movimento anarquista mundial (TRAGTENBERG, 1980).

<sup>29</sup> *Confédération Générale du Travail (C.G.T.)*

<sup>30</sup> Marco para o Sindicalismo Revolucionário, a carta escrita durante o 9º Congresso do CGT (1906), estabelece os objetivos básicos do movimento dos trabalhadores, carrega nítida influência anarquista

do Sindicalismo Revolucionário com a sociedade constituída de federações autônomas teorizadas pelo já falecido Bakunin. Pierre Monatte<sup>31</sup> (2019) também sente aproximações, apontando os dois movimentos tomam como escopo a derrota do capitalismo e do sistema de salários injustos, o sindicalismo ofereceu a oportunidade de se aproximar verdadeiramente dos trabalhadores, enquanto contribuiu com a ação direta. “Assim o sindicalismo e o anarquismo se influenciaram mutuamente em benefício de ambos” (MONATTE, 2019, p. 230). Este defende que o sindicalismo seria o novo anarquismo, que bastaria em si, abrindo espaço para debate com Malatesta. Porém no Brasil, o sindicalismo como meio estratégico anarquista tomou mais forma do que a concepção de Pierre.

O movimento operário brasileiro incorpora o Sindicalismo Revolucionário. Sendo o movimento anarquista que vota pela sua implementação e é através deste sindicalismo que os anarquistas veem uma oportunidade de disseminar as ideias revolucionárias anarquistas. Ciente das semelhanças do Sindicalismo Revolucionário<sup>32</sup> com as ideias de ação e método de luta anarquista, seus seguidores utilizam o espaço sindical para fazer propaganda e influenciar diretamente o movimento operário brasileiro, a ponto de ser uma corrente política de destaque no Brasil da Primeira República (OLIVEIRA, 2018, p. 217-218).

Os anarquistas sempre recusaram a ideia de representação política, seja no parlamento ou fora dele. Nos sindicatos procuravam organizar o comando de modo que evitassem a sua burocratização e a criação de uma casta de dirigentes profissionais, através de medidas que garantissem uma rotatividade frequente dos cargos de direção (sempre não remunerados) e a inexistência da figura de um presidente. Tudo isso em nome da autonomia e liberdade individual, para que não sofressem com qualquer forma de autoritarismo, sobretudo obrigando qualquer trabalhador a estar submetido às diretrizes de algum partido político (OLIVEIRA, 2009, p. 80).

---

(BATALHA, 2000).

<sup>31</sup> Marco para o Sindicalismo Revolucionário, a carta escrita durante o 9º Congresso do CGT (1906), estabelece os objetivos básicos do movimento dos trabalhadores, carrega nítida influência anarquista (BATALHA, 2000).

<sup>32</sup> Há um debate de duas linhas teóricas sobre a relação entre Sindicalismo Revolucionário e o Movimento Anarquista no Brasil. Em sua tese, Edilene Toledo (TOLEDO, 2004) analisou o movimento sindicalista e revolucionário em São Paulo e concluiu a disparidade entre o Sindicalismo Revolucionário e o Anarquismo, constituindo-se em dois movimentos distintos. Em contraponto, Tiago Bernardon de Oliveira, em sua tese, concluiu que não se deve separar o Sindicalismo Revolucionário no Brasil com o movimento anarquista, tanto por suas assimilações, como pela propaganda anarquista e revolucionária promovida pelo sindicalismo, até o estabelecimento de seus estatutos das federações operárias. (OLIVEIRA, 2018, p. 26-27). Esta pesquisa segue a reflexão de Oliveira, mantendo sua admiração pelo trabalho de Toledo, que foi um dos primeiros a abordar de forma tão completa o assunto de Sindicalismo Revolucionário no Brasil.

O espaço do sindicato se torna o campo de batalha tomado para os anarquistas organizacionistas, priorizando as pautas trabalhistas, mas principalmente a pauta operária, fabril e urbana. No Brasil é possível ver movimentações rurais como a Colônia Cecília<sup>33</sup>, porém de pouca duração.

A relação entre o Sindicalismo Revolucionário e o anarquismo é perceptível nos Congressos Operários. Como Anderson Corrêa (2018) aponta para a situação do Rio Grande do Sul, principalmente após a criação da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS)<sup>34</sup> em 1906, os participantes votavam pela implementação de princípios e estratégias anarquistas ao mesmo, afirmando sua neutralidade como Sindicato Revolucionário. Sobre o II Congresso Operário do RS,

[...] a FORGS declarou adesão à Internacional anarcossindicalista, demonstrando que apesar dos matizes, havia uma relação próxima entre essas duas estratégias sindicais que eram confortáveis do ponto de vista ideológico ao anarquismo. Mas no final, a FORGS lançou um manifesto reafirmando os princípios do sindicalismo revolucionário (CORRÊA, 2018, p. 107).

Essa aproximação do sindicalismo gaúcho com as ideias anarquistas é possível de percepção nos periódicos operários. *A voz do trabalhador*, periódico que circulou diversas cidades brasileiras, colocava-se como sindicalista revolucionária e o defendia como meio para chegar à sociedade anarquista (OLIVEIRA, 2018, p. 220). Em São Paulo, *A Lanterna* disseminando críticas ao clero (SANTOS, 2013) e *A Plebe* divulgava os princípios anarquistas sobre o operariado (SANTOS, 2013).

O cenário gaúcho segue o fluxo nacional. *O Syndicalista*, periódico oficial da FORGS, publicava constantemente textos sobre anarquistas e o movimento, como é possível perceber nessas edições a seguir, com referências à Francisco Ferrer y Guardia, homenagem à Kropotkin, no momento de sua morte e textos explicativos sobre as ideias e práticas das teorias anarquistas do movimento europeu.

---

<sup>33</sup> (1890-1893) Comuna rural experimental regida pelas ideias anarquistas em Palmeiras/PR. Mobilizados por Giovanni Rossi, seus participantes buscam viver a vida baseada no trabalho, vida e amor libertário. Ver mais em (FELICI, 2010).

<sup>34</sup> Ver mais em (BILHÃO, 1999).

## Francisco Ferrer



Homagem a um dos maiores homens do século XIX. Ferrer nasceu em Sarriana de Ter, em 1859. Aparente do seu pai, foi um dos grandes educadores do século XIX. Foi um dos grandes educadores do século XIX. Foi um dos grandes educadores do século XIX.

...a guerra trágica, interna ou externa, a exploração do homem pelo homem, a escravidão da mulher, combata a todos os inimigos da harmonia humana: a ignorância, a miséria, o orgulho e outros vícios que concorrem para manter os homens divididos em oprimidos e opressores. O ensino racionalista e científico competindo tudo que favoreça a liberdade do indivíduo e a formação da coletividade, visando um regime de paz, de amor e bem-estar para todos, sem distinção nem de classe nem sexo." (\*)

Tal era o programa humanitário que serviu de modelo ao martyri de Montjuich e que é hoje a bandeira sob a qual se alçamos aqueles que aspiram para os povos dias melhores, de mais liberdade e de justiça perante a

Polydoro Santos

\*) Fita e opora de Ferrer, Luiz Molinari (Milão), pg. 10.

### As idéas de Ferrer

Publicamos em seguida a Declaração da Escola Moderna, ditada por Francisco Ferrer no Congresso Internacional de Livre Pensamento que se realizou em Paris no mês de setembro de 1902.

Por este documento poder-se-á avaliar do grandíssimo peso de qual foi Ferrer, frizado nos fossos da sinistra Fortaleza de Montjuich.

Figura 1- SANTOS, Polydoro. Francisco Ferrer. O Syndicalista, Porto Alegre, p. 2, nov. 1924.

## PEDRO KRAPOTKINE

**Morreu!**

Ha cincoenta annos que, nas boudas do oriente, soprou um vento mortifero sobre a sociedade burgueza, ameaçando, pela potencia de sua acção, destruil-a — foi o ingresso nas fileiras revolucionarias do grande sabio e geographo russo, o então principe Pedro Krapotkine.

Chegando-nos, agora, a noticia de sua morte, não podemos deixar de traçar o seu perfil revolucionario, não por idolatria, coisa que jamais nos moveu, mas para que as novas gerações revolucionarias que se degladiam inutilmente, querendo sobrepôr-se uma a outra sem pensar em sobrepôr, acima de tudo e de todos, o ideal que dizem defender, tenham um exemplo vivido de desprendimento e sacrificio:

Krapotkine era filho de uma familia burgueza e aparentada com os Romanoff. Tendo, aos sete annos mais ou menos, ido a uma festa onde estavam os imperadores da Russia e havendo um acontecimento qualquer no theatro, que pôz em confusão os assistentes, Krapotkine foi collocado no cama-

dentro delle ia um dos camponezes a quem elle fallava nas noites de propaganda. O operario chamou-o pelo pseudonymo e elle respondeu: um secreta, que ia junto com o camponez, salta e diz — «senhor Bogoroff, principe Krapotkine, está preso».

Passou Krapotkine dois annos encerrado na fortaleza São Pedro e São Paulo, de onde



PEDRO KRAPOTKINE

Figura 2- GARCIA, J. Pedro Krapotkine. O Syndicalista, Porto Alegre, p. 3, março 1921.

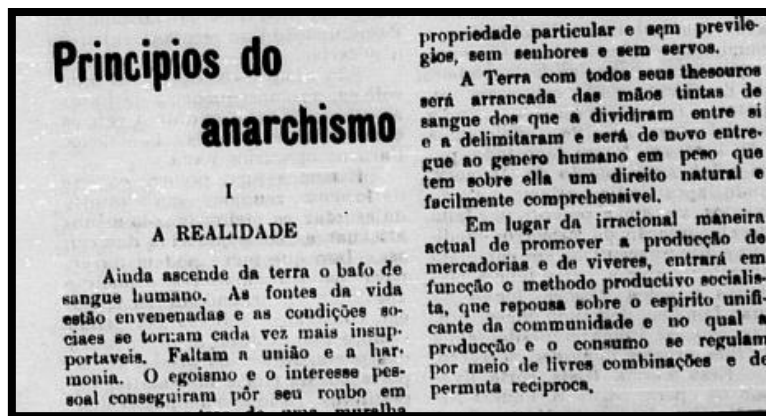


Figura 3- S/A, Principios do anarchismo. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 1, 25 nov. 1926.

Já o jornal *A Luta*, se colocava como um meio de divulgação anarquista, debatendo diversos aspectos da teoria, incluindo exaltação à greve geral, organização dos trabalhadores em solidariedade e federações.

A solidariedade está para com a anarquia, na formação duma sociedade harmônica, como a hidrogênio está para com o oxigênio na formação da agua. [...] A queda de todo o princípio da autoridade importaria, pois, o caos social, se tal princípio não tivesse a substituí-lo esse outro da *solidariedade*. [...] Autonomia e federação, eis os dois polos em que girará o mundo no dia em que a verdade e a justiça tiverem nele triunfado: autonomia absoluta do indivíduo dentro da máxima coesão dos esforços de todos para embelezamento e a harmonia da Vida. [...] Autonomia e federação, ou seja: anarquia e solidariedade<sup>35</sup>.

Neste jornal, é possível encontrar textos da filosofia anarquista, notícias sobre as movimentações dos trabalhadores tanto no mundo como na capital e algumas reproduções de textos de alguns nomes importantes do anarquismo, como no ano de 1906, a reprodução em parte do texto “Entre Camponeses” de Malatesta.

Na *Revista Liberal* que circulava pela capital gaúcho, se colocava com o proposito: *Estudo e Crítica Social – Livre Pensamento – Racionalismo*. As influências do anarquismo podem ser percebidas já na chamada, quando fazem referência ao livre pensamento e ao racionalismo, que estavam vinculados as ideias de educação libertária e escola moderna, com exaltação ao cientificismo. Em suas páginas, era possível encontrar além de elementos de homenagem e reproduções textuais, mas também debatidos princípios caros ao movimento anarquista como o anticlericalismo, percebido na edição de maio 1921.

<sup>35</sup> JORGE, Angelo. Anarquia e Solidariedade. *A Luta*, Porto Alegre, p. 2, 01 mai. 1910 (Correções na grafia foram feitas para melhor compreensão da mensagem).

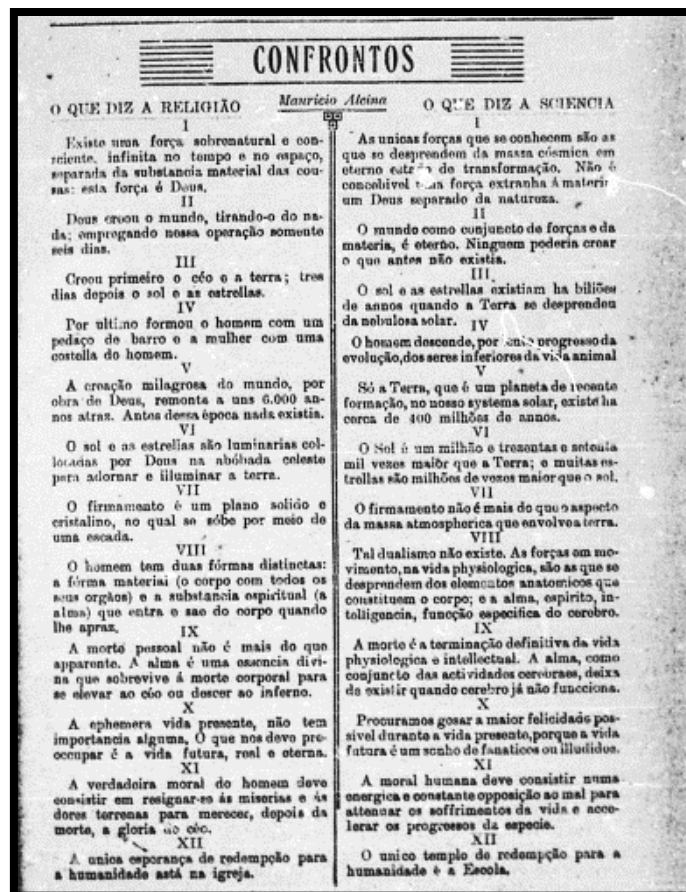


Figura 4- ALCINA, Mauricio. Confrontos. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 7, 01 mai. 1921.

O anticlericalismo influenciava não apenas a capital. Na cidade de Bagé, é possível perceber o princípio anarquista no jornal *O Confessado – Orgão Anti-Clerical* (1926) e como assunto de textos no jornal *A Defesa – Orgam do Operariado* (1911).

Olha aí, cá para fora, anêmicas reclusas  
 Este sol que é uma glória, este (azul que é um doce!)  
 A vida aqui tem ar, retempera, e (à granel)  
 Explode majestosa em emoções (profusas.)  
 Mas, vede bem, aquecem ora(ções abstrusas)  
 -Também a humanidade á Vir(tude é fiel)  
 Acode a fome, a dor, a miséria (cruel,)  
 Sem precisar de “véu” e toa(linhas" obtusas...)  
 Pobres damas! Fugi dessas ves(tes sombrias!)  
 Renascei para o Amor e para as (alegrias,)  
 Fazei florir, de novo, os tristes (corações!)  
 Deixai “eles” que vão -cegos (levando cegos)  
 - Pela trilha fatal, pelos tépidos (pegos)  
 Do romanismo pífio e das depre(dações!)<sup>36</sup>

Depois de um período aliados as ideias socialistas, o jornal *O Exemplo* é dirigido a partir de 1908, por uma equipe vinculada as ideias anarquistas (PERUSSATTO, 2018).

<sup>36</sup> BAIDEIRA, Euclides. As religiosas. *A Defesa*, Bagé, 01 mai. 1911.

E isto teve reflexos em seus posicionamentos e aporte de conteúdo como é possível perceber o discurso anti-clerical na introdução desse texto:

Houve um tempo que, formou-se uma associação monstruosa, composta das últimas camadas sociais. Embora nessa imensa agremiação, tivessem duques, condes, barões, enfim, quase todos aqueles que tinham títulos nobiliárquicos, esses mesmos eram homens que não professavam, nem nunca tinham lido um compendio filosófico, que contivesse um fundo moral. Essa imensa associação, que deveria ter sido prosseguida desde sua fundação, como ditava o senso comum; que porém, foi sempre protegida; este bando leigo de abutres, intitulou-se “clero”<sup>37</sup>.

A estrutura de classe e movimentação dos sindicatos e dos anarquistas no Rio Grande do Sul será retomado no segundo capítulo, quando será debatido o movimento operário e anarquista gaúcho.

### 2.3 ANARQUISMO E MULHERES: MORAL, EXPECTATIVAS E EXPERIÊNCIAS

Nos discursos e textos anarquistas que guiam a filosofia e ação enquanto movimento, poucas vezes, é possível perceber que as mulheres estão atreladas às concepções voltadas ao trabalho. O que leva a essa percepção são os textos que falam diretamente com o trabalhador e que colocam questões morais relacionadas as esposas e mulheres, como se o discurso fosse direcionado aos homens trabalhadores e as mulheres estariam fora desta esfera, no papel de esposas e mães. Questões voltadas as mulheres, em sua maioria, encontram-se debatidas separadamente e nomeadas, voltadas principalmente à nova moral sexual reivindicada pelo movimento ácrata. Sobre isso, é possível levantar algumas sugestões analíticas. Mesmo estando no mundo do trabalho antes mesmo da era industrial (SCOTT, 1994), a moral regente na sociedade burguesa estabelece o espaço feminino como sendo o restrito ao lar. Ao historicizar o movimento anarquista e seus sujeitos, é possível compreender alguns dos silenciamentos sobre as mulheres, visto que as pautas feministas ainda não atingiam as camadas mais baixas da sociedade e a grande pauta era a luta vinculada as estruturas de classe. Um olhar sobre a operária poderia indicar rompimentos que iriam além da compreensão da divisão social e econômica, mas uma divisão sexual da sociedade.

A questão das mulheres é debatida na teoria anarquista por duas correntes teóricas diferentes. A primeira representada pelo Proudhon e seus seguidores, que coloca

---

<sup>37</sup> FILHO, Domingues. O Clero. **O Exemplo**, Porto Alegre, p. 2, 29 jan. 1911.



a figura feminina fora do campo da classe, e a segunda por Bakunin e seus apoiadores o qual busca vincular trabalho e mulheres (FONSECA, 2017, p. 1).

Pierre-Joseph Proudhon (2015), escreveu diretamente sobre as mulheres dentro do movimento anarquista. Uma das suas obras “Pornocracia ou as mulheres nos tempos modernos” é um exemplo da preocupação de anarquista em determinar e debater o espaço das mulheres na sociedade burguesa e anárquica. Seu posicionamento era constantemente criticado pelas sufragistas, as quais ele respondia com fervor.

Proudhon se coloca como um dos primeiros a defender as pautas femininas, e em certos momentos exige reconhecimento das senhoras sufragistas, sentindo-se injustiçado diante das acusações de leviandade. Segundo sua teoria, as mulheres não são rápidas nem fortes devido à sua estrutura física, uma designação natural. O ponto de fortalecimento das mulheres é a sua beleza, este é o seu destaque. Ao mencionar isto, ele não supõe a beleza como algo inferior à força masculina, mas os iguala. Enquanto os homens têm a força como seu ponto de destaque, as mulheres têm a beleza, sendo estes seus privilégios. E o casamento seria a união da força e da beleza (PROUDHON, 2015).

O francês se posiciona contra qualquer tipo de relação que não fosse a união monogâmica, caso contrário a mulher é desvalorizada. Diferente de Bakunin que defende a abolição da família, Proudhon é defensor da união familiar pois este é o núcleo de existência feminina. É no casamento que as mulheres exercem sua função natural de devoção à força.

Critiquei, com toda a energia de que era capaz, a sedução, o adultério, o incesto, o estupro, a violação, a prostituição, todos os crimes contra o casamento e a família, ou, melhor dizendo, contra a mulher. Denunciei-os como sinais e instrumentos do despotismo: e nisso ousei gabar-me de que a minha palavra não devia ser-vos suspeita de modo algum. Se desculpei, em certa medida, e segundo as autoridades mais graves, o concubinato, foi também no interesse das mulheres. Não tenho nenhuma dúvida de que não teria sido possível a outro falar melhor que eu; mas, enfim, falei segundo meus poucos recursos e, se olho ao meu redor, se volto ao passado, não vejo nenhum autor, nem um sequer, que tenha tomado tanto a peito a causa de vosso sexo [...] (PROUDHON, 2015, p. 7).

O espaço das mulheres é o lar, segundo Proudhon, tornar as mulheres públicas seria o fim dos tempos, um absurdo, uma “pornocracia”. Além disso, Proudhon considera que o homem deve ser responsável pelas questões públicas e políticas, pois é o mais justo e inteligente, sendo a mulher quem o tira dos desvios da volúpia, colocando-o no caminho civilizado.

Na política, as mulheres são relapsas e na escrita, sentimentais demais. Segundo seu pensamento, mulheres que escrevem sobre amor e sentimentalismo, não são intelectuais a ponto de escrever algo que mereça atenção. Devido a isto, a existência de mulheres nos jornais e publicações não é visto, para Proudhon, como uma emancipação que se diga digna, pois não valeria o preço de deixarem suas funções domésticas, para escrever sentimentalismos.

Proudhon, direciona suas críticas ao Cristianismo, o qual, segundo ele, distorceu aspectos da religião. Mas antes de se colocar contra a religião, em diversos trechos expressa sua devoção à Deus, reforçando suas teorias comportamentais sobre os corpos das mulheres. Afirma que as mulheres pertencem a santidade do lar doméstico e que mães são tão honradas quanto a Virgem Maria. Agride o Cristianismo, acusando-o de inverter a ordem natural, colocando a impureza nas mulheres casadas, sendo atentado direto à honra da família e do homem chefe desta.

As mulheres tem o papel determinante para a revolução social desejada por Proudhon: a persuasão. O chefe da família, esposo e proprietário de uma indústria, vê em sua mulher a descrição, o ímpeto amoroso, logo crescente com a chegada dos filhos e sonhos para um futuro. Com o núcleo familiar embrionário, este homem sente aumentar sua dignidade e a liberdade viril. Assim, segundo o anarquista, este homem sentindo-se disposto a fazer negócios com outros homens com a mesma situação familiar. Desta forma, crescendo economicamente e melhorando a bem-estar de todos.

Nisso as mulheres só intervêm de maneira indireta, por uma secreta e invisível influência. Como poderia ser diferente? Órgão embrionário da justiça, os esposos formam um só corpo, uma só alma, uma só vontade, uma só inteligência; [...] conferir todas as garantias da liberdade, da propriedade, do trabalho, do comércio, da segurança, da instrução, da informação, da tiação que elas exigem, todas essas coisas que são de atribuição exclusiva do homem. [...] um voto contrário ao do marido é supô-los em desacordo e preparar o divórcio. Supor que a razão da primeira possa balançar a do segundo é ir contra o voto da natureza e degradar a virilidade. [...] consagrado a funções puramente domésticas é atentar contra o pudor familiar, fazer da mulher uma pessoa *pública*, proclamar de fato a confusão dos sexos, a comunidade dos amores, a abolição da família, o absolutismo do Estado, a servidão das pessoas e a enfeudação das propriedades (PROUDHON, 2015, p. 16).

Mesmo na sociedade pós-revolução, Proudhon coloca as mulheres em seu lugar no espaço doméstico. Uma boa esposa, devota ao marido, contribui para a paz entre os homens.

Digo que o reino da mulher está na família; que a esfera de seu brilho é o domicílio conjugal; que é assim que o homem, em quem a mulher deve amar, não a beleza, mas a força, desenvolverá a sua dignidade, a sua individualidade,

o seu caráter, o seu heroísmo e a sua justiça, e é para tornar esse homem cada vez mais valoroso e justo e sua mulher, portanto, cada vez mais rainha, que ataco a centralização, funcionalismo, o feudalismo financeiro, a exorbitância governamental e a permanência do estado de guerra (PROUDHON, 2015, p. 6).

Para confirmar a importância do papel das mulheres como boas esposas e donas do lar, Proudhon afirmar que o espaço público é do homem e assim deve ser, pois caso as mulheres resolvam invadir o espaço masculino, seria uma catástrofe para a sociedade, um retrocesso e a invasão da promiscuidade.

Em toda parte e em todos os tempos, encontramos essas criaturas excêntricas, ridículas em seu sexo e insuportáveis ao nosso: são de diversas espécies. Em algumas, esse *chique* masculino é o efeito do temperamento e de um grande vigor corporal: são chamadas *virago*. São as menos temíveis; não fazem proselitismo e basta a crítica das outras mulheres para trazê-las de volta à ordem. Noutras, a tendência à emancipação procede ou de um defeito do espírito, ou da profissão que exercem ou, enfim, da libertinagem. Essas são as piores: não há crime a que a emancipação não as possa levar. Em certas épocas, o espírito de seita intromete-se; a decadência dos costumes públicos vem complicar o mal: a covardia dos homens torna-se um auxiliar da audácia das mulheres; e vemos aparecerem essas teorias de *libertação* e de promiscuidade cuja última palavra é a PORNOCRACIA. Então, para a sociedade, é o fim (PROUDHON, 2015, p. 19).

Bakunin não deixa grandes escritos especificando o assunto como Proudhon. Seu posicionamento quanto as mulheres vincula-se aos seus discursos sobre as instituições opressoras e a valorização dos trabalhadores. Para Bakunin o trabalho é a ferramenta que possibilitará as mulheres emanciparem-se de todas as opressões. O trabalho tornaria as mulheres dignas da liberdade, livrando-se da omissão do esposo, pai e patrão. E aqui observa-se que Bakunin refere-se ao trabalho fabril e remunerado dentro das concepções anarquistas.

Bakunin (1845) defendia a emancipação das mulheres e igualdade com os homens. De uma corrente mais prática, se colocava do lado das mulheres, pelo direito da igualdade social e econômica entre ambos sexos. Em contrapartida de Proudhon, o russo se colocava pela abolição dos laços matrimoniais e da família, tanto pela igreja como pelo judiciário. Considerando as apropriações indevidas estabelecidas pelo casamento, apenas o matrimônio livre, sem laços religiosos, civis e jurídicos (junto a abolição da herança) seria possível tornar as relações justas e igualitárias.

O posicionamento de Bakunin (2011, p. 135) reflete seu antiestatismo e anticlericalismo. Responsabilizando a Igreja por impedir a humanidade de progredir, destaca as limitações sobre as mulheres que os dogmas exercem, pervertendo-as. Ao criticar os mandamentos, o anarquista ressalva o dogma “não roubarás nem a propriedade

nem a mulher do próximo”, colocando as mulheres ao lado da propriedade, como sinônimos de posse do homem (BAKUNIN, 2011, p. 34-35).

Em um relacionamento livre, as mulheres estariam sem a dependência dos homens, e desta forma, à mercê da moral burguesa e das críticas sobre comportamento sexual. Todavia, para Bakunin, esta seria a emancipação das mulheres do domínio dos homens, que está estabelecido no matrimônio contratual. O posicionamento contra o casamento e o divórcio está, segundo Bakunin e seus seguidores, baseado no respeito à natureza humana de estar com pessoas que ama por tempos efêmeros, sem contratos e acordos institucionais. Todavia, se da relação livre nascer uma criança, esta deve ser responsabilidade das mulheres. A mãe é responsável pelos filhos frutos das relações livres até que estas possam cuidar a si próprias (TUCKER, 2019, p. 164). Isto está estabelecido não por norma ou direito, mas seria algo provindo da natureza feminina, a maternidade (BAKUNIN, 1845). A educação e financiamento desta criança até ela se emancipar é dirigida para a mãe. Nos textos analisados, não foi encontrado menção a responsabilidades dos homens dessas relações livres sobre as crianças.

Influentes no anarquismo brasileiro, Malatesta (2012) e Kropotkin (2008, p. 47) defendem a igualdade entre os sexos e a importância do trabalho tanto de homens como de mulheres para construir a sociedade ácrata. Malatesta não deixou textos sobre aspectos diretamente femininos, mas é possível perceber seus discursos sobre os trabalhadores a utilização do termo no sexo masculino, e eventualmente, menções a esposa do trabalhador, deixando a entender as mulheres estão na posição de companheira do operário. Pelo seu ponto de vista, a questão de amor é bem mais singular do que uma política social. Se colocam vários questionamentos sobre a viabilidade da abolição do casamento e das relações monogâmicas, vendo-as como supérfluas diante das questões voltadas à classe. De acordo com Malatesta (2012), há prioridades que devem ser resolvidas antes das questões voltadas ao amor e que a adesão ao anarquismo não pode ser baseada na posição sobre esta questão.

Eliminemos a exploração do homem pelo homem, combatamos a pretensão brutal do macho que se crê dono da fêmea; combatamos os preconceitos religiosos, sociais e sexuais; asseguremos a todos, homens, mulheres e crianças o bem-estar e a liberdade; propaguemos a instrução; e, então, poderemos regozijar-nos, com razão, se não permanecerem mais do que males de amor. (MALATESTA, 2012, p. 53).

Enquanto Kropotkin (2008, p. 48) ao debater os princípios anarquistas, coloca a vida humana como sendo guiada por três elementos naturais: a inteligência, o sentimento

e a voluntariedade. Defensor das ciências, aponta para a importância da sensibilidade para o desenvolvimento humano, e para exemplificar isto, menciona as mulheres como seres guiados pelos sentimentos, o que não indicaria inteligência pelo seu ponto de vista. A mulher guiada pelo sentimento estaria disposta a se sacrificar por um homem ao qual entregou todo seu amor, o que confirmaria sua teoria da necessidade humana de ajudar ao próprio. Ao mesmo tempo que concorda com a importância do trabalho para a vida de homens e mulheres, ele concorda instantaneamente com Proudhon sobre a perspectiva sentimentalista das mulheres diante da vida.

Ao estabelecer ideias libertárias aos anarquistas, Reclus (2011, p. 30) questiona as vertentes aristocráticas do anarquismo, tal classe que está em maior parte na produção das artes, ciências e literaturas. Ao se deparar com estes homens, os quais buscam a liberdade, Reclus questiona a ausência nos discursos sobre a situação de obediência das mulheres. Ao provocar atos revolucionários, novamente ele instiga a estrutura hierárquica que o homem constitui em uma família, como expressão de poder tanto diante dos filhos, quanto da esposa. De acordo com o anarquista, tal hierarquização deve ser destruída quando a revolução social estiver em curso (RECLUS, 2011, p. 48-49).

O congresso de constituição da Confederação Nacional do Trabalho (CNT) da Espanha em 1910, provocou os trabalhadores homens, os quais lutavam pela diminuição da carga horária, pela situação de suas esposas que trabalham fora e ainda são responsáveis pelo cuidado da casa e dos filhos. Na provocação, afirmaram que mulheres são usadas por longas horas à proveito dos burgueses capitalistas, para em casa, estar à disposição permanente do burguês esposo. O Congresso exigiu um posicionamento diferente de seus apoiadores, um estreitamente entre a filosofia de igualdade e a prática cotidiana (ACKELSBURG, 2019, p. 58-59).

Apesar de alguns indicarem o trabalho como espaço de libertação das mulheres, é nos assuntos vinculados a nova moral sexual que as pautas das mulheres mais aparecem, sobre sexualidade, amor livre e educação. Margareth Rago (2006, p. 1) ao analisar a moral anarquista no movimento paulista, pontua que o estabelecimento da moral era uma preocupação dos anarquistas, principalmente em relação as questões sexuais e femininas, constituídas “[...] em construir uma nova moral sexual e em transformar as relações de gênero no sentido da emancipação sexual tanto da mulher, quanto do homem.”. Ao analisar a revista anarquista espanhola *Estudios*, a historiadora percebe que a representação do corpo no feminino é frequente nas edições, e a maioria relacionado a temas como a sexualidade, amor livre, questões morais e saúde. As imagens de corpos

sensuais e saudáveis estavam associadas a autonomia pessoal e beleza, ao mesmo tempo ligados à interação sexual e social (RAGO, 2006, p. 2). A existência de um debate sobre assuntos de amor e sexualidade estavam diretamente relacionados a construção desta nova moral sexual exigida para uma revolução verdadeiramente anarquista, sendo assim, notas sobre “[...] amor livre e plural, divórcio, maternidade consciente, aborto, fim da prostituição e criação de estabelecimentos de higiene para fins sexuais são algumas das propostas apresentadas pelos anarquistas [...]” (RAGO, 2006, p. 4).

A principal anarquista que levantou a questão das mulheres junto com a questão da classe foi Emma Goldman. Anarquista lituana, que viveu uma vida de exílios, denunciava alguns aspectos que não condiziam com toda igualdade defendida pelos companheiros. Denuncia as duas prisões nas quais as mulheres habitam: a da fábrica com seu guardião – o patrão, e da casa e seu guardião – o marido. Goldman atuou junto ao movimento sindicalista estadunidense e fazia publicações em jornais sobre como o trabalho faz parte dos mecanismos de emancipação feminina, mesmo que possibilitem que as mulheres sejam exploradas, roubadas, fazerem greves e passarem fome igual aos homens. Todavia, pergunta ela, as mulheres não passam por tudo isso em um casamento? (GOLDMAN, 2016).

Goldman ainda escreveu sobre a prostituição e como ela está relacionada diretamente à exploração capitalista e sexual das mulheres. Em suas palavras:

Em nenhum lugar a mulher é tratada de acordo com o mérito de seu trabalho, mas apenas como sexo. Portanto, é quase inevitável que ela deva pagar por seu direito a existir, a manter uma posição seja onde for, com favores sexuais. Assim, é apenas uma questão de grau se ela vende a si mesma a penas um homem, dentro ou fora do matrimônio, ou a vários homens. Quer os nossos reformadores o admitam ou não, a inferioridade econômica e social da mulher é a responsável pela prostituição (GOLDMAN, 2011, p. 249).

No movimento anarquista havia a presença de mulheres trabalhadoras que se uniam para combater os patrões. Martha A. Ackelsberg (2019) ao trabalhar com as mulheres na Guerra Civil Espanhola, que é um dos grandes símbolos da aplicabilidade do anarcossindicalismo, percebeu pela fala das companheiras, a percepção das próprias sobre as diversidades que a divisão sexual reproduzia no meio revolucionário. Apesar de ser um período posterior ao trabalhado nessa dissertação, elucida os discursos dos autores anarquistas. A autora traz o depoimento retirado de um jornal revolucionário: “Todos os companheiros, por mais radicais que sejam nos cafés, nos sindicatos e até nos grupos, costumam deixar suas roupagens de amantes da libertação das mulheres na porta de casa.

Quando entram, comportam-se com suas companheiras como maridos comuns.” (KYRALINA *apud* ACKELSBURG, 2019 p. 219 - 220).

O que é possível retirar da escrita é a disparidade entre o discurso e prática dos anarquistas. Sentindo-se minorias nos sindicatos, as mulheres espanholas uniram-se e constituíram a *Mujeres Libres*, mesmo tendo as mesmas pautas do movimento anarquistas, o principal objetivo foi construir um espaço receptivo para as trabalhadoras e anarquistas, diferente do espaço masculinizado do sindicato (ACKELSBURG, 2019, p. 105 - 108).

Assim, é possível concluir, como Silvia Petersen (1986, p. 85), que a luta anarquista estava pela libertação dos trabalhadores das mãos do capitalismo, não assumindo a dominação sexual dos homens sobre as mulheres. A historiadora resume que as constatações destas normas morais são a junção do que os revolucionários gostariam que as mulheres fossem com o que os burgueses temem que elas sejam. Perceptivas tais que não visam a participação pública delas, restringindo-as as paredes de seus lares.

A existência de mulheres no movimento não deixou de ser insignificante. Emma Goldman é constantemente citada quando o assunto é anarquismo. Sua colaboração com o sindicalismo estadunidense foi bem-marcado. Em coletâneas como a de George Woodcock<sup>38</sup>, ela é a única mulher anarquista incluída. A professora Louise Michel ficou marcada na história do anarquismo principalmente por sua ação junto a Comuna de Paris<sup>39</sup>, tendo participado na linha de frente. Em sua homenagem há uma escola<sup>40</sup> e um monumento<sup>41</sup> na França, além de sua presença em diversas músicas.

Contemporânea de Emma Goldman, Lucy Parsons<sup>42</sup>, nascida escrava, é apontada como uma grande anarquista estadunidense. Lucy denunciou a subjugação das mulheres diante dos homens, além de levantar as questões de raça desiguais, e defendeu que era através do trabalho fabril que a libertação das mulheres estará próxima, junto à classe trabalhadora.

Ela foi tida como um tipo de mal necessário; como uma coisa a ser usada e abusada; a ser comprada e vendida — como algo que servia apenas para

<sup>38</sup> Ver WOODCOCK, G. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

<sup>39</sup> Paris (18 março – 28 maio 1871), governo operário instalado pela força popular devido à invasão do Reino da Prússia.

<sup>40</sup> Colégio Louise Michel, na cidade de *Clichy-sous-Bois*, na França.

<sup>41</sup> Localizada na cidade de *Levallois-Perret*, na França.

<sup>42</sup> Lucy Eldine González Parsons (1851-1942), atuou escrevendo em jornais como *O Socialista*, *O Alarime* e *O Libertador*, participando e colaborando da criação do *International Working People's Association* (DIAS, 2003, p. 11-12). Algumas das suas obras estão na *The Anarchist Library*. Disponível em: <<https://theanarchistlibrary.org/special/index>>.

satisfazer os prazeres e as paixões dele — essa era a posição inferior da mulher. Por incontáveis séculos, a serviçal seguiu seu solitário e desgastante caminho, gestou as crianças — e suportou o abuso do homem — mas o longo passar dos séculos finalmente traria alívio. Quando a máquina a vapor foi arreada e colocada no campo de produção, os músculos foram praticamente eliminados enquanto um fator de produção da riqueza do mundo. Isso possibilitou à mulher que deixasse os estreitos confins da cozinha onde havia sido mantida por tanto tempo (PARSONS, 1905)<sup>43</sup>.

Discordante das questões de sexo levantadas por Emma, Lucy apontava para a desigualdade do capitalismo diante das classes como causador de todas as injustiças existentes, incluindo a de raça e gênero. Apontava como responsável do racismo e sexismo a exploração da classe trabalhadora. Tanto mulheres, como homens, brancos ou negros, deveriam, de acordo com Parsons, direcionar suas forças na destruição completa do capitalismo. De acordo com ela, derivados como sexo e raça, eram criações dos padrões com o propósito de distrair os trabalhadores na principal luta, a de classes (DAVIS, 2016, p. 158 - 160).

Para Parsons, a classe capitalista usa as mulheres para manipular a classe trabalhadora em relação aos salários, por exemplo. Em seu discurso de inauguração da organização operária estadunidense *Industrial Workers of the World*<sup>44</sup> (IWW), Lucy expressa sua preocupação em relação a isso, pois colocar a responsabilidade da diminuição dos salários sobre as trabalhadoras, é uma forma dos capitalistas dispersarem a classe trabalhadora em conflitos internos e enfraquecer a pauta da luta de classes, que para Parsons é a mais importante e principal a ser combatida (DAVIS, 2016, p. 159).

Na mesma linha estava a anarquista Luce Fabbri<sup>45</sup>. Importante participante no movimento operário uruguaio, a italiana, exilada com a família no país vizinho, aponta a luta de classes como a forma de acabar com as opressões dos trabalhadores e mulheres. Muito atuante no movimento uruguaio, escreveu em jornais e lecionava, além de receber diversos exilados em sua própria residência, no bairro operário de Montevideú. Segundo Luce, no movimento no qual fez parte, não presenciou situações que reproduzissem as opressões capitalistas em relação as mulheres. Morreu defendendo o movimento anarquista e a luta de classes como libertação (RAGO, 2001).

---

<sup>43</sup> Fonte <<https://medium.com/@roxoenegro/mulher-e6cac8904ff9>>.

<sup>44</sup> (1905) Organização dos trabalhadores dos Estados Unidos da América.

<sup>45</sup> Luce Fabbri (1908-2000), nascida em Roma, filha do anarquista Luigi Fabbri. Ver mais em (RAGO, 2001).



Perceber como os anarquistas e as anarquistas relacionavam-se com a questão das mulheres é encontrar diversas correntes de pensamento. Apenas na corrente guiada por Proudhon (2015) as mulheres estavam desassociadas do trabalho.

Em relação a esta corrente, a submissão das mulheres ao sistema capitalista é apontada e reconhecida, mas as divergências estão ao ponto de lidar e acabar com esta desigualdade. Enquanto alguns acreditam que a pauta das mulheres devesse seguir um caminho paralelo ao da classe, considerando que mesmo no movimento anarquista as compreensões sobre as mulheres são restritas, outras apontam para a luta de classes a solução de todas as desigualdades, o fim definitivo das classes e do capital.

Considerando esses pontos, é possível visualizar as ramificações de teorias e ações, de discursos proferidos e organizações. Compreender que o movimento anarquista é esse aglomerado de cores, torna perceptível que as influências podem ser diversas. Assim, no próximo capítulo será debatido a constituição do movimento operário e anarquista no Rio Grande do Sul, as ferramentas de luta anarquista e as influências tanto da teoria e do movimento internacional sobre o movimento local, como discutir possíveis alcances que este movimento teve sobre seus trabalhadores, principalmente sobre a questão das mulheres, em suas representações e discursos.

### 3 MOVIMENTO OPERÁRIO GAÚCHO E A AÇÃO DOS ANARQUISTAS

*“Registra este dia para a classe trabalhadora um ano mais de luta contínua contra a exploração burguesa, mas sem que os trabalhadores, hajam tido alívio em sua situação econômica, pelo contrário, piora diariamente sua triste sorte, sempre ameaçados pelos canalhas do poder, pelos farsantes apóstolos das religiões, que sempre estiveram ao lado do capital, para enganar a seus cervos, prometendo-lhes a vida eterna na glória em pago do verdadeiro e eterno sofrimento deste mundo; pelos que predicam os direitos da humanidade e roubam lhes hipocritamente sem nenhuma compaixão, por isso é que o próximo 1º de Maio traz-nos a justificação de milhares de vítimas que registra a história dos tempos novos [...].”*

(Uma costureira)<sup>46</sup>

Alegrete, abril de 1927

Após uma passagem pelas principais ideias sobre as quais o anarquismo se baseia, neste capítulo trabalharemos o Brasil da Primeira República.

A Primeira República Brasileira teve a duração de cerca de 41 anos, perdurando da Proclamação da República até o governo de Getúlio Vargas. O setor político manteve um conflito entre os liberais e os republicanos, constituindo-se em uma Proclamação de República com transformação que não provocaram muitas mudanças. Desta forma, provocando divergências que embasaram grandes brigas políticas, Guerra Civil e revoltas sociais como o Cangaço, Guerra de Canudos e Revolta da Chibata. Foram 13 presidentes envolvidos em ações oligarcas, alguns com forte repressão, enquanto outros com maior abertura. Com o período inicial de consolidação, o estabelecimento de um plano de governo que visasse a constituição de uma nova nação, resultou em uma modernização do país, com novas arquiteturas e indústrias. No setor social, houve a libertação dos escravizados sem nenhum tipo de assistência, juntamente com políticas de embranquecimento populacional, com o impulso de emigração europeia. Todos estes

<sup>46</sup> UMA COSTUREIRA. 1º de Maio. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 4, 01 maio 1927.

elementos juntos levaram a um grande avanço das relações capitalistas, desestruturando os modos de vida anteriores e provocando um empobrecimento da população brasileira (NEVES, 2008).

No primeiro momento deste capítulo será apresentado um panorama do movimento operário no Rio Grande do Sul, introduzindo como as ideias e ações anarquistas foram circulando entre os operários e contribuindo para tomada de decisões sobre os olhos das organizações operárias. Além disso, elucidaremos as vertentes ideológicas e de ação que se fizeram presentes ao longo do período da Primeira República. Além de apresentar quem eram os trabalhadores que compunham este movimento, sua forma de organização e atuação.

Na parte que se segue, serão apresentadas as ferramentas de divulgação anarquista, pelas quais os trabalhadores envolvidos com o movimento difundiam os princípios com os outros companheiros, apresentando as fontes principais da pesquisa: os jornais operários. Nem todos os jornais eram autodenominados anarquistas, mas é possível encontrar referências à organização libertária em suas divulgações e ações, a importância da educação e da ação direta para alcançar os objetivos e melhora da classe, sem dependência de representantes ou assistência do Estado.

Por fim, abordaremos a presença do assunto “mulher” nas edições dos jornais analisados. Matérias sobre a ação feminina, comportamento, idealizações e moralização da figura das mulheres serão apresentadas com as percepções sobre sua presença. Como as mulheres deveriam ser para o movimento anarquista? Qual seria a vida ideal almejada para as mulheres? Como o movimento via suas companheiras no mundo do trabalho? Qual é o papel dela na ação revolucionária até a sociedade ácrata? Serão questões que buscaremos responder ao final da análise.

### 3.1 ANARQUISMOS NO RIO GRANDE DO SUL

O movimento operário era composto principalmente por assalariados urbanos e artesãos, também por pequenos comerciantes e funcionários públicos. Estes trabalhadores estavam ainda em minoria com a grande quantidade de trabalhadores rurais. Após a Proclamação da República e com a chegada do novo século, o movimento operário foi influenciado pelos grupos políticos de esquerda, de social-democracia a concepções anarquista e socialistas (CORRÊA, 2018, p. 98).

É importante ressaltar neste momento sobre qual tipo de trabalhadores a pesquisa e a análise se debruça. Trabalhadores manuais, operários e fabris, artesãos, autônomos, relacionado aos transportes e prestação de serviços. A relação construída nestas categorias leva aos próprios trabalhadores se compreenderem sendo de uma mesma classe, diferente de empregados do comércio e serviços domésticos, onde a relação “funcionário vs patrão” são diferenciadas (LONER, 1999, p. 74).

Para ter uma dimensão da quantidade de trabalhadores que isto representava, Loner (LONER, 1999, p. 76) traz dados do Censo de 1920 nas cidades de Rio Grande e Pelotas: “Para 1920, os dados do Censo consignavam uma população operária de 6.548 trabalhadores nas fábricas em Rio Grande e 6.419 em Pelotas, enquanto nos transportes ocupavam-se 2.056 trabalhadores rio-grandinos e 1.489 pelotenses.”. Estes números representavam em Rio Grande uma porcentagem de 16% e em Pelotas de 9,6% em relação a população total. A historiadora segue: “Entre os trabalhadores fabris, em Rio Grande, 4.325 eram homens e 2.223 mulheres, enquanto em Pelotas, os homens eram 4.376 contra 2.043 mulheres”.

As necessidades que levavam os trabalhadores a integrarem os movimentos reivindicatórios e revolucionários eram muitas, considerando os baixíssimos salários recebidos, mesmo quando a família toda, homem, mulher e crianças estavam em exercício nas fábricas, o dinheiro insuficiente para as contas básicas da época. Baseada em dados de salários e valores bases, a historiadora Evangelia Aravanis (2010, p. 178-179) realizou simulações onde o custo de uma família com necessidades básicas chegaria ao total de \$84.645 réis mensais, o que levava famílias inteiras a ingressarem no mercado de trabalho, condicionando uma questão de sobrevivência:

[...] o salário de muitos operários oscilava de 2\$000 a 5\$000 réis diários no período de 1890 a 1910. Considerando que o mês tem 26 dias de trabalho (já que 4 são domingos), estes operários obtêm, então, índices que variavam de 52\$00 a 130\$00 réis mensais. Ou seja, somente aqueles trabalhadores que estariam recebendo acima de 3\$255 réis/dia poderiam fechar este balanço no positivo (3\$255 x 6 dias semanais de trabalho x 4 semanas ao mês: 84\$645), dando conta, então, da alimentação e da moradia, mas não necessariamente viriam a cumprir seu papel de provedor e manteriam, assim, a mulher e filhos no lar, pois faltariam ainda os gastos com vestuário e com médicos e remédios. Já os operários com proventos de 4\$000 e 5\$000 réis/dia (104\$000 e 130\$000 réis ao mês), teriam um saldo positivo de 19\$355 e 45\$355 réis, respectivamente; ou seja, poderiam dar conta dos outros itens mencionados, mas não necessariamente manter a mulher e os filhos em casa, principalmente em situações extraordinárias, como de doença em família. [...] Ou seja, [...], não eram poucas as famílias operárias que achavam em situação financeira difícil e, conseqüentemente, viam-se obrigadas a empregar outros de seus membros.

Apesar de estar presente antes desta data, foi depois da Greve dos 21 dias e a inauguração da Federação do Rio Grande do Sul (FORGS) no ano de 1906, que a influência anarquista se expandiu entre o movimento operário gaúcho, chegando à hegemonia política e ideológica na FORGS em 1911. O movimento anarquista se integrou ao movimento operário até meados de 1923, sendo essencial para as Greves de 1917, 1918 e 1919. Mas a presença de anarquistas é além do movimento assim denominado. Eles estavam presentes nos movimentos do sindicalismo revolucionário (CORRÊA, 2018, p. 98).

É possível ter uma dimensão da presença dos anarquistas de acordo com esses dados levantados:

[...] o período anterior a 1922, a criação no Brasil, pela classe operária, de 99 uniões operárias, quatro alianças operárias, setenta cooperativas e associações de auxílio e socorro mútuo, 29 grupos anarquistas específicos, 59 ligas operárias, quarenta associações e sociedades operárias, treze clubes, círculos e movimentos operários, dezesseis bibliotecas, 21 grupos de teatro social, 26 escolas livres, quarenta sindicatos; além da realização de 110 conferências de cunho social, 42 cursos culturais, sete Congressos Nacionais Operários e doze Estaduais; e a formação de 26 Federações Regionais Operárias e da Confederação Operária Brasileira (COB, de âmbito nacional, criada em 1908, sob a égide direta das lideranças anarcossindicalistas); [...] 33 festivais operários de solidariedade a jornais, escolas e pró-presos e deportados, além das seguintes manifestações públicas: 22 passeatas, 119 comícios, e protestos públicos, 27 assembléias e oitante comemorações (incluindo-se as de Primeiro de Maio) (HARDMAN e LEONARDI, 1991, p. 263).

Estes dados, como alertam os autores, não estão completos, porém sinalizam a grande participação e movimentação das organizações dos operários e das influências das ideias anarquistas, anarcossindicalismo e sindicalismo revolucionário.

É importante termos em mente que não eram todos os trabalhadores que eram fielmente anarquistas ou socialistas, pois para muitos, participar do movimento operário era uma forma de melhorarem suas condições de vida. Ao mesmo tempo, são estes poucos convictos, que com articulação e adaptados as necessidades da maioria, os quais implementam os aspectos do sindicalismo revolucionário ao movimento. As ideias anarquistas são atraentes aos trabalhadores de acordo com suas necessidades de melhorias (CORRÊA, 2018, p. 100). Com a grande propaganda e presença das ideias anarquistas nas associações e organizações sindicais, é possível perceber características anarquistas nas ações dos trabalhadores, mesmo estes não se colocando como anarquistas. É sob esta ótica que serão analisados.

O I Congresso Operário do Rio Grande do Sul, ocorrido em Porto Alegre no ano de 1898 era predominantemente socialista reformista. Os anarquistas se fizeram presentes

através de um Grupo Libertário, que buscaram dar um caráter mais combativo ao encontro e suas decisões. Apresentaram uma proposta de Boicotagem, como uma arma de luta econômica, a qual foi aprovada pelo congresso (CORRÊA, 2018, p. 105).

A partir do I Congresso Operário Brasileiro, em 1906, no Rio de Janeiro, surge a Confederação Operária Brasileira (COB), em 1908, aos moldes da CGT francesa, confirmando o compromisso do operariado brasileiro com a Associação Internacional dos Trabalhadores. (MATEUS, 2012, p. 66) Foi durante este congresso, entre debates sobre greves, boicotes, sabotagem, que “[...] se aprovou moções específicas sobre organização imediata dos colonos e operários agrícolas, dos trabalhadores nas minas, dos operários do Estado e das mulheres operárias” (HARDMAN e LEONARDI, 1991, p. 269).

No II Congresso Operário Brasileiro, em 1913, ainda na capital brasileira, o movimento do Rio Grande do Sul foi representado pela FORGS, declarando-se sindicalista e contrária à assistencialismos e cooperativismos (CORRÊA, 2018, p. 106). No COB ocorrido em 1920, no Rio de Janeiro e logo em seguida o Congresso Operário do Estado em Porto Alegre, teve uma grande participação dos anarquistas, apesar de haver no ar questões e dúvidas sobre a Revolução Russa iniciada em 1917. Durante o III Congresso Estadual, em Porto Alegre no ano de 1925, apesar de haver correntes diversas e partidárias buscando participar, foi reafirmado o compromisso da FORGS com as ideias da AIT. A partir dos congressos que se sucederam, a participação de sindicatos e associações foi reduzindo, até 1928, quando os debates estavam focados nas injustiças do caso de Sacco e Vanzetti. (LONER, 2011, p. 179-180).

A emancipação do indivíduo para a sociedade anarquista deve ser completa moralmente e distinta dos vícios burgueses. Desta forma, a moral pessoal era abordada pelo movimento, além do combate às crenças clericais e escolas convencionais, as quais eram responsáveis pela degradação moral dos trabalhadores (MATOS, 2009, p. 49).

A moral anarquista é construída, [...], em oposição a outras formas de condutas, [...] que se quer também *espontânea* - não no sentido que contradiz a *construção*, pois a configuração da conduta de vida anarquista pressupõe uma construção autônoma, espontânea -, baseada no projeto político de sociedade que se queria, isto é, a liberdade plena do indivíduo e da sociedade (GUIMARÃES, 2002, p. 64-65).

A moral libertária é voltada à libertação dos operários e reforça seus argumentos. Muitos são os textos nos jornais operários e anarquistas sobre os malefícios do álcool e festejos mundanos. E justificam o consumo do álcool e festejos exagerados ao excesso de

trabalho e poucas opções de lazer que os trabalhadores tinham acesso, diante dos custos e tempo semanal.

O excessivo trabalho exerce uma depressão física e moral sobre o indivíduo e o torna indiferente e inapto para tudo que possa ser agradável a si e aos outros. Não estuda, em nada pensa de elevado [...] E, em resultado dessas más condições de vida que embrutece o operário, quantos prejuízos advêm a si e às pessoas que dele dependem! O alcoolismo, não raras vezes, vem ocupar o lugar dos prazeres e gozos que completam a vida e que ao operário não são facultados em consequência da vida anti-humano que é obrigado a levar nesta iníqua sociedade egoísta.<sup>47</sup>

Para fortalecer o argumento de luta pelas 8 horas de trabalho, o movimento apela para o senso de moral, diante do embrutecimento do operário que prejudicaria a si e a sua família. Levando o leitor a compreender que é o sistema de exploração que leva aos operários a terem seus comportamentos distorcidos. O excesso do uso de álcool leva à diversos problemas de saúde física, além de deixar o trabalhador “[...] desleixado, sem aptidão para o trabalho, desconsiderado nos meios em que vive, refratário à confiança dos seus semelhantes [...]”<sup>48</sup>. O indivíduo fica incapaz de combater qualquer desigualdade, pois está engolido por ela. O álcool é o grande inimigo e deveria ser reprimido de forma enérgica e finita.

O combate ao consumo de álcool era ferrenho entre os anarquistas, pois o seu consumo era entregar-se à exploração capitalista, era deixar se entregar ao estado de miséria e penúria provocados pelo sistema. No estado do alcoolismo, entregue a esta doença física, mental e social, os trabalhadores não teriam condições de se organizar para a revolução. O consumo de álcool, tabaco e outras drogas disponíveis, estariam ligadas à exploração intensa e aos malefícios à saúde dos trabalhadores (ARANTES, 2020). Como um veneno contra o sistema capitalista que o próprio operário consome.

Em 1924, em Porto Alegre, foi fundada a Liga Antialcoólica Operária, sendo presidida por Polydoro Santos. Na reunião de sua fundação estavam presentes Orlando Martins, presidente da FORGS e o senhor Manoel Ramirez, das Lojas Maçônicas, na qual todos presentes falaram da importância de combaterem o mal do alcoolismo entre os trabalhadores<sup>49</sup>.

Com um forte apelo moral, a educação é uma grande ferramenta da construção desta nova sociedade almejada pelos ácratas. Mas é importante ressaltar que não é com

<sup>47</sup> C.D. As 8 horas. **A Luta**, Porto Alegre, p. 3, 29 set. 1906.

<sup>48</sup> LÔRES, Sylvio de. O Alcoolismo. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, 14 dez. 1907.

<sup>49</sup> S/A. Contra o Álcool. **A Federação**, Porto Alegre, p. 4, 30 jan. 1924.

os anarquistas que a importância da educação como arma para libertação é introduzida na vida dos trabalhadores. Com a dificuldade de acompanhar o ensino regular, com aulas diurnas e muitas vezes pagas, os trabalhadores buscavam alternativas para adquirir conhecimento. Mesmo anterior à República e Abolição dos escravizados, em Pelotas, a Biblioteca Pública oferecia cursos noturnos para alfabetização, os quais eram frequentados por muitos trabalhadores, imigrantes, nacionais e ex-escravizados (LONER, 1999, p. 82).

Aos militantes sob correntes libertárias e anarquistas, a Educação Racionalista, a partir dos moldes do espanhol Francisco Ferrer, era a chave para esta libertação, impulsionando a inauguração de escolas libertárias pelas principais cidades do movimento. Outra forma de educar e divulgar os princípios anarquistas eram os “Centros de Estudos Sociais”, que visavam uma educação libertária/anarquista para adultos, que ocorriam geralmente a noite, a partir de leituras e debates sobre obras e concepções anarquistas (GHIRALDELLI JR., 1986, p. 33-34).

Com a forte ligação com a educação libertária, os anarquistas se organizam a fim de oferecer alternativas de educação aos trabalhadores. É possível localizar anúncios das escolas organizadas por estes anarquistas, como a Escola Elizeu Reclus, em Porto Alegre. Localizada na sede do jornal *A Luta*, na Rua dos Andradas, nº 64, a escola oferecia aulas noturnas, das 7h às 10h, de diversas matérias básicas, além de aulas de educação física.

Após alguns anos e mudança de endereço para a Rua Conceição, nº 22, a escola começou a oferecer além de uma biblioteca, aulas diversas ao longo da semana.



**Escola Elizeu Réclus**

O Gremio Instrutivo ELIZEU RÉCLUS, que tem por fim a instrução e educação proletária, comunica aos operarios desta capital que acham-se funcionando as suas aulas a rua Conceição n. 22.

Liciona-se as seguintes materias :

*Primeiras letras.* — Diariamente, com excepção dos sabados e domingos, das 7 ás 9 horas da noute.

*Portuguez e Aritmetica.* — Segundas quartas-feiras e sabados, das 8 ás 9 horas da noute.

*Dezenho.* — Segundas, quartas e sêstas-feiras, das 8 ás 10 horas da noute.

*Palestra.* — Domingos, das 9 ás 12 horas do dia.

—

Para tudo que disser respeito á ESCOLA deverão os interessados se entender com o abaixo-assinado que será encontrado diariamente no local acima indicado.

Porto Alegre, 1.º de agosto de 1909.

O Secretario,  
*Carlos Toffolo.*

Figura 5 – TOFFOLO, Carlos. Escola Elizeu Réclus, *A Luta*, Porto Alegre, p. 3, 01 jul. 1910.

A importância da escola e educação muitas vezes era levantada como uma arma mais perspicaz quanto a ação direta:

A escola é, a meu ver, a salvação futura do operário, a sua completa, definitiva emancipação onde vive e onde trabalha. O livro pode mais, muito mais que todos os cachões e carabinas [...] é a porta de luz por onde os espíritos penetram para a Vontade, para a Razão, para a Justiça<sup>50</sup>.

Ao ingressar na década de 20, com o avanço do comunismo no interior do movimento operário e a repressão que pesou sobre os anarquistas e comunistas, principalmente no governo de Arthur Bernardes (1922-1926), que levaram muitos a situações de exílio ou de campo de concentração<sup>51</sup>, o movimento anarquista se viu forçado

<sup>50</sup> CAVÁCO, Carlos. A Questão Operária: O poder do livro. *A Defeza*, Bagé, p. 2-3, 13 out. 1910. Observa-se que o autor é Carlos Cavaco, socialista.

<sup>51</sup> No governo de Artur Bernardes (1922-1926), a perseguição aos contra-governo se estreitou, o governo construiu no Oiapoque/AP, em Clevelândia, um campo de concentração, antigamente denominado como Colônia Militar do Oiapoque, para onde eram levados os prisioneiros políticos vindos de outros estados, principalmente militantes do movimento operário e anarquista. Ver mais: SAMIS, Alexandre. *Clevelândia*:

a reavaliar suas ações e organização, pois está atacado e, conseqüentemente, enfraquecido. Mesmo a repressão atingindo fortemente os movimentos do centro do país, no Rio Grande do Sul, houve reavaliações, com um direcionamento mais cultural dos anarquistas, com o surgimento da *Revista Liberal*, com publicações de 1921-1923 e a criação da Sociedade Pró Ensino Racionalista em 1923, além de outros grupos de Livre Pensamento e jornais anarquistas direcionados a percepções culturais. Mesmo com a continuidade da FORGS, é possível perceber o segundo plano na qual foi colocada pelo movimento (LONER, 2011, p. 179).

Os ideais positivistas e racionalistas chegaram ao movimento anarquista gaúcho como uma alternativa para reorganizar o movimento que se via em crise. É possível perceber influências em alguns jornais, em seus textos e notícias e na forma de organização do operariado e suas associações de vertente anarquista. A criação da Sociedade Pró-Ensino Racionalista é um exemplo bem-sucedido da força que os ideais de Comte tiveram na capital gaúcha. Junto a este grupo esteve presente diversos anarquistas militantes, com Polydoro Santos, diretor da *Revista Liberal*, jornal da Sociedade Pró Racionalismo e Espertirina Martins (que será apresentada no capítulo seguinte). A educação toma o a linha de frente na luta anarquista.

Num combate ferrenho ao ensino clerical, a Escola Racionalista aparece para possibilitar uma educação libertária, aos moldes da Educação Racional e de Francisco Ferrer, de forma mais incisiva que as escolas anteriores. Polydoro Santos convoca os leitores da *Revista Liberal* e reflitam sobre e se juntem à Sociedade:

Que aqueles que sentem ser preciso reagir contra a enervante educação clerical e os que são adeptos do ensino racional, bem como todos aqueles que almejam a regeneração do caráter nacional e do povo elevando-o pela aquisição da maior soma de conhecimentos humanos, meditem sobre o que dissemos e bem depressa sentirão a imperiosa necessidade de agir e agir sem demora!<sup>52</sup>.

Com influência de anarquistas como Kropotkin e Reclus, voltados ao conhecimento científico e evolucionista, as propostas positivistas foram se embrenhando nos espaços educacionais, auxiliando no combate as ideias clericais e reducionistas, levando a explicações altamente científicas e racionais a interpretação da realidade e na construção de correntes transformistas (SCHMIDT, 2001, p. 117).

---

anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

<sup>52</sup> SANTOS, Polydoro. Uma Escola Racionalista em Porto Alegre. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 8, out. 1921.

É necessário ressaltar a forte influência que o sistema positivista teve em toda sociedade brasileira durante a Primeira República, estendendo suas doutrinas sob os governos federais, estaduais, movimentos operários, socialistas e anarquistas. De forma a apoiar o cientificismo e racionalismo, as propostas positivistas tiveram um papel forte na constituição de grupos como a Sociedade Pró-Ensino Racionalista. No jornal da sociedade, *Revista Liberal*, encontra-se textos sobre a importância de se alcançar o ideal positivista na luta antimilitarista:

Decididamente estamos ainda muito longe do ideal positivista. Enquanto ninguém sentir horror ao ouvir falar de uma escola de guerra, enquanto acharmos muito natural que um homem seja 'comandante da escola de guerra', estará muito distante de nós o aperfeiçoamento que Augusto Comte previu para a humanidade....<sup>53</sup>.

Este período de instabilidade no movimento anarquista e operário é percebido quando nos direcionamos aos congressos operários, que são voltados às tomadas de posicionamentos políticos e decisões sobre o futuro do movimento. O ano de 1920 foi movimentado, com o II Congresso Operário do Rio Grande do Sul e o III COB. O II Congresso do Estado é decisivo para o claro posicionamento do movimento a favor do sindicalismo revolucionário, ao apoiar o congresso Internacional apolítico em Berlim. No mesmo evento, a FORGS se declara a favor à Internacional anarcossindicalista, mas afirmando-se de acordo com o sindicalismo revolucionário (CORRÊA, 2018, p. 107).

Cinco anos depois, no III Congresso Operário do Rio Grande do Sul, realizado em Porto Alegre, o movimento se posicionou a favor da implementação dos princípios anarcossindicalistas, aderindo à Internacional de Amsterdam, de 1925, de mesma matriz. Após calorosos debates, o Congresso determinou que militantes operários filiados a qualquer partido político não eram permitidos, consagrando a influência anarcossindicalista na organização (CORRÊA, 2018, p. 110-111). Em Pelotas, no IV Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em 1928, a disputa entre sindicalistas e anarquistas ficou mais acirrada, e o futuro da FORGS era o objetivo. Depois de muitos debates e acusações, a FORGS passou a ser integralmente anarquista/anarcossindicalista (CORRÊA, 2018, p. 111-113).

### 3.2 O MOVIMENTO ANARQUISTA NAS PÁGINAS DOS JORNAIS

---

<sup>53</sup> TORRES, Antonio. Escola da Morte. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 4, fev. 1923.

Para esta dissertação foram analisados cerca de 124 exemplares de jornais operários, entre peças completas e originais à fichamentos localizados, nos acervos do Núcleo de Pesquisa Histórica da UFRGS (NPH/UFRGS), do Centro de Documentos Históricos da FURG (CDH/FURG), do Acervo do IHGRS, Acervo do Museu Dom Diogo de Souza de Bagé e Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Foi construído um banco de dados a partir das matérias em cada jornal/revista de acordo com o assunto notório, os quais constituíram cerca de 110 palavras chaves. Todo o trabalho de análise resultou em 1.643 fichamentos, dos quais, muitos serão levantados nesta produção. Além dos jornais fichados, também serão usadas leituras em jornais de grande circulação, como *A Federação* e *Correio do Povo*, mas neste subtítulo focaremos nos jornais operários.

Os jornais compõem um espaço importante no movimento operário e anarquista. Era o meio de comunicação facilmente distribuído, podendo chegar a muitos apoiadores. Para além das informações do movimento operários e das fábricas no município, os jornais operários eram importantes para difundir os ideais, assim levando “[...] consistência e coerência política a seus membros e leitores, comportando-se, em alguns momentos, como uma verdadeira associação ou corrente política [...]” (LONER, 2001, p. 61-62).

Para além disso, é comum encontrar nos jornais a cobertura da movimentação sindical, operária e associativa, com notícias sobre greves no Estado, país e internacionalmente, anúncios de boicotes e descrições da situação de diversos trabalhadores, em diferentes locais, acompanhados muitas vezes com diretrizes de ação para melhorar a situação e desmobilizar a ação burguesa (CASADEI, 2013, p. 5).

As críticas ao Clero e ordens religiosas é uma das características do movimento anarquista e podem ser percebidas, como aponta Foot Hardman (HARDMAN e LEONARDI, 1991, p. 264) em jornais operários paulistas como *O Livre-Pensador* (SP, 1903) e *A Lanterna* (SP, 1901), nos quais são possíveis encontrar “[...] nítida influência anarquista [...]”. O mesmo tipo de abordagem anticlerical, nítida e especializada é encontrar no Rio Grande do Sul, em jornais como *O Confessado* (Bagé, 1926), o qual trazia em sua capa, abaixo do título: Orgão Anti-Clerical. Na edição nº 1, de 1926, o jornal publica diversas matérias sobre o Clero, apontando suas manipulações e farsas de forma clara. Aponta a hipocrisia da Igreja de Bagé, que antes dizia ser o cinema “[...] um

perigoso veículo da corrupção dos espíritos adolescentes [...]”<sup>54</sup>, após alguns anos, integrar-se ao teatro-cinema, alocado ao lado do estabelecimento do ensino religioso.

O jornal também não deixa de criticar e responsabilizar as morais católicas na estagnação da educação acusando os religiosos clericais de não quererem perceber que ideias como “[...] Deus, pátria, lei, autoridade, e as imagens que as simbolizam (ficções inúteis, princípios metafísicos), são para as crianças, para os analfabetos e para muitos letrados, coisas ininteligíveis, problemas cabalísticos”<sup>55</sup>. Além do estabelecimento da ordem clerical ser o eterno inimigo de todas as liberdades, e para isto, utilizam de pensamentos racionais:

Encontramos fatos que nos comprovam a verdade através dos movimentos históricos de todas as épocas dos povos, fatos que indicam serem eles a fonte dos maiores crimes premeditados e praticados, fatos que provam serem eles os maiores inimigos da humanidade<sup>56</sup>.

Apesar de alguns jornais terem poucas tiragens e tempo de vida curto, o alcance dos jornais ia além dos assinantes, “[...] os jornais eram enviados às redações dos ‘coirmãos’, às associações operárias e outras entidades não necessariamente operárias como bibliotecas públicas, clubes recreativos e musicais, etc.” (PETERSEN, 1995, p. 145). Está grande circulação de jornais de outros lugares proporcionava debates atuais, possibilitando que o movimento incorporasse novas vertentes aos seus ideais, como foi com o positivismo anteriormente descrito.

O jornal operário *A Luta*, autodenominado anarquista, surgiu na capital gaúcha em 1906. O jornal e sua equipe editorial não foram responsáveis por trazer o debate do anarquismo para a cidade, mas com certeza contribuíram com a classe operária, com “[...] a eclosão da greve geral e a fundação da FORGS [...]”, além do surgimento da Escola Eliseu Reclus (POLETTO, 2011, p. 82).

O periódico *A Luta* surge, portanto, no ano de 1906 tendo como sede, inicialmente, a Rua dos Andradas, nº 64 e, a partir de maio de 1908, a Avenida Germânia, nº11 [...] Sua publicação pretende-se quinzenal; no entanto, nem sempre essa periodicidade será possível, havendo ocasiões em que aparecerá mensalmente ou com um lapso de tempo maior (POLETTO, 2011, p. 84).

Outro veículo importante foi a *Revista Liberal*, a qual tem característica anticlerical e racionalista, trazendo textos de reflexões e observações sobre a Igreja. Um dos grandes questionamentos clericais levantados pela Revista está relacionado ao papel

<sup>54</sup> D’ONÉLLAS, João. O Cinema e o Clero. **O Confessado**, Bagé/RS, p. 3, 10 out. 1926.

<sup>55</sup> CARVALHO, F. de. Em torno da Educação. **O Confessado**, Bagé/RS, p. 1-2, 10 out. 1926.

<sup>56</sup> PASTORINI, Venancio. A horda clerical. **O Confessado**, Bagé/RS, p. 4, 10 out. 1926.

das mulheres no catolicismo, sobre a impossibilidade de exercerem o sacerdócio. Devido ao viés racionalista, as críticas ao catolicismo, ao sistema da Igreja e a ligação da religião com política reafirmam o ponto de vista cientificista e a educação proposta pelo grupo.

Nos jornais também é possível encontrar reflexões sobre Clevelândia, a Colônia Cecília, a Comuna de Paris e outros acontecimentos que envolveram anarquistas no Brasil e ao redor do mundo. O caráter internacionalista dos jornais permitia notícias sobre os movimentos operários e anarquistas da Europa e Estados Unidos, que proporcionavam o acompanhamento da execução de Francisco Ferrer até ao processo de condenação e a luta pela libertação de Sacco e Vanzetti.

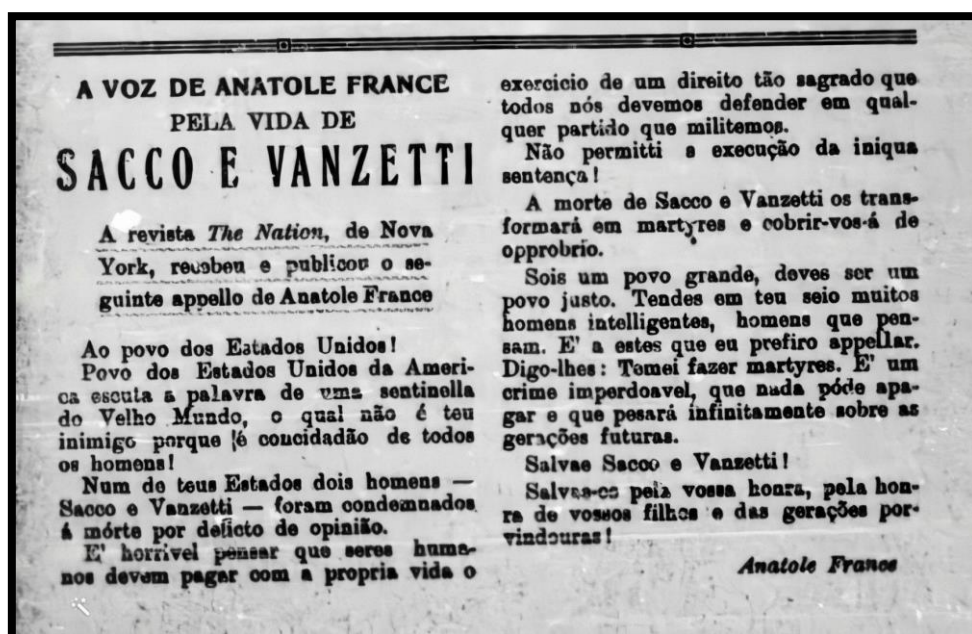


Figura 6 - FRANCE, Anatole. Pela Vida de Sacco e Vanzetti. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 10, 01 mai. 1922.

A exemplo da *A Plebe*, jornal anarquista de São Paulo, o processo de Sacco e Vanzetti foi usado para apresentar um exemplo de como a burguesia poderia ser arbitraria para a injustiça da classe, ensinar os princípios anarquistas através do caso e estimular a solidariedade entre os leitores (SOARES, 2020, p. 232).

*O Syndicalista*, jornal oficial da FORGS, incorporava a ideologia por ela estabelecida e defendida, que como podemos ver no subtítulo anterior, esteve por muito tempo, durante a Primeira República, alinhada ao anarquismo. O jornal traz reflexões sobre “A Democracia Yanké”:

O imperialismo absorvente e o capitalismo triunfante daquela nação poderosa: a injustiça e o carrancismo demonstrado em seus atos um dos quais é o caso de Sacco e Vanzetti que basta para demonstrar o pretendido valor dessa mistificação democrática que tem posto na tela do juízo os valores dessa nação para nós, é uma verdade velha de que os povos vivem debaixo de um regime republicano ou democrático, tenham ou deixem de ter o direito do voto, sempre hão de sofrer idênticas rapinhas: explorações e injustiças<sup>57</sup>.

O jornal e a FORGS buscavam organizar uma mobilização dos trabalhadores para protestarem com todas as suas forças contra o que acontecia com os italianos. Focaram na explanação do quanto cruel era a burguesia estadunidense, carrasca em todos os sentidos se seguirem com um julgamento de forma a satisfazer seus sádicos desejos (SOARES, 2020, p. 225).

Notícias sobre o mundo todo eram encontradas nestes jornais, e além do anúncio dos acontecimentos, uma análise libertária sobre os fatos, que envolviam a classe trabalhadora e o movimento anarquista. A *Luta* tinha seções “Pelo Mundo” onde atualizava seus leitores sobre o que acontecia em outros países. A *Revista Liberal* trazia notícias do Movimento Social Internacional, passando pelas manifestações antimilitaristas na Holanda, à adesão dos operários argentinos à Associação Internacional dos Trabalhadores<sup>58</sup>.

Mas os olhos dos anarquistas se mantinham atentos aos acontecimentos brasileiros. Um dos assuntos abordados em algumas notícias são referentes à discriminação contra “homens de cor”. Ao cobrir a chegada do soberano da Bélgica ao Rio de Janeiro, o jornal de Bagé, *A Dor Humana*, retrata o ocorrido com o ferroviário Sr. Sylvestre Carneiro de Oliveira, o qual como reservista, se colocou à disposição de ir para o Rio de Janeiro, fazer a guarnição do soberano, porém seu pedido de ingresso foi recusado.

A entrada, porém, foi-lhe recusada, sem outro motivo qualquer, fora a cor do candidato, pois este, queixando-se do fato a imprensa, desafiou que lhe apontassem no proceder uma indignidade sequer. Não é já de resto a primeira vez que aquela sociedade tenta fazer seleção na cor dos seus atiradores, pretendendo formar um batalhão exclusivamente de brancos, dividindo os brasileiros e denegando aos mulatos e pretos o direito de receber nas sociedades de tiro a instrução necessária para saberem amar e defender a Pátria<sup>59</sup>.

É perceptível algumas notícias nas quais o assunto são ações discriminatórias com matriz racial, pois os grupos de ex-escravizados e nascidos livres eram abundantes e

<sup>57</sup> YAGO. A democracia Yanké. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 4, 01 mai. 1927.

<sup>58</sup> S/A. Movimento Social Internacional. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 14, jul. 1923.

<sup>59</sup> S/A. Para o rei não ver. *A Dor Humana*, Bagé, p. 3, 28 set. 1920.

compunham a massa operária, muitos deles se organizando em jornais, como *O Exemplo*. O jornal tinha objetivos combativos às questões sociais e questões que envolvessem classe e raça. Reforçavam o quanto “[...] negro também era um trabalhador livre, dissociando o trabalho das ideias sobre raça, [...] possuía família e constituía sociedade [...]” (PERUSSATTO, 2018, p. 264).

Na sua primeira fase, a historiadora Melina Kleinert Perussatto (2019, p. 122) localiza a assinatura de textos por homens e mulheres negras, entre elas Sophia Ferreira Chaves (1883-1908)<sup>60</sup>, a qual usava o codinome “Pepita”, sendo uma constante presença nas edições de 1904 e 1905. A importância da instrução pode ser destacada nos textos destes jovens negros letrados, num período tão próximo à abolição.

Para o objetivo dessa pesquisa, a relação com o anarquismo se estabelece na sua segunda fase, de 1908-1911, quando *O Exemplo* encarou a influência das ideias anarquistas em sua produção, com figuras como dos irmãos Fettermann, Cristiano e Djalma<sup>61</sup>, libertários negros (PERUSSATTO, 2018, p. 268-274).

A relação com a educação libertária e relação com as causas raciais foram fundamentais para o envolvimento da sua equipe editorial no Asilo 13 de Maio, local direcionado ao acolhimento de crianças negras e pardas. As críticas à separação racial social são debatidas no jornal de forma clara, bem como a ausência de crianças negras nos asilos sob a assistência do Estado, a forma como mesmo após a Abolição da Escravatura os negros permanecem à margem social, desde as crianças.

[...] vemos como a ausência ou ineficácia do Estado em oferecer educação aos subalternos repercutiu na folha, porém agora as crianças negras tornaram-se o centro da questão e o projeto de acolhimento, proteção, educação e instrução, intitulado Asilo 13 de Maio, foi apresentado e rapidamente incorporado aos debates de *O Exemplo*. Além da preocupação com as “crianças de cor preta e parda” violentadas pela hostilidade do inverno sul-rio-grandense e pelo estado de abandono, um editorial alusivo ao 13 de Maio de 1910 assinalou uma preocupação fundamentalmente moral e extensiva ao “grande número de descendentes da família escravizada”. A pobreza, o abandono e a consequente degradação moral demoviam-lhes o desejo de adentrar pelas portas de uma escola, onde aprenderiam “a amar a liberdade, o bem e o belo”, sobretudo nas desejadas aulas de artes e ofícios. Embora se lastimasse a ausência de “uma mãe que os educasse e um pai que os ensinasse a ler”, o problema era endereçado à ausência de políticas públicas educacionais e assistenciais e à ação seletiva das casas religiosas de caridade. Por isso era fundamental o estímulo a tais sentimentos desde a mais tenra idade e, diante da situação, não havia outra alternativa senão assumir para si a tarefa de promover o acolhimento e educação das crianças negras. Desse modo, o distanciamento

---

<sup>60</sup> Ao compreender, junto a historiografia mencionada, que a influência anarquista ao grupo editorial do *O Exemplo* tenha se iniciado a partir de 1908, já na ausência de Sophia, seus escritos não constarão como anarquistas, pois entende-se a autonomia da luta da negritude em suas palavras.

<sup>61</sup> Esposo de Eulina Martins, ver subcapítulo 4.2.4 – Irmãos Martins.



dos redatores do jornal, nascidos livres, daqueles vinculados à escravidão e ainda carentes de amparo, se diluía diante da busca por uma coesão racial destinada a assegurar a paridade no acesso e distribuição de oportunidades por parte do Estado (PERUSSATTO, 2018, p. 275-276).

O grupo da edição do *O Exemplo* estava envolvido em Grêmios Dramáticos e Literários, aulas noturnas e uma preocupação com a educação dos trabalhadores negros. Era considerada a instrução popular a ferramenta para o progresso, o conhecimento como necessário para uma interação social ativa. A educação era a arma contra o preconceito racial. A importância da instrução do trabalhador, como a forma de organização das instituições de aprendizado e debate representam a presença de pensamentos libertários entre os envolvidos na edição do jornal (PERUSSATTO, 2018, p. 286).

As Grandes Greves brasileiras também foram acompanhadas pelos jornais. Durante a Greve de São Paulo em 1907, os jornais gaúchos divulgavam em suas primeiras páginas notícias das negociações sobre as 8 horas de trabalho em letras garrafais:



Figura 7 – S/A. Movimento operário: A Greve de S. Paulo - As 8 horas triunfando. *A Luta*, Porto Alegre, p. 1, 02 jun. 1907.

Além de acompanhar os movimentos grevistas em São Paulo, o jornal anunciava ações de boicote, ações violentas repressivas que organizações sofriam e os assuntos que estavam sendo debatidos nas associações brasileiras.

Não havia apenas jornais ditos ou assumidos anarquistas, também foram encontrados outros com apelo mais operário. *O Proletário* é um jornal com apelo mais informativo e menos político se comparado aos outros. Há notícias de falecimento, aniversários, festas dos trabalhadores, charadas, contos e piadas. As mulheres neste jornal aparecem como companheiras e familiares de amigos da redação.

Algumas folhas importantes surgidas neste período foram *A Gazetinha* de Porto Alegre em 1891, *A Democracia Social* de Pelotas em 1893, o *Eco Operário* de Rio Grande em 1896, *A Democracia*, de 1905 e *A Luta*, de 1906, ambos da capital. Mas não eram apenas os jornais produzidos pelos trabalhadores que eram “porta-vozes” dos militantes, por vezes jornais

“populares” ou oposicionistas também abriam espaço para os operários como é o caso do Rebate de Pelotas, fundado em 1914 por um federalista (BARTZ, 2008, p. 3).

*O Rebate*, apesar de não se posicionar claramente como operário ou anarquista, trazia muitas informações do movimento operário gaúcho e brasileiro. Um exemplo da integração é a publicação do dia 6 de março de 1917, na publicação da “[...] entrevista com o anarquista Fábio Luz, em que um dos temas era a viabilidade da revolução ‘maximalista’ no Brasil” (BARTZ, 2008, p. 8).

Para iniciar na análise, o que aparece com certa recorrência nos jornais são as caricaturas. O seu uso é relevante nos jornais operários, pois além de chamativo, ele é acessível. É necessário considerar que uma parcela grande dos trabalhadores era alfabetizada, e desta forma, as imagens tornam-se importantes para a fácil compreensão da mensagem. Além de acessíveis, as imagens eram usadas como uma forma de complementar ou até mesmo reafirmar os textos (POLETTTO, 2010a, p. 4).

As imagens atraem os olhares da multidão e, ao mesmo tempo, transmitem conteúdos vinculados aos seus ideais. O ilustrador e gravurista Walter Crane acreditava que as crianças aprenderiam por meio de imagens antes mesmo de saber ler e escrever, o que parece bastante lógico quando se observa a grande utilização de imagens pela imprensa operária, cujo público apresentava um número considerável de analfabetos e de recém alfabetizados. De forma que o aspecto visual representado pelo desenho tem uma grande importância nos periódicos desse período, uma vez que ele é um forte elemento doutrinador, dotado de crítica mordaz, irônica, satírica e principalmente humorística do comportamento humano; ainda mais num contexto povoado por analfabetos, em que muitas vezes o traçado dos gravuristas/ caricaturistas era o único elemento do periódico que atingia esse público desprovido das habilidades da leitura e da escrita (POLETTTO, 2017, p. 168).

Para além dos analfabetos, existiam os imigrantes que eram mais fluentes em seus idiomas natais do que em português/brasileiro (POLETTTO, 2017, p. 170). É importante ressaltar que a arte implementada nos jornais não fugia do objetivo principal da divulgação que era contribuir para a emancipação de homens e mulheres. Desta forma as caricaturas e representações estão envolvidas em debates que apresentam uma formulação de moral a fim de encaminhar os leitores aos caminhos libertários (MARTINS, 2014, p. 11). Trata-se de críticas simplificadas, a fim de passar uma mensagem clara e direta, e em algumas, é possível encontrar a utilização de ironias que objetivam um ataque e ridicularização. Na maioria dos casos das figuras expressamente políticas contêm a ausência de muitos detalhes, utilizando “[...] ironia, sarcasmo, exagero, criação de estereótipos, drama e agressividade [...]” para que sua mensagem seja direta e clara (POLETTTO, 2017, p. 172).

Para além das caricaturas, também é encontrado nos jornais narrativas de contos, com viés moralizador, anticlerical e libertário. Suas características baseiam-se no “[...] tamanho reduzido da narrativa, o caráter ficcional, a ocorrência de poucos detalhes, [...], utilização do humor, da ironia, do deboche, um número reduzido de personagens nitidamente estereotipados e um alto teor de comoção [...]”. Uma narrativa simples, que leva a compreensão da mensagem estabelecida (POLETTTO, 2017, p. 179).

Nos jornais também é possível localizar cartas de diversos leitores, junto com a circulação das notícias e matérias, bem como o caráter internacionalista do movimento anarquista. Assim, é possível afirmar que a construção e editoração de jornais operários eram “[...] organismos de resistência” (PEIXOTO, 2013, p. 312). A autogestão da editoração dos jornais era interferida por falta de recursos, necessidade de mudança de sede por motivos de estrutura ou de repressão, e a captação de novos contatos. Todos estes elementos podem ser percebidos pela descontinuidade de algumas edições, a diferença entre o tempo de um número para o outro, endereços de correspondências e notícias no próprio periódico.

Um grupo editorial de jornal operário e político, como os jornais anarquistas, constitui-se numa forma de

[...] agremiação, lhe confere abrangência social, identificação, permite dar forma ao seu conteúdo e, sobretudo, lhe garante o direito de expressão. Ele sistematiza tudo o que é caos na vivência política do militante, permite a discussão de conflitos num tempo diferenciado de maturação de ideias, que pode ser solitário ou coletivo. Simultaneamente, ele também se constrói em meio a esse intercâmbio de elementos, pois recebe da vivência prática tudo o que o compõe. (PEIXOTO, 2013, p. 313).

A palavra escrita e impressa possibilitou o movimento de construir seu próprio testemunho e trazer aos participantes do movimento operário a sensibilidade de se identificarem em suas dificuldades, ambições e desejos. Para além de uma fonte sobre os embates e debates, críticas e opiniões, o jornal também se constitui na cultura associativa do movimento operário estabelecido no Brasil no período de início do século XX (PEIXOTO, 2013, p. 313).

Além dos jornais como uma fonte importante para a análise do movimento, é possível encontrar atas, estatutos de organizações e sindicatos, além de anúncios de reuniões de confraternização, como as peças teatrais. Os mecanismos de divulgação das informações e ideias entre os grupos trabalhistas eram variados, visando a realidade dos operários.

### 3.3 A MULHER PARA O MOVIMENTO OPERÁRIO E ANARQUISTA GAÚCHO

Como objetivo deste trabalho, levamos nossos olhos aos jornais com os olhos atentos às notícias e informações sobre/com mulheres. A primeira forma comum, tanto em jornais mais políticos aos mais noticiados, é nas notas de ocorridos. É possível localizar algumas situações que chamam a atenção, como a quantidade de noticiais sobre a “hora das moças” e crimes relacionados à “defesa da honra”. Na notícia de Bagé, *A Defesa* de 1911, divulga o caso da mulher que estava sendo processada por ter atirado em dois homens que tinham à ofendido em sua honra. Não há comentários sobre o ocorrido na edição.

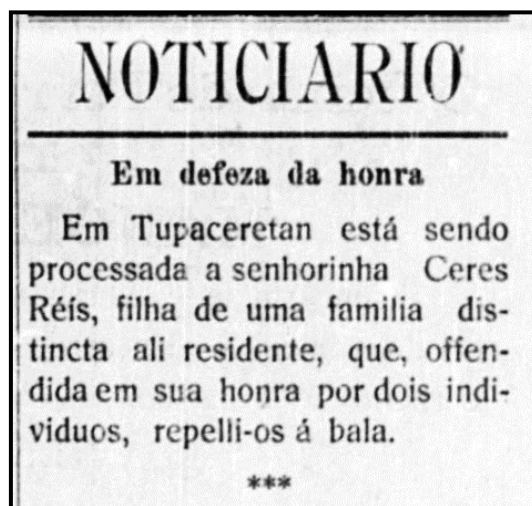


Figura 8 – S/A. Noticiario. *A Defesa*, Bagé, p. 3, 01 maio 1911.

Entre obituários, matrimônios e aniversários, é possível perceber uma predominância de “a companheira de”, “filha de”, apresentando na notícia a mulher relacionada a algum homem. Ao mesmo tempo, esta forma de referência se encontra em outras notícias, dando um aspecto de proximidade com os leitores, como é possível perceber nesta lista de aniversários divulgada pela *A Evolução*, jornal de matriz socialista:

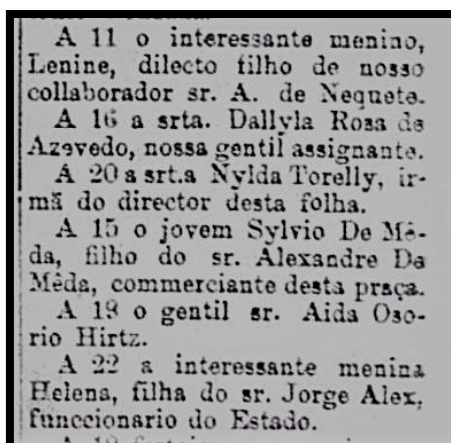


Figura 9 – S/A. Carnet Social Aniversários. *A Evolução*, Porto Alegre, p. 4, 30 nov. 1925.

Para além, notícias relacionadas as mulheres e ao trabalho também eram compartilhadas, como as conquistas femininas da proibição do trabalho noturno para menores de 16 anos e mulheres, votado e aprovado pelo parlamento francês<sup>62</sup>.

Em um texto na primeira edição da *A Voz do Operário*, jornal alinhado as ideias republicanas, no ano de 1899 em Porto Alegre, saiu a notícia do primeiro processo eleitoral onde mulheres tiveram o direito à voto na França. Além da informação sobre o ato histórico, o jornal analisou o fato de poucas mulheres terem participado em certos distritos do país, levantando a questão “[...] dos velhos prejuízos religiosos que lutam por sequestrai-a à sociedade civil e política, apassivando-a diante das exigências do clero e das congregações religiosas que querem o predomínio na sociedade pelo fanatismo da mulher”. Ao fim da notícia, com uma forma de protesto, é reproduzido a frase de Vacherot: “É pela educação que a mulher deve preludiar toda a política do futuro”<sup>63</sup>.

A essência em divulgar a notícia, ao mesmo tempo em que, analisa e introduz as concepções políticas, é precisa. Ao mencionar a situação das mulheres francesas, o jornal coloca as mulheres como uma das principais ferramentas do clero, visto que este precisa que elas permaneçam adorando as entidades religiosas, no mesmo instante em que direciona a salvação destas mulheres através da educação, para quebrar com estes prejuízos que foram dominantes durante toda sua vida. É possível compreender que ao educar as mulheres, auxiliando-as a atingirem sua vida política, o clero será diretamente enfraquecido. Desta forma, o caráter internacionalista do movimento possibilita a divulgação de avanços de pautas femininas voltadas ao trabalho e ao mundo social.

<sup>62</sup> S/A. Novas Conquistas. *Democracia Social*, Pelotas, p. 4, 30 jul. 1893.

<sup>63</sup> VACHEROT. Feminismo: O direito de voto a mulher na França. *A Voz do Operário*, Porto Alegre, p. 4, 01 abril 1899.

A relação entre as mulheres e o clero é encontrada em várias passagens pelos jornais, principalmente de cunho mais anarquista. Uma figura feminina comumente presentes nas narrativas anticlericais é de Joana D’Arc, a mulher queimada pela Inquisição Católica. Nas narrativas, ela sofreu com os absurdos da Igreja, quando o cardeal lhe condenou à morte, pois caso não tivessem o feito, “[...] suas vitórias seriam consideradas obra de Deus e a nossa causa obra do Diabo”. O jornal escreve o texto como se fosse o próprio clero dando uma explicação sincera sobre a condenação, adicionando os motivos de culpá-la: “[...] é preciso declará-la culpada de heresia para convencer o povo de França que Carlos VII foi levado à sagração em Reims por uma feiticeira.” A narrativa leva o leitor a visualizar toda a armação por trás da injusta condenação de Joana. Ainda fazem uma breve semelhança com a condenação de Jesus, comparando Joana a uma divindade e demonstrando a hipocrisia católica<sup>64</sup>.

No final da mesma edição, o jornal lança uma pergunta ao leitor: por que as mulheres católicas não podem exercer o sacerdócio? O questionamento é encontrado em outros artigos e jornais anticlericais, como uma forma de enfraquecer a relação das mulheres, que de acordo com os jornais, estariam suscetíveis aos encantos dos padres e das falácias religiosas, com o próprio clero. A busca pelo enfraquecimento desta relação é tema de outros artigos:

Oh! mulheres ingênuas, que, iludidas pela hipocrisia do padre, vos lisonjeais da sua amizade e nele confia! Desenganai-vos! A amizade nasce da estima, e a prova de que o padre só vos vota desprezo é que ele repele o matrimônio e aconselha com insistência o celibato, e nisso ele está de acordo com São Paulo, que, depois de considerar a mulher com coisa desprezível, exclama: A coisa melhor que o homem pode fazer é não se casar!<sup>65</sup>.

Ao chamar as mulheres de ingênuas e iludidas, apresenta as verdadeiras intenções dos padres em terem amizade com as mulheres, cuja é levá-las ao celibato, para dentro da doutrina religiosa. O argumento não poderia ser outro dentro do contexto das narrativas, o desprezo.

Nos argumentos para apresentação da falsidade dos padres sobre as mulheres, é utilizado a comparação do clérigo ao bruto, sendo o último o homem comum. A utilização da moral aparece como a balança.

O padre é um susceptível de amizade e não é digno de estima, pelo seu erotismo de bode, pela sua perversão moral e pelos seus insonetos contra a natureza. O

---

<sup>64</sup> OSÓRIO, Pedro. Joanna D’Arc: Queimada pela Inquisição Catholica. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 5, 01 maio 1921.

<sup>65</sup> IGNOTUS. O padre e a mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 14, 01 jan. 1922.

padre é homossexual, e isso é um predicado que todos eles trazem do seminário, ativa ou passivamente. O nível afetivo e moral do padre é inferior ao do bruto. O bruto não abandona, não repele e não renega a sua prole; mas o padre o faz a sangue frio; os exemplos são muitos. O bruto associa o seu bem-estar ao da companheira e dos filhos, mas o padre não. O bruto arrisca a vida para defender a sua companheira e a sua prole, ao passo que o padre, quando não mata, envenena a existência das vítimas do seu erotismo depravado<sup>66</sup>.

A utilização da sexualidade nesta comparação a fim de defender que os homens estão ao lado das mulheres, enquanto os padres as utilizam como instrumentos do mal, para seus delitos e tropeços ressalta aos olhos atuais. Em todos os jornais e matérias analisadas esta foi a única menção ao assunto encontrado. Os jornais se atentavam a, principalmente, questões voltadas as classes, sendo gênero e sexualidade pouco mencionados, como pode se ver na construção deste trabalho. Mesmo não sendo proibido no Brasil na sua fase republicana e havendo casos internacionais sobre grande repercussão, o senso comum/burguês é de repulsa as atividades de sodomia, e como é possível perceber no texto, esta posição é compartilhada pelos redatores da *Revista Liberal*.

O autor Ignotus continua na próxima edição da Revista:

**A MULHER E O CONFISSIONARIO**

Acautelae-vos, maridos! contra a seita do obscurantismo e da corrupção! e não consintae de modo algum que a vossa mulher e as vossas innocentes filhinhas tenham a infeliz ideia de ir a um confissionario, por que é lá que o padre corrompe a mulher, para ter um instrumento docil e submisso á sua disposição.

O padre Guilherme Dias declarou pela imprensa que o confissionario é a escola de corrupção e a perdição da mulher.

"Seduzir e corromper é a missão do confessor; manchar o corpo e perder a alma é o papel que lhe cumpre desempenhar no mundo." — (Ex-padre Guilherme Dias).

"O confissionario é o lugar onde as nossas esposas e filhas ouvem cousas que envergonham as mulheres perdidas." — (Ex-padre Chiniqui).

Breve vos desvendaremos os mysterios do confissionario, para que os paes de familia fiquem sabendo que é no alcapão do confissionario que a babugem do padre hypocrita e cynicamente immoral vae lançar a honra da sua casta esposa e a innocencia das suas ingenuas filhinhas.

IGNOTUS.

\* As religiões são como os vagalumes, precisam da obscuridade para brilhar.

Figura 10 - IGNOTUS. A mulher e o confissionario. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 6, fev. 1922.

No artigo acima, o alerta aos maridos: não deixem suas filhas e esposas irem aos confessionários. Um momento de confissão para o clero, de pedir perdão pelos pecados à Deus, seria o local onde os padres utilizam da fragilidade das mulheres no instante para

<sup>66</sup> IGNOTUS. O padre e a mulher. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 14, 01 jan. 1922.

seduzi-las com contos religiosos e, de acordo com o próprio artigo: “[...] o confessionário é a escola da corrupção e da perdição da mulher”<sup>67</sup>. E não por acaso, após o texto, há uma frase de como a religião está relacionada as sombras e escuridão. Considerando a influência do positivismo e as ideias iluministas que tomaram força após os anos 20, a metáfora é uma observação sobre a falta de conhecimento encontrada nos contos clericais, os quais seriam apenas o mais puro perverso.

Através das gravuras, as representações imagéticas e textuais que as constituíam reforçavam os ideais libertários e anticlericais, além de apontar a ingenuidade das mulheres, sua vulnerabilidade à religião e seus representantes, “denuncia-se a Igreja como causadora da ignorância feminina” (MARTINS e MATOS, 2007, p. 165).

A *Revista Liberal* mencionou o episódio de rebeldia que mudara o traço da humanidade, apontando que as mulheres nem sempre são as ingênuas, e que podem e devem se repetir os passos da, segundo os preceitos religiosos, primeira mulher:

Eva, colhendo o fruto proibido e dividindo-o com homem, foi a primeira pessoa que se revoltou contra a tirania do padre eterno [...] A mulher, espírito de liberdade, aceitou a sentença do velho caduco, e a futura mãe do gênero humano preferiu a dor á ignorância, a morte á escravidão! Arrastando consigo o homem do paraíso, incutiu-lhe o germe da rebeldia, aprendendo com ela a revoltar-se contra a opressão dos tiranos<sup>68</sup>.

O texto incorporou a história de Eva e Adão e exaltou Eva por sua rebeldia a ir contra o grande opressor, o “padre eterno”. Nos jornais paulistas a representação feminina ligada à figura religiosa de Eva estava vinculada “[...] quase sempre, a concupiscência e desejos libidinosos. [...], com gravuras associadas as representações do feminino vinculadas à tentação, ao pecado, desqualificando as mulheres que se tornavam amantes ou concubinas dos clérigos” (MARTINS e MATOS, 2007, p. 174). Duas formas diferentes, que levam a mesma crítica ao clericalismo, tanto destacando a ação de Eva como rebelde e anárquica, com sexualizando as mulheres que se envolvem com os clérigos, aqui a sexualidade sendo usada como um elemento desmoralizador.

A relação mulher e clero também é argumentada nas críticas contra o sistema de classes. As mulheres que são submetidas pelo clero foram representadas pelas caricaturas abaixo como sendo da classe burguesa, as quais estão diretamente relacionadas à hipocrisia.

<sup>67</sup> IGNOTUS. A mulher e o confissionario. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 6, fev. 1922.

<sup>68</sup> R.C. A Mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 7, jul. 1921.





Figura 11 – S/A. Santas Creaturas. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 11, out. 1921.

A ironia apresentada pela caricatura e texto que o acompanha retratou uma situação da família burguesa, de acordo com a *Revista Liberal*. A primeira parte a senhora comentara com seu esposo que ao dar a ordem de despejo para uma inquilina, a mesma a procura solicitando mais tempo para quitar suas dívidas, porém está também cobra seus rendimentos e reforça o pedido de despejo. No segundo momento do texto o senhor então avisa que iria para uma conferência de proteção aos desamparados e sua esposa complementa que iria para a reunião das Damas da Caridade. A hipocrisia apresentada dos dois burgueses em, ao mesmo tempo que colocam uma mãe e sua filha a morarem possivelmente na rua, pois elas não têm dinheiro para quitar com as despesas de um novo local, para os seus grupos são solidários, pois participariam de espaços de caridade. Sente-se uma crítica as questões assistencialistas que não visam acabar com os problemas sociais, sem deixar de relacionar aos grupos de carestia encabeçados pela Igreja, ao mencionar a palavra “Santa” Criatura.

A interpelação mulher/classe é encontrado nesta outra tirinha do mesmo jornal. Duas senhoras bem-vestidas expressam sua “opinião de peso” sobre a carestia, exclamada

por muitos. Segundo as duas, o assunto de carestia não passara de criação de “vagabundos”, no sentido pejorativo, e também comparam o salário dos maridos, um do exército e outro empregado público. Ao perceber que o esposo de uma ganha mais, uma das figuras femininas questionou acrescentando o “apenas”.



Figura 12 – S/A. Opinião de Peso. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 12, fev. 1922.

Diante do “apenas”, é relevante levantar que nos anos de 1920-1930, o salário dos operários, na produção e esforço físico, estava em cerca de 8:400\$ (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 1981, p. 218).

Para não cair na ignorância da burguesia e nas garras do clero, a educação é defendida como a arma para libertação das mulheres. No trecho a seguir, na *Revista Liberal*, é através das ciências que elas serão orientadas a serem melhores mães e esposas, desta forma, contribuindo para a sociedade instruindo seus filhos ao caminho da liberdade mental.

A mulher deve, antes de tudo, ser instruída nas leis fundamentais que explicam a estrutura do sistema cósmico e do nosso planeta e os fatos mais comuns da meteorologia e da física. [...] Além disso, toda mulher deve ter conhecimentos adequados dos fatos e das leis mais essenciais da química, da estrutura da vida e da higiene. Porque só de tal modo ela não atribuirá a intercessão de um santo a preservação da saúde própria e da dos filhos, mas sim a virtude dos meios higiênicos e profiláticos. Porque assim saberá prover com a própria atividade aos meios da existência, estará preparada para desempenhar magnamente as funções de esposa e de mãe, e poderá achar-se de posse dos meios que visem diretamente à educação física de seus filhos. Pois que se compreende facilmente que é impossível guiar o desenvolvimento de uma criança, ignorando por exemplo as razões que prescrevem uma boa alimentação, uma boa respiração, a limpeza do corpo, o exercício muscular e dos sentidos, e assim por diante. Se considerarmos um pouco atentamente as consequências dos erros que se cometem todos os dias na criação do homem, reconheceremos facilmente os graves males que a humanidade suporta por causa da ignorância da mulher no que respeita as leis fisiológicas<sup>69</sup>.

É interessante como o papel das mulheres, neste sentido, é estar ao lado do seu esposo, não como operária ou ativa no meio social. Ela deveria, de acordo com esta visão, ter seu espaço de ação dentro do domicílio, servindo de orientação aos filhos.

As versões de esposas encontradas estão relacionadas ao cuidado e companheirismo. Uma das primeiras mensagens que chamam atenção ao analisar os textos nos jornais, é o publicado no jornal *O Proletário*, não necessariamente anarquista, mas circulava nos meios operários. Nesta frase publicada em 1896, o casamento é defendido em proveito do homem, até mesmo na velhice, “[...] por que as mulheres, são nossas amantes na mocidade, nossas companheiras na idade madura, e voltam a ser como mães extremosas na última quadra da vida”<sup>70</sup>. Demonstra um grande apelo ao instinto materno das mulheres.

Ao lançarmos os olhos sob um texto publicado em duas edições do *A Luta* (nº 18 e nº 20), “A Mulher”, de René Chaughi, inicia com uma frase que dá direcionamento ao que é compreendido como sendo a mulher: “Desde o começo da humanidade a mulher tem sido a escrava do homem.”<sup>71</sup> e ele continua:

O homem ancestral considerava a companheira como coisa sua, nós consideramo-la nossa propriedade; ele tinha, como nós, o direito de vida e de morte sobre a fêmea. [...] A vida social contemporânea e a sexual ela particular está constituída sobre tradições de animais ferozes. É preciso dar fim à brutalidade. [...] Há boas almas que pensam ser legítimo manter a mulher numa condição inferior por se tratar de um ente mais fraco. [...] Em muitas espécies animais a fêmea é tão forte como o macho e mesmo mais terrível no momento do combate. A fraqueza não é, pois, uma condição correspondente e indispensável à função maternal. Se a mulher é hoje mais delicada que o

<sup>69</sup> S/A. A instrução é necessária á mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 10, abril 1921.

<sup>70</sup> S/A. S/T. **O Proletário**, Porto Alegre, p. 4, 09 agosto 1896.

<sup>71</sup> CHAUGLHI, René. A Mulher. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, 02 jun. 1907.

homem não é isso mais que a inevitável consequência de uma longa divisão de trabalho dada entre os dois companheiros: o homem caçando e guerreando, a mulher cuidando da casa e da prole. Além disso, a força muscular não tendo importância na vida social moderna, não deve por esse mesmo motivo ser considerada uma causa de desigualdade<sup>72</sup>.

Nestes trechos, compreendemos a preocupação sobre a desigualdade entre homens e mulheres no meio social, o que é expressivo como algo a ser combatido. Ao mesmo tempo, ele continua:

Este ser frágil, atrofiado pelos preconceitos cada vez mais estúpidos da burguesia hedionda, está, por assim dizer, despido daquilo que deveria ser, isto é, uma criatura ativa e independente, pronta para dar o braço ao homem e coadjuvá-lo nesta grande obra emancipadora que se chama regeneração! Mas não. A sociedade burguesa, que não lhe poupa engrossamentos de toda espécie, acha que ela vai indo muito bem na sua triste posição de nojento receptáculo. [...] A par de uma educação aleijadíssima, tanto física como moral intelectual, encham-lhe a cabeça de preconceitos absurdo e ideias rotineiras, tornando-a, ela que deveria ser livre completamente emancipada, em um ser escravo, submisso e inútil a si e a humanidade. Infiltram-lhe no espírito mil baboseiras [...] ideias religiosas que lhe atrofiam o pensamento e o matrimônio que a torna escrava. [...] Mulheres, é necessário que vos compenetreis do que sois: seres humanos que como tudo necessitais de liberdade absoluta. Retomai na marcha progressiva e evolutiva da humanidade o vosso papel; sim, retomai, o porquê em época nenhuma fostes tão escravizada, tão torpemente explorada como hoje sois. É a vós especialmente mulheres operárias, a quem me dirijo; emancipai-vos dos preconceitos burgueses para poder combatê-los; educai-vos livre e seriamente para poderdes exterminar essas hediondas hidras que vos cercam sentinelas avançadas desta miserável sociedade, e que vos contemplam cobiçosas: a falta de liberdade e a prostituição<sup>73</sup>.

Ao acompanhar os textos, compreende-se primeiro a aversão a todos os ensinamentos ditos comuns na sociedade, tanto clericais, como de caráter consumista, vertente clássica das narrativas anarquistas. Em segundo momento, é possível perceber a apelação pela libertação das mulheres destas ideias e a capacidade destas de romperem com estes preconceitos, apreendidos das fontes da burguesia. Quando nos aproximamos das ideias anarquistas, percebemos a abolição do matrimônio, espaço no qual as mulheres são submetidas. Ao mesmo tempo, na narrativa, as mulheres devem ocupar o espaço ao lado do homem, de forma a “coadjuvá-lo”. Se olharmos o significado de “coadjuvar” no dicionário, encontraremos: “Ajudar (-se); auxiliar (-se)” (MICHAELIS, 2010, p. 188). Assim, mesmo emancipada dos preconceitos católicos e burgueses, as mulheres permanecem ao lado, auxiliando os homens na libertação da classe.

Na capa do nº 4 da *Revista Liberal*, em 1921, uma imagem com os dizeres: “EM MARCHA.... A conquista do Pão”, em clara referência à Kropotkin. A imagem,

<sup>72</sup> CHAUGLHI, René. A Mulher. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, 02 jun. 1907.

<sup>73</sup> TITUS, A. A mulher. **A Luta**, Porto Alegre, p. 4, 15 maio 1907.

atualmente distorcida, após passar por um programa de melhoria de imagens<sup>74</sup>, é possível verificar os indivíduos que estão em marcha:

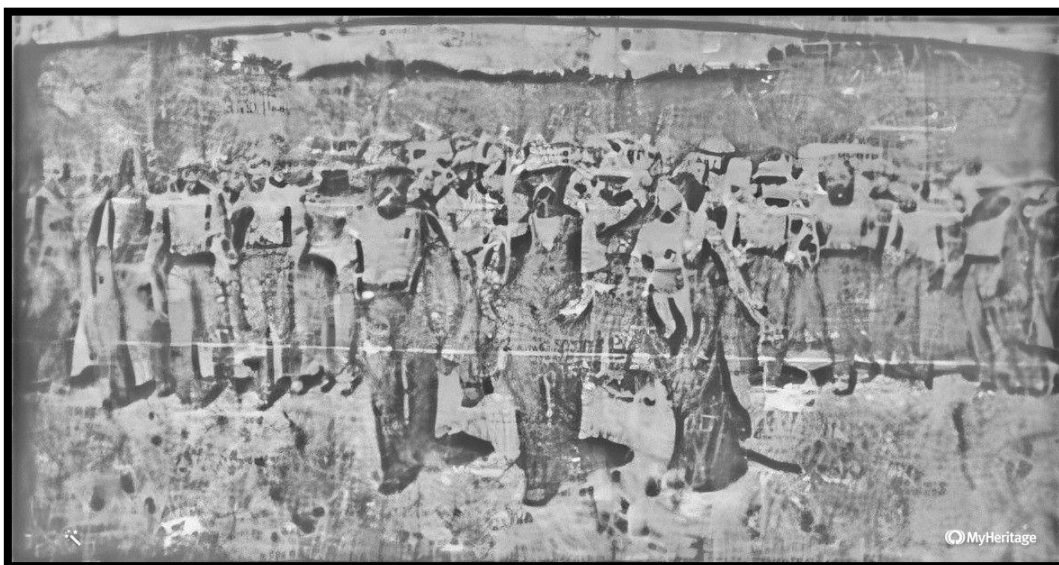


Figura 13 – S/A. Em Marcha... A conquista do Pão. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 1, jul. 1921.

Na imagem, identifica-se silhuetas masculinas em grande grupo a parte de trás, através de calças cintura alta, chapéus e barbas, e na frente três silhuetas: duas masculinas com as mesmas características das anteriores e uma feminina. A figura de uma única mulher é levada em conta pelo que parece ser um vestido/saia, seu rosto limpo virado para o lado, com o cabelo preso e com o braço levemente estendido. Por aí só, é possível visualizar a interpretação dos textos anteriores, sobre as mulheres serem as companheiras dos homens, mantendo-se em marcha ao seu lado. Para fortalecer a análise, a silhueta de algo no colo da mulher, como um bebê, reforça o aspecto maternal feminino.

A imagem em questão faz referência ao quadro de óleo sobre tela, de Giuseppe Pellizza da Volpedo, chamado de *Il cammino dei lavoratori*<sup>75</sup> (mais conhecido como *Il quarto stato*), pintado em 1901. A obra apresenta um grupo de trabalhadores protestando, em marcha. Na tela é possível confirmarmos a presença de poucas mulheres e crianças.

<sup>74</sup> MyHeritage > Realce Fotos: <https://www.myheritage.com.br/photo-enhancer>

<sup>75</sup> VOLPEDO, Giuseppe Pelizza da. *Il cammino dei lavoratori (Il quarto stato)*, 1901, óleo sobre tela, 293x545 cm, preservada na *Civica Galleria D'Arte Moderna di Milano*. O retrato foi feito em várias etapas anteriores, com modelos que iam à carpinteiros do *Comune di Volpedo* e familiares e amigos do artista.





Figura 14 – *Il cammino dei lavoratori (Il quarto stato)*, 1901 - Giuseppe Pelizza da Volpedo (1868-1907).

Em imagens encontradas em periódicos anarquistas do Sudeste, há representação das mulheres na própria Anarquia, vitoriosa, “[...] destruindo as forças burguesas, [...] conduzindo as massas para ao mundo anarquista.” (GAWRYSZEWSKI, 2009, p. 359).



Figura 15 - *A Anarquia*. GAWRYSZEWSKI, Alberto. 2009.

As mulheres nos protestos e greves porto-alegrenses, pelo movimento operário, é representada como pacífica com o objetivo de harmonizar as relações humanas

reforçando o imaginário social sobre as mulheres. Estas mulheres lutam contra um grande responsável por toda a opressão, exploração e dominação patronal: o capitalismo (RIZZO e MINARDI, 2012, p. 15).

Na capa da *Revista Liberal* de 1923, publicada no dia 1º de Maio, grande celebração do Dia do Trabalhador, a imagem simboliza uma mulher cavalgando pelo mundo, portando uma bandeira com o escrito “IDEAL”. Novamente a figura da mulher é usada aqui para ser o estandarte representativo da Liberdade Racional levantada pelos anarquistas.



Figura 16 – S/A. Ideal. *Revista Liberal*. Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1923.

A mesma representação é encontrada no nº 16, da *A Luta*, sob o título de “A Libertadora”, com uma silhueta feminina carregando os trabalhadores.



Figura 17 – S/A. A libertadora. **A Luta**, Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1907.

Ao analisar esta imagem publicada no 1º de Maio, Frederico Duarte Bartz (2016, p. 50) analisa a representação feminina que é comum nos periódicos anarquistas:

[...] esta mulher pode ser identificada com Marianne, símbolo da Revolução Francesa, além disso, símbolo internacional da liberdade. Esta identificação é reforçada pelo barrete frígio que a figura carrega na cabeça, peça que era usada no Império Romano para identificar os escravos libertados e que foi incorporada ao símbolo da Revolução. [...] a figura [...] também pode ser relacionada à um anjo ou à Deusa Vitória, pois ela tem asas nas costas. Em sua mão esquerda existe um objeto luminoso, semelhante a uma tocha (embora bastante indefinida) e esta Marianne-Anjo-Vitória aponta com este facho para uma luz intensa enquanto grita para um grupo de pessoas que estão do outro lado.

Uma figura feminina também está presente no 1º de Maio de 1909, com uma figuração angelical e com asas, o que abre espaço à uma “[...] referência mais direta à antiguidade clássica, portando uma estrela brilhante sobre a cabeça, como se fosse uma coroa.” (BARTZ, 2016, p. 52).



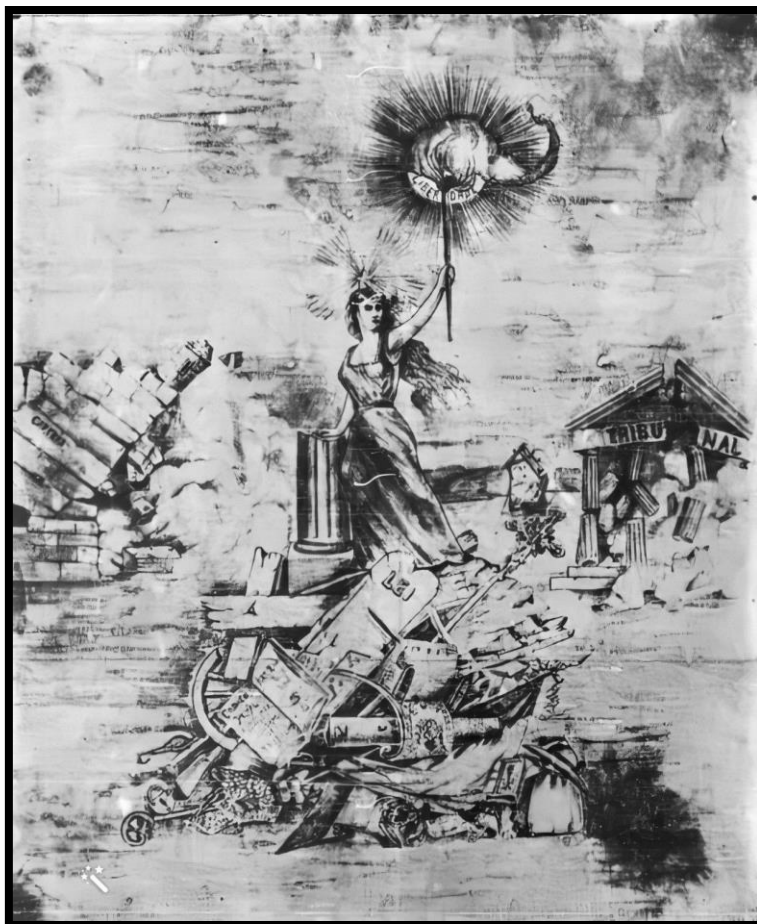


Figura 18 – S/A. S/T. *A Luta*, Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1909.

As caricaturas revelam uma figura feminina diferente das mulheres operárias, as quais trabalhavam todos os dias em espaços insalubres, com uma rotina de sofrimentos. O que encontramos nestas representações são referências à um ideal, a liberdade e justiça, objetivos da classe trabalhadora, por isto a importância do 1º de maio. Figuras com raios e tochas, dão uma impressão de luminosidade, uma simbologia de sabedoria, de “clareza” das ideias e de verdade (POLETTI, 2010b, p. 31-32).

A partir destas interpretações, na figura anterior, percebe-se que esta mulher ilumina com seu bastão de sabedoria o novo caminho, para uma nova sociedade, sob os escombros da antiga sociedade, sobre as leis, justiça e simbologias. As vestes e traços da cultura clássica dão à figura feminina um semblante heroico e valente.



Figura 19 – S/A. 1º de Maio: Labor.Omnia.Vincit. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1922.

Ao mesmo tempo, quando observamos a estrutura linguística e histórica das representações de palavras como Liberdade e Anarquia, em sua maioria estão ilustrados pela figura de corpos de mulheres, tanto no movimento internacional como no brasileiro (PEIXOTO, 2016, p. 162-165). Este elemento pode também ter uma explicação de concordância linguística: a Anarquia e a Liberdade são palavras femininas, logo linguisticamente, são representadas por mulheres. Junto com as compreensões anteriores, se entende o motivo do endeusamento dos corpos de mulheres nas representações das ideologias salvadoras.

Uma idealização das mulheres como seres quase celestiais para um movimento anticlerical, pode parecer irônico, mas era comum. No texto de Alexandre Heroulano, o leitor é conduzido a visualizar a mulher que através de seu amor, afeto e entusiasmo, poderá eliminar todo o mal do mundo, comparando-as à anjos, que estão presos na terra

junto a humanidade, sendo o posto do que esta oferece. A divindade da mulher vem do seu amor natural a todas as formas de vida.

Quem, ao menos uma vez, não creu na existência dos anjos revelada nos profundos vestígios dessa existência impressos num coração de mulher? E porque não seria ela na escala da criação um anel da cadeia dos entes, presa, de um lado à humanidade pela fraqueza e pela morte, e, do outro, aos espíritos puros pelo amor e pelo mistério?<sup>76</sup>.

É possível perceber uma predominância de assuntos femininos tratados pelos vieses da educação, casamento e religião. Em cada temática é possível encontrar tanto o reforço de certos elementos vinculados aos valores burgueses, como formas de reforçar a importância de suas mobilizações no movimento anarquista, visto a moral ácrata (CASADEI, 2013, p. 6).

As características amáveis e brandas, de mulheres guiadas pelo amor natural é levado para além do debate do trabalho e de uma transformação social. Ideias de uma esposa para o espaço doméstico, que irá contribuir para que o homem possa fazer sua parte na sociedade é descrito com detalhes nas páginas dos jornais operários:

Ela [civilização] habituou-nos a ver na mulher a amante, a esposa e a mãe. O amor não é para nós só o desejo carnal. Queremos uma mulher que resuma graças, instrução e virtudes. Não desgostariamos de uma companheira que se vestisse com asseio e economia, que soubesse preparar bons guisados, que cuidasse do embelezamento da casa, [...] que pudesse discutir uma questão social, que é nos estimulasse a venerar os grandes tipos da nossa civilização. A falta de uma esposa com esses requisitos contentamos nos com a mulher pratica, honesta, dedicada. [...] O amor para nós é também uma necessidade moral e intelectual<sup>77</sup>.

Quando o assunto é maternidade, é encontrado novamente menção a um amor natural de todas as mulheres, exaltando “[...] os nobres sentimentos de um coração de mãe”<sup>78</sup>. Esta condição que é posta como algo natural da mulher, corrobora com a importância delas para os lares: “A mãe é o anjo do lar, e as suas cândidas assas nos protegem até nos sonhos da escuridão da noite. Onde a mulher é escrava a sociedade é fraca e inconsciente.”<sup>79</sup>.

<sup>76</sup> HEROULANO, Alexandre. A mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 4, jul. 1923. Trata-se do historiador e poeta português Alexandre Herculano e o título original do texto completo é “Eurico, o Presbítero”.

<sup>77</sup> ESCOBAR, Carlos de. Pelo Divorcio. **Democracia Social**, Pelotas, p. 2, 06 agosto 1893.

<sup>78</sup> S/A. Amor de Mãe. **A Defeza**, Bagé, p. 3, 13 out. 1910.

<sup>79</sup> NOVICOW J. A mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 11, jul. 1921.

Nos textos onde o público-alvo são os operários, é possível encontrar uma masculinidade nos discursos, como neste discurso no *O Syndicalista*, um “[...] apelos aos trabalhadores e aos homens de consciência livre”:

Trabalhadores! Homens Livres! Neste momento, quando toda a imprensa procura obscurecer todos os fatos; quando a burguesia de todos os matizes de todos os países se alia para opor uma barreira à marcha do progresso; quando o trabalhador e o homem que pensa foram declarados fora da lei, necessário se faz unirmo-nos para assim podermos resistir ao golpe que a hidra reacionária tenciona-nos dar [...] <sup>80</sup>.

Ao estimular a luta entre os trabalhadores, é possível localizar uma diferenciação baseada no gênero. A percepção das mulheres trabalhadoras como exploradas, mas cansadas, esposas e mães, colocam elas numa posição lateral a figura masculina, homens que teriam vivacidade, energia e coragem suficiente para se organizarem e lutarem contra as opressões de classe (MARTINS, 2014, p. 214).

A compreensão da moral anarquista do Rio Grande do Sul como escopo de sua dissertação, Maria Amélia Gonçalves da Silva (1998, p. 104) se utiliza dos discursos dos jornais operários e da comparação da moral judiciária com a moral anarquista sobre as mulheres. Ao analisar processos/crimes, a autora percebe que

A honestidade feminina era mensurada a partir das respostas que demonstrassem que ela costumava sair sozinha ou acompanhada, se já tinha tido outros namorados além do acusado, se frequentava bailes, etc. Já as perguntas relacionadas à honestidade masculina são de outro teor, referindo-se ao mundo do trabalho ou como ocupava seu tempo de ócio: se o réu era trabalhador, se entregava-se à bebida e desordens, etc. Ou seja, o homem era julgado pela sua adequação ao mundo do trabalho enquanto a mulher, pelo exercício de sua liberdade e sexualidade.

Margareth Rago (2006, p. 1) ao analisar a moral anarquista no movimento paulista, pontua que esta moral era uma preocupação dos anarcos “[...] em construir uma nova moral sexual e em transformar as relações de gênero no sentido da emancipação sexual tanto da mulher, quanto do homem”. Ao perceber a moral burguesa sob os ombros femininos, a autora conclui que o espaço público era sinal de perdição, direcionado apenas para o homem. Seguindo essa linha,

[...] quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre os seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho (RAGO, 2014, p. 88-89).

---

<sup>80</sup> S/A. Em defeza do O Syndicalista: Appello aos trabalhadores e aos homens de consciência livre. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 4, março 1921.

Esta associação das mulheres no trabalho e a moral social de Margareth Rago também é encontrada nos estudos de Benito Schmidt (1998, p. 1459), os quais perceberam o reforço na diferenciação da perspectiva de trabalho fora para mulheres e homens.

Trabalhar fora significa ingressar na esfera pública, o que transgredia a visão hegemônica naquele momento que associava o sexo feminino com o espaço da vida privada. Visão esta compartilhada por diversos agentes como médicos, juristas e jornalistas que procuravam reforçar a idéia de que o destino “natural” da mulher era ser esposa e mãe.

Os apontamentos dos autores podem ser confirmados pelos trechos anteriormente trabalhados. Fora do espaço doméstico as mulheres estão desorientadas, estando no mundo do trabalho por necessidade, elas estão acessíveis a forma de perdição: o casamento e a prostituição. “A sociedade atual, baseada na concorrência, impede o cultivo da solidariedade. A mulher, atirada pela concorrência a miséria, vale-se do casamento e da prostituição como remédio a pobreza”<sup>81</sup>. No casamento, as mulheres encontrariam uma pessoa com quem poderiam compartilhar as despesas e desafios sociais, enquanto na prostituição, poderiam ter acesso a quitação de suas contas. O significado do casamento, porém, pode ser diferente para os homens:

[...] A mulher casa-se para se colocar, vende-se ao homem, descarrega sobre ele todos os cuidados, e fica presa a ele como uma bala a um pé de forçado. O homem é a besta de carga, tem de trabalhar a todo custo para trazer para casa o pão. Se falta o trabalho, a família torna-se para ele um verdadeiro suplício!<sup>82</sup>.

Verifica-se neste trecho a mulher pertencendo ao espaço privado e doméstico. Porém ao olharmos para os censos da Primeira República, as mulheres já haviam ultrapassado as paredes domiciliares e estavam trabalhando nas fábricas assim como os homens e em muitos casos, com os filhos. E o trecho segue com preocupações morais:

Quem mais coração tem, mais sofre. O homem sensível não abandonará a mulher à miséria, à prostituição, embora seja ele a sofrer. A mulher sensível é escrava dum libertino qualquer; não há vexação ou martírio que uma mãe não suporte para não se separar dos filhos<sup>83</sup>.

Diante de uma condição de miséria, o casamento não é visto com uma boa escolha a ser tomada, pois é possível compartilhar das necessidades do trabalho, porém a quantidade de gente para alimentar também aumenta consideravelmente. Por isto acaba

<sup>81</sup> OITICICA, José. S/T. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 7, março 1922.

<sup>82</sup> MERLINO, Saverio. A Família. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, março 1907.

<sup>83</sup> MERLINO, Saverio. A Família. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, março 1907.

não sendo raro as situações em que a família toda, marido, esposa e filhos estarem enfileirados nas fábricas em busca de um sustento.

Ao analisar os periódicos operários de tendência anarquista em São Paulo, Martins e Matos (2007, p. 163) encontraram a mesma direção nas representações textuais e imagéticas: “[...] O trabalho das mulheres era tachado de ‘tortura’, ‘excessivo’, ‘escravidão’, prejudicial a sua saúde, a prole e a moralidade. A fábrica apontada como ‘presídio’, enquanto ao salário atribuíam os adjetivos, ‘deplorável’, ‘magro’, ‘mediocre’, ‘insuficiente”.

Mas a escravidão das mulheres pelo casamento não é sempre justificada pela necessidade. O amor, é também utilizado para justificar a submissão das mulheres: “Como Aristóteles já proclamara, ‘a principal força da Mulher consiste em vencer a dificuldade de obedecer’. Ella obedece espontaneamente, porque obedece por amor, não obedece por servilismo.”<sup>84</sup>.

Apesar das mulheres compartilharem das necessidades junto ao esposo, a sua moral é questionada em mais um trecho do jornal *A Luta*. Em seção literária com o conto de Guy de Maupassant, a imoralidade das mulheres naturalmente traiçoeiras é destaque. O homem saudoso de sua esposa que morrera passa a noite junto ao túmulo no cemitério. Em certo momento, o ar do cemitério torna-se diferente e os mortos saem dos túmulos. Neste momento o homem percebe que o epitáfio do túmulo de sua esposa muda de “ela amou, foi amada e morreu” para “tendo saído um dia para enganar seu amante, apanhou um resfriado com a chuva e morreu”.

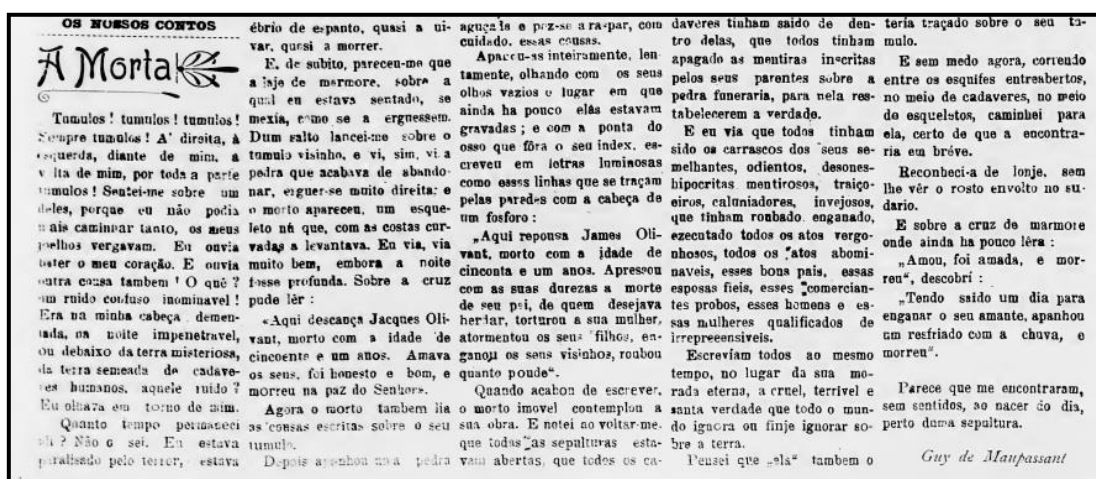


Figura 20 – MAUPASSANT, Guy de. A Morta. *A Luta*, Porto Alegre, p. 4, 30 maio 1916.

<sup>84</sup> MENDES, R. Teixeira. A Mulher. *Revista Liberal*, Porto Alegre, p. 8, 01 maio 1922.

Em periódicos operários da região de Rio Grande e Pelotas, segundo Maria Amélia Gonçalves da Silva (1998) encontra-se a repetição do discurso de que o espaço feminino é o do lar. Os homens, quando se veem perdendo postos de trabalho para as mulheres, que recebiam menos, reforçam a necessidade de estas estarem em casa e deixarem os postos de trabalho para os homens, os responsáveis por este espaço público e de sustentar financeiramente seus lares. A fim de se defenderem, os operários reproduzem o discurso capitalista de moralização feminina onde o mundo do trabalho é para os homens, enquanto o lar e reputação são para as mulheres.

Além de tudo isto, o romantismo é encontrado em algumas escritas sobre as belezas femininas: “O sorriso da mulher é para o homem o que o Sol é para o mundo; um espalha a luz e alegria, outro enche-nos de alegrias e de esperanças”<sup>85</sup>.

Outra forma de encontrar mulheres nos periódicos anarquistas é nos discursos de Amor Livre. Em outra edição de *A Luta*, em Pelotas/RS, Antônio C. Altavila escreve:

[...] Amor livre é o mais belo sentimento de assimilação da vontade e do pensamento que se reúne em dois indivíduos de sexo diferente. É um todo formado pelo homem e pela mulher que se completam, que buscam a vida em comum. sem dependência e código ou leis que determinam as suas funções juntando-os ou apartando os ou aparando-os por simples convenção social [...] <sup>86</sup>.

O que Antônio descreve é uma relação igualitária entre os dois sexos, sem os estigmas sociais. Talvez pudesse ser uma perceptiva que desmantelaria a constituição social da estrutura familiar, ao mesmo tempo, não se desenha como seria a vida doméstica dos sexos em relações livres.

As peças teatrais eram outra forma de divulgar as ideias anarquistas e morais defendidas. Não autodenominadas anarquistas, mas visto que é uma ferramenta de luta muito comum nos movimentos libertários. As representações sobre o feminino também podem ser vistas nestas peças, com temáticas de amor, e como é possível perceber no anúncio acima, “[...] o sentimental drama em 4 atos Martírios de uma Mulher”. São nessas peças onde é possível encontrar vários nomes de operários e operárias atuando, o que nos levam a perceber que os trabalhadores participavam ativamente das atividades de lazer e cultura.

<sup>85</sup> P.S. S/A. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 16, 01 jan. 1922.

<sup>86</sup> ALTAVILA, Antônio C. Amor Livre. **A Luta**, Pelotas, p. 2, 14 maio 1916.



Figura 21 - Propaganda do Grêmio L.D. Filhos do Trabalho - Rio Grande/RS, 1929.

O teor das publicações referentes as mulheres nos jornais dos primeiros anos da República estavam bastante concentrados em questões morais associadas à trabalho e família, sendo possível perceber semelhanças palpáveis com a moral burguesa regente. Ao passarmos para os anos de 1920, com a mudança de objetivos do próprio movimento anarquista, é possível visualizar uma abordagem mais anticlerical, educacional, com mais representações imagéticas e críticas mais elaboradas. Nas duas fases, as teorias defendidas “[...] consideravam a questão feminista secundária em relação ao conflito de classes sociais, cuja resolução, conseqüentemente, acabaria com o problema da opressão sexual” (RAGO, 1997, p. 597).

Quanto à sociedade futura é possível perceber que as mulheres teriam um papel fundamental vinculado à educação dos filhos e crianças nos ensinamentos anarquistas, para que desde pequenos todos saberiam como deveriam agir na ácrata. Assim como aos jornais paulistas,

O papel das mulheres na sociedade revolucionária, [...] estava posto analogamente ao papel da educação: ao mesmo tempo em que a mulher era um ator essencial para a manutenção dos valores da sociedade burguesa, uma vez que responsável por passar a seus filhos a educação religiosa e conservadora do meio, ela era também a figura que teria a potencialidade de desestabilizar esses mesmos valores, a partir de uma educação revolucionária e de acordo com os preceitos anarquistas. (CASADEI, 2013, p. 9-10).

Em jornais onde a maioria do grupo editorial e de autores era composto por homens, a luta classista é destacada como a principal e questões específicas sobre a condição das mulheres, crianças e “homens de cor”, estariam demandadas para após a revolução. Em primeiro momento era necessário a eliminação do grande inimigo. Esta



forma de agir e de planejar estratégias era compartilhada por todo o movimento, sendo concluído o mesmo dos jornais paulistas:

Escritos prioritariamente por homens, esses artigos estavam vinculados às funções atribuídas à mulher na sociedade burguesa, especialmente a educação, seja moral seja religiosa, e postulavam que era justamente na subversão destes papéis que residiam as possibilidades de emancipação feminina e humanística. Ao longo da maior parte da história da imprensa de esquerda, no país, é possível. [...] notar que houve certa correlação de ideais entre as demandas redistributivas tradicionais e as lutas feministas, de forma que a maior parte das questões de gênero eram relegadas a um segundo plano, que seria discutido após a conquista de demandas maiores. (CASA DEI, 2013, p. 12).

O primeiro aspecto sobre a moralização da figura feminina nos jornais é sua autoria. É através da escrita e desenho de autoria de homens (em sua grande maioria, quando assinados) que o operariado tem acesso ao papel e participação das mulheres no movimento operário e no anarquismo (BILHÃO, 2005, p. 115). Pensando nos jornais como propagandas anarquistas, o que encontramos nos jornais são formas de como os homens do movimento enxergavam como correta a participação das mulheres, dentro de suas moralidades e percepções do correto.

Maria Amélia Gonçalves da Silva (1998) se vê diante de ideias moralizantes não muito distantes das burguesas quando o assunto são as mulheres aos analisar os periódicos operários da região de Rio Grande e Pelotas. A historiadora encontra a repetição do discurso de que o espaço feminino é o do lar, pois ao perder espaço nos postos de trabalhos, os homens compram o discurso de que as mulheres deveriam apenas ficar em casa. A fim de se defenderem, os operários reproduzem o discurso capitalista de moralização feminina onde o mundo do trabalho é para os homens, enquanto o lar e reputação são para as mulheres.

O historiador Benito Schmidt (1998, p. 1460) encontrou nos discursos inspiradores anarquistas uma perspectiva oposta a liberdade enunciada em suas práticas e matérias na imprensa. Espaços nos quais “[...] é possível encontrar, nas práticas e discursos do movimento operário, um forte elemento sexista, com a reafirmação dos valores dominantes [...]”. As mulheres deveriam se fortalecerem em seus espaços domésticos, como mães e esposas, exercendo suas funções naturais.

É possível perceber que dividir os espaços de luta e de trabalho com as mulheres não mudou o ideal estabelecido na moral anarquista referente ao lugar feminino. As ideias expressas no jornal operário não se afastavam do papel feminino da ordem burguesa, difundindo com o saber médico e as normas jurídicas: a maternidade como vocação natural (SILVA, 1998). As mulheres que não preenchiam este requisito natural eram

pecadoras e criminosas, estavam desobedecendo a ordem natural da humanidade, algo muito prestigiado pelos anarquistas (RAGO, 1997). Nestes elementos podemos perceber, se lembrarmos dos dois vieses sobre o assunto no anarquismo internacional, a influência de Proudhon, aos aspectos do “doméstico” e do “natural” sendo direcionado às mulheres.

Porém, embora muitas vezes os socialistas e anarquistas tenham defendido a emancipação da mulher, é possível encontrar, nas práticas e discursos do movimento operário, um forte elemento sexista, com a reafirmação dos valores dominantes: a ideia de que a mulher deve se dedicar sobretudo ao lar, cumprindo suas funções “naturais” de esposa e de mãe, o controle de sua sexualidade, entre outros aspectos. (SCHMIDT, 1998, p. 1460).

Positivistas, liberais, médicos, religiosos, patrões e operários das mais diversas vertentes de discurso dão uma atenção especial à maternidade. A preocupação com os prejuízos que a função das mulheres como mães teria com a inserção delas no mundo público. Aquele corpo programado para ficar isolado dentro de casa, cuidando de suas crias estava saindo do controle, exigindo uma nova reformulação nos códigos morais de diversas crenças (RAGO, 1997, p. 592). O positivismo afirmava que as mulheres não devem possuir dinheiro, a medicina culpava a biologia feminina que por natureza pertencera ao lar, os anarquistas colocavam sobre as mulheres a responsabilidade de não deixar os homens serem seduzidos pelos males da bebida e do conformismo e se prepararem para a luta (ARAVANIS, 1999).

Diante de uma reprodução do mesmo destino desejado as mulheres pela sociedade burguesa, os operários ao se posicionarem contra a presença delas e das crianças nos espaços fabris, defendem o doméstico para elas e para si as posições de chefes da família, quem sustenta sua casa, responsável pela integridade física dos filhos e esposas (SILVEIRA, 1999, p. 89). É a permanência e reafirmação da imagem do homem como provedor familiar e assim, quem deve estar no mercado de trabalho (ABRAMO, 2007, p. 37).

Causas femininas, como sufrágio universal, exploração da sua mão de obra e crimes de defloramento ou morais estavam presentes nas páginas dos jornais, mas os temas mais abordados estavam envolvendo a educação feminina, religião ou anticlericalismo e relações conjugais. E em muitos desses momentos estavam como consolidadores de valores burgueses ou modelos para aprimoramento da luta operária e revolucionária (CASADEI, 2013, p. 3).

Ao analisar essa imprensa operária é possível compreender o projeto da revolução social pretendido, que seria a libertação dos trabalhadores das mãos da burguesia, e nisto

inclui a exploração da mão de obra das mulheres pelo capitalismo. Entretanto, a dominação a ser combatida é em relação à burguesia para com as trabalhadoras (até porque para eles o espaço delas não era o de produtoras de mercadorias), não sendo mencionado a dominação homem e mulher que ocorre no inteiro das relações (PETERSEN *apud* SILVA, 1998, p. 85). Desta forma, a descrição de uma imagem feminina muito semelhante as características dos discursos burgueses vigentes são predominantes: “Características como fragilidade, submissão, dependência, domesticidade e afetividade eram atribuídas às fêmeas normais, bem como restringiam sua atuação às lides domésticas e à maternidade” (SCHMIDT, BILHÃO e SILVA, 2002, p. 166-167).

[...] a sociedade, para modificar-se, exige como condição essencial que a mulher esteja completamente emancipada dos preconceitos que a sufocam e que tenha uma educação científica e moral que lhe adorne o espírito; de fato, as impressões que nós, homens, recebemos de nossas mães, desde a infância, quando boas, perpetuam-se até a morte; e isto só porque elas, só elas, sabem compreender, sabem consolar as aspirações do coração infantil<sup>87</sup>.

O papel educador das mulheres é o que mais torna-se primordial na teoria anarquista e é possível perceber o mesmo nos textos e imagens dos jornais gaúchos. O cuidado como um aspecto natural das mulheres, no espaço doméstico é onde elas têm a responsabilidade de educar as gerações de homens pela/para liberdade intelectual. Em consequência disso, a educação feminina é sempre defendida, pois é necessário mulheres educadas para que estas possam educar os homens.

[...] a importância do papel educativo da mulher no inteiro da família não é monopólio do pensamento positivista. Essa visão foi reafirmada ao longo do período também pelas lideranças anarquistas e socialistas [...] se a participação feminina muitas vezes era vista com restrição no meio operário, por outro lado havia uma quase unanimidade em defesa da educação das mulheres, que viria a se refletir na formação emancipadora dos “homens do futuro”. (BILHÃO, 2005, p. 120-121).

Encontramos muitos artigos debatendo a posição das mulheres como a base familiar anarquista e burguesa, estabelecendo relações entre os sexos masculino e feminino. Porém é perceptível a importância da educação feminina, assim como um ensino livre para o movimento. Promoções do ensino e teatro, bastante difundidos nas cidades gaúchas, percebemos uma participação de mulheres e uma propaganda que engloba elas, homens e crianças (BARROS, 1979, p. 95).

---

<sup>87</sup>TRAUGOTT, Ladario. A mulher. **A Luta**, Porto Alegre, p. 3, 6 jan. 1908.

As mulheres para o movimento anarquista consistem na figura feminina frágil, desamparada, vítima do capitalismo e do clero, materna e angelical, em contraponto com a deusa todo-poderosa, o próprio símbolo da anarquia, representando a força da mudança, de uma sociedade livre (RAGO, 2014, p. 93). Neste sentido, não podemos descartar a particularidade no movimento gaúcho: a influência do positivismo; a qual permitia visualizar a “superioridade espiritual” dos homens, colocando as mulheres nas funções de manutenção do lar, maternidade e instrução dos filhos. Tudo isso em nome da melhora moral da humanidade (BILHÃO, 2008, p. 5).

Buscando seguir o raciocínio do movimento, a educação era libertadora, as mulheres, com suas características naturais, teriam acesso à essa educação, e através dela, teriam o poder de emancipar os outros trabalhadores, de cuidar dos filhos e homens e mantê-los no caminho da revolução. Os pontos femininos naturais estariam de pleno acordo com os objetivos que o movimento colocava sobre o papel a ser executado por elas. Com o conhecimento libertário, as mulheres teriam a nobre missão de educar todos para a liberdade, e isso as tornava fortes, talvez por isso das representações, do corpo feminino ser a própria anarquia.

#### 4 MULHERES NO MOVIMENTO ANARQUISTA

*“[...] nossos companheiros tanto do Brasil com universalmente, têm sido martirizado desumanamente, sendo obrigados a perecerem tragicamente sem sequer dar ouvido as suas justas aspirações, assim como outros que são deportados ou encarcerados, somente por haver-se entregado por inteiro aos braços da Anarquia, mas ainda não será suficiente para matar a sede de ódio dos bárbaros sustentadores do regime burguês, ainda procurarão outras vítimas inocentes acusadas de crimes não cometidos para converter em cinzas suas carnes com o intuito de matar ideias do pensamento livre como fizeram um sem fim de homens como por exemplo Galileu. G. Bruno F. Ferrer e outros, e querem hoje repetir a repugnante obra com as pessoas de Sacco, Vanzetti, Ascaso Durutti e Jover, pois eu sou uma pobre mulher sem culto intelectual, mas não posso me conter silenciosa ante tantas injustiças por quanto toca me o coração as palavras dos companheiros em prol da revolução social, e não vacilo em enviar vos o meu primeiro artigo, desejando pôr-me a vosso lado e lutar como vos lutais amando mais a Anarquia que a própria vida.”*

(Uma costureira)<sup>88</sup>

Alegrete, janeiro de 1927

Como vimos no último capítulo, muitas vezes o direcionamento que o movimento anarquista e operário dava as mulheres não destoava do esperado pelo senso comum burguês. As mulheres como esposas e mães são uma figura que ainda permeava o imaginário dos operários, mesmo que dividissem as máquinas com elas.

Quebrar com a visão da esposa/mãe é uma forma de reconhecer que as mulheres não pertencem mais ao espaço doméstico, assim como também os homens não perpetuam o espaço público.

Na primeira parte deste capítulo serão abordados alguns obstáculos específicos que as mulheres enfrentavam no Brasil, dos direcionamentos do Governo até aos companheiros de

---

<sup>88</sup> Uma Costureira. Os anarquistas no movimento operário. **O Sindicalista**, Porto Alegre, p. 2, fev. 1927.

fábrica. Considerando que nenhum controle ou moralidade são absolutos, serão apresentados alguns registros de atuação das mulheres no movimento anarquista em torno do Brasil e países próximos. Como a presença delas fez parte do cotidiano brasileiro e das lutas anarquistas.

Na segunda parte será a vez de trazer os resultados da pesquisa pelas mulheres no movimento anarquista no Rio Grande do Sul, quem localizamos, o que fizeram e que espaços ocuparam. Suas histórias serão trazidas num modelo biográfico, a fim de apresentar os elementos de suas vidas de uma forma mais integral.

Para finalizar, analisaremos a realidade destas mulheres compreendendo os movimentos da existência delas e das fontes que chegaram até nós.

#### 4.1 MULHERES TRABALHADORAS: MORALIDADES, RUPTURAS E RESISTÊNCIA ANARQUISTA.

Para compreendermos a ação política das mulheres no movimento operário e anarquista é necessário compreendermos as amarras e obstáculos aos quais tornavam esta atuação dificultosa e os poucos vestígios que localizamos sobre elas.

Nos patamares governamentais da Primeira República, temos uma luta pelo direito ao sufrágio universal, o qual enfrentava a barreira da moralidade, manifestada nas declarações do deputado Muniz Freire: “[...] segundo o qual o voto feminino conferia um ‘desvio do espírito feminil’ e, caso aprovado, seria o ‘decreto da dissolução da família brasileira’” (FRACCARO, 2018, p. 170). A mesma moral é reproduzida na fala do deputado José Bevilacqua: “Ser mãe de família, desempenhando cabalmente todas as suas delicadas funções, é muito mais digno que quantos títulos profissionais, científicos ou eleitorais caibam aos homens” (FRACCARO, 2018, p. 172).

Desta forma, o espaço das mulheres na vida política constitucional brasileira, com o primeiro passo sendo o voto, era encarada como uma ameaça ao padrão de família estabelecido no Brasil. Através do direito ao voto, o “[...] trabalho de cuidados com as crianças e ao casamento, para os quais a vida toda das mulheres deveria ser voltada [...]” encontrava-se em grave risco (FRACCARO, 2018, p. 172).

No mundo fabril, as mulheres representavam, nas cidades de Rio Grande e Pelotas no Censo de 1920, um terço dos operários, muitas delas exercendo trabalhos manuais principalmente em tecelagens, setores de vestuário e toucador, entretanto a presença delas nas entidades trabalhistas era reduzida. No movimento sindical foram 2 sindicatos que eram

formados praticamente por mulheres, composto por tecelãs, e um deles teve curta existência (LONER, 1999, p. 76).

Nos congressos operários, haviam pautas que estabeleciam melhorias para as cargas de trabalhos femininos. Na I Conferência Internacional do Trabalho, ocorrido em 1919, o tema sobre a redução dos trabalhos externos das mulheres foi abordado, a argumentação para tal reivindicação era o trabalho no espaço doméstico do qual elas eram responsáveis, como de limpeza e de mãe (FRACCARO, 2018, p. 118). A partir deste debate levantado no Congresso Internacional percebemos que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho não simbolizou uma transformação automática de atributos e papéis masculinos e femininos, mas sim “[...] numa divisão sexual de atributos, habilidades e do trabalho” (DANIEL, 2011, p. 330). E isto se expandiu na categoria política da classe.

A manutenção desses atributos para homens e mulheres estava calçada no trabalho como fundamento das relações sociais de gênero, pois é através da divisão sexual do trabalho que se estabelece as noções de função social e identitária para homens e mulheres. Assim, se estabeleceu a prioridade dos homens as atividades produtivas, enquanto às mulheres a responsabilidade das atividades reprodutivas (KERGOAT, 2003, p. 55-56).

Compreendendo como as relações acontecem entre homens e mulheres, relacionado aos trabalhos exercidos e as consequências dele, conclui-se o protagonismo da divisão sexual do trabalho como elemento social construído e baseado numa perspectiva de separação, hierarquização e relação de poder entre os sexos (KERGOAT, 2003, p. 58-59).

Para as mulheres, o trabalho está na centralidade de suas vidas, pois consistem no remunerado e não-remunerado.

Para as mulheres, os limites temporais se dobram e multiplicam entre trabalho doméstico e profissional, opressão e exploração, se acumulam e articulam, e por isso elas estão em situação de questionar a separação entre as esferas da vida – privada, assalariada, política – que regem oficialmente a sociedade moderna (HIRATA, LABORIE, *et al.*, 2009, p. 254).

Esta moralidade e concepções atribuídas pela divisão do trabalho provocam uma relação social dos sexos que vai além dos espaços fabris. Nas greves, as mulheres são consideradas mais vulneráveis, a exemplo da greve da fábrica Rheingantz, onde a polícia além de conversar com os manifestantes, exigindo a permanência da ordem, falava diretamente com crianças e mulheres para voltarem ao trabalho, de forma que fossem os que mais perderiam com a permanência da greve, além de serem considerados os menos envolvidos e mais fáceis de sofrerem manipulação (LONER, 1996, p. 83). É comum nos jornais patronais encontrarmos a imagem das mulheres sendo representada como passiva e distante das manifestações, a fim de

um bom exemplo para os trabalhadores grevistas, o que era contradito na atuação das operárias nas organizações e greves no Estado (MATOSO, 2019, p. 84-85).

Mesmo no movimento operário anarquista, onde há pretensões revolucionárias, a participação e até a inclusão das mulheres na luta e no pós-luta apresentam-se restritas. O movimento reservava o espaço doméstico para as mulheres, defendendo sua educação, para que, com seus poderes de persuasão, livrassem os seus maridos, filhos, irmãos da tentação do conformismo e colocá-los diante da luta contra o capital que os explorava (ARAVANIS, 1999)<sup>89</sup>.

Sobre esta convergência dos discursos, Silvia Petersen (PETERSEN *apud* SILVA, 1998, p. 127) esboçou em um artigo publicado entre 1986/87, no qual afirma que a luta anarquista estava pela libertação dos trabalhadores das mãos do capitalismo. A dominação sexual dos homens sobre as mulheres não foi uma pauta assumida pelos movimentos de trabalhadores. A historiadora comenta que as constatações destas normas morais são a junção do que os revolucionários gostariam que as mulheres fossem com o que os burgueses temem que elas sejam. Perceptivas tais que não visam a participação pública delas, restringindo-as as paredes de seus lares.

A predominância do masculino como identidade do operariado gaúcho pode estar atrelada justamente ao protagonismo dado aos trabalhadores nas frentes grevistas e associativas, devido à muitas ações violentas, boicotes e enfrentamentos com os brigadianos, o que destoava do imaginário social do feminino (BILHÃO, 2005, p. 108). Em muitos pontos, incentivar e atribuir atividades sindicais às mulheres poderia contribuir para o enfraquecimento do núcleo familiar, o qual para qualquer que fosse o princípio, burguês ou anarquista, era fundamental para atingir os objetivos. Qualquer distração que colocasse o foco das mulheres distante do familiar, era incentivado (BILHÃO, 2005, p. 119).

Dessa forma, a identidade de operária estava intimamente ligada à identidade de gênero; isso significa dizer que, enquanto para os homens a conduta violenta podia ser percebida como um fator de reforço à masculinidade relacionada à construção de sua identidade operária, para as mulheres operárias a conduta socialmente aceita estava impregnada dos cânones da época, definidores da “feminilidade”. Ou seja, delas esperava-se e exaltava-se a graça, o recato, a delicadeza e a manifestação pública de “forma feminina” ou socialmente aceita como “feminina”, em suas participações nos meetings, passeatas, protestos, elas apareciam cantando, declamando poesias, distribuindo flores, portando laços e fitas, levando consigo bandeiras e estandartes (bordados previamente por mãos femininas) e carregando seus filhos. Dessa forma, as mulheres contribuía para a publicização do movimento tornando-o mais bonito e, até mesmo, socialmente aceitável (BILHÃO, 2005, p. 126).

---

<sup>89</sup> Rever subcapítulo 3.3.



Todavia, é inevitável pensar que o controle era intenso, mas não absoluto. Mesmo com forte disciplinarização, rachaduras ocorrem e resistências existem e os corpos protagonistas são femininos. Contra as opressões do espaço de trabalho fabril e o controle sobre seus corpos, lutar foi a forma que muitas mulheres da classe operária encontraram para sobreviver aos seus cotidianos. Diante disso, obras e pesquisas já encontraram mulheres articulando ao lado dos homens nos movimentos operários, por melhores condições de trabalho, redução de jornada de trabalho, melhores remunerações e revolução social.

Margareth Rago (2014, p. 97-100) documenta manifestações de mulheres pela cidade de São Paulo, onde elas agiram de forma autônoma provocando grandes greves e chegando a dar prejuízos às empresas com seus boicotes e greves. Localizamos nos jornais a presença de mulheres participando de forma ativa do movimento, contra a forte moralidade que pairava. Entre estes textos, encontramos **Matilde Magrassi** com seus textos abordando a desigualdade social e sexual, assumindo as dificuldades maiores que as mulheres enfrentavam e convocando que os homens do movimento abrissem seus olhos para esta situação.

As proletárias de hoje sofrem as consequências do mal estar social com tanta ou mais intensidade que os homens, mas nada fazem pela obra de sua emancipação. Verdade, é, que para remediar seus males, há não se ajoelham implorando à divindade, e que conhecem que o trabalho submetido hoje à exploração capitalista, não é o chamado a proporcionar-lhes o bem-estar desejado; [...] Vós, homens, companheiros, sois os que tendes o dever de fazer compreender à mulher a noção do bem, do justo as verdades que os nossos ideais encerram. Convidai às vossas companheiras, as vossas, irmãs, as vossas filhas, a que assistam às reuniões operárias, às nossas conferências, onde pode instruir-se e daí cooperar à extensão da nossa propaganda<sup>90</sup>.

Convocando as companheiras trabalhadoras a ingressarem no movimento contra a exploração capitalista, Matilde, quem fez parte do movimento anarquista de São Paulo no início do século XX “[...] afirmava que as mulheres deveriam lutar contra seus verdadeiros inimigos (capitalismo, Igreja e Estado) [unindo-se] de maneira livre, segundo a organização autogerida defendida pelos anarquistas.” (MENDES, 2010, p. 209).

Em São Paulo, na região da Rua da Mooca, a vida operária era pulsante. A família de **Maria Antonia Soares** era uma referência para a organização operária e anarquista. Ali ficava sua residência, a qual “[...] era um ponto de encontro educativo (Universidade Popular Racionalista) e sindical (União dos Sapateiros) [...]” (LUDMILA, 2021, p. 15).

A história de vida das pessoas pertencentes à família Soares se mistura com as atividades que aconteceram por lá, talvez por isso, por diversas vezes, textos de Maria A. Soares são atribuídos ora a Antônia, ora a Angelina. Após cruzamentos de fontes de diversas origens, identificamos que a assinatura era de Antônia. Em trocas de cartas com Astrojildo Pereira, em 1915, a remetente assina como Maria Antônia Suárez em

---

<sup>90</sup> MAGRASSI, Matilde. Propaganda às mulheres. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, 23 nov. 1907.

16 de junho, e depois como Maria A. Soares, em setembro. Há documentos cujas assinaturas de Maria A. Soares e de Angelina Soares, aparecem concomitantemente [...] (LUDMILA, 2021, p. 16).

Na edição de *A Luta*, distribuído na cidade de Pelotas/RS, Maria Antonia Soares, a autora e anarquista atuante em São Paulo/SP, apresenta preocupação sobre a realidade das mulheres as quais deixam o lar para trabalhar nas fábricas a fim de ajudar no sustento da família, diante do baixo salário do marido, quando casadas. Já as mulheres jovens, quando não estão no trabalho fabril, devem ficar em casa para cuidar dos irmãos mais novos enquanto os adultos estão fora. A responsabilidade do lar e da maternidade permanecem sobre os ombros das mulheres, sendo adicionada a responsabilidade do sustento quando necessário, comum nas famílias pobres.

Esposa e mãe, viu-se obrigada a abandonar o lar e buscar meios de contribuir também para o sustento da família por ser o ganho do marido demasiado mesquinho. Filha e irmã, viu a necessidade de correr ao sustento dos velhos pais inutilizados para o trabalho por terem empregado nele as forças das que dispunham, e os seus irmãozinhos, demasiadamente pequenos ainda para se sustentarem a si próprios [...] <sup>91</sup>.

A imagem de Maria Antônia de braços estendidos diante de uma plateia majoritariamente masculina, divulgada pela revista *Cigarra*, em maio de 1915, é uma representação da presença anarquista “[...] trazendo sua palavra ao espaço público.” (LUDMILA, 2021, p. 21-22).



Figura 22 - Maria Antônia Soares discursando no Primeiro de Maio de 1915 - *A Cigarra*, São Paulo, 11 maio 1915.

<sup>91</sup> SOARES, Maria Antonia. Ainda Mulher. *A Luta*, Pelotas, p. 3, 31 jul. 1916.

Em outra passagem do *A Luta*, Maria Antônia Soares reforça que as mulheres, pelas circunstâncias, estão tomando o lugar dos homens, se transformando em um membro ativo devido a necessidade de habitar, alimentar e vestir: “[...] A mulher operaria foi levada a ocupar o lugar de membro ativo da sociedade, que hoje ocupa, pela força das circunstâncias”<sup>92</sup>.

Em assunto de jornal, localizamos em 1923, o número único do *O Nosso Jornal*, editado pelo Grupo pela Emancipação Feminina, do qual **Elvira Boni** fazia parte. Nascida no interior de São Paulo, formou o grupo junto com as colegas costureiras a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas em 1919, na sede da União dos Alfaiates do Rio de Janeiro. A união foi organizada aos moldes libertários anarquistas, sem presidenta, apenas secretária, tesoureiras e bibliotecária. De acordo com Elvira, teriam 40 mulheres na primeira reunião e 3 meses depois estavam envolvidas na organização da greve que conquista as 8 horas de trabalho (MENDES, 2018, p. 181).

Ao falar sobre a organização da greve e a situação em que algumas companheiras foram presas, Elvira Boni depõe:

Nós precisávamos ir chamar as moças para fazerem a greve. E, numa dessas ocasiões, duas ou três companheiras foram presas numa fábrica de camisas para homens na Rua dos Andradas. Quando eu soube disso, me juntei com mais duas e fomos lá na Rua da Relação falar com o [Chefe de Polícia] Bandeira Mello. Ele apareceu e disse: “O que as meninas querem comigo?” Eu digo: “Protestar contra o absurdo que houve. Prenderam três moças porque elas estavam chamando as companheiras para fazerem greve para a conquista das oito horas de trabalho”. E dali a pouco elas foram soltas. O Bandeira Mello me deu muitos conselhos, disse que eu não me deixasse levar por aqueles sindicalistas da União dos Alfaiates, porque eles só sabiam fazer barulho e mais nada. Eu digo: “Não, nós temos ideias próprias. Não vamos nos deixar levar por ninguém”. (BONI *apud* GOMES, FLAKSMAN e STOTZ, 1988, p. 34).

Muito é possível analisar na fala de Elvira, pois a forma como o policial as tratou mostra um trato à inocência que as mulheres representam, considerando-as mais conscientes e responsáveis que os baderneiros da União dos Alfaiates, em sua maioria homens. Onde Elvira reafirma sua forma e sua independência de qualquer influência demasiada.

Elvira foi a única mulher a compor a mesa de encerramento do III COB, em 1920. Fez sua fala homenageando o proletariado russo de 1917 e o proletariado português diante de sua resistência, convidando os presentes a cantarem a primeira estrofe do hino *A Internacional*. Sua fala foi uma prova de internacionalismo anarquista (MENDES, 2020). A esse ponto, não nos surpreendemos com a grande circulação das notícias mundiais no movimento operário brasileiro. O movimento operário brasileiro se mantinha informado com os avanços da

---

<sup>92</sup> SOARES, Maria Antonia. A Mulher. *A Luta*, Pelotas, p. 2, 15 jul. 1916.

Revolução Russa e se posicionou diante da 1ª Guerra Mundial a partir de Ligas e Congressos pela Paz<sup>93</sup>.



Figura 23 - Elvira Boni na mesa de encerramento do Terceiro Congresso Operário, 1920.

Suas convicções anarquistas afluíram nas áreas da moralidade e educação, grandes ferramentas de luta para a conquista da sociedade ácrata:

E tu, mulher, que és indispensável ao êxito de qualquer iniciativa, deves impor-te principiando por abandonar todas essas manifestações do vício e depravação; deves congrega todos os teus esforços, buscando a instrução como principal fator para uma vitória consciente, e ao lado dos homens formar no batalhão que há de levar por diante a luta para a conquista de uma sociedade onde desapareça a cadeira, substituída pela escola – onde não exista ódio para viver o Amor<sup>94</sup>.

Elvira além de costureira, organizadora, defensora da educação feminina e emancipação do proletariado, estava envolvida com a dramaturgia, encenando diversas peças teatrais, através das quais todas as ideias anarquistas eram transferidas aos operários.

Ainda com uma visão internacionalista, o antipatriotismo era encontrado nos textos publicados pela libertária mineira **Maria Lacerda de Moura**:

Enquanto houver uma só pátria, enquanto houver uma mulher sacrificada, enquanto houver crianças famintas, mulheres escravas do salário – nós, idealistas, não temos senão o dever de pensar, de sonhar, de agir para o advento de outra sociedade, em busca de outros sonhos para a vida maior (MOURA, 2018, p. 12).

<sup>93</sup> Ver mais em (SANTOS, 2016).

<sup>94</sup> BONI, Elvira. A Festa da Penha. **Renovação**, Rio de Janeiro, nov. 1921.

Maria Lacerda de Moura é atualmente um grande nome do anarquismo e ideias libertárias no Brasil. Uma das suas principais bandeiras foi a educação feminina. Como é possível perceber no trecho apresentado, sua pauta estava entrelaçada com as mulheres. Esteve, junto com Bertha Lutz, organizando uma frente feminina para tomar a política brasileira, porém se afastou percebendo que não é apenas o voto democrático que emancipará as mulheres do mal que as oprime.

Em cartas trocadas com Fábio Luz, Maria aparece ainda em compreensão sobre o que seria a sociedade ácrata e como ela vigoraria visto que nasceria dos escombros desta sociedade repleta de desilusões. Ao mesmo tempo, mostra-se simpatizante e esperançosa com a proposta, defendendo a estrutura educacional como elemento primordial para o êxito do projeto anarquista:

Em torno de mim vejo ou ouço as maiores barbaridades contra o ideal anárquico, barbaridades pronunciadas por pessoas generosas, idealistas. É que o tempo não soou para elas: é a ignorância, e, não se ensina a criança a força o que seu cérebro não pode conceber. É preciso gesto e tempo na obra educativa. O povo é como a criança<sup>95</sup>.

Por priorizar a educação para todos, sua crítica ao sistema de ensino estabelecido era recorrente. Com o conhecimento em mãos, os homens tornavam as mulheres inferiores e estas não tinham acesso as armas para contrariar o discurso difundido.

Para eles, a liberdade, as escolas, todas as facilidades. Para elas, gineceus, a escravidão doméstica sob todos os aspectos, o ridículo: a sociedade na sua sabedoria masculina, ou melhor – os homens na sua sensatez *decretaram* a inferioridade da mulher, e, sob o protesto de que ela é mais *pura* (a liberdade não exclui a pureza) exigem seu *recato*, que seja pouco *vista*, que respeite a voz do *mundo*, que tenha receio *do que possam* dizer; enfim: amarraram-lhe a razão, fizeram-na prisioneira social. No fim de alguns séculos, quando ela procurou a sua lógica, o senso, o raciocínio, - estava parálitica. (MOURA, 2018, p. 61)<sup>96</sup>.

O processo de emancipação feminina era lento, por isso era preciso educar as mulheres o quanto antes, para que elas pudessem buscar por si mesmas a necessidade de romper a obediência cega. Suas preocupações e pensamentos avançavam para o espaço de trabalho e os cargos que as mulheres poderiam ocupar no espaço público:

A aprendizagem de um ofício, de uma profissão, convenientemente levada a efeito, conduz à educação geral, ao preparo para a vida. A diminuição ou a falta de saber técnico conduz ao aumento de horas de trabalho ou à diminuição ou inferioridade da

---

<sup>95</sup> MOURA, Maria Lacerda de. Carta para Fabio Luz. Barbacena, 18/11/1920, p.4. Disponível em: Arquivo Nacional> SIAN> BR RJANRIO PN.0.0.151 – Dossiê: Cartas (15, manuscritas e datilografadas) de Maria Lacerda Dias Moura referente à manifestação de solidariedade ao titular durante o período em que este esteve preso; considerações sobre o anarquismo e a defesa de ambos de seus ideais de transformações sociais e defesa da mulher no movimento feminista.

<sup>96</sup> Destaques do original.

produção, diminuição do salário, decadência das pequenas industriais, exploração do operário pelo grande industrial (MOURA, 2018, p. 96).

A educação, de acordo com Maria Lacerda, seria uma forma das mulheres se estabelecerem da melhor maneira dentro da sociedade opressora. Ela é subjugada justamente por ser o elo mais fraco da corrente. Sua defesa pela emancipação feminina está atrelada à educação racionalista e libertária para elas. O pensamento de uma educação que prepare os alunos para a vida profissional, ao mesmo tempo que os encaminhe para uma libertação da exploração estava aliada as ideias das Escolas Modernas e Ateneus Operários, organizados pelo movimento anarquista pelo território brasileiro.

Quando olhamos para o espaço latino, nos países que fazem fronteira com o Rio Grande do Sul, encontramos mulheres se organizando no movimento anarquista local. Nascida em Madrid em 1889, **Juana Roco Buela** fez sua trajetória anarco-feminista na Argentina e Uruguai. Compôs a redação e edição de jornais operários e principalmente jornais anarquistas focados nas mulheres. Uma das suas maiores contribuições para o movimento anarquista latino, além de sua participação em greves, protestos e discursos, foi a editoração do jornal *Nuestra Tribuna* (DIAS, 2003, p. 18-19). Jornal de caráter anarquista e internacional, com sua produção realizada por mulheres.

O jornal trazia debates e pensamentos sobre anticlericalismo, antimilitarismo, emancipação dos trabalhadores, moralidade anarquista, entre outros assuntos que compõem as características. Todos sob os olhos de mulheres, abordando a participação delas e seus pontos de vista sobre o movimento.

No Uruguai, **Luce Fabbri** fez seu nome.

[...] Luce é uma intelectual, uma professora, uma mulher de ideias. Impossível imaginá-la como Juana Buela, infiltrando-se clandestinamente num navio em direção a Paris, convivendo por alguns meses com os marinheiros em meio aos companheiros na terceira classe, e desembarcando sozinha no Rio de Janeiro nos anos 10, em busca de novos rumos. No caso de Luce, essas experiências estão estritamente ligadas a necessidades prementes, à fuga do fascismo e ao reencontro com a família (RAGO, 2001, p. 107).

Luce nasceu na Itália, filha do anarquista Luigi Fabbri e amiga de Malatesta. Antifascista, devido à repressão que sofreu ainda na Europa, buscou definir este grande mal, que vai além do mal da classe,

Bem, o fascismo é isto: um desejo desesperado de conservar o poder e, ao mesmo tempo, um sentimento de inferioridade que leva a situar a luta no campo da violência física, ferindo adversários, que são “os outros”, o que constitui sua dignidade de homens, rebaixando neles as qualidades as quais se acredita estarem faltando (FABBRI, 2019, p. 30).

Os fascistas exerciam, de acordo com ela, uma violência mórbida sobre os adversários, a fim de humilhá-los até que percam o respeito por si mesmo, perdendo por fim, a própria dignidade humana e reconhecimento como um ser social (FABBRI, 2019, p. 31). Usou de sua instrução para educar, sendo a licenciatura sua profissão, vivendo no bairro operário *Unión*, de Montevideo por toda vida. Não há muitos escritos dela sobre a situação das mulheres. Como visto ainda no primeiro capítulo, Luce defende a emancipação da classe para acabar com todas as opressões e defendeu seu ponto de vista até o fim da vida.

Com estes exemplos de mulheres que estavam fazendo anarquismo por suas trajetórias, avançaremos, a seguir, para o território gaúcho, buscando responder quais eram as mulheres que atuaram no Estado.

#### 4.2 AS ANARQUISTAS NO RIO GRANDE DO SUL: MILITANTES, SINDICALISTAS, PROFESSORAS, ESCRITORAS.

Localizamos mulheres pregando princípios libertários e anarquistas em alguns setores do Rio Grande do Sul. Em meio ao movimento operário e associativo como o Grupo Feminino Libertário de Porto Alegre, vinculado ao Sindicato dos Operários Alfaiates, Costureiras e Anexos e através da Escola Moderna e Sociedade Racionalista. Principalmente após os anos 20, com a potencialização da educação libertária como a principal ferramenta de luta anarquista, as mulheres tomam uma posição de liderança.

Serão apresentados em modo de biografia as 10 anarquistas, entre professoras, operárias e dramaturgas.

##### 4.2.1 Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939)

Em Encruzilhada do Sul/RS, nasceu Júlia Malvina Hailliot Tavares (conhecida por apenas Malvina Tavares), de família francesa, a qual na vida adulta viria a ser professora libertária e poetisa. Estabeleceu-se na região de imigração alemã São Gabriel de Estrela (atualmente Cruzeiro do Sul/RS) com uma escola nos moldes de Francisco Ferrer (MARÇAL, 1995: 141 e 142).

Quando buscamos seu nome na internet, sua figura é relacionada imediatamente à links de sites anarquistas, como uma importante libertária não só no Rio Grande do Sul, mas no Brasil. É possível localizar algumas imagens vinculadas ao acervo familiar, disponíveis em alguns destes links que fazem referência à gaúcha.



Figura 24 - Julia Malvina Hailliot Tavares, com sua turma em frente à sua casa.

A fotografia é da turma de alunos de Malvina, com a descrição inferior:

5ª aula de S. Gabriel do Lageado [nome alternativo para São Gabriel de Estrela].  
A professora: Julia Malvina Hailliot Tavares  
Tirado a 2 de Dezembro de 1922.

É possível perceber ao fundo a residência de Malvina, de aparência humilde, característico casarão dos interiores da região. A maioria das crianças são meninas, havendo os meninos postos na parte mais superior e dois juntos à Malvina, na primeira fila, centralizada. Ao seu lado há moças mais velhas, possivelmente ajudantes e aprendizes.

Em suas memórias publicadas, o neto de Malvina, Flávio Tavares (1999, p. 74), relembra uma ação pedagógica que a professora tomou, sinal de um pioneirismo:

No início do século, minha avó Malvina Hailliot Tavares aboliu a palmatória na sua escola “sem pedir licença ao governo”, num gesto tão ousado e inovador que ela – mulher requintada, filha e neta de barões franceses – acabou removida e confinada nos cafundós da zona de imigração alemã do Rio Grande do Sul. Só aí pôde lecionar em paz, sem que os inspetores de ensino a obrigassem a educar arrebatando as mãos da criançada.

A opção de Malvina em remover de seu trabalho a punição física a seus alunos representa seu posicionamento diante de uma educação autoritária e hierárquica, colocando-se ao lado dos libertários numa educação que contemple outras formas de aprender. O seu



posicionamento foi afrontoso para o período, a ponto de ela ter suas relações cortadas pela família mais elitista.

O reconhecimento de sua dedicação à educação não ficou apenas expressa na memória. No jornal *A Federação*, é possível localizar alguns resultados de Exames Finais anunciados, onde a admiração pela professora é expressa em palavras:

A professora exma. sra. d. Julia Malvina Hailliot Tavares, que com esforço e carinho dedica-se inteiramente ao ensino intelectual e moral de seus discípulos, o que tem tido por muitas e muitas vezes a ocasião de ver o irradiar grandioso de sua alma, diante do agradecido amor de seus alunos que tão bem sabe reconhecer os seus ensinamentos<sup>97</sup>.

Em 1904, ao ser avaliada pela comissão de educação do Estado, nos exames finais, Malvina é elogiada por seus avaliadores, além de conter a informação de seus alunos serem o total de 20 a realizarem o exame no período.

[...] É de notar que até a educação cívica mereça particular carinho da abalizada professora que rege esta aula: toca as raias do entusiasmo o ardor com que os alunos recitam as canções patrióticas. Prouvera a Deus que as aulas do nosso Estado do Rio Grande fossem confiadas a mãos tão hábeis, como as da mestra que esta rege e dirige cento e três crianças, tal o número de matriculados nesta oficina de trabalho intelectual. Rendendo justos louvores a exma. sra. d. Julia Malvina Hailliot Tavares, aqui deixamos nossas despedidas e levamos nossas saudades [...] <sup>98</sup>.

Em 1924, na 5ª aula pública no povoado de São Gabriel de Estrella, os alunos da professora Julia Malvina Hailliot Tavares expressam seus conhecimentos em exames finais. Na matéria, além de trazer os nomes dos alunos formados e aprovados com distinção, traz a informação de que na aula da professora eram matriculados 70 anos, e 56 estiveram presentes para a realização do exame. Ao fim, “[...] os alunos cantaram os hinos Nacional e da Bandeira e recitaram poesias cívicas”<sup>99</sup>. O patriotismo era comum de ser cobrado das escolas brasileiras no período, uma regra exigida obrigatória em regiões de imigrantes, como era o caso da localidade.

Seu neto mais velho, Synval Tavares, em entrevista concedida à Carlos Gilberto Pereira Dias (2012) descreve a avó como uma mulher envolvida em leituras, protagonista de reuniões sediadas em sua residência:

O que lembro é que minha avó lia o jornal diariamente e estava sempre informada. Eu mesmo buscava o jornal para ela no cais do porto [de Cruzeiro do Sul] quando a visitava. Nesta época, eu deveria ter mais ou menos uns 12 anos. Lembro-me também que havia algumas reuniões na casa de minha avó e, em geral, era ela quem conduzia a conversa. Como se dizia naquela época, não era assunto de criança (Synval Tavares *apud* DIAS, 2012, p. 57).

<sup>97</sup> Instrução Pública. **A Federação**, Porto Alegre, p. 5, 06 dez. 1917.

<sup>98</sup> Exames. **A Federação**, Porto Alegre, p. 2, 15 abril 1904.

<sup>99</sup> 5ª aula pública de São Gabriel de Estrella. **A Federação**, Porto Alegre, p. 22, 01 jan. 1924.

Malvida foi professora de futuros líderes e figuras importantes do movimento anarquista e operário como os irmãos e irmãs Martins, Espertirina, Eulina, Dolsina, Virginia, Henrique e Nino (que serão apresentados no subcapítulo 4.4). Sobre a professora Malvina, Marat Martins – filho de Zenon de Almeida e Eulina Martins – relembra o quanto a existência dela foi importante e impactante na vida de seus alunos:

Havia uma espécie de veneração pela professora Malvina, e eu digo isso com certeza absoluta. Porque ideologicamente essas pessoas estavam no mesmo grupo. A professora Malvina, por leituras, por pesquisas chegou a essas ideias libertárias; pode ter avançado muito mais que meu avô Teófilo, porque tinha um estudo mais sistemático (Marat Martins *apud* BILHÃO, 1996, p. 200).

Não há como afirmarmos que Malvina foi ou não, de fato, uma libertária/anarquista. É possível afirmar que contribuiu para o rompimento de práticas educacionais no interior, sendo uma professora de destaque na memória de seus alunos pela forma diferente de ensinar. Sua relação de professorado/aluno com importantes figuras do movimento anarquista urbano representa a importância de uma educação que não pune, mas que ensina a pensar. Através de seus alunos, a contribuição de Malvina para o anarquismo gaúcho fica ilimitada.

#### 4.2.2 Grupo Libertário Feminino (Porto Alegre): Alzira Werkauser e Cantalice Silva

Grupo Libertário Feminino

Às nossas irmãs!

Companheiras! Este grupo foi recentemente formado e nasceu no seio do Sindicato dos Operários Alfaiates, Costureiras e Anexos, que tem como objetivo esclarecer as demais companheiras de todas as classes, interessando-as não só nas lutas reivindicadoras dos trabalhadores fazendo ver a situação miserável em que se encontra a mulher proletária, mas interessando-as também na questão social orientar e incentivar a sua cultura intelectual base para que possa formar ao lado dos camaradas libertários que lutam pela emancipação humana.

Achamos demais falar muito a respeito de nossa situação, porque todas nós sabemos quão precária é a situação principalmente da mulher operária, mais sacrificada, mais explorada ainda de que os nossos irmãos trabalhadores!

Chamamos, porém, a atenção de todas as mulheres exploradas e subjugadas, nossas irmãs de miséria, para que nos auxiliem na nossa missão, que é altamente moralizadora e social, convidando-as para tomarem parte na nossa agrupação.

Todas devemos trabalhar com carinho e entusiasmo na organização da mulher operária!<sup>100</sup>.

Na edição 6, do *O Syndicalista*, de Porto Alegre, anuncia a fundação do Grupo Libertário Feminino, constituído a partir de associadas do Sindicato dos Alfaiates, Costureiras e Anexos. Tanto a convocação para as reuniões do Sindicato como do então Grupo Libertário Feminino eram anunciados no jornal *Correio do Povo*, jornal que a princípio não mantinha ligação direta com o proletariado. Nas convocatórias e informativos do sindicato, a

<sup>100</sup> Grupo Libertário Feminino. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 4, out. 1925.

diferenciação dos ofícios por gênero pode ser percebida: “Companheiros alfaiates e companheiras costureiras!”<sup>101</sup>.

A organização destas mulheres é representada como sindicalista. Nos anúncios o local das reuniões e correspondências chama atenção. O endereço é Rua Esperança, n. 74<sup>102</sup>, residência de Alzira Werkauzer. Na falta de um lugar apropriado para realizar as reuniões, até mesmo uma forma de separar as pautas referentes ao Sindicato dos Alfaiates, Costureiras e Anexos das do Grupo Libertário Feminino, Alzira cede sua casa para os encontros.

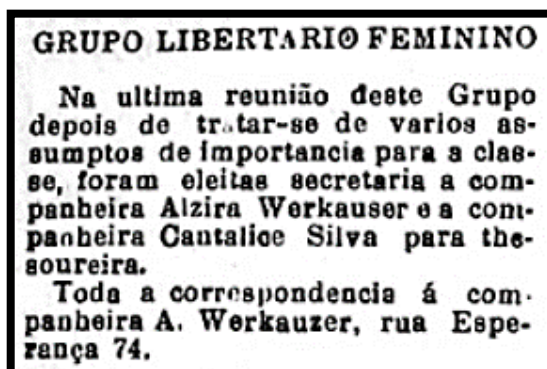


Figura 25 – S/A. Movimento Associativo. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 3, 31 out. 1925.

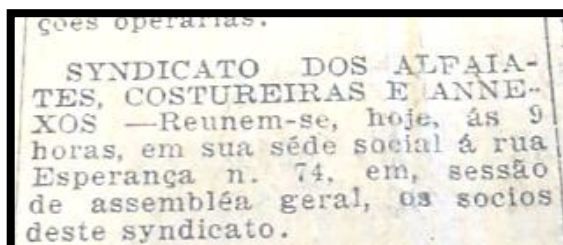


Figura 26 - S/A. Movimento Operário. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 5, 11 jun. 1925.

Quando Cantalice e Alzira se fizeram presentes no 3º Congresso Operário do Rio Grande do Sul, a noticia é encarada como representação tanto sindical pelas categorias como pelo Grupo em representação das mulheres proletárias.

Costureira, **Alzira Werkauzer** foi ativa no movimento operário da capital do Estado. De acordo com Edgar Rodrigues (1994, p. 20), “Foi a primeira mulher operária a participar de um Congresso no Sul.”. Além de participar, ela compôs a mesa dirigente, como aparece na fotografia abaixo, (círculo vermelho) acompanhada apenas por uma outra mulher no evento (círculo azul).

<sup>101</sup> Movimento Associativo: Sindicato dos operarios alfaiates, costureiras e annexos. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 3, out., 1925.

<sup>102</sup> O endereço mudou para Rua Miguel Tostes, n. 596, pertencendo ao Bairro Rio Branco.

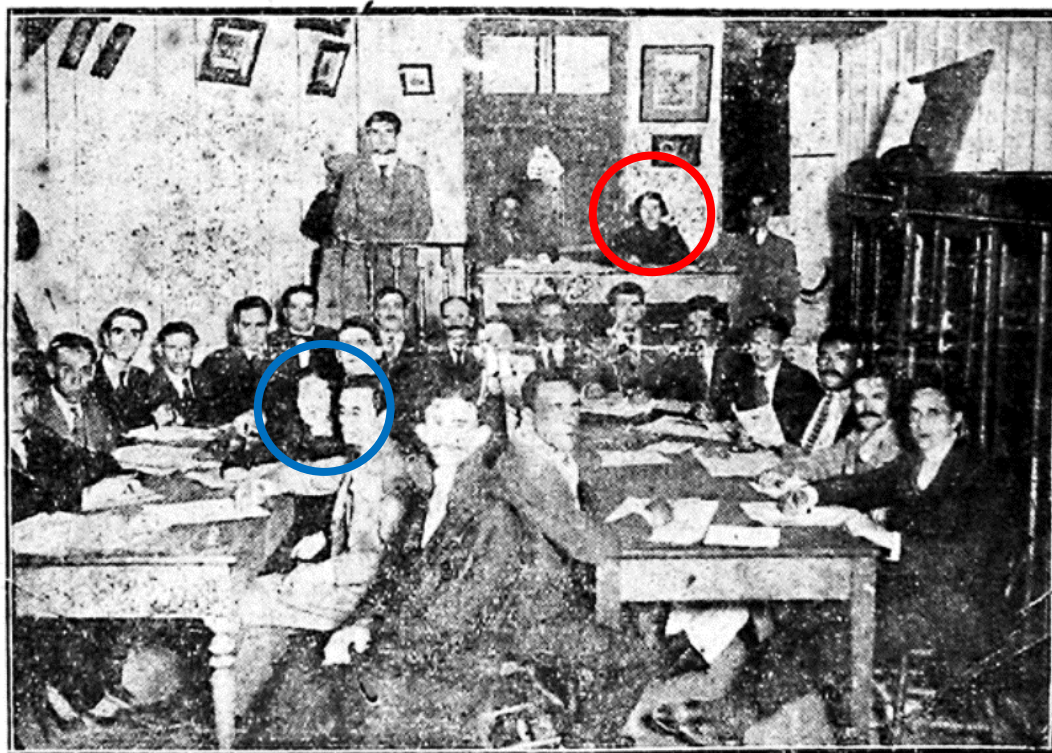


Figura 27 - S/A. A sessão de encerramento do Congresso. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 1, out. 1925.

Após ser chamada por Orlando Martins para presidir a oitava sessão do III Congresso Operário do Rio Grande do Sul, Alzira realizou um discurso onde apontou a falta da presença de mulheres nos movimentos associativos e sindicalistas e chamando atenção para a causa das companheiras. Sua moção:

Companheiros!

Na minha condição de mulher, e, tendo de falar-vos, a respeito da situação das mulheres proletárias em geral, devo dizer-lhes que faço na certeza de deixar muito a desejar sobre o assunto. Não são só e simplesmente os fatos recolhidos dos livros de estudos, senão nos dá própria experiência.

Nos seus aspectos gerais, como operária, tenho oportunidade de observar, vivendo essa vida de mulher produtora. Dividirei o problema em duas fases: a primeira, econômica; a segunda, social.

Devo adverti-los que será apenas um débil reflexo da vida real, porquanto a mulher proletária está duplamente explorada na sua condição de mulher e de operária.

Na parte econômica, o salário médio que a mulher percebe atualmente é de 4\$000 diários. A maioria tem que manter os filhos, mães e irmãs e a si próprias; a carestia de vida, as dificuldades, as lutas e as péssimas condições de alimentação, em geral, são quase impossíveis de suportar!

É por isso que as vemos magras e abatidas, sem ânimo para lutar em favor de sua própria existência.

Quando temos em conta que a jornada de trabalho é de 8 horas e mais, por ainda há casas em que se trabalham 14 e 16 horas, como por exemplo as chapeleiras, costureiras sob medida, etc. Podemos ainda lembrar o estado de ânimo em que se encontram nossas irmãs, que após tão fatigante trabalho em troca de um mísero salário, têm necessidade de fazer seus erviços domésticos. Como já disse, a maioria é composta por mães de família, necessitando sustentar os seus e ampará-los contra as misérias da vida. Portanto, não nos devemos admirar da sua falta de coragem, ou do

aparente desinteresse de nossas companheiras que, nem ao menos têm tempo necessário para pensar na sua péssima situação e organizem-se, unam-se, para conquistar melhorias de vida. Por isto, urge que os companheiros que estão organizados prestem especial atenção a estas irmãs abatidas e exploradas, tratando de levá-las, animá-las e trazê-las à organização, cumprindo assim um dever de solidariedade para com suas companheiras.

Sabemos que a mulher é considerada como ser inferior e fraco, devido a uma certa influência religiosa, que faz com que ela por si mesma se considere sem o direito de lutar em favor de suas reivindicações. Vemos, em todas as indústrias, o braço da mulher explorado miseravelmente como produtor de mão-de-obra barata pelos capitalistas, e compreendemos que ninguém, senão elas mesmas, podem e devem lutar para o seu próprio bem-estar. Mas há necessidade de incitá-las e animá-las para que se defendam contra a tirania dos exploradores.

Esta responsabilidade recai justamente sobre as organizações operárias. Por isto, proponho que o Congresso tome uma resolução no sentido de lembrar a todas as entidades operárias, a necessidade de ajudar as organizações das mulheres, só deste modo poderá ser melhorada a triste situação das grandes massas de trabalhadoras femininas.

As minhas palavras só podem ser um débil reflexo da vida real, mas espero que alguém, com poder verbal, exponha a situação das mulheres neste estado e mesmo no Brasil inteiro, e que isto sirva de ensinamento às nossas irmãs d infortúnio, para que elas mesmas possam vir a compreender que só associadas poderão, um dia, melhorar a sua péssima situação. E não podem nem devem esperar que nenhum partido político ou governo a sua defesa econômica, física ou moral; porque a História não registrou fatos destas naturezas, e se foram registrados não passaram de migalhas atiradas para acalmar os ânimos irritados, num momento que a miséria chegou a insuportável. Portanto, proponho:

1º - Que a "Federação Operária", bem como todos os Sindicatos a ela aderentes e, especialmente aqueles que em sua classe tenham como camaradas as mulheres oficinas, devem dedicar especial atenção para organizá-las.

2º - Que nos periódicos como em boletins, palestras e conferências, devem-se dedicar, especialmente, a levantar o espírito da mulher proletária<sup>103</sup>.

A moção de Alzira defende a emancipação das mulheres operárias. Ela fez um apelo para que a situação das mulheres não seja esquecida pelo congresso e por qualquer que seja o debate, a voz delas devem ser levadas a diante e incluídas no processo de emancipação da classe, pois elas a compõem. Aponta ainda para não apenas migalhas, mas uma inclusão verdadeira, encaminhando solicitações sobre a necessidade de organizar as mulheres e a inclusão delas nas convocatórias operárias.

**Cantalice Silva Greco** foi convicta das ideias anarquistas, operária e costureira. Edgar Rodrigues (1994, p. 140-141), relatou as informações obtidas através do militante Rafael Fernandez, quem conversou com o filho de Cantalice com o militante Francisco Grecco, Silvio Grecco:

Casou-se com o anarquista Francisco Greco e a seu lado defendeu valentemente o anarquismo, nos locais de trabalho, nas reuniões, nos congressos, na rua, em sua moradia e nas delegacias policiais onde foi maltratada e ferida. Segundo depoimento de seu filho Sílvio Greco, prestado a Rafael Fernandez, nos anos distantes de 1926-27, seus pais moravam numa chácara na rua Eldorado, 60. Fazia algum tempo tinha sido ali fundada uma Escola Moderna, biblioteca e uma rudimentar gráfica para

<sup>103</sup> S/A. 3º Congresso Operario (Continuação). **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 2, 15 nov. 1925.

imprimir pequenas publicações anarquistas. Na sala de aulas faziam-se também reuniões e palestras. A polícia descobriu o ‘refúgio’, tocou a reunir seus soldados e invadiu o local. [...] Não escapou nada à ferocidade da soldadesca: amontoaram livros, jornais, móveis, a impressora e tudo mais que encontraram, regaram com querosene e atearam fogo a tudo. Inconformada, Catalice<sup>104</sup> Silva Greco reagiu tentando salvar das chamas alguns livros e o capitão Abelardo Freitas afastou-a aos empurrões, às chicotadas, e aos pontapés.

Junto ao esposo Francisco Grecco instalaram em sua casa um Centro de Estudos Sociais em Porto Alegre, até o fatídico ataque dos brigadianos, quando transferiram o espaço para outra residência.

Assim como a Família Soares, em São Paulo, Alzira e Cantalice fizeram de suas residências o ponto de encontro das suas associações, transformando suas casas em espaços sociais, tornando a vida pessoal, trabalhista e de associativa em uma só.

#### 4.2.3 Centro Feminino dos Navegantes (Porto Alegre)

Como um movimento de mulheres do bairro Navegantes, em Porto Alegre, o Centro Feminino dos Navegantes é criado durante a Greve Geral de 1917. Para o comício de deflagração da Greve, aberto por Henrique Martins, cerca de 70 mulheres, em sua maioria tecelãs, foram a pé do Quarto Distrito da capital até a praça Montevideo para participarem da manifestação.

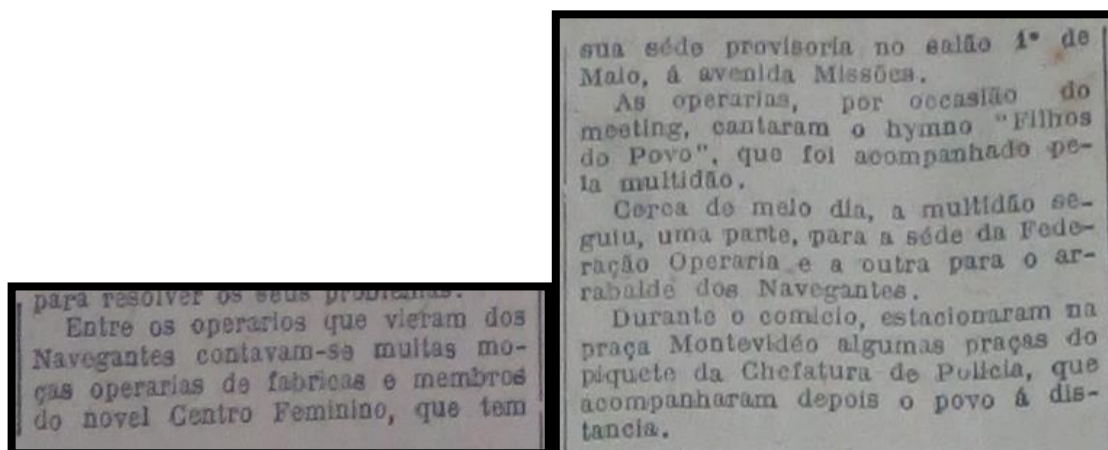


Figura 28 - Correio do Povo, Porto Alegre/RS, p. 2, 7 agosto 1917.

Além de ter sido uma das entidades criadas durante a Greve, não há muitos registros do Centro, não permitindo precisar o seu período de atuação. Ao mesmo tempo, o fato de existirem revela a importância que para elas tinha de se organizarem enquanto mulheres.

<sup>104</sup> Edgar Rodrigues coloca o nome como “Catalice”, porém nos jornais, notas e árvores genealógicas encontradas a grafia correta aparece como “Cantalice”. Não foi localizado nenhum documento pessoal dela para que pudéssemos ter certeza. Nesta dissertação, iremos utilizar a grafia localizada nas fontes: Cantalice.

#### 4.2.4 Centro Feminino de Estudos Sociais (Pelotas): Amélia Gomes, Lali Costa, Victoria Costa e Eliza De Oliveira.

Ao analisar o jornal *O Rebate*, Maria Amélia Gonçalves da Silva (1998, p. 192) localizou a organização e estabelecimento do Centro Feminino de Estudos Sociais (CFES) em Pelotas, pelo qual operárias buscam promover a emancipação social feminina, educação e antimilitarismo com viés anarquista.

Em 16 de agosto de 1915, O REBATE, noticia uma reunião de operárias que tinha como finalidade a criação de uma associação feminina; três dias depois, anuncia-se a fundação de Centro Feminino de Estudos Sociais. [...] um lapso de nove meses durante o qual teria funcionado o grupo anarquista feminino pelotense.

A existência do Centro Feminino de Estudos Sociais em Pelotas/RS também é uma ponta de resistência destas operárias, que apesar das zombarias, escreviam e se posicionavam. O CFES consistia na secretária e tesoureira **Amélia Gomes**, além da citação das companheiras **Lali Costa e Victoria Costa**. Promoviam palestras e debates por convidados e acontecimentos sociais ocorridos em seus cotidianos, sob o viés libertário e anarquista (SILVA, 1998, p. 193).

Amélia Gomes durante uma reunião de operários da região de Pelotas e Rio Grande que estavam participando no movimento das greves de 1917<sup>105</sup>, proclamou um discurso que mexeu com a imagem que desejavam construir das mulheres, trazendo questionamentos sobre o movimento trata as mulheres que são suas companheiras na emancipação da classe:

Uma operária tomando a palavra em meio a um comício onde participavam cerca de 2 mil pessoas? Certamente uma imagem dissonante dos estereótipos de submissão e passividade femininas. Teria sido apenas um arroubo de ousadia dessa mulher em meio a um momento de contagiante rebeldia? Ou, como ela, existiam tantas outras que participavam do movimento operário da região e que acabaram sendo silenciadas pelo discurso dominante que as queria cordatas e caseiras? E se existiam outras, em que consistia sua participação no movimento operário local? (SILVA, 1998, p. 155).

O Centro Feminino de Estudos Sociais apareceu novamente no Congresso de Paz em 1915, promovido na sede da Confederação Operária Brasileira, no Rio de Janeiro. O Congresso de Paz foi um evento promovido pelos operários a fim de debater como iriam agir, enfrentar e resistir a Primeira Guerra Mundial, que até aquele momento era a Grande Guerra marcou com um tragédias e massacres o início do século XX (LUCA e COTRIM, 2018, p. 10). No *Jornal do Brasil*, ao divulgar o nome dos representantes das associações que participam do Congresso,

<sup>105</sup> Algumas das reivindicações da greve: aumento de salários, redução da jornada de trabalho – 8h para homens e 6h para mulheres -, não admissão de menores de 14 anos e redução dos preços dos itens básicos – alimentos e aluguéis.



o nome **Elisa de Oliveira**<sup>106</sup> aparece como representante do CFES, ao lado de Maria Antonia Soares, nomeada pelo Centro Feminino Jovens Idealistas de São Paulo. De Pelotas também compareceram os Anarquistas de Pelotas, representados por Pedro Bischoff e Santos Barbosa.

Sobre o CFES, Maria Antonia Soares endereçou uma carta pública as companheiras pelotenses. Pelo conteúdo da carta, é possível perceber que o grupo de Pelotas enviou uma carta para o Centro Feminino de São Paulo, do qual Soares pertencia, informando sobre sua inauguração do CFES e meses depois, avisando sobre a finalização de suas atividades (SILVA, 1996, p. 162).

Carta Aberta

Às companheiras do C. Feminino de Estudos Sociais.

Companheiras

Foi com profundo pesar que recebi a notícia da dissolução do vosso Centro.

Fundado há bem pouco tempo, e havendo em vós quando o fundaste o entusiasmo que parecia haver, acho inexplicável, parece-me mesmo impossível que se tenha dissolvido.

A meu modo de ver, deveis telo sustentado enquanto fosse possível embora os sacrifícios a fazer fossem muitos, a apesar de todas as dificuldades que poderiam ter surgido.

[...] Vós mesmas, em uma carta dirigida ao C. F. de São Paulo, demonstrastes contar com tudo isso e dizeis-vos prontas a lutar, a lutar sempre, apesar de tudo.

[...] Ele [CFES], foi fundado, como o de São Paulo, como o fim de despertar no elemento feminino do Brasil, algum interesse pelas questões sociais.

Para nós, que já nos interessamos mais ou menos, temos os vários centros libertários onde podemos perfeitamente emprenhar a nossa atividade. Nós não precisamos dos centros exclusivamente femininos pois que não vemos a necessidade (de nossa parte) de estabelecer, na luta uma linha divisória entre os dois sexos sendo as aspirações as mesmas.

Se os centros femininos constituem uma necessidade, é devido a ser a única forma de atrair ao nosso meio, o elemento feminino.

Era esse, justamente o fim do vosso Centro, a missão que vos propusestes ao fundalo. Atrair a vós as mulheres desta cidade, deste estado, mesmo, e fazê-las interessar-se pelas ideias que queremos propagar.

[...] Maria Antonia Soares, Do Centro Feminino Jovens Idealistas, de S. Paulo<sup>107</sup>.

Pela carta de Maria Antônia, percebermos as ambições do CFES ao ser fundado, sendo um espaço para as mulheres se sentirem a vontade de se aproximarem da causa anarquista, e não sendo um movimento para ramificar a luta em dois sexos, mas um mecanismo de propaganda para aproximar as mulheres das questões sociais. Além disso, a carta confirma o pouco período de vigência do Centro Feminino, aparentemente sem ele ter lhe apresentado a justificativa.

<sup>106</sup> Congresso de Paz: As representações, as moções, os discursos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 15 set. 1915. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_03/31981?pesq=congresso%20internacional%20da%20paz](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_03/31981?pesq=congresso%20internacional%20da%20paz)

<sup>107</sup> SOARES, Maria Antonia. Carta aberta. **A Luta**, Pelotas, p. 2-3, 31 maio 1916 (Carta completa no Anexo B).



Sobre Elisa, não localizamos outros vestígios de sua ação, mas é possível confirmar que esteve presente na oposição do operariado brasileiro as atrocidades da guerra, numa demonstração do caráter internacionalista que o movimento expressava, levando consigo as mulheres libertárias de Pelotas. No mesmo congresso houve a participação de comitivas de outros países, como a Argentina. Pela historiografia, seu nome também pode constar na grafia de Eliza Gonçalves de Oliveira (SILVA, 1996, p. 164).

No jornal *O Tempo*, da cidade de Rio Grande, localizamos uma notícia de 1918, indicando que alguns operários e operárias de Pelotas foram até a cidade a fim de discutir a construção de uma escola operária em Pelotas. Na comissão que se deslocou, consta o nome de Amélia Gomes, acompanhada de mais uma mulher: Josepha Benites. Devido à proximidade dos anos e locais correspondentes, é possível que seja Amélia Gomes participante do Centro Feminino de Estudos Sociais, confirmando sua participação permanente no debate de classe, luta e educação na cidade de Pelotas. Na mesma comissão encontrava-se Zenon de Almeida, esposo de Eulina Martins, que no próximo substituto será apresentada.

#### **4.2.5 Irmãs Martins: Espertirina, Eulina, Dolsina e Virgínia.**

Nascidas numa família de tradicionais libertárias, não foi difícil a integração de Espertirina, Eulina, Dolsina<sup>108</sup> e Virgínia no movimento anarquista gaúcho. Na pequena região onde atualmente comporta as cidades de Lajeado e Cruzeiro do Sul, elas cresceram frequentando as aulas libertárias de Malvina Tavares. Junto com seus irmãos, entre eles Henrique Martins e Nino Martins, elas foram introduzidas aos conhecimentos e principalmente práticas anarquistas.

---

<sup>108</sup> A bibliografia tradicional utiliza a grafia de Dulcina, porém seguiremos o nome de seu registro de nascimento e como ela assinava, Dolsina Augusta Martins. Fonte: Registro de Nascimento, L. A-12, fls 38v, nº 39 – 1902, Lajeado/RS.



Figura 29 - Irmãs Martins.

Ao conversar com o filho de Zenon de Almeida e Eulina Martins, Marat Martins Budaszewski, Isabel Bilhão percebe o quanto a solidariedade e anarquista fez parte da formação familiar dos Martins. Mesmo após saírem de casa e irem para a capital gaúcha se fizeram mais presentes no movimento operário, mantiveram a ligação familiar e a solidariedade associativa. Nos jornais onde encontramos como diretores Djalma Fettermann e Zenon de Almeida (que se tornaram esposos de Dolsina e Eulina), as irmãs estavam presentes na edição, impressão e divulgação dos exemplares.

A transmissão de ideologia não ocorre apenas de maneira formal, durante greves e agitações, tampouco ocorre apenas nos espaços sindicais, nas associações ou federações. A organização operária encontra espaço fértil também em volta das mesas dos bares, dos cafés, no interior das casas e das pensões, da mesma maneira que a educação dos filhos, o convencimento dos novos participantes, transborda de afetividade (BILHÃO, 1999, p. 108).

De acordo com o Marat, sua mãe e tias eram mulheres comuns que viviam nos espaços ideologicamente e ali constituíram suas vidas:

[...] eram mulheres normais, mulheres bonitas, mas que tinham um algo mais... que os homens adoram muito, eram mulheres intelectuais, então seus casamentos também foram motivados ideologicamente, nos grupos que frequentavam, na escola Eliseu Réclus, na Escola Moderna, conheceram seus companheiros.... aí surge o amor... surge o namoro e se casam... (BILHÃO, 1996, p. 200).

Na Sociedade Racionalista, fizeram-se presentes no estabelecimento da Escola Modera em Porto Alegre. Como professoras, aplicaram a prática e os ensinamentos libertários aos filhos dos operários da cidade.



Figura 30 - Escola Moderna, Porto Alegre, 1917.

Na Imagem da Escola Moderna em 1917, dos professores e os alunos, é possível verificar do lado esquerdo da imagem Djalma Fettermann e Zenon de Almeida, acompanhados por Dolsina e Espertirina, no canto direito.

Enquanto esses permanecem em Porto Alegre, Eulina Martins foi junto ao esposo Zenon de Almeida em diversas mudanças. Após a Greve de 1917, se mudaram para o Rio de Janeiro e logo em seguida para a cidade de Rio Grande e Pelotas. A presença de Zenon de Almeida na comissão que foi junto com Amélia Gomes para Rio Grande debater sobre a criação de uma escola operária indica que possivelmente Amélia e Eulina tenham trocado ideias libertárias entre si, mas infelizmente isso ainda é apenas uma hipótese.

Em Porto Alegre, trabalhavam na manipulação e elaboração da massa explosiva utilizada pelos operários nos combates em greve e auxiliava nas impressões e distribuições do jornal *A Luta*, e assim para onde mudavam, realizavam atividades envolvidas com o movimento anarquista (MARÇAL, 1995, p. 109-110).

4.2.5.1 *Espertirina Augusta Martins (1903-1942)*



Figura 31 - Espertirina Martins.

Espertirina nasceu em 16/12/1903, na Vila do Lageado, filha de Theophilo Augusto Martins e Laura Reichenbach, como consta no seu registro:

1  
 Registro de nascimento de Espertirina  
 Augusta Martins  
 Nos dois dias do mez de janeiro do  
 anno de mil novecentos e quatro, em  
 meu cartorio nesta Vila do Lageado  
 compareceu Leopoldo Augusto Mar-  
 tins e perante as testemunhas no  
 fim assignadas declarou ser solteiro  
 e casado com Laura Reichembach  
 Martins, ambos naturaes deste Estado  
 e residentes neste municipio e que  
 deste legitimo matrimonio houveram  
 uma criança do sexo feminino  
 nascida a desceis de Dezembro  
 proximo findo, as oito horas da  
 noite em sua casa, a qual deu  
 o nome de „Espertirina Augusta.“  
 Pais avós paternos Antonio Martins  
 da Rosa e Maria do Carmo Reis  
 e maternos Henrique von Reichem-  
 bach e Candida Stambeja Reichem-  
 bach. Para constar eu Leopoldo  
 Emilio ajudante do official do  
 register civil lavrei este termo que  
 communigo assigna o declarante e  
 as testemunhas depois de acharem  
 conforme. O ajudante do off. al  
 Leopoldo Emilio *Leopoldo Emilio*  
 official do register subscriso e assinado  
 official Carlos *Carlos*  
 Augusto *Augusto* e Augusto Martins.  
 Pedro Benedito Henrique Emilio

Figura 32 - Registro de Nascimento de Espertirina Augusta Martins. 02/01/1904, Vila de Lageado.

Esperitirina foi aluna da professora Malvina Tavares, juntamente com suas irmãs, tendo os ensinamentos aperfeiçoados pela libertária. Em Porto Alegre, se destacou como aluna da Escola Moderna. Nos resultados do ano de 1917, ela é aprovada com distinção, ficando em 2º lugar em Bordado e em Desenho.



Figura 33 – Exames. **A Federação**, Porto Alegre, p. 3, 27 dez. 1917.

Acompanhou a família nas viagens, residindo em várias cidades e se casando em 10 de setembro de 1926, em uma cerimônia matrimonial na casa de Djalma e Dolsina no Rio de Janeiro com Arthur Fabião Carneiro, seu ex-colega na Escola Moderna. De volta à Porto Alegre, Espertirina falece em 22 de dezembro de 1942, aos 39 anos. Deixa 4 filhos: Anibal com 16 anos, Ligia, com 13 anos, Dalva com 12 anos e Maria da Glória com 9 anos<sup>109</sup>.

Atualmente é conhecida pelos movimentos anarquistas pelo buquê de dinamite que teria lançado aos brigadistas na Greve de 1917, com apenas 14 anos. Sabemos que ela, como suas irmãs, auxiliava na manipulação dos explosivos, porém infelizmente não há fontes suficientes que consigam confirmar o ato de Espertirina diante dos brigadistas.

Sabe-se que na Batalha da Varzea, no espaço de Porto Alegre onde hoje podemos encontrar o Parque da Redenção, houve um confronto entre brigadianos e os trabalhadores que se reuniam no local em vigília pelo falecimento de um companheiro. Também sabemos que era uma tática do movimento fazer com que as mulheres levassem flores pelas manifestações, com o propósito de feminilizar as operárias e tornar menos violenta a forma como a população de fora olhava os protestos (BILHÃO, 2005, p. 126). De acordo com os relatos da família, além de Espertirina, Zenon de Almeida, Djalma Fettermann, Reinaldo Geyer e Eulina Martins estariam envolvidos na ocorrência, quando o buquê de flores com uma dinamite aceso foi arremessado em direção aos brigadianos, provocando uma explosão. Enquanto alguns dão a

<sup>109</sup> Registro de óbito de Espertirina Martins Carneiro: L C-49, fls 290, nº 37.450 – Porto Alegre/RS.



autoria do arremesso à Espertirina, outros informam que ela entregou o buquê à Djalma, que então realizou o lançamento.

Provocando ou não a explosão, a simbólica de um buquê de flores que indicam a feminilidade e fragilidade ser usado como condutor de uma dinamite para provar tal estrago é inegável. Sua autoria não impossibilita reconhecermos a referência que Espertirina foi e é para os anarquistas brasileiros.



Figura 34 - Grafite fazendo referente à Espertirina, fazendo alusão aos trabalhos de Banksy.

No grafite assinado pelo “Armamento Visual”, a imagem de Espertirina lançando um buquê de dinamites torna visível o que teria ocorrido. É perceptível a homenagem à anarquista, ao mesmo tempo que o nome dela é grafitado com grafia incorreta, “Esperintirina”, representando que muito sobre ela ainda deve ser desvendado e conhecido.



Figura 35 - Representação de Espertirina.

Em uma rápida busca pela internet, é possível encontrarmos, além de várias caricaturas, movimentos que levam seu nome, como o “Coletivo Buquê de Esperitirina”<sup>110</sup>, *sites* anarquistas que trazem seu nome<sup>111</sup>, além de ser a capa do “Ateneu Libertário A Batalha da Várzea”<sup>112</sup>, coletivo anarquista que permanece em Porto Alegre/RS.



Figura 36 - Foto de Perfil. Ateneu Libertário A Batalha da Várzea.

<sup>110</sup> Fonte: <https://linktr.ee/ColetivaBuquedeEspertirina>. Acessado em 17/01/2022.

<sup>111</sup> Fonte: <https://espertirina.wordpress.com/>. Acessado em 17/01/2022.

<sup>112</sup> Fonte: <https://www.facebook.com/abatalhadavarzea/>. Acessado em 17/01/2022.



Destacamos aqui a figura e imagens de Espertirina a fim de mostrar a demanda que há do conhecimento sobre essas mulheres.

#### 4.2.6 Dorvalina Martins Ribas (1900-1944)

Porto-alegrense, Dorvalina Martins Ribas conheceu os ensinamentos de Francisco Ferrer e tornou-se sua seguidora fiel, e através de Ferrer conheceu o anarquismo e envolveu-se com o movimento e com a docência dos filhos dos trabalhadores. Formou-se na Escola Complementar de Porto Alegre e compôs o quadro de professores da Escola Moderna. Em 1919 se tornaria a diretora de tal instituição, que chegou a ter quatrocentos alunos, indicando que além de professora, Dorvalina foi também uma excelente administradora. O *Correio do Povo*, no dia 03 de maio de 1919 noticiou as comemorações do 1º de maio com as passeatas dos operários e seus filhos em frente à Escola Moderna, cantando hinos vinculados à luta operária. A professora Dorvalina estaria na frente dos alunos, guiando a todos.

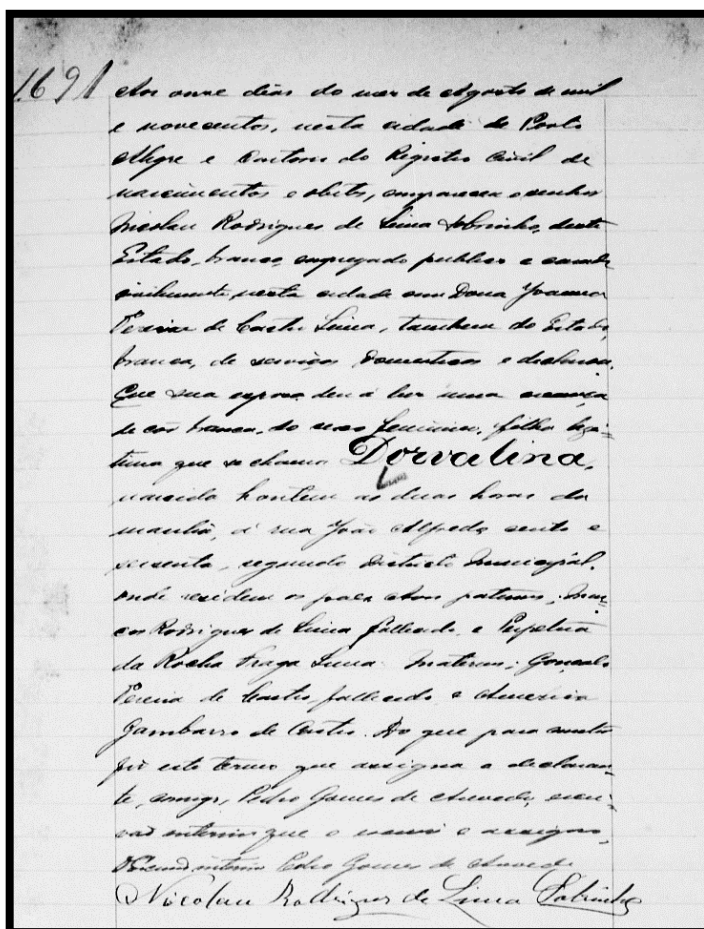


Figura 37 - Registro de nascimento de Dorvalina – 1900, Porto Alegre.

De acordo com Marçal (1995, p. 144), após se casar com Jesus Ribas em 1921, ambos se direcionam para Erechim, ao norte do Estado, e lá administram “[...] uma pequena escola para meninos, onde ambos lecionaram.”. Após conflitos que tiveram na região, impedindo a prosperidade do projeto libertário na região, eles retornam à capital.

Ao retornar, ela integrou vários grupos envolvidos na luta operária, entre eles o Grupo Anarquista Internacional, em 1928, no qual em homenagem à Francisco Ferrer, Dorvalina teria palestrado sobre sua referência.



Figura 38 - Dorvalina Martins Ribas.

Seu esposo, Jesus Ribas Sieiro, adquiriu um terreno na rua Joaquim Cruz, esquina com a atual rua de Paulino Chaves em 1925<sup>113</sup>. No ano de 1930, podemos perceber que o jornal tradicional anarquista da capital, *A Luta*, era editado na residência de Francisco Grecco (esposo de Cantalice Silva do Grupo Feminino Libertário), no endereço de rua Caldre Fião, que posteriormente passou a ser chamada de rua Paulino Chaves<sup>114</sup>. Por essa coincidência, que de surpresa não tem nada, podemos deduzir que a residência de Dorvalina recebia outras famílias

---

<sup>113</sup> Transmissões de propriedades. **A Federação**, Porto Alegre/RS, p. 2, 24 jun. 1925; Transmissões de propriedades. **A Federação**, Porto Alegre/RS, p. 3, 27 nov. 1925.

<sup>114</sup> Expediente da “A Luta”. **A Luta**, Porto Alegre/RS, p. 2, junho 1930.

anarquistas, como a família de Francisco e Cantalice, não deixando de expressar o anarquismo através das palavras.

Após os anos 30, Dorvalina com seu marido seguiram sua dedicação à educação infantil, construindo um Instituto de Assistência e Proteção à Infância, junto à sua residência na pedreira do Morro de Santo Antônio. Sua intenção era abrigar crianças que estivessem passando por situações desumanas, sobrevivendo com as poucas economias da família, ajuda comunitária e muita dedicação e empenho.

Esse terreno onde viveu Dorvalina e seu marido Jesus Ribas, foi cedido para a Prefeitura de Porto Alegre<sup>115</sup>, tornando-se na Praça Josué Ribas Martins, nome do filho do casal<sup>116</sup>.



Figura 39 - Praça Josué Ribas Martins.

#### 4.2.7 Agostina Guizzardi

De acordo com a bibliografia, Agostina fez parte do movimento anarquista da cidade do Rio Grande, licenciando, discursando e escrevendo. Autora da peça “A Honra Proletária”, é bastante elogiada pelos seus companheiros da União Operária pelo trabalho com seus dramas:

A União Operária ofereceu a nossa companheira um valioso buquê de flores naturais tendo pendentes largas fitas das cores incarnada e branca, cujas traziam gravada em letras douradas a seguinte dedicadora:

A União Operaria, agradecida à D. Agostina Guizzardi; homenagem que muito penhorou a querida escritora operaria.

Nos também a saudamos, embora um pouco tarde, fazendo votos para que continue na espinhosa tarefa de levar luz aos cérebros proletários<sup>117</sup>.

<sup>115</sup> Registro da doação do terreno para a Prefeitura de Porto Alegre, Anexo II.

<sup>116</sup> Praça Josué Ribas Martins, Medianeira, Porto Alegre/RS. CEP 90660410. Entre a rua Paulino Chaves e a Avenida Bento Gonçalves.

<sup>117</sup> S/A. A Honra Proletária. **O Proletário**, Rio Grande, p. 2, 28 jan. 1906.

Autora de dramas que visam “[...] a propaganda das ideias libertárias [...]”<sup>118</sup>, Agostina em suas passagens pelo jornal *O Proletário*, mostra-se esperançosa diante da arte a fim de educar os trabalhadores e alcançar o mundo almejado:

Sabemos perfeitamente que falamos ao deserto, mas mesmo assim gritaremos cada vez mais, na esperança de que no meio da aridez da inconsciência, ligada a mais imperdoável apatia, existam ainda algumas oásis, verdejantes de dignidade no pleno sentindo da palavra.  
Às vezes, tanto se grita, até que alguém se acorda<sup>119</sup>.

Aproveita o espaço do jornal para criticar a organização da União Operária por uma festa em homenagem a um marinheiro português que esteve na cidade, sobre a qual a União teria uma atitude bastante patriótica, o que desviaria a internacionalidade do movimento operário: “Ignorava talvez a *comissão promotora* que o talento é *cosmopolita* e a União Operária *uma* associação internacional? Esqueceram-se que festejavam um filho do povo distinto, e não *a nacionalidade* portuguesa?”<sup>120</sup>.

Sua peça teatral *Amor e Ouro* foi encenada em 1903 no teatro municipal para um público de diversas classes sociais. Embora Guizzardi não fosse uma operária, vivenciava, assim como as demais mulheres, a submissão e as limitações que a sociedade patriarcal e conservadora de então a fazia sentir. A militante era prestigiada também por outras intelectuais que não atuavam entre o operariado, como pela também escritora e professora rio-grandina Revocata Heloisa de Melo, a qual escreveu o prefácio do drama social *Amor e Ouro*, não poupando elogios à escrita da libertária. [...] Pela escrita do prefácio, pode-se deduzir que Agostina era uma mulher jovem, pois Revocata, que à época contava com 53 anos de idade, refere-se à militante italiana como estando em seus “verdes anos”. Sua escrita revela ainda que a militante não possuía uma maior instrução formal, pois, conforme a descrição da escritora, ao elogiar a obra da jovem dramaturga, ressalta que esta não contava com “aprofundado estudo”. Revocata se referiu ainda ao meio social no qual Guizzardi atuava e o descreveu como uma tarefa árdua, “um labor acurado e de rude convivência com que tendes lutado”, provavelmente se referindo à atuação de Guizzardi como intelectual no meio operário, lidando com as mazelas de um grupo social menos favorecido da sociedade. (MACEDO, 2015, p. 85-86).

Quando olhamos para a peça *Amor e Ouro*<sup>121</sup>, encontramos Ayda, adolescente com menos de 15 anos, órfã de mãe, que assume todas as funções domésticas destinadas as mulheres, e vive equilibrando a relação conturbada do pai – homem de posses – e seu irmão – genioso e preocupado com as questões sociais, o que leva a ser expulso da casa do pai. O enredo engrossa quando Ayda apaixona-se por Jayme, um rapaz que agora encontra-se em situações emergenciais economicamente. Diante da situação do rapaz, o pai de Ayda opõe-se à relação

<sup>118</sup> S/A. A Honra Proletária. **O Proletário**, Rio Grande, p. 2, 28 jan. 1906.

<sup>119</sup> GUIZZARDI, Agostina. Na “União Operária”. **O Proletário**, Rio Grande, p. 2, 28 jan. 1906.

<sup>120</sup> Destaques do original: GUIZZARDI, Agostina. Na “União Operária”. **O Proletário**, Rio Grande, p. 2, 28 jan. 1906.

<sup>121</sup> Texto completo em Anexo D.

e pretende casar a filha com jovem da mesma classe social. O principal articulador do pai de Ayda é um padre que diante do enredo, se apresenta bastante corrupto. Há drama, “[...] conversas escutadas atrás de portas, desencontros, cartas reveladoras, de tom melodramático, bem ao gosto da época” (SILVA, 1998, p. 213).

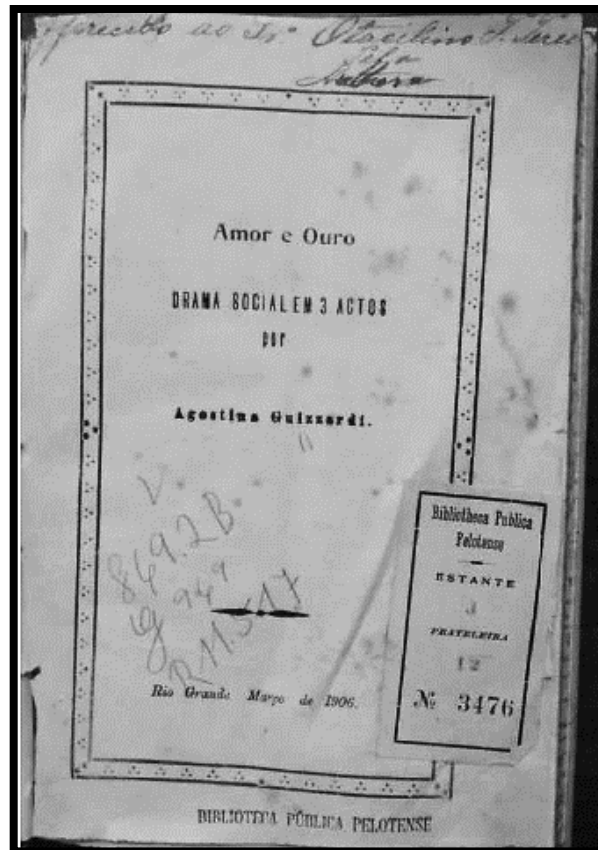


Figura 40 - Folha de Capa da obra "Amor e Ouro".

O foco principal do drama apresenta a rebeldia de Ayda sobre as imposições patriarcais de seu pai, conflitos sociais de plano de fundo, e uma forte crítica anticlerical nas descrições da personalidade do padre, “[...] viciado em rapé, revela segredos de confissões de moças aos amigos, defende o casamento como uma aliança econômica, proferindo discursos contra o casamento interclasses” (SILVA, 1998, p. 214).

Ao mesmo tempo que Ayda opõem-se a solicitação do pai e ao casamento arranjado, é interessante como Agostina mantém traços de generosidade, respeito, infantilidade e ingenuidade e moralidade à sua protagonista, a fim de que ela caia no gosto do público que assiste e não cause resistência a exibição da peça.

No ato de se libertar de toda dominação dos homens controlando seu destino, Ayda decide envenenar-se, tendo sua carta de suicídio lida no último ato da peça:

– [...] .... Companheiras; a vós, enfim, um último adeus! Um último conselho: se por acaso, a sorte vos preparar um caminho tão espinhoso como aquele que eu trilhei; lutai, lutai com força, mas nunca vós torneis perjuras, porque o remorso matar-vos-ia! Lembrai-vos sempre desta infeliz, que neste extremo instante vós dirige o último adeus! .... [...] (GUIZZARDI, 1906, p. 83).

Para além do enredo romântico, sua peça expressa ação de transformação social e mensagens morais e políticas.

Além de dramaturga, Agostina dava aula de italiano e português aos operários. No anúncio, a propaganda pela educação em casa, incentivando então os alunos a após aprenderem com Agostina, passem aos filhos os ensinamentos, através dos dizeres seguintes: “Aos operários, recomendamos a escola dirigida pela nossa companheira, e lembramos aos pais de família, o sacrossanto dever de instruir e educar os próprios filhos.”<sup>122</sup>.

Agostina Guizzardi, de acordo com Marcos Cesar Borges da Silveira (1999, p. 90):

Desempenhou várias atividades junto ao meio operário, dentre estas destacam-se os debates teóricos, a atividade de ensino, bem como a elaboração de artigos e dramas vinculados ao ideário anarquista e à condição da mulher. Esta militante, respeitada por sua capacidade intelectual, percebeu claramente os limites que constringiam a participação da mulher no contexto social da época.

#### 4.2.8 Alayde L. Campos

Nas edições do “O Sindicalista” do ano de 1925, encontramos a participação de Alayde L. Campos. Os textos são assinados como de São Gabriel, mas são publicados nas edições de Porto Alegre. Em seus textos há crítica sobre o que a sociedade espera das mulheres e do feminino. Alayde aponta que o papel das mulheres são situações de escravização tanto pelos seus pais como depois pelos seus maridos.

Minha Rebeldia

Desde os primeiros anos que tenho podido analisar alguma coisa do que se passa e tenho visto que o sexo feminino é verdadeiramente escravizado.

Nós, as mulheres, somos escravas dos nossos papéis enquanto moças e, pior ainda, das modas e quando donas de casa, segundo me parece, escravas dos nossos companheiros.

Mas eu, como já tenho feito algumas investigações, jamais quereirei um senhor para me governar, me oprimir, pôr-me um rosário às mães, mandar a igreja e pôr-me uma cadeia ao pensamento.

Quero ser e viver livre na terra como o pássaro na livre floresta.

Quero viver não como escrava, mas sim como uma parte integral da humanidade, investigando a ciência e a verdade, passando horas inteiras nas bibliotecas de estudos sociais: quero ouvir as conferências feitas por verdadeiros literatos; quero sondar as belezas do grande banquete intelectual e tomar parte no engrandecimento da arte, para que eu não seja uma eterna ignorante enfileira no exército dos retardatários do progresso.

<sup>122</sup> S/A. Escola. **O Proletário**, Rio Grande, p. 4, 28 jan. 1906.

Pois, eu sou uma revoltada contra qualquer pessoa que afirme a inferioridade da mulher, porque como mulher me julgo capaz e apta para tomar parte em todos os ramos de atividade humana.  
Sou mulher e não um objeto de luxo<sup>123</sup>.

Quanto a posição política de Alayde, no seu texto “Proletários!”, não resta dúvidas do papel do anarquismo em sua vida. Fica evidenciada a preocupação dela com a situação dos operários.

Proletários!  
Soou a hora das nossas reivindicações, correi aos vossos postos.  
Ofereçamos a vida em troca da nossa liberdade, rebentemos as algemas que há tanto tempo nos oprimem!  
Ponhamos terra todos os privilégios!  
Ateamos fogo violento a todas as leis e códigos criados pelos tiranos!  
Depois desta passagem todo o despotismo e tirania desaparecerão e com eles a humilhação e a baixa moral.  
Ai então aparecerá a pomposa sociedade moderna, igualitária, cheia de paz, amor, justiça, liberdade e trabalho honrado e util.  
A esta moderna concepção de viver chamámos Anarquia. E eu, Anarquia, que sou tua filha fiel e dedicada estou de braços abertos para receber<sup>124</sup>.

Ao mesmo tempo que Alayde aponta a dominação e desigualdade das mulheres na sociedade, ela defende a necessidade da derrubada do capitalismo e se coloca à disposição da luta anarquista. Infelizmente não encontramos outros vestígios de Alayde, porém através destes dois textos que ela nos deixou, percebe-se sua imponência e dedicação ao ideal anarquista e a libertação de todos da dominação e tirania que assola mulheres e proletários.

#### 4.2.9 “Rosa”

Outras fontes que pudessem ajudar a identificar quem foi Rosa não foram localizadas. Pode se tratar de um pseudônimo ou de uma operária que realizou apenas sua única contribuição. Infelizmente o único rastro dela nos jornais está na edição do *O Syndicalista*, publicada no dia 15/07/1926, onde localizamos um texto com autoria de “Rosa”.

Os Pinheiros  
Que fim levaram eles? Muitos assim me perguntaram.  
Eis o que penso e sinto:  
Poderão ser arrasados por uma classe de subjugados, para fazer vontade e interesse duma classe parasitaria.  
Todavia não por serem criados pela natureza para o homem poder admirá-lo para gozar o seu fruto para alimentar os animais.  
Desalmados que só tem por base a exploração, não saberão eles que com estes atos vandálicos desejarão regiões inóspitas sem vida.  
Que devemos fazer?

<sup>123</sup> CAMPOS, Alayde L. Minha Rebelia. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 1, 31 out. 1925.

<sup>124</sup> CAMPOS, Alayde L. Proletários! *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 1, 15 nov. 1925.

É apelando para a classe laboriosa destes recantos para fazer surgir os seus protestos contra estes atos iníquos<sup>125</sup>.

Apesar de breve, o teor do texto não destoa da provocação do jornal em incitar os trabalhadores a se organizarem contra as forças patronais. Questionando sobre o desaparecimento da espécie arbórea pinheiros, coloca os seus aniquiladores como uma classe parasita, que não vendo utilidade nas árvores, as cortam. O texto assinado por Rosa traz uma outra fase que a luta operária deveria se aproximar, que é a luta contra a exploração natural.

A presença de Rosa na lista representa a possibilidade de haver vários pseudônimos e autores desconhecidos nos jornais que poderiam ser de mulheres, mas diante da moralização já apresentada nesta pesquisa, preferiam ocultar-se.

#### 4.2.10 Anna Libonati Avenna (-1961)

Anna nasceu na alta nobreza de Nápoli e após se deparar com a situação dos trabalhadores gaúchos e se envolver na organização dos rodoviários, Anna rasga os braços familiares.

Atuou como enfermeira durante a Primeira Guerra Mundial, ao lado do seu marido Alfredo Avenna. Já no final da década de 1910, é presente nos debates na organização dos motoristas, estando presente na tentativa de sindicalizar a classe. Nos anos 20, ajudou a dar origem a Associação dos *Chauffeurs* de Porto Alegre e em 1926 fez parte da edição do *O Automobilista*, jornal que se tornaria o porta-voz da categoria. Além dos ciclos trabalhistas colaborou com o Correio do Povo, licenciando no extinto Colégio Voluntários da Pátria, além de ter seus textos lidos e disseminado na maçonaria gaúcha.



Figura 41 - Redactor: A. Libonati Avenna. *O Automobilista*, Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1926.

Sabemos de atuação na editoração do jornal da categoria, *O Automobilista*. No jornal, focado em assuntos, notícias e propagandas vinculadas à profissão dos *chauffeurs* (como Anna

<sup>125</sup> Rosa. Os Pinheiros. *O Syndicalista*, Porto Alegre, p. 3, 15 jul. 1926.



nomeava os motoristas), foi dirigido por José Freitas da Silva, com Redator principal A. Libonati Avena. Em alguns de seus textos, Anna Libonati Avena apresenta a abordagem sobre a utilização de narcóticos toxicológicos. Sua preocupação sobre as alucinações que podem provocar em seus usuários e o que podem fazê-los. Afirma que proibição das drogas não é uma solução prática e é falha. Cobra mais dos governos e das sociedades médicas.

É que o caminho é errado, as medidas proibitivas não são as que deveriam ser.  
 O país que vê os seus melhores filhos definhar, o país que vê as suas forças vivas enfraquecer e baquear, deveria tomar outras providencias, visto que as que estão em vigor foram contraproducentes.  
 E aos senhores médicos que, conscientemente, com a força que vem do saber, que cabe o direito e o dever de iniciar a verdadeira campanha saneadora.  
 Eles bem sabem que o viciado, o misero candidato a morte ou a loucura, uma vez que experimenta o terrível toxico, não o *pode* abandonar mais. Eles bem sabem que a cocaína, a morfina e similares, como as antigas e téticas prisões de estado, *nunca* soltam suas vítimas.  
 Não existe força de vontade, visão aterrorizadora, imposições pela razão ou súplicas carinhosas, que possam fazer com que um viciado abandone espontaneamente a droga maldita<sup>126</sup>.

Chega a defender a restrição de liberdade dos usuários, a fim de curá-los e controlá-los, utilizando como justificativa o controle moral da sociedade e famílias. Seu combate as práticas de alucinação dos trabalhadores lembram o combate ferrenho dos anarquistas ao consumo de álcool. Apenas alguns textos de Anna Libonati foram analisados, mas sua articulação com as palavras e sua coragem de se articular numa categoria que até os dias atuais é predominantemente masculina são aspectos que devem ser ressaltados sobre sua personalidade.

Escreveu o *O Chauffeur*, livro que foi enviado para seu companheiro do jornal José Freitas da Silva, a fim de ser editado e lançado. Atualmente é difícil encontrar um exemplar disponível (MARÇAL, 1995, 43 e 44). Em buscas, foi possível localizar apenas a capa, onde consta o nome de Anna como autora.

---

<sup>126</sup> Destaques do original: AVENNA, Anna Libonati. Caminhos errados. **O Automobilista**, Porto Alegre, p. 2, 08 maio 1926.

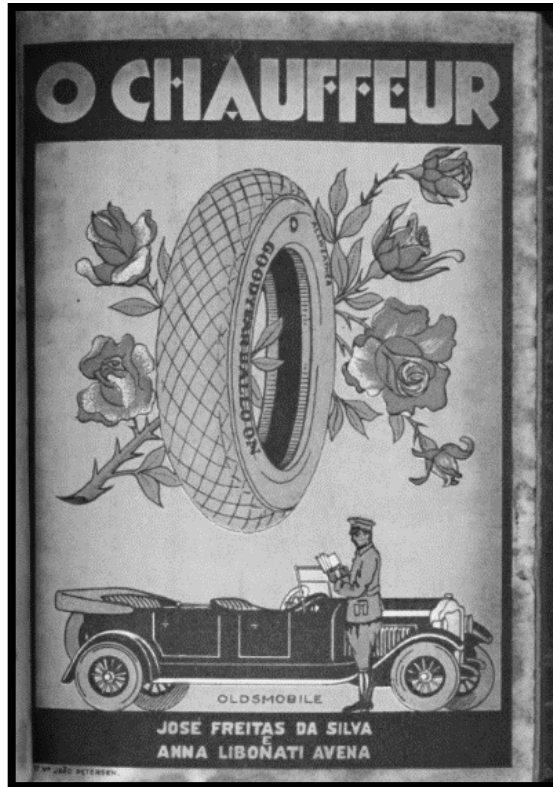


Figura 42 - Capa da obra "O Chauffeur", por José Freitas da Silva e Anna Libonati Avena.

Anna faleceu em Porto Alegre, em 1961. Sua presença nesta lista consiste por sua participação ativa na organização dos trabalhadores automobilistas, através de associação e jornal, mecanismos usados pelo movimento anarquista para disseminação de suas ideias.

#### 4.2.11 Elisa Hedwig Augusta Wolf (-1942)

A decisão de mencionar Elisa está no intuito de apresentar um dos grandes silenciamentos do movimento: as esposas. Elisa Hedwig Augusta foi esposa de Friedrich Kniestedt, grande nome do movimento anarquista alemão e gaúcho. Infelizmente o que temos sobre a atuação dela está contado através da escrita do marido, em suas memórias. Nelas o nome de Elisa não é mencionado, sendo designada como “minha mulher” pelo autor, mesmo que ele nomeie os filhos, amigos e companheiros de militância.

O casal se casou em 1896, em Asken, na Alemanha. Elisa manteve-se ao lado de Kniestedt durante a prisão dele, em território alemão em 1896, mesmo ano do matrimônio. Enfrentou as autoridades exigindo saber o paradeiro do esposo após ser levado preso. Visitou-o na cadeia, passando mal ao revê-lo em situações de desnutrição e sujeira, o que tornou o reencontro mais breve do que previsto:

Minha mulher arriscara demais. Ela soltou um grito e desmaiou. Quando ela se acalmou, tinha passado o prazo de 20 minutos de visita e eu fui levado embora, sob protesto, sem ter trocado uma palavra com ela. Da minha cela ouvi como minha mulher chorava ao deixar o presídio (GERTZ, 1989, p. 23).

A coragem e autonomia de Elisa a sobreviver sabendo da situação que se encontrava o esposo é necessário destaque. Com a liberdade de Kniestedt, muitas turbulências afetaram a família envolvendo a perda de um filho recém-nascido e conflitos com o pastor local (período anterior a militância anarquista), nesse momento Elisa adoeceu. Nesta fase, com a esposa enferma e a perda de alguns filhos, Kniestedt “[...] queixa-se dos afazeres domésticos que devia desempenhar, da falta de dinheiro e, por fim, do desemprego que sobreveio pouco antes do Natal de 1905.” (SCHMIDT, BILHÃO e SILVA, 2002, p. 164).

Depois de um tempo tendo se mudado para Paris, Elisa e os filhos o seguem. Neste momento é possível perceber o quanto a presença de Elisa facilitou a estadia da família na cidade, aprendendo rapidamente o novo idioma, fazendo laços de afinidade e solidariedade com outras mulheres. O mesmo ocorre quando a família decide migrar para o Paraná, em busca de uma colônia vegetariana. Novamente a perspicácia da esposa contribui “[...] no sentido de estabelecer laços de solidariedade com a vizinhança, o que se constituía em ação fundamental para a garantia da sobrevivência do grupo familiar num meio tão hostil.” (SCHMIDT, BILHÃO e SILVA, 2002, p. 165).

Após regresso ao território alemão, onde Elisa trabalha como costureira, retorno ao Paraná, quando Elisa realiza um trajeto a pé de 8h para vender as escovas de roupa e cabelo que o esposo confeccionava, a família se direciona para a cidade de Pelotas. Ao ingressar no Estado, Elisa desaparece da narrativa das memórias do esposo, apenas ressurgindo com na nota de rodapé que informa sobre seu óbito, em 1942.

Justos, Friedrich e Elisa foram importantes para a luta antinazista em Porto Alegre já na década de 1930, administradores da Livraria Internacional<sup>127</sup>, vizinha a um dos locais<sup>128</sup> onde ocorriam algumas reuniões dos alemães imigrantes combatentes as ideias fascistas/nazistas (BARTZ, 2021, p. 353-354). Na imagem abaixo encontramos Elisa ao lado do seu marido, em frente da Livraria Internacional.

---

<sup>127</sup> Localizada na Rua Voluntários da Pátria, n. 1195.

<sup>128</sup> Salão localizado na Rua Voluntários da Pátria, n. 1185. Na região dos bairros Florestal e Navegantes foi estabelecido outras regiões para o debate e combate às doutrinas que estavam ganhando força na Alemanha (BARTZ, 2021, p. 358).



Figura 43 - Elisa e seu esposo em frente à Livraria Internacional.

A Livraria Internacional também foi local de reuniões da Liga *Fur Menschenrecht* (Liga pelos Direitos Humanos, em uma tradução literal) e edição e publicação do jornal antifascista *Aktion*, já na década de 1930. Sendo residência e administrado por Elisa, sua participação nesses movimentos é deduzível.

Houve um grande choque quando o filho Max, ingressou na *Deutsche Arbeitsfront* (Frente Alemão de Trabalho), uma organização nazista. Na carta declarada à imprensa em 1937, Friedrich comenta que o fato levou sua filha de 11 anos a participar também de uma promoção nazista, a qual não explicita qual foi. Argumentou que seu filho justificou o ingresso devido a pressões empregatícias, porém nenhuma justificativa seria suficiente para tal ação, deserdando o filho das relações com os pais (GERTZ, 1986, p. 81). Apesar da frente de todo o debate ser Friedrich, é possível imaginar o que foi para Elisa o fato, a perda de dois filhos para a discórdia política, diante de uma afinidade do próprio filho à nacional-socialista.



Figura 44 – Elisa e seu esposo Friedrich.

A trajetória dela está em um silenciamento ocultado pela ação do esposo. No papel de mulher de alguém, ela migra, sofre, adoece, perde filhos, enfrenta a polícia, trabalha e batalha. Sua atuação esteve diretamente ligada a ação política de Kniestedt, sem a qual talvez tivesse uma trajetória diferente.

Apesar da pouca menção a ela, conseguimos nomeá-la e acompanhar sua atuação ao lado de Friedrich. Através disso, podemos pensar em quantas outras mulheres poderiam estar nesta lista, as quais ficaram ocultas sob as posições de filhas e esposas, à sombra de seus companheiros e familiares.

#### 4.3 SUAS AÇÕES DIALOGAM COM O MUNDO OPERÁRIO

Quando avaliamos os rastros que essas mulheres deixaram até nós, são poucos os vestígios. Suas expressões impressas nas páginas de jornais estão vinculadas mais a suas ações, do que a suas ideias. É necessário levar em consideração a situações de pseudônimos e ocultamentos, pois como já debatemos a moral social era pesada sobre as mulheres. Além de

ser necessário considerar níveis de analfabetismo entre as operárias. Considerando esses destoantes, o número reduzido começa a ser compreendido.

[...] as dificuldades para se conhecerem as formas da resistência feminina às estratégias disciplinadoras exercidas no espaço produtivo ou no cotidiano da vida social advêm, num primeiro momento, da ausência de documentação disponível. [...] se as mulheres das classes mais favorecidas dispõem ainda da possibilidade de se exprimirem através de cartas, diários, artigos e livros, o mesmo não acontece com as de situação social inferior. Além disso, a imprensa operária estava totalmente nas mãos de elementos do sexo masculino (RAGO, 2014, p. 98).

Os temas abordados nos trechos encontrados estão vinculados a um grande ideal. A expressão escrita das mulheres está acompanhada de ideias de libertação do operariado das mãos dos patrões e a emancipação do capital. Ao mesmo tempo, percebemos em textos/discursos com de Alzira diante da III Conferência Operária do Rio Grande do Sul, que não estavam apenas comprometidas com a classe trabalhadora, mas também percebiam o distanciamento das companheiras e a necessidade de integrá-las. Apesar de curto, o discurso de Alzira demonstra uma consciência da dificuldade que as mulheres encaravam em participar de forma ativa das associações e transformações de fato. Ela estava consciente da expressão de classe diferente entre os gêneros, percebida apenas anos depois pela historiografia:

[...] “classe” é constituída de duas classes distintas – homens e mulheres. [...] Para os homens, a classe foi e é baseada em suas relações com os meios de produção: aqueles que detinham os meios de produção podiam dominar aqueles que não os detinham. Os donos dos meios de produção também adquiriam a mercadoria de serviços sexuais femininos, tanto de mulheres da própria classe quanto de mulheres de classes subordinadas. [...] Para as mulheres, a classe é mediada por meio de seus vínculos sexuais com um homem. É através do homem que as mulheres recebem o acesso aos meios de produção e a recursos. [...] A opressão e a exploração econômicas baseiam-se tanto na transformação da sexualidade feminina em mercadoria quanto na apropriação pelos homens da força de trabalho das mulheres e de seu poder reprodutivo como aquisição econômica direta de recursos e pessoas. (LERNER, 2019, p. 264-265).

Quando visualizamos a relação e exercício de poder que ocorre entre os sexos, reforçados por toda a moralidade social e o quanto isto repercute nos discursos, encontramos um movimento anarquista no Rio Grande do Sul majoritariamente masculino (BILHÃO, 2005, p. 108), que através de suas figurações nos jornais e organizações de sindicatos e conferências, expressa o quanto este espaço é pouco definido para as mulheres e suas pautas específicas. Através destes mecanismos de divulgação, torna-se possível estabelecer certos comportamentos como corretos e disciplinar os corpos. Compreendemos que no interior do movimento operário, as relações de poder eram exercidas com a finalidade de valorização ou não de setores específicos, neste caso, dos homens sobre as mulheres (FOUCAULT, 1979).

O anarquismo não busca uma função assistencialista ou de melhorias de vida para os trabalhadores no sistema capitalista, porém ao estar entrelaçado ao movimento operário, podemos perceber em muitas das suas pautas a busca por uma qualidade de vida para os operários, como as 8 horas de trabalho e diminuição dos valores do custo de vida, até porque assim, esses teriam mais tempo para ter acesso aos conhecimentos e princípios anarquistas e organizariam melhor a forma de estabelecer a revolução social.

Com a passagem pelo movimento do anarquismo internacional e do Rio Grande do Sul, compreendemos que o espaço das mulheres fica em um debate diferente dos trabalhadores, como um elemento de importância para a revolução, mas secundário. Quando percebemos a pequena presença de mulheres nestes espaços, pautas específicas a elas e discursos que as mantinham no espaço do lar, ditando comportamentos e controle moral, é compreensível como sindicatos e associações muito masculinizados eram desagradáveis a elas. Construir espaços como o Centro Feminino ou Grupo Libertário Feminino é a prova de que as mulheres queriam se organizar, mas em espaços que realmente sentiam que suas pautas fossem atendidas e teriam espaço de fala, semelhante as *Mujeres Libres* no processo revolucionário espanhol, já mencionado no primeiro capítulo.

Perceber resistências a estas normas e regras sobre os corpos é uma forma de visibilizar a subjetividade destas mulheres e trazer para o presente as experiências de mulheres que quebraram o comum. Frequentando as ruas, trabalhando, participando de encontros e congressos sindicalistas e reuniões de cunho político como as anarquistas e anarco-sindicalistas, as mulheres traziam seus corpos para serem vistos, resistindo ao controle intencionado pelos poderes externos.

[...] o corpo (como o sujeito) deixa de ser apenas o assujeitado de técnicas de poder. Ao fazer o corpo e o sujeito falarem, as relações de poder também produzem mecanismos de resistência. O sujeito pode, pela confissão "completa e verdadeira", usar as técnicas de poder contra quem as está exercendo [...] (MENDES, 2006, p. 175).

Entretanto, mesmo organizadas e envolvidas em setores políticos, a sociedade comum e o próprio movimento operário não deixaram de ditar normas aos corpos, descrevendo-as como desorganizadas e indefesas. O apelo ético-moral era uma ferramenta indispensável para organizar a própria revolução e pós-revolução pelo movimento anarquista no sul do país, tendo um forte aparato de normas comportamentais para seus trabalhadores e suas trabalhadoras.

O vínculo das organizações trabalhistas internacionais no movimento anarquista e de mulheres no Rio Grande do Sul, após a década de 1920, passa por diversas mudanças e adaptações ao novo mundo e estruturas políticas que foram se estabelecendo. Após o Tratado

de Versalhes<sup>129</sup> e a criação da Organização Internacional do Trabalho (OIT), houve mudanças quando o assunto se torna o trabalho das mulheres. Uma certa visibilidade das questões voltadas a luta das mulheres trabalhadoras repercutiu na forma das suas participações, como já foi abordado por Glaucia Fraccaro (2018, p. 115-132) e confirmado por esta pesquisa quando percebemos que há um aumento tanto na participação feminina nos jornais como de suas referências.

Com a transformação da tática anarquista a partir da mesma década, percebemos também uma mudança da participação das mulheres dentro deste movimento, demonstrado pela historiografia e fontes. Antes, participantes de protestos e greves, depois, professoras e envolvidas com a educação libertária. Como visto no Capítulo 1, anarquistas e libertários têm significados diferentes para o propósito da pesquisa, mas levantamos os nomes e trajetórias de professoras como Malvina Tavares, pois elas se tornam fundamentais para uma geração de anarquistas ativos no movimento gaúcho. O percurso anarquista de Espertirina Martins iniciou-se pelos ensinamentos da professora encruzilhadense, que a levaram à Escola Moderna na capital, até sua participação ativa na Sociedade Racionalista e escola organizada por grupo.

O ciclo de solidariedade e afeto que é construído tanto dentro das residências como nas organizações e associações libertárias torna-se um estímulo para a própria manutenção da militância. Devido a isto, é comum percebermos que os limites familiar e do movimento ideológico serem ultrapassados, como ocorre com as Irmãs Martins, que entre participações na Escola Eliseu Réclus e na Escola Moderna de Porto Alegre, encontram parceiros que as acompanharão até o fim da vida: Zenon de Almeida e Eulina Martins, Dolsina Martins e Djalma Fettermann, Espertirina Martins e Arthur Fabião Carneiro. Eles não apenas estudavam e agiam de acordo com as doutrinas anarquistas, mas viviam elas, na própria constituição familiar (BILHÃO, 1996).

As relações familiares e de militância passam por fugas, como a de Nino Martins que buscou abrigo na casa da família de Eulina e Zenon no Rio de Janeiro antes de ser preso e levado ao Oiapoque durante o governo de Arthur Bernardes; e atravessam fronteiras, como as constantes mudanças da família de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas, Santa Maria, São Paulo e Rio de Janeiro. Junto com as mudanças, as associações, a organização anarquista, jornais e atuação no movimento operário se mantinham, pois ela sobrevivia no interior familiar, transmitida através de reuniões, educação informal dos filhos e o sentimento de afetividade.

---

<sup>129</sup> Resolução assinada após o fim da Primeira Guerra Mundial, pelo Conferência da Paz de Paris. Ela trata tanto das responsabilidades pela guerra até a organização trabalhista após o período bélico, trazendo à tona vários debates que antes eram minoritários ou marginalizados. A partir dela que se cria a OIT e a Liga das Nações.



[...] a transmissão da ideologia não ocorre apenas de maneira formal, durante greves e agitações, tampouco ocorre apenas nos espaços sindicais ou nas federações: a organização operária encontra espaço fértil também em volta das mesas dos bares, dos cafés, no interior das casas e das pensões, da mesma maneira que a educação dos filhos e o convencimento dos novos participantes transbordam de afetividade (SCHMIDT, BILHÃO e SILVA, 2002, p. 160).

Estes espaços de informalidade são fortes construtores de afetividade, não apenas com os membros envolvidos, mas com as ideias de transformação que ali são debatidas.

Ao realizar o levantamento da lista, é perceptível que as questões de gênero não são apenas as designadoras da trajetória dessas mulheres, mas suas famílias originárias contribuíram para estabelecer suas participações no movimento operário e gaúcho. Anna Libonati Avenna, sendo uma imigrante letrada, com grandes conhecimentos em enfermidades diante de sua experiência ainda em território europeu, mostra-se articulada com as palavras, o suficiente para ser redatora do jornal da categoria. Malvina Tavares sobrevive até os dias atuais através de seu diário, de próprio punho e das memórias que deixou em seus descendentes. Percebe-se que falar de si própria é um privilégio.

Quando pensamos nas organizações sindicais como o Grupo Libertário Feminino ou o Centro Feminino de Estudos Sociais, que deixaram poucas fontes sobre si mesmos, restando informativos nos jornais, nos deparamos com um indicativo que pode estar relacionado a uma grande ausência de mulheres nos espaços editoriais dos jornais, seus déficits educacionais. Como já mencionado em outros debates nesta pesquisa, a quantidade de operários/as alfabetizados era um percentual muito minoritário. Uma alternativa é o próprio interesse delas em integrarem as mídias disponíveis. Diante de uma forte moralização e opressão vinda do Estado, a ausência de informações sobre sua organização e onde se encontram era fundamental para sua própria invisibilidade. Não podemos desconsiderar esta opção.

Romper com uma moral enraizada na sociedade é uma luta que exige coragem. Alzira, após sua moção no III Congresso Operário do Estado, despertou um debate interessante de se acompanhar nas páginas do *O Sindicalista*. Após sua fala o companheiro Grecco (entende-se ser Francisco Grecco, esposo de Cantalice Silva Grecco), podemos confirmar a importância de o tema ser debatido, seguido por Mauricio que diz que é necessário que as mulheres se interessem pelo associativismo e sindicalismo. Logo em seguida, o companheiro Colmenero que além de confirmar a importância das mulheres se organizarem, faz a ressalva delas combaterem sua exploração e não substituírem os homens em serviços que lhe oferecem salários menores do que os deles. Então o companheiro Augusto, em sua fala aborda a questão de assuntos morais, censurando alguns companheiros militantes que, de acordo com seu ponto

de vista, contribuem para o mal existente no elemento feminino, finalizando dizendo que acredita ser difícil a organização das mulheres na cidade do Rio Grande. O que se sucede é um debate o qual aponta para o desinteresse de muitos companheiros que estão ali em contribuir para a organização das mulheres:

Falando, a companheira Alzira diz lastimar e censurar os factos apontados pelo companheiro Augusto e para auxiliar a obra de organização do elemento feminino da cidade do Rio Grande propunha-se a enviar uma concitação à mulher operaria do Rio Grande, servindo o companheiro Augusto de porta-voz das companheiras daqui.

Fala o companheiro Augusto aceitando o auxílio oferecido e propondo-se a empregar todos os seus esforços para realizar este desideratum.

O companheiro Colmenero reafirma, como testemunha que foi, os factos relatados pelo companheiro Augusto e censura os companheiros que chegam ao ponto de dirigirem-se para as reuniões não levando suas companheiras para que possam compreender a justiça da causa que defendem<sup>130</sup>.

Primeiramente, compreende-se pela ordem das falas que Alzira era a única mulher que teria naquele momento o espaço de voz, sucedida por muitos homens. Isso indica que os pontos levantados por Alzira estão de encontro com a realidade. Mas é na fala de Colmenero que alguns elementos chamam a atenção. De acordo com o companheiro, a participação das mulheres poderia ser maior se os esposos as levassem para participar de suas reuniões sindicais, desta forma levando-as a compreenderem as causas da organização e suas reivindicações. É interessante perceber que apesar de estarem no papel de esposas, acompanhar os maridos à suas organizações seria uma forma de ingresso e criação as associações por parte delas.

Isto se confirma quando percebemos que a biografia de muitas mulheres militantes está vinculada a trajetória de seus maridos, como é o caso de Cantalice Silva Grecco e de Dorvalina Ribas Martins e as próprias irmãs Martins, onde seus nomes constam principalmente quando e onde os companheiros estão. Enquanto o nome deles consta nos documentos, podemos apenas supor sua presença. Todavia, nestes casos, elas conseguiram demonstrar sua importância como mulheres e ocuparam seus espaços como indivíduos, não desaparecendo atrás da figura dos companheiros. É importante que esta parceria não se torne uma forma de silenciamento delas, como ocorre com Elisa Hedwig Augusta.

Outra fala trocada no congresso intriga, quando o companheiro Augusto indica ser difícil visualizar as mulheres de Rio Grande organizadas, inclusive aceitando a proposta de Alzira de ajudá-las a encontrarem o caminho do associativismo. Ao mesmo tempo, a historiografia já confirmou que Rio Grande e Pelotas foram cidades de grande agitação operária, com bastante protagonismo feminino. Um exemplo de liderança libertária na região foi

---

<sup>130</sup> 3º Congresso Operario. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 2, 31 out. 1925.

Agostina Guizzardi, além das companheiras do Centro Feminino de Estudos Sociais, na cidade vizinha. Muitas greves que ocorreram na região foram lideradas e tiveram grande participação de trabalhadoras. Sobre as greves ocorridas na fábrica de tecidos Ítalo-brasileira nos anos de 1911, 1919, 1920 e 1921, o jornal *O Tempo* informa “[...] que a greve foi organizada pelas operárias e não pelos operários (como é de costume utilizar o pronome masculino para se referir aos dois sexos), aponta que a greve teve participação exclusivamente feminina” (MATOSO, 2019, p. 111).

No movimento paredista de 1917, a operária Clementina da Silva Ramos, da Fiação e Tecidos, da cidade de Pelotas, declarava sua insatisfação com os salários e exploração das trabalhadoras têxteis, pois “[...] para receberem dois mil réis deveriam fazer 200 carretéis diários, caso fizessem menos do que isso, seus rendimentos baixavam para mil réis, sendo também multadas em dois mil réis em caso de atraso.” (SILVA, 1998, p. 162). O movimento grevista do qual Clementina participou perdurou inclusive quando os paredistas já estavam se desmobilizando após alguns objetivos alcançados. A participação intensa de operárias permanece nos processos de greve de 1919 em diante.

Entretanto, a participação delas está apontados eventualmente nas fontes. Documentação mais completa sobre congressos, associações e greves não expressam uma grande participação feminina. Isto pode ter dois motivos: a real ausência delas devido a motivos como jornadas de trabalho exaustivas (fora e dentro de casa; fábrica/doméstico; esposa/mãe/funcionária) e a masculinidade dos espaços reivindicatórios; e as narrativas da documentação deixada por esses processos. Margareth Rago (2014, p. 98) nos lembra que tanto a imprensa operária, como a comercial, “[...] estava totalmente nas mãos de elementos do sexo masculino. Assim, a história da participação das mulheres nas lutas sociais da época é sempre registrada sob um prisma masculino”.

Isto nos leva a questionar onde a presença destas mulheres é apontada. É perceptível que o nome delas e suas trajetórias podem ser mais acompanhadas em jornais que não tem o viés operário e/ou anarquista, com *Correio do Povo*, *A Federação* e *O Rebate*. Isso se deve ao objetivo dos jornais anarquistas que são principalmente a propaganda do movimento, a compreensão do que deveria ser noticiado ou não, e a conservação das fontes. Jornais como *Correio do Povo* e *A Federação*, tem seu material mais bem conservado e disponibilidade de acesso mais ampliado, em contrapartida, muitos jornais anarquistas e operários foram perdidos, restando algumas cópias, algumas rasuradas. Todavia, é necessário a menção, se focássemos apenas nos jornais produzidos e circulados entre os operários, algumas mulheres não seriam localizadas.

Todos estes pontos de ausência, ou de silêncios, devem ser considerados. Seguindo a compreensão de Eni Orlandi (2007), que traz a percepção de que cada ausência é um silêncio e tem significado, a partir de tudo que foi debatido nesta pesquisa, devemos observar esta ausência feminina nos jornais, nas autorias de textos, nos congressos e sindicatos, como um resultado das relações sociais de sexo/gênero, opressão de classe, que também provocam o analfabetismo proposital.

Ao acompanhar a análise de Michelle Perrot (PERROT, 2005, p. 222) sobre as lutas pela carestia que assolaram a França no início do século XX, é possível identificar o sindicalismo revolucionário muito utilizado pelos anarquistas como ferramenta de contato com os trabalhadores. A partir disso, identifica-se como é percebido os gêneros no combate sindicalista:

Um ideal conjugado de virilidade e de respeitabilidade rejeitou a rusticidade camponesa, as truculências populares e as formas de expressão femininas que geralmente as prolongam. Entre o sindicalismo e as mulheres, há mais do que um problema de desorganização: um conflito sobre os modos de intervenção e de expressão encobrendo uma diferença de cultura e de existência. Neste momento da história, os homens são mais políticos, as mulheres mais “folclóricas” no sentido mais profundo do termo e, por isso, rejeitadas, recusadas pela modernidade.

Quando percebemos as falas e representações dos trabalhadores sobre as mulheres no mercado de trabalho, é possível perceber o combate a uma ideia de “exército industrial reserva” de Karl Marx (1985), quando os próprios operários pedem as mulheres para não ocuparem os espaços de trabalho por salários menores, a fim deles não serem substituídos. O combate a isto, de acordo com estas anarquistas, seria a igualdade dos salários, não apenas sua exclusão, como aponta alguns textos ou falas dos companheiros.

A importância da igualdade salarial para o momento antes da revolução, consiste na necessidade de sobrevivência destas mulheres. É necessário compreender que as mulheres estão no espaço fabril pela necessidade de sobrevivência, seu assujeitamento à salários inferiores e carga horária de trabalho exaustiva está igual para o homem, um subsídio necessário para suprir suas necessidades básicas e de sua família.

Podemos perceber a presença forte das mulheres comprometidas com a educação operária e as ideias de um ensino libertário, aos moldes de Ferrer. Já foi possível compreender a dimensão da importância que o professor Francisco Ferrer teve para o movimento anarquista brasileiro e gaúcho. Inspiradas com a Escola Moderna, nos espaços das escolas é onde localizamos mais mulheres sendo responsáveis pela manutenção destes espaços. Por terem acesso a Escola Normal, mulheres como as Martins, Dorvalina, Malvina e Agostina, que não necessariamente pertenciam ao operariado, tomam o movimento anarquista como seu princípio

de vida e integram ao movimento dos trabalhadores para educar aqueles que não tiveram os meus privilégios, para que no fim, a revolução possa ser conquistada.

Em comunhão com o movimento do anarquismo internacional, podemos perceber que o trabalho para estas mulheres é um elemento emancipatório, mas além disso, a educação é a chave para a libertação da dominação do homem e do capital. Percebemos uma compreensão das desigualdades entre homens e mulheres nas suas falas, e a ferramenta para essa emancipação é a organização associativa e sindical, além da já mencionada educação libertária e instrutiva. A partir disto, é possível perceber que a emancipação das mulheres estaria envolvida com a emancipação do proletariado, porém não é possível confirmar, a partir dos vestígios que localizamos, se apenas o movimento revolucionário contra o capital seria suficiente para sua emancipação da dominação masculina, visto que elas já percebiam que as desigualdades no trato dos companheiros existia.

Com a análise das representações femininas do capítulo anterior, assim como da vida das mulheres trazidas nos subtítulos anteriores, compreendemos enfim os obstáculos que elas enfrentavam para conseguir fazer o seu exercício de classe, reivindicar por melhorias, pela emancipação de todas as mulheres e trabalhadores, da exploração, dominação e capital.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender as mulheres no espaço do movimento operário de vertente anarquista no Rio Grande do Sul, como eram representadas, o que escreveram, se escreveram, o que fizeram e como participaram. É inegável, as mulheres brancas no início do século XX estavam ocupando os espaços fabris, saindo do espaço doméstico e estando cada vez mais presentes no espaço público, que outrora fosse repleto de homens.

Pudemos perceber que o movimento anarquista não se despreendeu totalmente dos velhos padrões ao lidar com as mulheres, permanecendo em suas representações e discursos, muitos presentes nos discursos burgueses. Suas justificativas estavam na importância das mulheres em ocuparem o lugar de educadora dos homens e filhos, para uma educação libertária, sendo firme e mantendo o seu companheiro no caminho da luta, para que assim a revolução fosse possível. Visto que um movimento, partido ou ação política não podem ser compreendidos senão através dos seus membros, o contexto em que estes viveram, suas relações e culturas (HOBSBAWM, 1985), o movimento anarquista experienciado no Rio Grande do Sul da Primeira República, teve influências, quando o assunto era suas companheiras, de Proudhon, do racionalista e importância da educação do positivismo. A referência do positivismo no Estado foi forte tanto no governo instituído como no movimento libertador.

Para além dos dirigentes, nomes principais ou de capa, compreender a vida destas mulheres é compreender a sua militância e do movimento anarquista e operário no sul do Brasil. A partir de suas crenças, locais de partida, aproximação familiar, percebemos os comportamentos em ações de panfletagem, divulgação escrita e artística, até a ação violenta (GARCIA, 1997, p. 322). Traçar a vida destas mulheres é contribuir para a história do movimento anarquista e operário do Rio Grande do Sul.

Com esta pesquisa foi possível perceber que as mulheres, pela compreensão anarquista, pertenceriam ao espaço doméstico e educacional, mesmo quando almejada a sociedade utópica, ocorrendo aproximações com as definições da sociedade da Primeira República na qual viviam.

A organização dos trabalhadores, em sua maioria estava concentrada na organização dos trabalhadores homens. A atenção provocada por Alzira no Congresso em 1925 destaca que mesmo que organizadas, elas não ocupavam espaços diretos como o espaço dos Congressos. O reconhecimento do companheiro Augusto que percebia a

dificuldade da organização das mulheres na cidade do Rio Grande confirma não a falta de organização delas, mas a ausência do conhecimento dele sobre a ação das mulheres.

A partir da historiografia e das análises ao jornal *O Exemplo*, podemos perceber a presença de mulheres negras letradas, as quais não foram listadas nesta dissertação a fim de não as forçar numa ideologia que não teriam assumido em seus escritos. Destaca-se ao mesmo tempo, a importância da singularidade destas mulheres e de seus escritos deixados, levantando a possibilidade de pesquisas mais profundas sobre estas fontes. Podemos assumir que as anarquistas localizadas e listadas são brancas até onde as fontes permitiram identificar.

Trazendo estas discussões sobre o gênero nas divisões anarquistas gaúchas, não buscamos apontar defeitos, críticas atuais e anacrônicas ao movimento passado. É necessário perceber estas disparidades nas lutas anteriores, trazendo ao holofote mulheres que estiveram por trás de muitas cortinas, a fim de inspirar as novas trabalhadoras do mundo atual. O caminho é longo até a igualdade entre homens e mulheres, ou então à revolução social, mas “A falta de consciência da própria história de luta e conquista é uma das principais formas de manter as mulheres subordinadas” (LERNER, 2019, p. 268), e é contra esse silenciamento que esta pesquisa buscou ecoar.

## FONTES

ALCINA, Mauricio. Confrontos. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 7, 01 mai. 1921.

AVENNA, Anna Libonati. Caminhos errados. **O Automobilista**, Porto Alegre, p. 2, 08 maio 1926.

CAMPOS, Alayde L. Minha Rebeldia. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 1, 31 out. 1925.

CAMPOS, Alayde L. Proletários! **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 1, 15 nov. 1925.

CAVÂCO, Carlos. A Questão Operária: O poder do livro. **A Defeza**, Bagé, p. 2-3, 13 out. 1910.

ESCOBAR, Carlos de. Pelo Divorcio. **Democracia Social**, Pelotas, p. 2, 06 agosto 1893.

FRANCE, Anatole. Pela Vida de Sacco e Vanzetti. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 10, 01 mai. 1922.

GARCIA, J. Pedro Krapotkine. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 3, março 1921.

GRUPO LIBERTÁRIO FEMININO. Grupo Libertário Feminino. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 4, out. 1925.

GUIZZARDI, Agostina. **Amor e Ouro**. Rio Grande/RS: s.e., 1906.

GUIZZARDI, Agostina. Na “União Operária”. **O Proletário**, Rio Grande, p. 2, 28 jan. 1906.

HEROULANO, Alexandre. A mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 4, jul. 1923.

IGNOTUS. A mulher e o confissionario. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 6, fev. 1922.

IGNOTUS. O padre e a mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 14, 01 jan. 1922.

JORGE, Angelo. Anarquia e Solidariedade. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, 01 mai. 1910.

MAGRASSI, Matilde. Propaganda às mulheres. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, 23 nov. 1907.

MENDES, R. Teixeira. A Mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 8, 01 maio 1922.

OSÓRIO, Pedro. Joanna D’Arc: Queimada pela Inquisição Catholica. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 5, 01 maio 1921.

PASTORINI, Venancio. A horda clerical. **O Confessado**, Bagé, p. 4, 10 out. 1926.

Propaganda o Grêmio L.D. Filhos do Trabalho - Rio Grande/RS, 1929.

Redactor: A. Libonati Avena. **O Automobilista**, Porto Alegre, p. 1, 01 Maio 1926.



- REGISTRO CIVIL. Registro de Matrimonio de Arthur Fabião Carneiro e Esperitirna Augusta Martins – L. B-116, fls. 197v, nº 1.112 - 1926, Terceira Pretoria, Rio de Janeiro/RJ.
- REGISTRO CIVIL. Registro de Nascimento de Dolsina Augusta Martins - L. A-12, fls 38v, nº 39 – 1902, Lajeado/RS.
- REGISTRO CIVIL. Registro de Nascimento de Dorvalina Ribas Martins. 1900 - Porto Alegre/RS
- REGISTRO CIVIL. Registro de Nascimento de Espertirina Augusta Martins – L. A-18, fls, 49, nº 1 - 1904, Lajeado/RS.
- REGISTRO CIVIL. Registro de Óbito de Espertirina Martins Carneiro – L. C-49, fls 290, nº 37.450 – 1942, Porto Alegre/RS.
- S/A, Principios do anarchismo. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 1, 25 nov. 1926.
- S/A. 1º de Maio: Labor.Omnia.Vincit. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1922.
- S/A. 3º Congresso Operario (Continuação). **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 2, 15 nov. 1925.
- S/A. 5ª aula pública de São Gabriel de Estrella. **A Federação**, Porto Alegre, p. 22, 01 jan. 1924.
- S/A. A instrucção é necessária á mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 10, abril 1921.
- S/A. Carnet Social Aniversários. **A Evolução**, Porto Alegre, p. 4, 30 nov. 1925.
- S/A. Congresso de Paz: As representações, as moções, os discursos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, p. 6, 15 set. 1915.
- S/A. Em defeza do O Syndicalista: Appello aos trabalhadores e aos homens de consciência livre. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 4, março 1921.
- S/A. Em Marcha... A conquista do Pão. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 1, jul. 1921.
- S/A. Maria Antônia Soares discursando no Primeiro de maio de 1915 - **A Cigarra**, São Paulo, 11 maio 1915.
- S/A. Movimento Associativo: Sindicato dos operarios alfaiates, costureiras e annexos. **O Syndicalista**, Porto Alegre, p. 3, out., 1925.
- S/A. Movimento operário: A Greve de S. Paulo - As 8 horas triunfando. **A Luta**, Porto Alegre, p. 1, 02 jun. 1907.
- S/A. Movimento Social Internacional. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 14, jul. 1923.
- S/A. Transmissões de propriedades. **A Federação**, Porto Alegre/RS, p. 2, 24 jun. 1925.

- S/A. Transmissões de propriedades. **A Federação**, Porto Alegre/RS, p. 3, 27 nov. 1925.
- SANTOS, Polydoro. Francisco Ferrer. **O Sindicalista**, Porto Alegre, p. 2, nov. 1924.
- SANTOS, Polydoro. Uma Escola Racionalista em Porto Alegre. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 8, out. 1921.
- TOFFOLO, Carlos. Escola Elizeu Réclus. **A Luta**, Porto Alegre, p. 3, 01 jul. 1910.
- TORRES, Antonio. Escola da Morte. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 4, fev. 1923.
- UMA COSTUREIRA. Os anarquistas no movimento operário. **O Sindicalista**, Porto Alegre, p. 2, fev. 1927.
- VACHEROT. Feminismo: O direito de voto a mulher na França. **A Voz do Operário**, Porto Alegre, p. 4, 01 abril 1899.
- CHAUGLHI, René. A Mulher. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, 02 jun. 1907.
- S/A. S/T. **O Proletário**, Porto Alegre, p. 4, 09 agosto 1896.
- S/A. Exames. **A Federação**, Porto Alegre, p. 2, 15 abril 1904.
- S/A. Escola. **O Proletário**, Rio Grande, p. 4, 28 jan. 1906.
- C.D. As 8 horas. **A Luta**, Porto Alegre, p. 3, 29 set. 1906.
- S/A. A libertadora. **A Luta**, Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1907.
- TITUS, A. A mulher. **A Luta**, Porto Alegre, p. 4, 15 maio 1907.
- S/A. S/T. **A Luta**, Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1909.
- S/A. Amor de Mãe. **A Defesa**, Bagé, p. 3, 13 out. 1910.
- BAIDEIRA, Euclides. As religiosas. **A Defesa**, Bagé, 01 mai. 1911.
- S/A. Noticiario. **A Defesa**, Bagé, p. 3, 01 maio 1911.
- S/A. **Correio do Povo**, Porto Alegre/RS, p. 2, 7 agosto 1917.
- S/A. Exames. **A Federação**, Porto Alegre, p. 3, 27 dez. 1917.
- S/A. Para o rei não ver. **A Dor Humana**, Bagé, p. 3, 28 set. 1920.
- R.C. A Mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 7, jul. 1921.
- P.S. S/A. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 16, 01 jan. 1922.
- SHELLEY. S/T. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 10, fev. 1922.
- S/A. Ideal. **Revista Liberal**. Porto Alegre, p. 1, 01 maio 1923.
- TRAUGOTT, Ladario. A mulher. **A Luta**, Porto Alegre, p. 3, 6 jan. 1908.

- OITICICA, José. S/T. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 7, março 1922.
- ALTAVILA, Antonio C. Amor Livre. **A Luta**, Pelotas, p. 2, 14 maio 1916.
- NOVICOW J. A mulher. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 11, jul. 1921.
- ROSA. Os Pinheiros. **O Sindicalista**, Porto Alegre, p. 3, 15 jul. 1926.
- SOARES, Maria Antonia. A Mulher. **A Luta**, Pelotas, p. 2, 15 jul. 1916.
- S/A. Contra o Álcool. **A Federação**, Porto Alegre, p. 4, 30 jan. 1924.
- MERLINO, Saverio. A Família. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, março 1907.
- YAGO. A democracia Yanké. **O Sindicalista**, Porto Alegre, p. 4, 01 mai. 1927.
- S/A. A Honra Proletária. **O Proletário**, Rio Grande, p. 2, 28 jan. 1906.
- FILHO, Domingues. O Clero. **O Exemplo**, Porto Alegre, p. 2, 29 jan. 1911.
- CARVALHO, F. de. Em torno da Educação. **O Confessado**, Bagé, p. 1-2, 10 out. 1926.
- S/A. Opinião de Peso. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 12, fev. 1922.
- S/A. 3º Congresso Operario. **O Sindicalista**, Porto Alegre, p. 2, 31 out. 1925.
- S/A. Movimento Associativo. **O Sindicalista**, Porto Alegre, p. 3, 31 out. 1925.
- SOARES, Maria Antonia. Carta aberta. **A Luta**, Pelotas, p. 2-3, 31 maio 1916.
- MAUPASSANT, Guy de. A Morta. **A Luta**, Porto Alegre, p. 4, 30 maio 1916.
- S/A. Expediente da “A Luta”. **A Luta**, Porto Alegre/RS, p. 2, junho 1930.
- S/A. Novas Conquistas. **Democracia Social**, Pelotas, p. 4, 30 jul. 1893.
- LÔRES, Sylvio de. O Alcoolismo. **A Luta**, Porto Alegre, p. 2, 14 dez. 1907.
- SOARES, Maria Antonia. Ainda Mulher. **A Luta**, Pelotas, p. 3, 31 jul. 1916.
- UMA COSTUREIRA. 1º de Maio. **O Sindicalista**, Porto Alegre, p. 4, 01 maio 1927.
- D’ONÉLLAS, João. O Cinema e o Clero. **O Confessado**, Bagé, p. 3, 10 out. 1926.
- S/A. Santas Criaturas. **Revista Liberal**, Porto Alegre, p. 11, out. 1921.
- BONI, Elvira. A Festa da Penha. **Renovação**, Rio de Janeiro, nov. 1921.
- S/A. Movimento Operário. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 5, 11 jun. 1925.
- S/A. Instrução Publica. **A Federação**, Porto Alegre, p. 5, 06 dez. 1917.

## REFERÊNCIAS

### IMAGENS:

**Figura 14** – Il cammino dei lavoratori (Il quarto stato), 1901 - Giuseppe Pelizza da Volpedo (1868-1907). Disponível em:  
[https://pt.wikipedia.org/wiki/O\\_Quarto\\_Estado#/media/Ficheiro:Quarto\\_Stato.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Quarto_Estado#/media/Ficheiro:Quarto_Stato.jpg).  
 Acesso em: 13/02/2022.

**Figura 21** - Propaganda o Grêmio L.D. Filhos do Trabalho - Rio Grande/RS, 1929. Disponível no Acervo do CDH/FURG.

**Figura 23** - Elvira Boni na mesa de encerramento do Terceiro Congresso Operário, 1920. Disponível em: Arquivo pessoal de Marcolino Jeremias, membro do Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri – NELCA – Santos/SP.

**Figura 24** - Julia Malvina Hailliot Tavares, com sua turma em frente à sua casa. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-aula-da-professora-malvina-tavares-cenas-da-escola-publica-do-passado-e-seus-ecos-nos-horizontes-do-tempo-rs/>. Acesso em 01/05/2021.

**Figura 29** - Irmãs Martins. Disponível em: MARÇAL, J. B. Os anarquistas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995, p. 107.

**Figura 30** - Escola Moderna, Porto Alegre, 1917. Disponível em:  
<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/e/e4/Escola.moderna%28porto.alegre%29.png>. Acesso em 13/02/2022.

**Figura 31** - Espertirina Martins. Disponível em: MARÇAL, J. B. Os anarquistas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995, p. 107.

**Figura 34** - Grafite fazendo referente à Espertirina, fazendo alusão aos trabalhos de Banksy. Disponível em: <https://www.anarquista.net/espertirina-martins/>. Acesso em: 13/02/2022.

**Figura 35** - Representação de Espertirina. Fonte: Amam Posters.

**Figura 36** - Foto de Perfil. Ateneu Libertário A Batalha da Várzea. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/abatalhadavarzea/>. Acessado em 17/01/2022.

**Figura 38** - Dorvalina Martins Ribas. Disponível em: MARÇAL, J. B. Os anarquistas no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995, p. 143.

**Figura 39** - Praça Josué Ribas Martins. Fonte: Viva Porto Alegre. Fotografia de Lucas Lazarin.

**Figura 40** - Folha de Capa da obra "Amor e Ouro". Disponível em: Biblioteca Pública Pelotense.

**Figura 42** - Capa da obra "O Chauffeur", por José Freitas da Silva e Anna Libonati Avena. Disponível em: <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/GBDBtG/>. Acesso em: 13/02/2022.

**Figura 43** - Elisa e seu esposo em frente à Livraria Internacional. Disponível em: GERTZ, R. Memórias de um Imigrante Anarquista. Porto Alegre: EST, 1989, contracapa.

**Figura 44** – Elisa e seu esposo na Chácara do Beco do Salso. Disponível em: GERTZ, R. Fuchsfeuerwild: Erinnerungen eines anarchistischen Auswanderers nach Rio Grande do Sul - Memórias de Friedrich Kniestedt (1873-1947). Hamburgo/Alemanha: Verlag Barrikade, 2013, p. 197.

#### BIBLIOGRAFIA:

ABRAMO, L. Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária? In: HIRATA, H.; SEGNINI, L. **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 21-42.

ACKELSBERG, M. A. **Mulheres Livres: a luta pela emancipação feminina e a Guerra Civil Espanhola**. Tradução de Júlia Rabahie. São Paulo: Elefante, 2019.

ARANTES, M. A. Alcoolismo e movimento anarquista no Rio de Janeiro no início do século XX. **Revista Estudos Libertários - REL (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, p. 28-57, 2º sem. 2020.

ARAVANIS, E. Apresentando um Banco de Dados: imprensa anarquista, homens e mulheres na cidade de Porto Alegre (1908-1930). **Textura**, Canoas, n. 1, p. 29 - 36, 1999.

ARAVANIS, E. A industrialização no Rio Grande do Sul nas primeiras décadas da República: a organização da produção e as condições do trabalho (1889-1920). **Revista Mundos do Trabalho**, v. 2, n. 3, p. 148-180, jan/jul 2010.

BAKUNIN, M. **La Mujer, el Matrimonio y la Familia**. [S.l.]: [s.n.], 1845. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bk000150.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BAKUNIN, M. **O Socialismo Libertário**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda, 1979.

BAKUNIN, M. **Escritos Contra Marx**. [S.l.]: Imaginario, 1989. 145 p.

BAKUNIN, M. **O Princípio do Estado e outros Ensaios**. São Paulo : Hendra, 2011.

BAKUNIN, M. **Federalismo, Socialismo e Antiteologismo**. [S.l.]: União Popular Anarquista, 2012.

BARROS, M. S. L. D. **As mulheres trabalhadoras e o anarquismo no Brasil**. Campinas/SP: Dissertação de Mestrado - UNICAMP, 1979.

BARTZ, F. D. Solidariedades Impressas (1917-1920): o jornalismo operário como forma de ligação entre o movimento operário gaúcho e os trabalhadores organizados do centro do país no período das grandes greves. **Vestígios do Passado: A História e suas Fontes, IX Encontro Estadual de História, Seção Rio Grande do Sul, ANPUH**, Porto Alegre, 2008.

BARTZ, F. D. **Imagens da Classe**: as ilustrações na imprensa operária do Rio Grande do Sul durante a Primeira República (1891-1930). Porto Alegre/RS: Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

BARTZ, F. D. Os espaços da luta antifascista em Porto Alegre (1926-1937). **Cantareira**, n. 34, p. 357-365, jan/jun 2021.

BATALHA, C. H. D. M. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BATALHA, C. H. D. M. Os desafios atuais da história do trabalho. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 13, p. 87 - 104, jan/dez 2006. ISSN 23/24.

BILHÃO, I. A. Família e movimento operário: A Anarquia dentro de casa. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, XXII, dez. 1996. 195-210.

BILHÃO, I. A. **Rivalidades e Solidariedades no Movimento Operário (Porto Alegre: 1906-1911)**. Porto Alegre: EduPUCRS, 1999.

BILHÃO, I. A. Entre bombas de dinamite e ramalhetes de flores: interfaces da identidade operária e de gênero na Porto Alegre na virada para o século XX. **Métis: história & cultura**, v. 4, n. 7, p. 107-132, jan./jun. 2005.

BILHÃO, I. A. Mulheres Operárias na Porto Alegre na virada do século XIX para o XX. **Anais eletrônicos do IX Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História/Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 2008.

BILHÃO, I. A. "Informar" para "formar": reflexões sobre a imprensa e militância no mundo do trabalho brasileiro na Primeira República. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 16, n. 24, p. 135-156, 2015.

BILHÃO, I. A. Imprensa e educação operária: análise da difusão do ensino racionalista em jornais anarquistas brasileiros (1900-1920). **Educação Unisinos**, São Leopoldo, v. 20, n. 2, p. 176-184, maio-agosto 2016.

BIROLI, F. Divisão Sexual do Trabalho e Democracia. **Dados - Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 3, p. 719 - 754, 2016.

CASADEI, E. B. A função revolucionária da mulher: Representações do feminino nos jornais operários e anarquistas do início do século XX. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 1, n. 7, jan.-jun. 2013.

- CLEYRE, V. D. **Ação Direta**. [S.l.]: [s.n.], 1912. Disponível em: <[https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/09/acao\\_direta\\_\\_voltairine\\_de\\_cleyre.pdf](https://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/09/acao_direta__voltairine_de_cleyre.pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2020.
- CORRÊA, A. R. P. Sindicalismo Revolucionário e Anarcossindicalismo nos Congressos Operários do Rio Grande do Sul (1898-1928). In: SANTOS, K. W. D.; SILVA, R. V. D. **História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil**. Curitiba: Prismas, 2018. p. 97-117.
- COSTA, E. V. D. Estruturas versus Experiências. Novas tendências na história do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha. **BIB/ANPOCS**, Rio de Janeiro, n. 29, 1990.
- COSTA, J. B. Descolonialidade e Interseccionalidade Emancipadora: a organização política das trabalhadoras domésticas no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 147 - 163, jan/abr 2015.
- CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DANIEL, C. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. **O Social em Questão**, n. 25/26, p. 323-344, 2011.
- DAVIS, A. Mulheres Comunistas. In: DAVIS, A. **Mulher, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 155-171.
- DIAS, C. G. P. **Costurando vidas**: Os itinerários de duas professoras: Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939). Porto Alegre/RS: Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012.
- DIAS, M. **Mulheres anarquistas**: O resgate de uma história pouco contada. São Paulo: Imprensa Marginal, v. 1, 2003.
- ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Tradução de Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2012.
- FABBRI, L. **Fascismo**: definição e história. Tradução de Fernanda Grigolin e Rodrigo Millán. São Paulo; Montevideo: Tenda de Livros; Microutopias, 2019. 36 p.
- FAURE, S. **A Colmeia**: uma experiência pedagógica. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015.
- FELICI, I. A verdadeira história da Colônia Cecília de Giovanni Rossi. **Cadernos AEL**, v. 5, n. n. 8/9, novembro 2010.
- FERRER Y GUARDIA, F. **A Escola Moderna**. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.

FONSECA, L. C. Anarco-feminismo e crítica literária: breves apontamentos sobre uma vertente radical da literatura feminista. **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**, Florianópolis, p. 12, 2017.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRACCARO, G. **Os direitos das mulheres: feminismo e trabalho no Brasil (1917-1937)**. 1. ed. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, F. **De Província de São Pedro a Estado do Rio Grande do Sul - Censos do RS 1803-1950**. Porto Alegre: [s.n.], 1981. 330 p.

GARCIA, M. A. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 8, n. 9, p. 319-342, 1997.

GAWRYSZEWSKI, A. A imagem como instrumento da luta anarquista. In: GAWRYSZEWSKI, A. **Análises anarquistas: análises e debate**. Londrina: UEL, 2009.

GERTZ, R. **Fuchsfeuerwild: Erinnerungen eines anarchistischen Auswanderers nach Rio Grande do Sul - Memórias de Friedrich Kniestedt (1873-1947)**. Hamburgo/Alemanha: Verlag Barrikade, 2013. 197 p.

GERTZ, R. E. Operários Alemães no Rio Grande do Sul (1920-1937) ou Friedrich Kniestedt também foi um imigrante alemão. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 6, n. 11, p. 75-84, fev./set. 1986.

GERTZ, R. E. **Memórias de um Imigrante Anarquista**. Porto Alegre: EST, 1989.

GHIRALDELLI JR., P. Movimento Operário e Educação Popular na Primeira República. **Cad. Pesq.**, São Paulo, v. 57, p. 30-38, maio 1986.

GOLDMAN, E. Tráfico de Mulheres. **Cadernos Pagu**, n. 37, p. 247-262, julho-dezembro 2011.

GOLDMAN, E. Casamento e Amor. **Cadernos Cajuína**, Teresina, v. 1, n. 3, p. 136-143, 2016.

GOLDMAN, E. **Educação**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019.

GOMES, Â. D. C.; FLAKSMAN, D. R.; STOTZ, E. (. ). **Velhos militantes: depoimentos de Elvira Boni, João Lopes, Eduardo Xavier, Hilcar Leite**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

GUIMARÃES, A. **A ética da mudança - moral anarquista na Primeira República**. Uberlândia/MG: Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal de Uberlândia, 2002.

GUIZZARDI, A. **Amor e Ouro**. Rio Grande: s.e., 1906.



- HARDMAN, F.; LEONARDI, V. Anarcossindicalismo e congressos operários no Brasil. In: HARDMAN, F.; LEONARDI, V. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Editora Ática S. A., 1991. Cap. 15, p. 261-185.
- HIRATA, H. et al. **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 342 p.
- HOBBSAWM, E. J. **Revolucionários**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, v. 43, 1985.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, M., et al. **Cidadania Ativa para as Mulheres: Desafios para as Políticas Públicas**. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 55-64.
- KROPOTKIN, P. Anarchism. In: \_\_\_\_\_ **The Encyclopaedia Britannica**. Londres: [s.n.], 1910.
- KROPOTKIN, P. **O Princípio Anarquista e outros Ensaios**. São Paulo : Hedra, 2007.
- KROPOTKIN, P. **La moral anarquista**. Buenos Aires: Libros de Anarres, 2008.
- KROPOTKIN, P. **Ajuda Mútua: um fator de evolução**. São Sebastião: A Senhora, 2009.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. 1. ed. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LONER, A. B. O IV Congresso Operário Gaúcho e o caso do Movimento Anarquista no Rio Grande do Sul. **Patrimônio e Memória**, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 7, n. 2, p. 176-203, dez 2011.
- LONER, B. A. Operários e Participação no Início da República: o caso de Pelotas e Rio Grande. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. XXII, n. 2, p. 71-89, dez 1996.
- LONER, B. A. **Classe Operária: Mobilização e organização em Pelotas 1888-1937**. Porto Alegre/RS: Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.
- LONER, B. A. A história operária no Rio Grande do Sul. **História Unisinos**, São Leopoldo, p. 53-80, 2001.
- LUCA, T. R. D. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 111 - 154.
- LUCA, T. R. D.; COTRIM, R. A. O Congresso em Prol da Paz no Rio de Janeiro (1915). **Historiae**, Rio Grande, v. 9, n. 1, p. 09-26, 2018.
- LUDMILA, A. **Unidas nos lancemos na luta: o legado anarquista de Maria A. Soares**. São Paulo: Tenda de Livros, 2021. 224 p.

- MACEDO, S. M. **O teatro operário em rio grande como experiência de educação não - formal:** relações de gênero na República Velha na obra “Amor E Ouro”. Rio Grande/RS: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio Grande, 2015.
- MALATESTA, E. **Escritos Revolucionários**. São Paulo: Hendra, 2008.
- MALATESTA, E. Amor e Anarquia. **Verve**, n. 21, p. 48-53, 2012.
- MALATESTA, E. Sindicalismo: a crítica de um anarquista. In: WOODCOCK, G. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 237-243.
- MARÇAL, J. B. **Os anarquistas no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Unidade Editorial , 1995.
- MARTINS, A. M. R. A rebeldia e a arte dos “malditos” anarquistas. **Concinnitas**, v. 1, n. 24, setembro 2014.
- MARTINS, A. M. R. Representações do trabalhador na imprensa operária de tendência anarquista. **ArtCultura**, Uberlândia, v. 16, n. 28, p. 211-226, jan-jun. 2014.
- MARTINS, Â. M. R.; MATOS, M. I. S. D. Meio anjo - meio demonio: representações do feminino na imprensa operária. **Projeto História**, São Paulo, v. 35, p. 161-177, dez 2007.
- MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultura, v. 1, 1985.
- MARX-AVELING, E. **The Proletarian in the Home**. [S.l.]: [s.n.], 1896. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/eleanor-marx/1896/11/proletarian-home.htm>>.
- MATEUS, J. G. D. F. O Sindicalismo Revolucionário como estratégia dos Congressos Operários (1906, 1913, 1920). **Enfrentamento**, Goiânia, n. 12, p. 65-76, ago./dez. 2012.
- MATOS, M. B. **Trabalhadores e sindicatos no Brasil**. 1. ed. São Paulo : Expressão Popular, 2009.
- MATOS, M. I.; BORELLI, A. Espaço Feminino no Mercado Produtivo. In: PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. **Nova História das Mulheres no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 126 - 147.
- MATOSO, C. D. **As Marias que Tecem os Amanhãs:** fiando a existência e tramando a resistência na Fábrica Rheingantz (Rio Grande, 1920 a 1968). Pelotas/RS: Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Pelotas/RS, 2019.
- MENDES, C. L. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis/SC, n. 39, p. 167-181, 2006.
- MENDES, S. C. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo: 1889-1930**. Franca/SP: Dissertação de Mestrado - UNESP, 2010.

MENDES, S. C. Anarquismo e feminismo: as mulheres libertárias no Brasil (1900 – 1930). In: SANTOS, K. W. D.; SILVA, R. V. D. **História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil**. Curitiba: Editora Prismas, 2018. p. 173-192.

MENDES, S. C. Boni, Elvira. **Diccionario bilgráfico de las izquierdas latinoamericanas**, 2020. Disponível em: <<http://diccionario.cedinci.org/boni-elvira/>>. Acesso em: 3 out. 2021.

MICHAELIS. **Dicionário Escolar Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

MONATTE, P. Em defesa do Sindicalismo. In: WOODCOCK, G. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 230-237.

MOURA, M. L. D. **A Mulher é uma Degenerada**. [S.l.]: Tenda de Livros, 2018.

NEVES, M. D. S. Os cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. D. A. N. **O Brasil Republicado: O tempo do liberalismo excludente - da Proclamação da República à Revolução de 1930**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2008. p. 14 - 44.

OLIVEIRA, T. B. **Anarquismo, sindicalismo e revolução no Brasil (1906-1936)**. Niterói/RJ: Tese de Doutorado - Universidade Federal Fluminense, 2009.

OLIVEIRA, T. B. "Anarquismo e Revolução": militância anarquista e a estratégia do sindicalismo revolucionário no Brasil da Primeira República. In: SANTOS, K. W. D.; SILVA, R. V. D. **História do Anarquismo e do Sindicalismo de Intenção Revolucionária no Brasil**. Curitiba: Prismas, 2018. p. 193-242.

OLIVETTI, L. As mulheres anarquistas da família Soares: a história de luta de uma mãe e suas quatro filhas no Rio de Janeiro da Primeira República. **Emecê**, n. 34, março 2016.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2007.

PARSONS, L. **I am an anarchist**. Tradução de Roxo e Negro Publicações. Kansas: The Kansas City Journal, 1886. Disponível em: <<https://medium.com/@roxoenegro/eu-sou-uma-anarquista-e310bf27ba69>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

PARSONS, L. **Woman: Her Evolutionary Development**. Tradução de Roxo e Negro Publicações. Chicago: The Liberator, 1905. Disponível em: <<https://medium.com/@roxoenegro/mulher-e6cac8904ff9>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

PEIXOTO, M. A partilha da experiência visual vivenciada nas páginas do jornal A Plebe. **Revista Latino-Americana da História**, São Leopoldo, v. 2, n. 7, p. 309-326, setembro 2013.

PEIXOTO, M. **Identidades figuradas na cultura do trabalho**: a partilha da experiência visual e a construção da identidade operária através da produção imagética vinculada à imprensa operária e sindical no Brasil (1910-1935). Porto Alegre/RS: Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2016.

PENA, M. V. J. **A participação feminina no Movimento Operário da Primeira República**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas e Fundação Ford, 1983.

PENNA, M. A. O Anarquismo e a Questão das Mulheres. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 196, set 2017.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru/SP: EDUSC, 2005. 520 p.

PERUSSATTO, M. K. **Arautos da liberdade**: educação, trabalho e cidadania no pós-abolição a partir do jornal O Exemplo de Porto Alegre (1892 – 1911). Porto Alegre/RS: Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

PERUSSATTO, M. K. “Às mulheres”: gênero, raça e classe nos escritos de Sophia Ferreira Chaves (Porto Alegre, 1904). In: FAGUNDES, M. D.; (ORGS.), E. A. **Diálogos entre História e Gênero**: Costumes, Práticas e Fazeres. Porto Alegre: Editora Fi, 2019. p. 121-138.

PETERSEN, S. R. F. A mulher na imprensa operária gaúcha do século XIX. **Revista de História**, Porto Alegre, IFCH da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 1, 1986.

PETERSEN, S. R. F. Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira. **Anos 90: Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS**, Porto Alegre, p. 129-153, maio 1995.

PETERSEN, S. R. F.; LUCAS, M. E. **Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/Tchê!, 1992.

PINHEIRO, P. S. O proletariado industrial na Primeira República. In: FAUSTO, B. **História Geral da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

POLETTTO, C. **Caricaturas que não fazem sorrir**: contornos da imprensa libertária de Porto Alegre e de Buenos Aires (1897-1916). X Encontro Estadual de História: O Brasil no Sul: Cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. Santa Maria/RS: [s.n.]. 2010a.

POLETTTO, C. Imigrantes e anarquistas: contornos da imprensa libertária de Porto Alegre e de Buenos Aires (1897-1916). **Métis: históri & cultura**, v. 9, n. 17, p. 27-42, jan./jun. 2010b.

POLETTTO, C. **Tão Perto ou tan lejos? Caricaturas e contos na imprensa libertária e anticlerical de Porto Alegre e de Buenos Aires (1897-1916)**. São Leopoldo/RS:

Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2011.

POLETTO, C. **A imaginação subversiva ao redor do mundo: imagens, poesias e contos de protesto na imprensa anarquista e anticlerical (Espanha, Argentina e Brasil, 1897-1936)**. São Leopoldo/RS: Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2017.

PROUDHON, P.-J. **O que é Propriedade?** 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

PROUDHON, P.-J. **A pornocracia ou as mulheres nos tempos modernos**. [S.l.]: Biblioteca de Babel, 2015.

PUREZA, F. C. Cruzando Olhares: estabelecendo diálogos entre E.P. Thompson e Angela Davis. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 11, p. 1 - 20, 2019.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, M. D. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997. p. 578-605.

RAGO, M. **Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

RAGO, M. "Es que no es digna la satisfacción de los estintos sexuales?": Amor, sexo e anarquia na Revolução Espanhola. In: SOARES, C. L. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2006.

RAGO, M. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar Brasil (1890-1937)**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

RECLUS, É. **Anarquia pela Educação**. São Paulo: Hendra, 2011.

RIBAS, A. C. "A questão feminina" nas páginas libertárias: propaganda e emancipação feminina nas páginas do jornal anarquista A Plebe (1917-1935). **Anais do XV Encontro Estadual de História - 1964-2014: Memórias, Testemunhos e Estado**, Florianópolis, agosto 2014.

RIZZO; MINARDI. **Atuação da mulher libertária no trabalho, no jornalismo, na arte e a cultura**. Anais do XXI Encontro Estadual de História - ANPUH/SP. Campinas: [s.n.]. 2012.

RODRIGUES, E. **Os Companheiros**. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, v. 1, 1994.

SAFFIOTI, H. **Do Artesanal ao Industrial: A Exploração da Mulher**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SANTOS, K. W. D. Anticlericalismo e militância sindical: o periódico anarquista A Lanterna e sua ação entre os trabalhadores de São Paulo (1901-1914). **Revista Eletrônica Discente História.com**, Cachoeira, v. 2, n. 2, p. 116-130, 2013.

SANTOS, K. W. D. **O jornal A Plebe**: militância e estratégias de propaganda anarquista no movimento operário em São Paulo (1917-1920). Garulhos: Trabalho de Conclusão - Universidade Federal de São Paulo, 2013.

SANTOS, K. W. D. "Paz entre nós, Guerra aos Senhores": As intencões de organização, Ação Política através da Aliança Anarquista e o sindicalismo revolucionário em São Paulo durante a Primeira Guerra Mundial. **ITHA-IATH**, 31 maio 2016. Disponível em: <<https://ithanarquista.wordpress.com/2016/05/31/kauan-w-dos-santos-paz-entre-nos-guerra-aos-senhores-as-intencoes-de-organizacao-politica-atraves-da-alianca-anarquista-e-o-sindicalismo-revolucionario-em-sao-paulo-durante-a-primeira/>>. Acesso em: 06 fev. 2022.

SANTOS, L. E. D. Emma Goldman e o pensamento educacional anarquista. In: GOLDMAN, E. **Educação**. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2019. p. 12-23.

SCHMIDT, B. B. "Companheiras!": As mulheres e o movimento operário brasileiro (1889-1930). **Cabildo Insular de Gran Canaria XIII, Coloquio de Historia Canario-Americana, VIII Congreso Internacional de Historia de América (AEA), Coloquio 13**, Las Palmas de Gran Canaria XVIII, v. 13, p. 1458-1469, 1998.

SCHMIDT, B. B. O Deus do progresso: a difusão do cientificismo no movimento. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 113-126, 2001.

SCHMIDT, B. B.; BILHÃO, I. A.; SILVA, M. A. G. D. Aspectos da história operária: entre o público e o privado. **Métis: história & cultura**, v. 1, n. 1, p. 149-170, jan./jun. 2002.

SCHMIDT, M.; VAN DER WALT, L. **Black Flame**: the revolutionary class politics of anarchism and syndicalism. Oakland: Ak Press, 2009.

SCOTT, J. História das Mulheres. In: BURKE, P. **A Escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992. p. 63-95.

SCOTT, J. A mulher trabalhadora. In: PERROT, M.; FRAISSE, G. **História das Mulheres no Ocidente**. São Paulo: EBRADIL, 1994. p. 443-475.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v. 2, n. 20, p. 71 - 99, 1995.

SILVA, M. A. G. D. Rompendo o Silêncio: A participação feminina no Movimento Operário do Rio Grande-Pelotas (1890-1920). **Estudos Ibero-Americanos**, v. XXII, n. 2, p. 157-175, dezembro 1996.

SILVA, M. A. G. D. **Rompendo o silêncio**: a participação feminina no movimento operário de Pelotas e em Rio Grande, 1890-1920. Porto Alegre/RS: Dissertação de Mestrado - PUCRS, 1998.

SILVEIRA, M. C. B. D. **O teatro operário em Rio Grande na época das primeiras chaminés**. São Leopoldo/RS: Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 1999.

SOARES, E. D. S. **As impressões, as manifestações e as repercussões do caso Sacco e Vanzetti na imprensa**: Um estudo centrado no(s) cenário(s) brasileiro(s). Santa Maria/RS: Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Maria, 2020. 275 p.

SOUZA-LOBO, E. **A Classe Operária tem Dois Sexos**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

TAVARES, F. **Memórias do Esquecimento**. 4ª. ed. São Paulo: Globo, 1999.

THOMPSON, E. Prefácio. In: THOMPSON, E. **A Formação da Classe Operária. Vol. 1**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, E. **Travessias revolucionárias**: idéias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945). Campinas: Unicamp, 2004.

TRAGTENBERG, M. Prefácio à edição brasileira. In: SANTILLÁN, D. A. D. **Organismo econômico da Revolução**: A Autogestão na Revolução Espanhola. São Paulo: Brasiliense, 1980. p. 5-10.

TRAGTENBERG, M. Marx/Bakunin. **Marxismo e Autogestão**, Goiânia/GO, v. 3, n. 05, p. 21-42, jan./jun. 2016.

TUCKER, B. Socialismo Estatal e Anarquismo. In: WOODCOCK, G. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre : L&PM, 2019. p. 152-163.

WALTER, N. Ação Anarquista. In: WOODCOCK, G. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019. p. 179-185.

WOODCOCK, G. **Os grandes escritos anarquistas**. Porto Alegre: L&PM, 2019.

## ANEXOS

## ANEXO A - LISTA DE JORNAIS OPERÁRIOS FICHADOS

JORNAL	DATA DE PUBLICAÇÃO	ANO	CIDADE	Nº	ANNO	ACERVO
<b>A Defesa</b>	26-abr	1911	Bagé	29	I	NPH/UFRGS
<b>A Defesa</b>	1-mai	1911	Bagé	30	I	NPH/UFRGS
<b>A Defeza</b>	23-ago	1910	Bagé	3	I	Museu Dom Diogo de Souza
<b>A Defeza</b>	13-out	1910	Bagé	9	I	Museu Dom Diogo de Souza
<b>A Dor Humana</b>	28-set	1920	Bagé	42	I	NPH/UFRGS
<b>A Evolução</b>	30-nov	1925	Porto Alegre	4	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	13-set	1906	Porto Alegre	1	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	29-set	1906	Porto Alegre	2	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	10-out	1906	Porto Alegre	3	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	28-out	1906	Porto Alegre	4	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	15-nov	1906	Porto Alegre	5	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-dez	1906	Porto Alegre	6	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	15-dez	1906	Porto Alegre	7	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	2-jan	1907	Porto Alegre	8	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	17-jan	1907	Porto Alegre	9	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	3-fev	1907	Porto Alegre	10	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	22-fev	1907	Porto Alegre	11	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	março	1907	Porto	12	I	NPH/UFRGS



			Alegre			
<b>A Luta</b>	15-mar	1907	Porto Alegre	13	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	3-abr	1907	Porto Alegre	14	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	15-abr	1907	Porto Alegre	15	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-mai	1907	Porto Alegre	16	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	15-mai	1907	Porto Alegre	17	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	2-jun	1907	Porto Alegre	18	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	16-jun	1907	Porto Alegre	19	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-jul	1907	Porto Alegre	20	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	3-set	1907	Porto Alegre	22	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	26-out	1907	Porto Alegre	23	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	23-nov	1907	Porto Alegre	24	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	14-dez	1907	Porto Alegre	25	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	6-jan	1908	Porto Alegre	26	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	9-jan	1908	Porto Alegre	28	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	8-mar	1908	Porto Alegre	29	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	18-mar	1908	Porto Alegre	30	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-mai	1908	Porto Alegre	31	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	23-mai	1908	Porto Alegre	32	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	20-jun	1908	Porto Alegre	33	II	NPH/UFRGS

<b>A Luta</b>	19-jul	1908	Porto Alegre	34	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	15-ago	1908	Porto Alegre	35	II	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	18-set	1908	Porto Alegre	36	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	26-set	1908	Porto Alegre	37	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	25-out	1908	Porto Alegre	38	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	14-nov	1908	Porto Alegre	39	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	19-nov	1908	Porto Alegre	40	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	16-jan	1909	Porto Alegre	41	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	29-fev	1909	Porto Alegre	42	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	2-abr	1909	Porto Alegre	43	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-mai	1909	Porto Alegre	44	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-jun	1909	Porto Alegre	45	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	12-ago	1909	Porto Alegre	46	III	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	17-out	1909	Porto Alegre	47	IV	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-mai	1910	Porto Alegre	50	IV	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-jul	1910	Porto Alegre	52	IV	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	13-out	1910	Porto Alegre	53	IV	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	20-jan	1911	Porto Alegre	54	V	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	18-fev	1911	Porto Alegre	55	V	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	14-mai	1916	Pelotas	11	I	NPH/UFRGS

<b>A Luta</b>	31-mai	1916	Pelotas	12	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	15-jul	1916	Pelotas	15	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	31-jul	1916	Pelotas	16	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	29-set	1921	Rio Grande	175	-	Biblioteca RioGrandense
<b>A Luta</b>	11-out	1924	Rio Grande	186	-	Biblioteca RioGrandense
<b>A Luta</b>	1-set	1928	Porto Alegre	1	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-out	1928	Porto Alegre	2	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-nov	1928	Porto Alegre	3	I	NPH/UFRGS
<b>A Luta</b>	1-dez	1928	Porto Alegre	4	I	NPH/UFRGS
<b>A Razão</b>	1-mai	1896	Rio Grande	21	I	NPH/UFRGS
<b>A Vanguarda</b>	3-out	1914	Porto Alegre	2	II	NPH/UFRGS
<b>A Voz do Operário</b>	1-abr	1899	Porto Alegre	1	I	NPH/UFRGS
<b>A Voz do Povo</b>	21-fev	1929	Porto Alegre	1	I	NPH/UFRGS
<b>A Voz do Trabalhador</b>	11-ago	1912	Porto Alegre	2	I	NPH/UFRGS
<b>Ação Social</b>	27-jun	1924	Porto Alegre	3	I	NPH/UFRGS
<b>Acção Social</b>	27-jun	1924	Porto Alegre	3	I	NPH/UFRGS
<b>Avante!</b>	17-jul	1908	Porto Alegre	2	I	NPH/UFRGS
<b>Democracia Social</b>	9-jul	1893	Pelotas	1	I	NPH/UFRGS
<b>Democracia Social</b>	16-jul	1893	Pelotas	2	I	NPH/UFRGS
<b>Democracia Social</b>	23-jul	1893	Pelotas	3	I	NPH/UFRGS
<b>Democracia Social</b>	30-jul	1893	Pelotas	4	I	NPH/UFRGS

<b>Democracia Social</b>	6-ago	1893	Pelotas	5	I	NPH/UFRGS
<b>Democracia Social</b>	13-ago	1893	Pelotas	6	I	NPH/UFRGS
<b>Echo do Sul</b>	11-jun	1921	Rio Grande	-	-	Biblioteca RioGrandense
<b>Nosso Verbo</b>	1-jun	1921	Rio Grande	-	-	Biblioteca RioGrandense
<b>O Alfaiate</b>	12-out	1907	Porto Alegre	1	I	NPH/UFRGS
<b>O Confessado</b>	10-out	1926	Bagé	1	-	NPH/UFRGS
<b>O Povo</b>	1-mai	1930	Porto Alegre	1	I	NPH/UFRGS
<b>O Proletario</b>	5-jul	1896	Porto Alegre	1	I	NPH/UFRGS
<b>O Proletario</b>	12-jul	1896	Porto Alegre	2	I	NPH/UFRGS
<b>O Proletario</b>	18-jul	1896	Porto Alegre	3	I	NPH/UFRGS
<b>O Proletario</b>	26-jul	1896	Porto Alegre	4	I	NPH/UFRGS
<b>O Proletario</b>	2-ago	1896	Porto Alegre	5	I	NPH/UFRGS
<b>O Proletario</b>	9-ago	1896	Porto Alegre	6	I	NPH/UFRGS
<b>O Proletario</b>	28-jan	1906	Rio Grande	19	II	NPH/UFRGS
<b>O Syndicalista</b>	març	1921	Porto Alegre	4	III	NPH/UFRGS
<b>O Syndicalista</b>	fev	1924	Porto Alegre	1	VI	NPH/UFRGS
<b>O Syndicalista</b>	maio	1924	Porto Alegre	2	VI	NPH/UFRGS
<b>O Syndicalista</b>	nov	1924	Porto Alegre	3	VI	NPH/UFRGS
<b>O Syndicalista</b>	out	1925	Porto Alegre	6	VII	-
<b>O Syndicalista</b>	24-out	1925	Porto Alegre	7	VII	-

<b>O Sindicalista</b>	31-out	1925	Porto Alegre	8	VII	NPH/UFRGS
<b>O Sindicalista</b>	31-out	1925	Porto Alegre	8	VII	NPH/UFRGS
<b>O Sindicalista</b>	15-nov	1925	Porto Alegre	9	VII	-
<b>O Sindicalista</b>	15-jul	1926	Porto Alegre	3	VIII	NPH/UFRGS
<b>O Sindicalista</b>	25-nov	1926	Porto Alegre	5	VIII	NPH/UFRGS
<b>O Sindicalista</b>	fev	1927	Porto Alegre	2	VIII	NPH/UFRGS
<b>O Sindicalista</b>	març	1927	Porto Alegre	3	VIII	NPH/UFRGS
<b>O Sindicalista</b>	1-mai	1927	Porto Alegre	4	VIII	NPH/UFRGS
<b>O Sindicalista</b>	1-jul	1927	Porto Alegre	7	VIII	NPH/UFRGS
<b>O Sindicalista</b>	maio	1928	Porto Alegre	1	IX	NPH/UFRGS
<b>O Tempo</b>	2-mai	1908	Rio Grande	-	-	Biblioteca RioGrandense
<b>O Tempo</b>	2-mai	1910	Rio Grande	124	-	Biblioteca RioGrandense
<b>O Tempo</b>	29-abr	1911	Rio Grande	125	-	Biblioteca RioGrandense
<b>O Tempo</b>	13-jan	1921	Rio Grande	-	-	Biblioteca RioGrandense
<b>Revista Liberal</b>	fev	1921	Porto Alegre	1	I	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	abril	1921	Porto Alegre	2	I	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	1-mai	1921	Porto Alegre	3	I	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	jul	1921	Porto Alegre	4	I	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	1-ago	1921	Porto Alegre	5	I	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	out	1921	Porto	6	I	NPH/UFRGS

			Alegre			
<b>Revista Liberal</b>	nov	1921	Porto Alegre	7	I	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	1-jan	1922	Porto Alegre	8	II	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	fev	1922	Porto Alegre	9	II	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	março	1922	Porto Alegre	10	II	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	jun	1922	Porto Alegre	13	II	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	1-mai	1922	Porto Alegre	11 e 12	II	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	abril	1923	Porto Alegre	15	III	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	13-out	1923	Porto Alegre	16	III	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	fev	1923	Porto Alegre	17	III	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	1-mai	1923	Porto Alegre	19	III	NPH/UFRGS
<b>Revista Liberal</b>	jul	1923	Porto Alegre	20	III	NPH/UFRGS

## **ANEXO B - CARTA ABERTA DE MARIA ANTONIA SOARES AO CENTRO FEMININO DE ESTUDOS SOCIAIS**

Carta Aberta

Às companheiras do C. Feminino de Estudos Sociais.

Companheiras

Foi com profundo pesar que recebi a notícia da dissolução do vosso Centro.

Fundado há bem pouco tempo, e havendo em vós quando o fundaste o entusiasmo que parecia haver, acho inexplicável, parece-me mesmo impossível que se tenha dissolvido.

A meu modo de ver, deveis telo sustentado enquanto fosse possível embora os sacrifícios a fazer fossem muitos, a apesar de todas as dificuldades que poderiam ter surgido.

Nós devemos contar quando iniciamos uma obra com as dificuldades que temos que vencer, e com os sacrifícios que é necessário fazer.

Vós mesmas, em uma carta dirigida ao C. F. de São Paulo, demonstrastes contar com tudo isso e dizeis-vos prontas a lutar, a lutar sempre, apesar de tudo.

A distância que nos separa, me impede de conhecer a fundo o porquê da dissolução do centro e de julgar com justiça o vosso procedimento.

Permiti, no entanto que faça algumas considerações.

Todos os núcleos de propaganda que se fazem, dissolvem-se, naturalmente, depois de viverem algum tempo. Essa dissolução, efetua-se, geralmente, depois de ter o núcleo realizado, com mais ou menos êxito, o fim imediato que impôs a necessidade da sua fundação.

Com o Centro Feminino, porém, não se deu isso.

Ele foi fundado, como o de São Paulo, como o fim de despertar no elemento feminino do Brasil, algum interesse pelas questões sociais.

Para nós, que já nos interessamos mais ou menos, temos os vários centros libertários onde podemos perfeitamente emprenhar a nossa atividade. Nós não precisamos dos centros exclusivamente femininos pois que não vemos a necessidade (de nossa parte) de estabelecer, na luta uma linha divisória entre os dois sexos sendo as aspirações as mesmas.

Se os centros femininos constituem uma necessidade, é devido a ser a única forma de atrair ao nosso meio, o elemento feminino.

Era esse, justamente o fim do vosso Centro, a missão que vos propusestes ao fundá-lo. Atrair a vós as mulheres desta cidade, deste estado, mesmo, e fazê-las interessar-se pelas ideias que queremos propagar.

Essa missão já foi cumprida, ao menos em parte?

Não. Portanto o vosso centro não tinha razão de desaparecer.

Acontece muitas vezes que algumas associadas se retiram por qualquer motivo, e as restantes, julgando que não se deve manter um centro com um reduzido número de companheiras, tratam logo de dissolvê-lo.

É possível que isso tenha acontecido convosco.

Não creio, no entanto, que isto seja motivo suficiente. É minha opinião que as restantes devem, pelo contrário, redobrar de esforços e conseguir que o número de sócias aumente novamente.

Vós quando fundantes o vosso centro, e nós aqui quando fundamos o nosso, idealizamos um vasto programa, onde transpareciam todas as nossas sublimes aspirações de libertárias. Propusemo-nos a contribuir para a realização do grande ideal de liberdade com que sonhamos, levando às almas femininas um pouco de luz, infiltrando-lhes um pouco desse ideal.

A nossa missão não foi ainda cumprida; devemos procurar cumpri-la enquanto nos for possível.

O vosso centro não desapareceu. Não podia desaparecer.

Confio plenamente, receber em breve a grata notícia de que a dissolução do Centro Feminino de Estudos Sociais, não foi mais do que o fruto de um desalento momentâneo que se apoderou das suas componentes, mas que ele tornou a renascer com mais brios do que nunca.

E a sua obra grandiosa, sublime, repercutia em todos os cantos deste grande país onde a mulher (como em todos os países) é considerada como o mais desprezível animal.

A nossas vós, unida à daqueles que compartilham os nossos ideais, levará a todos os corações de escravos, a ânsia de amor e liberdade, o desejo de ser felizes.

Envia-vos um afetuoso abraço a

Vossa e da Causa

Maria Antonia Soares,

Do Centro Feminino Jovens Idealistas, de S. Paulo

Fonte: SOARES, Maria Antonia. Carta aberta. **A Luta**, Pelotas, p. 2-3, 31 maio 1916.





## ANEXO C - DOAÇÃO DO TERRENO DA FAMÍLIA DE DORVALINA RIBAS MARTINS AO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE.

LEI Nº 1739, DE 24 DE MAIO DE 1957.



### AUTORIZA O RECEBIMENTO DE UM IMÓVEL EM DOAÇÃO.

O PREFEITO MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE, Faço saber que o Poder Legislativo decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

**Art. 1º** Fica o Executivo Municipal autorizado a receber em doação de Jesus Ribas Sieiro, o imóvel a seguir descrito, que constituem parte do leito da Rua Antônio Ribeiro, a saber:

UM TERRENO com 11,00m (quatorze metros) de frente à Rua Paulino Chaves, lado ímpar, distante 68,04m (sessenta e oito metros e quatro centímetros) da Rua Joaquim Cruz, lado par, tendo 132,00m (cento e trinta e dois metros) de extensão da frente ao fundo sendo que, até os primeiros 38,77m (trinta e oito metros e setenta e sete centímetros) tem a mesma largura da frente e daí estreita para 4,54m (quatro metros e cinquenta e quatro centímetros) até o fundo, onde entesta com terreno da herança de Dorvalina Martins Ribas; dividindo-se, por um lado, com o restante do terreno do doador, no alinhamento ímpar da Rua Antônio Ribeiro e, do outro lado, na extensão de 38,77m (trinta e oito metros e setenta e sete centímetros) com terreno do doador e na extensão de 93,23m (noventa e três metros e vinte e três centímetros) com terreno de Corbettea & Irmão, já incorporado ao leito da mesma Rua Antônio Ribeiro.

**Art. 2º** Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 24 de maio de 1957.

LEONEL BRIZOLA  
Prefeito

## ANEXO D - TEXTO DA PEÇA TEATRAL DE AGOSTINA GUIZZARDI: AMOR E OURO

### AMOR E OURO

Drama Social em 3 Atos

Por

**Agostina Guizzardi**

Rio Grande Março de 1906.

Transcrição de Revocata H. de Mello  
Atualizado para o português vigente.

---

#### PERSONAGENS

---

<b>José</b> , rico negociante	(Raphael Ferré)
<b>Adolpho</b> – seus filhos	(Damaso Nobre)
<b>Ayda</b>	(D. Zulmira Rossari)
<b>Jayme</b> , namorado de Ayda	(João Leonini)
<b>Oreste</b> , pretendente de Ayda	(A. Guedes Coutinho)
<b>Padre Fernando</b>	(Octacilino P. Pereira)
<b>Henrique</b> , criado	(José Rossari)
<b>Um Mendigo</b>	(A. Fornari)
<b>Um Ferreiro</b>	(E. Braga)

(Pg. 4)

ATO I

Á cena representa uma sala mobiliada luxuosamente  
Ao levantar o pano é de tarde!

## CENA I

(Ayda, depois Adolpho)

**Ayda** - Sempre as mesmas questões! O Adolpho não combina com o papai! Nunca poderão entenderem-se!. São de ideias tão diferentes que parece incrível que sejam pai e filho. O Adolpho, bom e caridoso como é, não pode ver o papai tão sovina. O papai, por sua vez, repreende-o pelo seu humor tão jovial! Oh! É bem curioso!

**Adolpho** (entrando) - E então, Ayda, o que há de curioso? Com quem estavas falando?

(Pg. 5)

**Ayda** (indo a seu encontro.) - Quem lhe deu licença de vir surpreender-me, Sr. atrevido?

**Adolpho** - Oh! que soberba estás hoje! Ganhas-te a sorte grande?

**Ayda** (sorrindo) - Nem a desejava. Para que?....

**Adolpho** - Tens razão. Esquecia-me que és inimiga do dinheiro.

Ayda - E quem pode amá-lo quando é a causa de tantas desventuras?! Por ele perecem diariamente muitas pessoas, por ele sucedem crimes, suicídios...

**Adolpho** -(interrompendo.) As minhas brigas com papai....

**Ayda** - Exatamente; era sobre isto que eu estava falando comigo mesma, quando entraste.

**Adolpho** - Pois, ouviste?...

**Ayda** - De certo e não é a primeira vez; mas eu acho muito reprovável que continues destemodo.

(Pg. 6)

**Adolpho** - Eu mesmo não gosto do meu procedimento, mas... não posso dominar-me! Só o conseguirei abandonando esta casa!....

**Ayda** - Que dizes, Adolpho? Para onde queres ir?

**Adolpho** - Lugares não faltam; logo que tenham boas intenções.

**Ayda** - Explica-te, melhor. (senta-se).

**Adolpho** - Ora deixemo-nos disso, falemos...

**Ayda** (interrompendo-o) - Não. Quero saber o que entendes fazer! fala.

**Adolpho** - Bem veja, que está vida não pode continuar assim, repugna-me demasiado a luta continua em quê vivo. Sim, luto contra mim mesmo, contra os meus sentimentos.

Abstenho-me o mais possível de contrariar o papai; mas enfim, o coração cansa-se de mentir, e, rebenta em abundantes jorros a indignação que mal tento reprimir. Já vi que, por mais que eu queira, não posso; não posso mais suportar.

(Pg.7)

**Ayda** - Não deves indignar-te tanto assim, conheces que ele faz mal? Perdoa-lhe.

**Adolpho** - Não me compreendes, querida!

**Ayda** - (aparte) Oh! se o compreendo!

**Adolpho** - O papai enche-me os ouvidos com seus sermões diários. Não quer que eu passeie com este, ou aquele amigo, porque são pobres; diz-me que eles não são da nossa classe: quer ver-me soberbo, frequentar a igreja, visitar o padre, passear com ele em companhia de poucos outros que escarnecem de tudo, a não ser a riqueza, o bem-estar, o ouro que eles possuem aos montes! E, eu entendo-me? eu aborreço essa gente, chego muitas vezes a odiar até o próprio papai porque mostra-me digno colega deles. Eu não amo o ouro, amo a paz, a tranquilidade; duas coisas que talvez o mundo não forneça...

**Ayda** - Dizem que os pobres gozam desta paz, que tu tanto almejas

**Adolpho** - É uma mentira audaz. Coitados! Depois de sofrerem tanto, ainda se lhe atribui a felicidade! Mas, quem diz estas asneiras? Geralmente, os ricos, os padres e os ociosos! Eles têm um grande interesse em conservar os pobres na ignorância! Não lhes basta vê-los famintos, pálidos, magros; lutando com o frio a fome e a miséria. Iludem-nos ainda, e não raro ouvi-los (outro tom) os cínicos, invejá-los porque serão felizes depois de mortos!....

## (Pg.8)

**Ayda** - Coitados! Mas então ignoram esses infelizes que tem direito a melhor sorte?

**Adolpho** - Certamente: não se pode saber sem estudar. E na idade em que deveriam ir para a escola já precisam trabalhar para ganhar o escasso pão... (longa pausa... outro tom.) Eo Jayme, não tem aparecido?

**Ayda** - Não o vejo há dias.

**Adolpho** - Não tens saudades?

**Ayda** sorrindo - Que pergunta: por certo que sim. E tu, não as tens?

**Adolpho** - Tenho vontade de vê-lo por que finalmente, ele é um bom rapaz. Muito meu amigo, apesar da oposição do papai para que conserve esta amizade.

## (Pg.9)

**Ayda** - Como! O papai não gosta de Jayme?

**Adolpho** - Não é isso, é que, como ele diz é humilhante para mim dedicar-lhe a minha estima.

**Ayda** - Como assim?

**Adolpho** - Porque o pai dele está arruinado!

**Ayda** - Arruinado?

**Adolpho** - Não o sabias? É por isso que ele não pode concluir seus estudos e teve de vir trabalhar para ajudar ao pai.

**Ayda** - Pobre Jayme!

**Adolpho** - Sim pobre, mas generoso; porque o pai dele queria vender a única casa que lhe resta, e coadjuvado pelo irmão de Jayme, o nosso cunhado Carlos, fazer um sacrifício até que conseguisse o diploma de médico visto que já estava muito adiantado nos estudos.

## (Pg.10)

**Ayda** - E ele recusou, não é assim?

**Adolpho** - Sim recusou. Disse que não podia mais continuar os estudos que custariam tanto sacrifício ao seu velho pai!

**Ayda** - Que nobre coração!

**Adolpho** - Na verdade, não sei o que mais admirar, se o generoso procedimento de Jayme, ou o sacrifício que o seu velho pai estava pronto a fazer!

**Ayda** - São ambos dignos da maior admiração; mas Jayme.

**Adolpho** - (interrompendo rindo) Oh! o Jayme é mais digno, especialmente aos teus olhos!

**Ayda** - Por que dizes assim?

**Adolpho** - Olhem, a inocentinha! pensas que não descobri?

**Ayda** - O que?!

## (Pg.11)

**Adolpho** - O segredo que a todos ocultas.

**Ayda** - (Confusa.) Ah!....

**Adolpho** - Julgavas que eu não soubesse? Eu vejo tudo!

**Ayda** - E então, o que vês?

**Adolpho** - Que amas ao Jayme; que lhe dedicas-te toda a tua cândida alma.

**Ayda** - Pois, já que tão bem adivinhas, confesso.

**Adolpho** - Quer dizer que tinhas segredos para com teu querido irmão....

**Ayda** - Não penses isto; é que eu própria o ignorava. Sentia-me agitada, confusa, melancólica, sem saber qual fosse a causa ....

**Adolpho** - Era o amor, e a saudade, não é assim?

**(Pg.12)**

**Ayda** - Era....

**Adolpho** - Pois ama-o, e ama-o muito; porque nunca chegarás a amá-lo tanto como merece. (Longa pausa.)

**Ayda** - Mas, diz-me, Adolpho o papai proíbe-te que o estimes?

**Adolpho** - Sabes com ele é....

**Ayda** - Sim, é ambicioso, mas....

**Adolpho** - Qual, mas, nada! Para ele não é ao homem que se estima, é a sua riqueza.

**Ayda** - Tens razão, ele é muito considerado. (Fica pensativa)

**Adolpho** - Agora vou ver se encontro o nosso querido Jayme.

**Ayda** - A menos que se tenha exilado....

**(Pg.13)**

**Adolpho** - Estás a gracejar, queridinha; pois se o vejo....

**Ayda** - (Interrompendo) Leva-lhe as minhas saudades.

**Adolpho** - Farei mais do que isto!

**Ayda** - O que mais?

**Adolpho** - Dir-lhe-ei que o esperas ansiosamente...

**Ayda** - Ora, assim não!

**Adolpho** - Como então?

**Ayda** - Bem. Como entenderes! Dou-te plena liberdade.

**Adolpho** - Então fica ao meu cuidado. Até logo.

**Ayda** - Adeus, Adolpho, desejo que o passeio te faça bom proveito.

**Adolpho** - Obrigado! Obrigado! (Sai)

**(Pg.14)****CENA II**

Ayda e Criado.

**Ayda** - Como é bom o Adolpho! Oxalá assim fosse também o papai....

**Criado** (entra) - D. Ayda?

**Ayda** - Que queres, Henrique?

**Criado** - Ha na porta um velho que pede esmola.

**Ayda** - Manda o entrar para cá. (**Criado sai**)

**CENA III**

Ayda, Criado e Mendigo.

(Criado entra conduzindo um velho, mas vestido; magro e pálido)

**Ayda** (compassiva:) - Meu bom velho, está sofrendo muito?

**(Pg. 15)**

**Mendigo** - (Gemendo.) Muito, minha senhora; estes trapos que tenho sobre o corpo, mal me abrigam das intempéries; tenho fome .... não tenho casa....

**Ayda** - Coitado! (para o criado que espera perto da porta) Vai aprontar alguma coisa para ele.

**Criado** - Lá dentro tem comida pronta.

**Ayda** - Então leve-o e dá-lhe o que quiser.

**Criado** - (Para o Mendigo) Vamos, meu amigo!

(Velho seguindo o criado, para Ayda) Que Deus lhe pague, minha Senhora (Sai com o criado. Ayda responde ao velho com uma pequena inclinação).

**CENA VI**

**Ayda** só. (Senta-se) - Pobres operário, eis o fim que os espera trabalham enquanto podem, quando perdem as forças, quando chegam ao inverno da vida, quando deviam ser venerados .... são desprezados e lançados na miséria! Sós no mundo, porque talvez os entes queridos tenham

perecido aos golpes da fome; tem, estes homens, de aviltar-se a pedir a outros um pão, que nem sempre lhes é dado.

(Pg. 16)

**Ayda** - Oh Deus como é injusta a sociedade! (Para e escuta.). Vem gente! (Olhando.) É o papai!

CENA V

Ayda e José

**Ayda** - Boa tarde, papai!

**José** - Boa tarde. (muito sério). Quem é aquele velho que saiu agora?

**Ayda** - Um infeliz que tinha fome, e a quem mandei dar um prato de comida.

**José** - (irônico.) Um infeliz! .... Talvez o seja menos do que eu esta gente....

**Ayda** - Zanga-se comigo? Fiz mal então em dar uma esmola?

**José** - Digo, que está gente, traz quase sempre debaixo da máscara da pobreza, a preguiça de trabalhar. São vagabundos....

**Ayda** - O Sr. não viu como era pálido e magro? poderia ele ainda sustentar o duro trabalho que a sociedade exige?

(Pg.17)

**José** - (Com raiva.) De certo! Demais que se arranje; não tenho obrigação nenhuma de sustentar os outros. (Senta-se a mesa e escreve. Ayda senta-se no sofá. Muito triste, depois de uma pausa, ele vira-se para Ayda em tom carinhoso:) Vai mandar acender as luzes Ayda, já não enxergo para escrever. (Ayda chama criado que entra com as luzes que coloca na mesa e sai; Ayda, senta-se outra vez no sofá. O José levanta a cabeça e olha para Ayda:) Que pensas, minha filha?

**Ayda** - Nada, papai.

**José** - Porém, tu costumavas cantar modinhas bonitas, tocar harmoniosamente ao predileto violão e bordar lindas florezinhas que rivalizam com as que cultivas no jardim e, de um certo tempo para cá, acho-te muito mudada. Que quer isto dizer?

**Ayda** - Esquece-se que primeiro eu tinha ao meu lado Adelaide, a irmã querida que me faziaas vezes de mãe? É muito natural que separada pelo casamento dela sinta alguma cousa de extraordinário n' esta solidão que me cerca.

**José** - Criança! Tua irmã é feliz.

(Pg. 18)

**Ayda** - Não ignoro que ela seja feliz, rica e adorada, mas, bastará isto para que tão depressa-me acostume a sua ausência?

**José** - Podes ir vê-la quando quiseres!

**Ayda** - Oh! o papai é tão bom!

CENA VI

Ayda, José, Jayme e o Criado

**Criado** - (Anuncia) O Sr. Jayme!

**José** - Manda-o entrar. (criado sai)

**Jayme** (entrando) - Sr. José boa noite. (para Ayda) Minha Sra....

**Ayda** - (Correspondendo,) Boa noite, Sr. Jayme!

**José** - Que boas novas o trazem por aqui?

**Jayme** - As saudades de todos, e especialmente de Adelaide para a Sra. D. Ayda.

(Pg. 19)

**Ayda** - Obrigado Sr. Jayme; minha irmã está boa de saúde?

**Jayme** - Perfeitamente bem, minha senhora.

**José** - Ainda agora estávamos falando aqui a respeito de Adelaide. Ayda tem sentido muito a falta dela.

**Jayme** - E ´ o que sempre acontece com as pessoas que se amam.

**Criado** (entra) - Patrão tem gente na porta que lhe deseja falar.

José - Quem será? (levantando-se). Vou ver e já volto. Esteja à vontade Sr. Jayme.

## CENA VII

Ayda e Jayme

**Jayme** - Então? tem estado muito triste durante todo este tempo?

**Ayda** - Muito por mais que fosse meu desejo estar alegre.

**Jayme** - Mas a sua melancolia está preocupando muito seu pai!

## (Pg.20)

**Ayda** - Ele já me disse, mas que quer, não posso reagir. Desde que Adelaide se casou, tornei-me tão diferente que muitas vezes me estranho.

**Jayme** - Ama então muito a Adelaide?

**Ayda** - Muito, e com razão, pois foi ela que por muito tempo fez as vezes de minha mãe.

**Jayme** - No entanto, ela não chorou muito esta separação.

**Ayda** - Compreendo; ela é feliz, desposou o homem com quem sonhava que pode mais desejar? Mas, eu....

**Jayme** - O que queria dizer?

**Ayda** - Que o amor é muito egoísta; pensa somente em si.

**Jayme** - Não era outra a expressão que queria sair-lhes dos lábios?

**Ayda** - (Confusa) Que fiquei só, ao lado de meu pai e que me enfastio enormemente....

## (Pg.21)

**Jayme** - Como! Pois o Adolpho....

**Ayda** - O Adolpho? Prefere deixar esta casa a lutar continuamente contra seus bonsentimentos.

**Jayme** - Foi-se então embora?

**Ayda** - Ainda não, mas já está resolvido. Já vê, pois, que vou ficar só.

**Jayme** - Não diga isso, D. Ayda; há quem a ama mais do que seu pai e talvez mesmo mais do que seu irmão Adolpho.

**Ayda** - Oh! Sr. Jayme! .....

**Jayme** - Será preciso que lhe repita o que mais de uma vez ouvi-o?

**Ayda** - Mas...

**Jayme** - Não se faça de ingênua, pois que está bem longe de sê-lo!

**Ayda** - Conheço os seus nobres sentimentos a meu respeito, mas atribuía-os ....

## (Pg. 22)

**Jayme** - A que?

**Ayda** - Ao efeito da compaixão que lhe inspiro (Como ofendida) Creia, porém, que, quando me acostumar à falta de minha irmã, tornarei a ser alegre e divertida como dantes. Cessará então esta inquietação que tanto o incomoda....

**Jayme** - (Caindo de joelhos.) A Sra. Interpreta muito mal as minhas palavras. Perdoe-me! Devo este mal-estar ao amor que pela primeira vez me falou, a incerteza que tenho de ser correspondido. Oh! fale, Ayda! Diga que também me ama. Uma palavra sua, decidirá daminha vida.

**Ayda** - (A parte) Ele também me ama! (pensativa)

**Jayme** - Não fala? Não me ama então? ter-me-ei enganado?

**Ayda** - Sim, amo-te. (abaixa a cabeça, chora)

**Jayme** com júbilo. - Obrigado! Mal sabes que felicidade acabas de conceder-me. Se não me amasses eu morreria! (Ayda afasta-se dele receosa que entre o pai.)

**Jayme** (levanta-se longa pausa, outro tom) - O Sr. José está demorando, não achas?

## (Pg.23)

**Ayda** - Efetivamente; mas não me admira porque, ele distrai-se muito em conversações! (Pausa e passos fora)

## CENA VIII

Ayda, Jayme, José, Oreste e padre

**José** - Como estão silenciosos, meus caros.

**Oreste** - Boa noite.



**Jayme** - Acabamos de comentar a sua longa ausência....

(Ayda cumprimenta a Oreste)

**José** - Demorei-me então muito?

**Ayda** - O Sr. Jayme já se teria ido, se eu não o impedisse.

**José** - Tinhas medo de ficar só?

**Ayda** - Não, mas simplesmente porque achava melhor que o Sr. o encontrasse ainda na suavolta.

**Oreste** pa. Jayme - Admiro que tenha tido pressa de sair; o Sr. José o deixou em tão boa companhia...

(Pg.24)

**Jayme** - É verdade, a companhia é excelente, mas....

**José** interrompendo - Talvez que demorando-se muito, houvesse quem perdesse a paciência!

**Oreste** Maliciosamente - Alguma menina de cabelos louros e olhos azuis, não é Sr. Jayme?

**Jayme** - É este o sonho de quase todos os moços, não o nego; porém eu prefiro aos cabelos louros, os negros como a noite sem luar.

**Oreste** - E aos olhos azuis, quase preferes?

**Jayme** - Tenho predileção pelos verdes, porque é a cor do mar e como ele denotam majestade!

**José** - Olhem o poeta!

(De fora) Dão licença?

## CENA IX

Ayda, José, Jayme, Oreste e o Padre

**José** - Entre. (vai encontrá-lo) Boa noite, Padre Fernando

(Padre inclina-se profundamente:) Oh! Boa noite. Que é da menina.

(Pg.25)

**Ayda** - (A parte) Que aborrecido, (alto indo encontrá-lo) Eis-me, reverendo. Boa noite.

**Padre** - Boa noite, menina, como vais?

**Ayda** - Sempre bem, reverendo.

**Padre** - É o que eu estimo. (avança para o meio da sala e tira a caixa do rape,) Vim interrompê-los, não é assim?

**José** - Pelo contrário, chegou em boa ocasião!

**Padre** Oferece rapé. - Querem servir-se?

Todos recusam.

**José** para Ayda - Ayda, vae mandar fazer o chá.

**Ayda** - Sim senhor! (inclina-se e sai.)

**Padre** - E então sr. José, esperava-me?

**José** - Naturalmente; eu não gosto de deitar-me sem primeiro ter apreciado algumas das histórias que o sr. costuma contar-nos;

(Pg.26)

**Oreste** - Devem ser bem interessantes estas histórias.

**José** - Muito; o Reverendo costuma contar-nos pedaços de confissão de moças bonitas.

**Padre** - O que posso fazer sem cometer pecado, bem entendido....

**Oreste** - Oh! conte, conte; Reverendíssimo,

**Padre** - Quase todas estão tristes; ou porque perderam o namorado; ou porque os pais não fazem gosto pelo casamento; ou....

**Jayme** interrompendo. - Perdão, reverendo. Que pensa desses pais que proíbem aos filhos que se casem com um, de preferência a outro?

**Padre** - Penso, que sempre que os pais se opõem ao casamento de seus filhos, tem um fim plausível.

**José** - Bravo!

**Oreste** - Muito bem.

**Jayme** - Por exemplo....

(Pg. 27)

**Padre** - Muitos seriam os exemplos a dar; porém, eu vou citar-lhes um dos mais importante. Ouçam: (Toma rapé.) Uma filha de família rica, encapricha-se para casar-se com um moço pobre; não é uma vergonha para ela?

**Jayme** - Não acho, explique-se melhor.

**Padre** - Não acha?! Esta família rica, ligando-se por meio de um enlace matrimonial a outra pobre, perde a dignidade, e desmente a sua soberania sobre as classes baixas. Quase sempre, estes filhos do povo são analfabetos sem educação e por isto é de lastimar que o rico instruído se ponha ao lado do pobre ignorante. (Para José e Oreste.) Não é justo, meus Srs?

**Oreste** - Muito.

**José** - Tão certo como dois e dois serem quatro.

**Padre** para Jayme - E o Sr. não fala? Ainda não entendeu?

**Jayme** - O Sr. falou bem claro, para que eu não compreendesse, mas, diga-me por favor: E sem de vez de um capricho, como o Sr. citou fosse o amor que tentasse ligar dois corações de **diferentes classes?**

**Padre** rindo. - Ah ah ah!... Qual amor, quais corações, o Sr, crê muito. Com o ouro compra-se: amor, honra, títulos, corações. Etc. (rindo) Ah! A ah! como é ingênuo.

(Pg.28)

José e Oreste riem também.

**José** - Bravo, Reverendo

**Oreste** - Não me enganei, o padre Fernando é muito divertido

**Padre** - E moral, não é assim?

**Oreste** - Perfeitamente.

**CENA X**

*Os mesmos e Ayda que entra com uma bandeja com chá*

**Ayda** - Sirvam-se senhores.

*Todos servem-se.*

**Padre** - É excelente este chá, menina!

**Oreste** - Sim; muito bom.

**Ayda** - Os senhores, querem lisonjear-me.

**Padre** - Sabes que Padre Fernando não mente.

**Ayda** - Estou caçoando Padre Fernando, desculpe-me (Sai).

(Pg.29)

**CENA XI**

José, Oreste, Padre e Jayme

*(Jayme vê as horas e levanta-se para sair.)* - Senhores, eu retiro-me...

**José** - Queira esperar um momento, a menina volta já; pode ser que ela tenha algum recado para a irmã.

**Padre** - Não gostou da conversa?

**Jayme** - Não gostei, não reverendo; não sou da sua opinião. (Afasta-se.)

**José** para Oreste - É um pobre que pretende levantar-se.

**Padre** - Não se zangue; venha cá, Jayme, conversemos....

**Jayme** - Não vale a pena, seria obrigado a contrariá-lo.

**Padre** - Não diga isso; pois atrever-se-ia, a contrariar um ministro de Deus? (Toma rapé.)

**Jayme** vem perto - Um ministro de Deus?! E ousa chamar-se, ministro de Deus, ousa falar no nome de um pobre, de um humilde como foi o Nazareno, o sr. que despreza a pobreza, escarnece do amor, e ama o orgulho, a soberania?

(Pg.30)

**CENA XII**

Os mesmos e Ayda

**Ayda** entrando. - O que é isto, sr. Jayme, está zangado?

**Jayme** - Não D. Ayda estava conversando e tenho o defeito de falar alto.

**Padre** - Não é verdade menina; o Jayme zangou-se comigo.

**Ayda** para Jayme - Por quê?

**Jayme** - Porque o Padre Fernando está a dizer blasfêmias.

**Ayda** - Ah!

**Padre** - Não faça caso, não faça caso, menina; ele mente.

**Jayme** - Não minto; quer que lhe explique: Ouça: o Padre Fernando, o ministro de Deus, como ele se chama, admite que os homens sejam divididos em duas classes: os ricos que ele adula e os pobres a quem despreza...

**Ayda** - Que horror!

(Pg.31)

**Padre** para Oreste e José - Oh! o sacrílego, ousa insultar-me, ousa censurar a vontade de Deus, que assim criou o mundo!

**Jayme** para Ayda - Não tem algum recado para Adelaide?

**Ayda** - Já se quer ir?

**Jayme** - São horas; e melhor seria que tivesse ido antes.

**Ayda** - Diga-lhe que desejo a ver o mais breve possível.

**Jayme** - Serão cumpridas as suas ordens. Senhores. Boa noite (inclina-se e sai.)

**Todos** - Boa noite.

CENA XIII

Ayda, José; Padre e Oreste

*Ayda suspira, senta-se longe do grupo.*

**Padre** - Como é isso, menina, entristeces-te? Deixa-te disso padre Fernando perdoa tudo.

**José** - Deixa que Jayme se zangue, que nos importa isso? *Ayda de cabeça baixa, Padre levanta-se e chega a ela.* É pena, uma menina tão bonita, estar tão melancólica! Sê alegre, que estás na melhor quadra da vida.

(Pg.32)

**José** - É que Ayda deve estar fadigada; queres retirar-te ao teu quarto?

**Ayda** - Se me dão licença!....

**José** - E por que não?

**Ayda** levanta-se, inclina-se. - Então. Boa noite....

**Todos** - Boa noite..... (Ayda Sai).

CENA XIV

José, Padre e Oreste.

**Oreste** - A menina, sente-se mal?

**José** - Não, mas ..... de um certo tempo para cá anda muito triste: tudo a incomoda, e receio muito pela sua saúde....

**Padre** - Qual! Isso não é nada; parece-me é que está muito apaixonada....

**José** - Ayda?

**Padre** - Sim.

**José** - E por quem?

**Padre** - Ora! o sr. não reparou que interesse ela tomou por Jayme?

(Pg.33)

**José** - Efetivamente, vi-a muito preocupada, mas atribui isso ao....

**Padre** interrompe - Ao serem parentes?

**José** - Sim; e é muito natural; a saudade da irmã, o de desejo de saber notícias suas...

**Padre** - Qual? queria ir para o inferno, se a menina se lembrava da irmã. Pode acreditar que ela ama ao Jayme.

**Oreste** aparte - Será verdade?

**José** - Oh! mas eu não quero; nunca consentiria n' esta união! O Jayme não possui nada.

**Oreste** - Desculpe, mas o que tinha Carlos? Não são irmão?...

**José** interrompe - A família deles era rica. Quando Carlos acabou os estudos casou-se com outra minha filha; e com o dote dela e um pouco de esforço dele conseguiram criar-se uma boa posição. O mesmo não acontece com o Jayme; quando estava prestes a conseguir o diploma de doutor em medicina, não sei por que funesto acontecimento comercial, o pai deles viu-se arruinado. Nada mais possuindo, foi obrigado a tirar Jayme da academia e dar-lhe um emprego, que ele aceitou de muito boa vontade para ajudar a seu velho pai!

(Pg. 34)

**Padre** - Eis o problema. O Jayme aspira a riqueza. A menina é muito ingênua; crê neste amor que ele tão bem sabe pintar-lhe aos olhos e deixa-se arrastar pela impetuosa corrente de suas palavras fascinantes (com zombaria) Então eu hei de acreditar que é o amor que os atrai á ambos? Não.... não. é a ambição da parte de um e a ignorância da parte de outra.

**José** - Tem razão, Ayda é muito criança, e ainda não tem experiencia nenhuma. Não conheceas etiquetas da sociedade!!! Não sabe que um enlace humilhante, seria uma vergonha para nós.

**Padre** - Certamente. (toma rapé) Mas se é muito inexperiente tem por compensação a bela virtude da obediência. Eu hei de persuadi-la do erro em que incorre! (zombando.) Será possível que este amor já tenha se enraizado tanto?

**José** - Qual amor! É até uma loucura pensar nisso! Nunca Ayda contrairá um matrimonio humilhante! A não ser assim, como poderia ser minha filha? Sou tão inimigo das classes baixas! Que diz, Sr. Oreste?

**Oreste** - Digo que o Sr. e o nosso Reverendo têm muita razão!

**Padre** - Pelo que vejo, o Sr. é nosso correligionário....

(Pg.35)

**Oreste** - Sim. Corre legionário devotadíssimo e fiel defensor das suas boas ideias! Nunca me casaria com uma mulher menos rica do que eu.

**Padre** - Ah! está! Nem se o Sr. o procurasse não acharia outro homem tão leal!

**José** - Realmente. Estimo muito conhecer que é tão digno da posição que ocupa na sociedade. (outro tom) Mas, diga; qual é o fim para que me procurava pouco antes de encontrar-nos a entrada da minha casa?

**Oreste** - Não o adivinha?

**José** - Não o posso adivinhar; pois pela primeira vez, faz-me a honra de uma visita...

**Padre** aparte. - Já percebi! ... (alto para José) Quer que lhe diga?

**Oreste** - O Sr. sabe?

**Padre** com importância - Como não! compreendo os sentimentos juvenis pelo ar, como se diz vulgarmente (sorrindo para José) O Sr. Oreste, veio pedir-lhe....

**Oreste** interrompe. - A mão de D. Ayda.

**José** - O Sr?!

**Oreste** - Sim. O que há nisso de mal?

(Pg.36)

**José** - Nada. Mas. se a conhece apenas há poucas horas.

**Oreste** - Engana-se. Conheço-a há muito tempo. Desde a primeira vez que a vi, sonhei fazê-la minha esposa.

**José** - E qual o motivo que o não deixou vir aqui, até hoje?

**Oreste** - Um; muito simples; como via sempre aqui o Sr. Jayme, pensei que fosse namorada menina, e embora com muito desgosto fugia às ocasiões de poder vir aqui encontrá-lo. Hoje afinal vim até aqui como impellido por uma força misteriosa. Acho-me agora bem contente oxalá tivesse vindo antes.

**Padre** - Então quer se casar com a menina? Deixa estar que o Sr. não é tolo; Ayda é bem bonita!

**José** falando consigo. - Preciso consultá-la antes de responder-lhe! Venha ....

**Padre** - Qual consultar Filhas não tem querer! Logo que o Sr. a casa, é porque entende que seja bom para ela. Portanto, já pode responder. Não acha o Sr. Oreste digno de sua filha?

**José** - Sim ora, muito digno?!

**Padre** - Então....

(Pg. 37)

**José** - Então consinto. Dou-lhe a mão de Ayda sob minha palavra de honra.  
(apertam-se as mãos.)

**Oreste** - Obrigado, sr. José; obrigado!

**Padre** - Lembre-se que a mim também deve obrigações!

**Oreste** - Muitas, a prova é que o convidado, desde já, para ser meu padrinho.

**José** - Já arranhou até o padrinho. Como hão de ser felizes os futuros noivos!

**Oreste** - Espero que este futuro não seja muito demorado...

**Padre** - Pois marca-se desde já o dia do casamento; que diz Sr. José?

**José** - Não, preciso primeiro falar a minha filha.

**Padre** - Ora, para que; desde que o Sr. trate, a menina, nada tem a dizer....

**José** - Pois seja; (aparte) três semanas para os pregões e uma de vaga: um mês. (alto) De hoje a um mês realizar-se-á o casamento.

(Pg.38)

**Padre** para Oreste - Agora, cuidado hein?

**Oreste** - De que?

**Padre** - Não se esqueça de rezar, para que seja feliz com a sua noiva.

**Oreste** - Não; e o sr. também me ajudará, não é assim?

**Padre** - Pois não, e vou começar desde cedo.

**Oreste** levantando-se. - Então....

**Padre** - Retiramo-nos. Já é muito tarde.

**José** - Querem retirar-se já? A minha casa está sempre às ordens.

**Ambos** - Obrigado (Saem)

**José** - Eu também vou recolher-me. (aparte) Mandarei o Henrique apagar as luzes.

Saem todos. (o criado entra apaga as luzes, e Sae)

## CENA XV

(**Ayda** entra pela outra porta com uma vela.) Como sou infeliz!! Deitei-me e não pudereposar; dizia-me o coração que aqui, n' esta sala, onde há poucas horas

(Pg.39)

ouvi murmurar a terna linguagem do amor, proferiram terríveis infâmias! Prometeram a minha mão! Não sabem que só a mim pertence esse direito... (aflita) Não, não terão o meu consentimento! Eu já não governo em mim! Este coração já não me pertence! (pausa. Outro tom) E dizer que foi o Padre Fernando que iniciou isto!! Ele conheceu que amo. (exalta-se.) Incumbiu-se de fazer-me infeliz; de unir-me a um homem, repellido pelo meu coração. Para ele basta que seja rico, para fazer a felicidade! .... Oh! o ouro! quanta influência exerce sobre estes hipócritas! Eu serei mais rica, e por conseguinte, mais feliz! Onde está a felicidade! Pobre de mim! Como meu pai está longe de compreender-me! Talvez nunca tenha amado! Minha mãe! Expiraste com o meu nome nos lábios. Disseste á meu pai: Vela por nossos filhos, fá-lo felizes! (senta-se) Mas, Adolpho é odiado; Adelaide casou-se.... Será feliz? Ignoro-o. E, eu? .... Amo, nutro também, este sentimento que se chama amor. Sim. Amo a Jayme com todas as forças que tenho n' alma. (pausa) E por que não serei sua esposa? Por que é pobre? Ah! sociedade impura. Ontem porque era rico era digno de mim, hoje porque é pobre, humilho-me em desposá-lo! Oh! não. Nunca consentirei que me falem deste modo: Dir- lhe-hei com orgulho que serei dele; somente dele! (pausa, outro tom) E este tal Oreste, que meu pai trata tão bem? Diz aborrecer a Jayme Muito bem! Indigne-se, embora, mas fique sabendo que com todo o seu ouro, eu o desprezo! (pausa) E o padre? Oh! que cínico! que verdugo! Ainda o vejo; parece-me ouvir-lhe o seu diabólico riso, as suas tirânicas palavras: "Filhas não tem querer" Infame! Oh! Deus, perdoai-me! (ajoelha.) Ajudai-me a ser fiel, ou a morrer!

## CENA XVI

Ayda e Adolpho

(Pg. 40)

**Adolpho** entrando - O que é isso, maninha! De joelhos? Rezas, aqui na sala? (olhando-a:) choras? Diz-me; o que tens?

**Ayda** levanta-se - Sou muito infeliz!

**Adolpho** recuando - Explica-me; por que choras?

**Ayda**, enxugando os olhos - Não tenho nada; precisava de chorar; agora estou melhor!

**Adolpho** - Quando sai, entristeci-te as saudades de Jayme agora que ele veio que resta amagoar-te?

**Ayda** - Viste-o quando d'aqui saiu?

**Adolpho** - Vi-o quando ia para casa. Mas ... agora que me lembro, passou por mim e mal cumprimentou-me. Perguntei-lhe o que tinha, que tanto o agitava, e respondeu-me: “ Dir-te-ei mais tarde. Adeus”, E desapareceu, correndo como um louco pela rua a fora. Depois disto ainda fui ao club; joguei o bilhar, assisti a várias partidas e em seguida vim para casa. Tinha esquecido o Jayme. Pensei que aqui todos estariam dormindo, e quando ia recolher-me ao meu quarto, vi luz n'esta sala. Dirigi-me para aqui e encontro-te n'este estado. Diz-me: o papai maltratou o Jayme? Falla, já começo a impacientar-me...

**Ayda** - Com és bom, Adolpho! Perdoa-me eu sou muito desgraçada

(Pg.41)

**Adolpho** - O que tens querida explicar-te, eu o suplico!

**Ayda** - O Jayme foi insultado....

**Adolpho** - Insultado!! E por quê?

**Ayda** - Porque é pobre, coitado, se visses como estava agitado! E dizer que foi o Padre Fernando, quem se incumbiu disso.

**Adolpho** Hein? Aquele maldito Padre! E ousou insultá-lo em tua presença?

**Ayda** - Não. Tinha ido mandar fazer chá para eles; quando voltei achei o Jayme em pé a gritar. Perguntei-lhe o que tinha; e às respostas que me dava respondia o padre: É mentira, não acredites! Depois o Jayme retirou-se e eu que não sei fingir, fiquei triste e pensativa. O papai deu-me licença para recolher-me. Entrei para o meu quarto, muito nervosa, deitei-me, mas não pude dormir. Levantei-me e conduzida por mão misteriosa, hercúlea, quase arrastada cheguei até atrás desta porta, (indica) e fiquei como que petrificada! Oh! se ouvisses, maninho, se ouvisses as palavras que saíram da boca do padre; tu que és bom e generoso, não terias resistido ao desejo de avançar para intimidar-lhe silencio! Oh! que horror!

**Adolpho** - Como tenho razão de aborrecer estes homens de batina!

(Pg.42)

**Ayda** - Oh! sim. (outro tom). A propósito, conheces esse tal Oreste?

**Adolpho** - Oreste? Qual?

**Ayda** - Na minha agitação tinha-me esquecido de dizer-te que aqui estive um moço que ouvichamar por este nome. Pois bem; sabes do que foi capaz o padre? Contratou casamento entreeste tal Oreste e eu....

**Adolpho** - Sem consultar-te?

**Ayda** - Quando o papai, falou em consultar-me sabes o que disse aquele corvo do padre? “Qual consultar o que Filhas não tem querer!”

**Adolpho** - Oh! que hipócrita. E o que disse o tal Oreste?

**Ayda** - Aquele deve ser tão cínico como o próprio Padre. Disse que se sentia feliz, e convidou o Padre Fernando a ser padrinho do casamento, que segundo disseram realizar-se-á daqui a um mês!

**Adolpho** - E então! que pensa, hein? Na verdade, é preciso ser corajoso!

(Pg.43)

**Ayda** - Parece-me que sonhei! E oxalá fosse mentira, sonho ilusão! Mas é a pura verdade! Ouvi com estes ouvidos. Deus é testemunha! (exalta-se). Oh! o que será de mim!? (chora.)

**Adolpho** - Não te aflijas tanto; é impossível que isso se realize. Vai repousar, estás muitofadigada. Vai, Ayda, vae não tarda a despontar o dia.

**Ayda** - Irei, mas, ouve Adolpho, ouve. Eu amo o Jayme e jurei ser dele! Tu que és ainda o único que me compreende, promete-me que me auxiliarás a conseguir, ou antes a manter o meu juramento?

**Adolpho** - Prometo; então; duvidas do teu Adolpho?

**Ayda** - Não. Confio em ti e espero em Deus. Mas se por ventura te faltarem as forças para ajudar-me, juro-te que antes de desposar outro homem, morrerrei.

**Adolpho** - Pobre irmã, como esta exaltada.

**Ayda** - Não; não estou exaltada, mas não deixarei nunca a minha divisa: Ou vencer, ou morrer.

## FIM DO 1º ATO

(Pg.44)

## ATO II

A mesma sala do I ato

Criado e José que está escrevendo. É de manhã.

### CENA I

Criado e José

**Criado** - O Sr. Jayme procura-o.

**José** aparte - Que me quererá, este imbecil? (pausa)

**Criado** - Quer que o mande entrar?

**José** - Espera. Chama primeiro minha filha.

Criado (sai.)

### CENA II

José e **Ayda** entrando. - Bom dia, papai, que precisa?

**José** - Queria perguntar-te se já foste hoje ao jardim

**Ayda** - Ainda não por quê?

**José** - Porque o jardineiro falou-me a respeito da replantação de diversas flores e eu lhe disse que tu indicarias os lugares apropriados. Não me pediste também, que mandasse fazer um pequeno quiosque para passar as horas mais quentes do dia?

(Pg. 45)

**Ayda** aparte - Quanta amabilidade!

**José** - Pois bem; é preciso que vás dar as ordens necessárias para que o jardineiro apronte o lugar para isso. Que te parece?

**Ayda** - Irei mais tarde; serve papai?

**José** - Não. É melhor que vás agora.

**Ayda** - Já que o quer, obedeço. Até logo. (saída falsa, aparte.) Porque esse interesse para ausentar-me? hei de sabê-lo! Sai

### CENA III

José, criado e Jayme

José toca o tímpano aparece o criado.

**Criado** - Senhor?

**José** - Manda entrar o Sr. Jayme. (Criado sai e entra o Jayme)

**Jayme** - Bom dia, sr. José.

**José** - Bom dia. Assente-se.

**Jayme** - D. Ayda está?

**José** - Não sei ao certo, mas deve estar no jardim.

(Pg.46)

**Jayme** - Ah! é porque.....

**José** - Que lhe queria?

**Jayme** embaraçado - Talvez, que o Sr. não ignore....

**José** - Ignoro absolutamente; mas para que tanto mistério (com dureza) Diga de uma vez: aque devo a sua visita?....

**Jayme** - .....Deve-a, a honra que tenho....

**José** rude - A qual honra?

**Jayme** aparte - Onde estará ela? (alto) ao amor que sua filha me mereceu!

**José**, cínico - Amor? O Sr. ama minha filha?....

**Jayme** - Sim. Loucamente.

**José** - Oh! não pode ser! Permitiu-se isso sem participar-me o?

**Jayme** - Deixei de fazê-lo hoje, porque só agora reconheço que a minha felicidade será incompleta enquanto não me unir aquele anjo que despertou em mim o primeiro e mais belo sentimento, que me ensinou a balbuciar o ABC do amor mais puro.

(Pg.47)

**José** - Para que tanta poesia!....

**Jayme** - E hoje, finalmente, depois de muitas lutas comigo mesmo, decidi-me.....

**José** - A que?

**Jayme** - A pedir-lhe a mão de D. Ayda.

**José** aparte - É muita audácia! (alto). Desgosta-me demasiado não poder ceder a este seupedido.

**Jayme** - Como, pois, recusa?

**José** - Sim, Ayda é muito criança, ainda não tem quinze anos.

**Jayme** - Se bem que dilacerando o meu coração, pela impaciência, esforçar-me-ei para esperar que tenha a idade conveniente. (Ayda aparece a porta por um momento.

**José** - Qual! Não espere. O Sr. é um rapaz elegante e poderá encontrar melhor....

**Jayme** interrompe - Impossível; não me casarei se não for com ela.

**José** zangado - Nunca permitirei. (ouve-se um tombo como de um corpo que cai). O que é isto? (Vae ver, Jayme segue-o. De longe vê Ayda no chão.) Ah! é ela. |Ouvuiu tudo!

(Pg.48)

**Jayme** - Ayda! Ayda!

**José** interrompe - Cale-se, o Sr. é a causa de todo este mal. Deixe a minha casa quanto antes! Não quero que ela o veja, quando torne a si....

**Jayme** - Não, não posso obedecer-lhe, quero falar-lhe. (Tira do bolso um vidrinho.) Dê-lhe de cheirar este remédio; ela se restabelecerá de pronto.

**José** - Um remédio!? obrigado, mas saia, saia!

**Jayme**, saída falsa - Uma forte comoção poderia ser-lhe fatal; por isso saio.

**José** sai para cuidar da filha

**Jayme** com dor irônica - Pobre do meu coração! Cala-te, cala-te! Sufoca o mais puro dos amores! Não vês que escarnecem de ti!? Saia!!! Saia!! Me disse ele.... Oh! é demais, meu Deus. Sai desesperado arrancando os cabelos.

CENA IV

**José**, só. Senta-se a mesa para escrever - Ora com os diabos! O Reverendo não se enganou quando disse que eles se amam. Que estúpido, este mancebo! Vir contar-me que lhe tem amor, quando bem sabe que eu não creio n'estas histórias! Pensa que eu não conheço qual é a raiz d'este amor! São as muitas mil libras que Ayda possui. Oh! o amor faz muito, mas o dinheiro faz tudo! (escreve) Ayda, já está em si, felizmente não se lembra de nada!

... *Escreve*

(Pg.49)

CENA V

José e Adolpho

**Adolpho** entra e aproxima-se - Bom dia, meu pai, como passou desde ontem?

**José** - Oh! eu nunca passo bem

**Adolpho** - Por quê? O que o incomoda?



**José** - Muitas cousas. Principalmente os teus passeios com o Jayme, ao Club e a toda a parte.

**Adolpho** - Não creio que por isso tenha muito a queixar-se pois, raras vezes acontece de encontrá-lo. Ele está sempre muito ocupado....

**José** - Ah! está sempre muito ocupado, hein? Quem mandou o pai dele botar fora no jogo, quanto possuía?

**Adolpho** - Engana-se; a ruína do pai de Jayme é devido a falência de outra casa comercial que lhe devia uma soma enorme.

**José** - Enfim, seja como for; ele agora é pobre, e certo não pode suprir às despesas do jogo ao qual vos entregais quando ides ao Club; conseqüentemente, és tu quem paga por ele. Eu não quero isto, entendes? Porque aborreço, este Jayme. Bem adivinhava eu o fim de suas

(Pg.50)

visitas diárias. Teve o arrojo de pedir-me, há pouco, a mão de Ayda. E se lhe disse que ela era muito criança foi para mandá-lo em paz, pois nunca darei o meu consentimento para semelhante matrimonio!

**Adolpho** - E por quê? Não consentiu o Sr. que Adelaide desposasse a Carlos, que é irmão de Jayme?

**José** - Foi um grande erro que cometi. Quando Adelaide se casou, eles estavam na véspera da ruína e eu ignorava-o. Mas, agora, não cairei em outra; não por certo. Ayda deve casar-se com Orestes; este é homem para ela. Mas o tal Jayme? Que vá esconder-se!

**Adolpho** - E Ayda, já deu o seu consentimento?

**José** - Ainda não, apesar de estarmos do dia marcado para as núpcias! Mas hoje vou falar-lhe seriamente. (mudando de tom). É um grande desgosto que ela me causa. Basta, porém, quero crer que em todo o caso o Padre Fernando saberá arrancar-lhe o Sim que eu tanto desejo! é o pago que se tem com os filhos! Sacrifícios para criá-los, e depois desgostos com abundância.

**Adolpho** - Perdoe, papai, mas o Sr. faz mal em agir d'este modo.

**José** com raiva - És o espírito de contrariedade!

(Pg.51)

**Ayda (?)** - Seja; mas eu lhe repito, que faz mal em obrigar Ayda a desposar um homem que ela detesta.

**José** - Ella não o detesta; basta que eu proíba ao Jayme de entrar n'esta casa, e ela mudaráde pensar.

**Adolpho** - É inútil esta precaução; porque ela o ama, e o amará sempre.

**José** - Cala-te! Que vens tu falar-me em amor?

**Adolpho** - Sim; repito-lhe.

**José** - Desgraçado! Se contínuas deste modo, expulso-te desta casa.

**Adolpho** - Saírei d'esta casa muito contente, por este motivo, mas juro-lhe por Deus que nãoconsequirá que minha irmã com esse cavalheiro de indústria a quem chama pomposamente "Senhor Oreste".

**José** furioso - Miserável! Sai da minha casa, e não voltes mais. Sai, e já.

**Adolpho** - Eu saio, mas lembre-se do que lhe disse!

**José** furioso

(Pg. 52)

Já vou mandar-te pôr na rua, filho perverso! (Sai)

CENA VI

Adolpho e **Ayda**. Entrando - O que sucedeu, maninho, ouvi tua voz tão alterado? **Adolpho** - Oh! bendita sejas tu, minha querida! Que está triste e tão agitada, e ainda pensasem mim!

**Ayda** - Conta-me, o que houve?

**Adolpho** - Nada, maninha, descansa!

**Ayda** - A ser assim, como me explicas, que as tuas feições são bondosas, estejam neste instante tão mudada?

CENA VII

Ayda, Adolpho e José

**José de dentro** - Ele sairá e é já.

**Ayda** - Meu Deus! Quem? Quem sairá?

**José** furioso – É o senhor Adolpho! Sairá d'aqui n'este mesmo instante, porque não quero mais vê-lo.  
(Para Adolpho) saia!

(Pg.53)

**Adolpho** - Sim, eu saio....

**Ayda** interrompendo - E, para onde vais? Papai; perdão, perdão para ele!

**José** - Não, não lhe perdoo, deixa que se vá para o inferno!

**Adolpho** - Não te aflijas, Ayda, eu vou, mas velarei por ti! Adeus! (sai correndo)

**Ayda** corre para ele - Não, Adolpho, não vae; não vae! (Para na porta.). Oh! meu Deus! Queserá de mim?! (Chora).

**Ayda** e **José** - Filha ingrata! Choras porque expulsei o mais perverso dos filhos!... perguntas, o que será de ti! Não sou eu teu pai? Não me amas então? não trabalho eu tanto para fazer-te feliz? Vamos, enxuga estas lagrimas e sorri porque amanhã serás a mais venturosas de todas as mulheres! Serás invejada; todos se inclinarão aos teus pés, porque serás rica, milionária! Não estas contente?

**Ayda** - Contente? Oh! meu Deus!

**José** - Então por que suspiras? O que é que te aflige? Pensas em Adolpho? Não te assustes; osmaus não perecem nunca! (Pausa)

(Pg. 54)

**Ayda** pensativa

**José** - Vamos, Ayda, fica alegre, não tardam a chegar o Padre Fernando e o teu galante noivo. Ouves? Vae completar a tua toilette, quero ver-te linda, encantadora, adorável enfim. Quero que todos te admirem; vae, filha, vae! -

**Ayda** - Para que? Assim está completa a minha toilette, receberei as visitas n'estes trajes!

**José** - Não: para que te comprei eu aquele linda vestido de seda cor do céu? Para a vésperade teu casamento. Portanto vai vesti-lo já, eu o exijo!

## CENA IX

**Ayda**, **José** e **Padre**

**Padre** de fora - Dão licença? Bom dia!

**José** - Entre, bom dia!

**Padre** - Bom dia. (olhando para Ayda) chorando hoje?

**José** - Criancices, reverendo, criancices! Não faça caso, isto passa.

**Padre** - Menina, deixa-te disto, hoje deve ser dia de festa nesta casa!

(Pg.55)

**José** - Veio confessá-la?

**Padre** - Sim, se quiser retirar-se!

**José** - Pois não; até já. (Sae)

## CENA X

**Ayda** e **Padre**

**Padre** - E então, estás pronta?

**Ayda** - Para que?

**Padre** - Ora, ora, para que! E me as perguntas?

**Ayda** - Realmente; não sei o que me quer...

**Padre** - Ayda, és tu quem fala deste modo? Pois não tenho a missão de confessar-te?

**Ayda** - Ah! confessar-me? Não; não estou pronta.

**Padre** - Como assim, filha (bate-lhe com a mão nas costas e ela recua com horror).

**Ayda** com energia - Faça o favor de não me tocar.

**Padre** - Tens medo? Não quero fazer-te mal.

(Pg.56)

**Ayda** - Peço-lhe que não avance mais; sua presença hoje, horroriza-me!

**Padre** - Oh! que sacrilégio! Arrepende-te do que disseste cometeste um pecado mortal.

**Ayda** - Cometê-lo-ia se lhe dissesse o contrário, porque diria então uma mentira.

**Padre** - Então, não queres confessar-te?

**Ayda** - Não estou preparada, já lhe disse.

**Padre** - E quando tencionas fazer esta preparação?

**Ayda** - Não sei. Por enquanto, peço-lhe que me deixe só.

**Padre** - Manda-me sair?

**Ayda** - Não mando, peço.

**Padre** - Mas eu não sairei enquanto não tiver confessado; pois vim cá somente para isso.

**Ayda** - Repito-lhe que me não confessarei, e basta....

**Padre** - Para quando esperas então, se amanhã é o dia do casamento? Olha, que não se pode casar ninguém sem primeiro confessar-se.

(Pg.57)

**Ayda** - Oxalá, assim fosse.

**Padre** - O que pensas? Vamos, não sejas tão má para comigo.

**Ayda** - Penso, como é que podem existir homens da sua tempera e, como a sociedade admite que se confundam no meio dos outros, homens que vestem trajes tão singulares!

**Padre** - É a divisa dos ministros de Deus.

**Ayda** - A sociedade, compete averiguar se são ministros de Deus ou do Demônio....

**Padre** quer interrompê-la - Oh! (persigna-se.)

**Ayda** levantando a voz - Os pais da família que desejarem a honra e a tranquilidade do próprio lar, devem fugir ao seu contacto. A presença de homens que trazem sobre o corpo o negro manto da hipocrisia, é sempre fatal...

**Padre** - É demais!

**Ayda** - As palavras que me saem dos lábios, são banhadas na amargura que o Sr. me lanço no coração. Era feliz, amava e era correspondida! Que mais tinha a desejar?! Para que veio o Sr. intrometer-se na minha vida íntima?

(Pg.58)

**Padre** - Eras tentada pelo Demônio....

**Ayda** - Cale-se, Sr., eu o íntimo. Não venha falar-me em tentação quando o Sr. mesmo é um tentador maldito.

**Padre** chega-se perto, **Ayda** recua - Afaste-se de mim! Odeio-o, como ao Demônio de quem, é digno representante na terra.

**Padre** - Menina, cometes horríveis sacrilégios! Vem cá, eu te perdoo. (Chega-se)

**Ayda** - Não se aproxime; faz-me medo.

**Padre** - Perdoo-te esta exaltação, esqueço, tudo, mas....

**Ayda** - Nada Sr, recuso este perdão que me oferece; não o preciso! Odiá-lo-ei sempre!

**Padre** - Santa Paciência! Não me abandones, se não está alma está perdida.

**Ayda** - Evoque-a para salvar a sua, se é lícito dizer que o Sr. tem alma.

**Padre** - Mas, o que tens hoje, menina? Fazes-me acredita....

(Pg. 59)

**Ayda** - Não acredite nada; penso que o Sr. é um hipócrita, que me sacrifica em holocausto aouro que é o seu Deus. Mas eu saberei defender-me. (Sai).

CENA XI

Padre, Criado e José

**Padre** (só) - Não há meio, ela não quer casar-se com Oreste. (Toca o tímpano.)

**Criado** - O sr. chamou-me?

**Padre** - Sim. Não está o teu amo?

**Criado** - Está aprontando-se para sair. Quer que o chame?

**Padre** - Sim, diz-lhe que é o Padre Fernando quem manda.

**Padre** - Oh! mas como é tola esta menina! E dizer que ela é bem instruída! (Outrotom) Mas.... agora que me lembro.... ela não quer casar-se vou propor-lhe a entrada para o convento. (esfrega as mãos) Ah! ah! ah! mais uma pomba no pombal!

**José** entrando - Está só? E Ayda?

**Padre** - A menina parece muito incomodada, hoje, ficou tão brava comigo!

(Pg.60)

**José** - Deveras?

**Padre** - Sim. Chegou até mandar-me sair!

**José** - Oh! que horror! E não quiz confessar-se?

**Padre** - Qual o que! Disse-me que não estava preparada e que não se prepararia tão cedo....

**José** - Pois ousou responder-lhe deste modo?

**Padre** - Não me acredita?

**José** - Deus me livre disso! Então não hei de crê-lo? (outro tom) Mas o procedimento de Ayda preocupa-me demasiado. Esperava que o Sr, conseguisse muito dela, infelizmente tocou-lhe a mesma sorte que a mim! Que fazer agora? Dê-me um conselho Reverendo.

**Padre** - Encerre-a n'um convento. O rigor da disciplina monástica, conseguirá o que não lhe foi possível de nenhum outro modo....

**José** - Desgosta-me isso, mas fá-lo-ei quando tiver esgotado o último recurso. (outro tom.) Nem por isso o Sr. deve abandonar-me. Venha cá outra vez de tarde, pode ser que...

**Padre** - Sim, pode ser que consiga logo o que não consegui agora, entretanto....

(Pg. 61)

**José** - Não tem esperança?

**Padre** - Mesmo nenhuma....

**José** - Porém, eu ainda espero.

**Padre** - Queira Deus, que a sua esperança se realize. (encaminha-se para a porta.)

**José** - Já quer ir embora?

**Padre** - Não tenho mais nada a fazer aqui, por conseguinte....

**José** - Volta de tardinha, não é assim?

**Padre** - Pois não; sempre às suas ordens. Adeus!

**José** - Eu saio também. (saem os dois)

CENA XIII

A cena fica um instante deserta

**Ayda**, (só. Desesperada) - Meu Deus! Oh! minha mãe! Protege-me, auxilia a tua filha, agora que tanto precisa! (Chora) eis-me na véspera da minha eterna desgraça! Deus! Não te esqueças desta tua criatura! Não faças que eu duvide da tua existência, da tua bondade! Tinha uma mãe que me amava loucamente, roubaste-me a; a minha irmã que esforçava-

(Pg. 62)

se por fazer suas vezes, deixou-me.... um irmão que me adorava, perdi-o. .... estou só. Só! a lutar contra tantos! Vencer-me-ão, pois que as minhas forças estão quase esgotadas! Já lutei muito meu Deus! Basta! Basta! Não posso mais! (Chora. Longa pausa. Levante-se e vai a janela) E o Jayme? Pedi-lhe uma entrevista e ousou ainda esperar! (com desespero.) Oh! não! ingrata? eu? nunca! Serei dele ou morrerei. Sim, estou decidida. (vai a janela.) La vem ele! Pobre Jayme, como está mudado! Me amará ele ainda? Oh! Deus! Eu enlouqueço!/? Ampara-me tu que és tão piedoso! (Senta-se na cadeira e apoia a cabeça nas mãos. Como acordando:) Ouço passos! É ele, o Jayme! (olha.) Bate-me o coração, martelá-la me o cérebro, falta-me a coragem para encará-lo. (levanta-se e quer fugir, de repente para) eu fugir? Esconder-me? e por quê?

CENA XIII

Ayda e Jayme

**Jayme** - Entrando apressado, como que procurando: Ayda! Estás só? (vê Ayda corre para abraçá-la)

**Ayda** - Jayme, meu querido; diz-me antes de tudo: amas ainda está desgraçada?

**Jayme** (recua) - Que dizes? Desgraçada?

**Ayda** - Sim, desgaraçada; mereço toda a tua compaixão! Oh! diz-me, diz-me, que me amas ainda, fala Jayme, fala, ou me matas!

(Pg.63)

**Jayme** - Disseste que mereces a minha compaixão! Que fizeste?

**Ayda** - Oh! Jayme! Dúvidas então da tua Ayda? Oh! esta dúvida, esta dúvida, fere-me mais do que tudo (alterada) Deixa-me então só, vae, leva consigo a arma com que me matas!

**Jayme** - (de joelhos.) Perdão, é o amor que me cega n'este instante, é o ciúme, o desejo de vingança! Eu te amo, mais do que nunca!

**Ayda** - (levantando-o) que te disse meu pai? (aparte) eu já o sei.

**Jayme** - Teu pai é o mais cruel dos homens! Disse-me que não consentia no nosso casamento porque és muito jovem ainda; disse-lhe que esperaria, respondeu-me, desenganando-me; quiz protestar, apontou-me a porta ... Saia me disse ele, não quero que ela o veja!

**Ayda** - Oh! meu Deus!

**Jayme** - Mas, eu repito-te amo-te com um amor louco, desesperado

**Ayda** - Obrigado! Oh! obrigado!

**Jayme** - E, tu, já não me amas?

(Pg.64)

**Ayda** - Oh! quem me dera!....

**Jayme** - Custa-te então muito amar-me?

**Ayda** - Perdoa-me, eu não sei o que digo, estou louca, sinto que (chora)

**Jayme** - Criança! Choras sabendo que te amo!?

**Ayda** - Então protege-me; estou só!

**Jayme** - Juro que não te deixarei.

**Ayda** (outro tom) - Que dizes?

**Jayme** - Que não sairei daqui, enquanto ....

**Ayda** interrompendo - Não é possível! Não quero que te exponhas a tantos perigos; meu pai, Oreste ....

**Jayme** - Sempre ele; então o amas....

**Ayda** - Não, Jayme, eu t'ó juro; mas, vai-te... que meu pai não te surpreenda. Vai....

(Pg. 65)

**Jayme** resoluto - Não; não saio; haja o que houver!....

**Ayda** - Peço-te, peço-te pelo amor que me consagras, vae....

**Jayme** - Apelas para o meu amor? Obedeço-te, mas jura-me antes, que não serás sua esposa!

**Ayda** firme - Juro, sim!

**Jayme** - Prometes manter este juramento?

**Ayda** - Deus, e a minha Santa Mãe, são testemunhas. (beija-lhe as mãos.) e este é o selo com que fecho o meu juramento. Serei tua, ou morrerrei!

**Jayme** - Não, hás de viver para mim! Seremos ambos felizes!

**Ayda** - Vae, Jayme, vae. Tenho medo!

**Jayme** - Oh! é preciso! Adeus! (sai desesperado)

**Ayda** cai na cadeira desalentada

CENA XIV

Ayda, José entrando com Oreste

(Pg.66)

(José em tom de zombaria) - Ayda apresento-lhe o seu noivo

**Oreste** - Como tem passado formosa menina?

**Ayda** - Bem, obrigado, e o Sr.?

**Oreste** - Melhor; pois quem se queixará na véspera do casamento?

**José** - Muito bem; então, não tem mesmo nenhuma preocupação hoje?

**Oreste** - Em honra a verdade, devo dizer que sinto um certo mal-estar, mas a que não dou importância, sendo como sou, bom decifrador de enigmas.

**José** - Oh! os enigmas! Diga pois: Qual a solução deste?

**Oreste** - A impaciência que tenho de abraçar a minha formosa noiva.

**José** - (Rindo) Ah! Ah!Ah! merece o prêmio!

**Oreste** - E recebê-lo-ei não é assim meu bom sogro?

**José** - Diga.... futuro....

**Oreste** - Qual futuro; agora já posso dizer presente. Que diz mimosa senhorita?

(Pg. 67)

**Ayda** - Falou comigo?

**Oreste** - E então! o que é que a preocupa? (a parte.) Pensava que era a atenção que aimpedia de tomar a palavra.

**Ayda** - Nada; que deve preocupar-me?

**José** - Não vá zangar-se hoje, hein, futuro... não presente. genro.

**Oreste** - Sempre alegre sr. José

**José** - Sim. Digo que não se zangue, porque há um mês que frequenta a minha casa, ainda não conhece Ayda; ela é assim mesmo, nada consegue tirá-la deste estado de melancolia. Entretenha-se um pouco, enquanto eu vou ver lá fora um negócio. Até já. (para sair)

**Oreste** - Até já.

**Ayda** - Peço-lhe que se não demore muito!

CENA XV

Oreste e Ayda

**Oreste** - Tem medo de ficar a sós comigo?

**Ayda** - Não tenho medo, mas prefiro evitar as ocasiões de fazê-lo.

(Pg. 68)

**Oreste** - Então, quer morar com seu pai ainda depois de casada?

**Ayda** - Depois?.... não sei.... por enquanto.....

**Oreste** - Ora, ora! Iremos fazer uma longa viagem, visitaremos as cidades mais importantes do mundo, seremos felizes....

**Ayda** - (suspira) Ah....

**Oreste** - Suspira? por quê? não lhe agrada então passear?!

**Ayda** - (Com esforço.) não, não me agrada!

**Oreste** - Porém tenho-a visto passear tão alegre e despreocupada que me admira ouvi-la a dizer que não gosta de passeio. (chega-se para perto dela e que pegar-lhe a mão.)

**Ayda** - (recua) Deixe-me senhor!

**Oreste** - O que é isso?

**Ayda** - Vou explicar-lhe: Horroriza-me o seu contacto.

**Oreste** - Que diz?!

(Pg.69)

**Ayda** - Unicamente o que sinto. São palavras que me saem do coração. É a indignação malreprimida até agora. Sim, eu o detesto! O sr, é a minha desgraça!

**Oreste** - Como?

**Ayda** - Como? Atreve-se a perguntar-me o?

**Oreste** - Pois se eu não a compreendo.

**Ayda** - Far-me-ei compreender. Por que não me perguntou se eu aceitava o seu nome antesde pedir-me com esposa a meu pai?

**Oreste** - Porque ele assegurou-me que era inútil; e por que me faz esta pergunta?

**Ayda** - Porque o Sr. exijo de mim o impossível. Quer o meu coração que já não me pertence,quer a minha mão que está comprometida. Compreende agora por que o odeio?

**Oreste** - Odeia-me? mas há de amar-me! há de ser minha esposa!

**Ayda** - Nunca; jurei, e não me tornarei perjura.

**Oreste** - O Padre Fernando quebrará o seu juramento.

(Pg. 70)

**Ayda** - Não; deus e minha pobre mãe são testemunhas sagradas, de que nunca me casarei senão com o homem a quem dei o meu coração!

**Oreste** - Ah! com ele? Não, não conseguirá. Há de ser minha; dei minha palavra e hei de cumpri-la.

**Ayda** - Nunca, nunca!

#### CENA XVI

Os mesmos e José

**José** (entrando) - Meus parabéns, fut... ah! não, felizes noivos! Como se houve na minha ausência?

**Oreste** - Muito mal; antes não tivesse saído.

**José** - Por quê?

**Oreste** - Sua filha lh'ó dirá; no entanto eu me retiro.

**José** - Espere; ainda é cedo.

**Oreste** - Não, preciso dar algumas ordens; voltarei. Até logo. (sai)

#### CENA XVII

Os mesmos, menos Oreste.

(Pg.71)

**José** - Então o que ouve, minha filha?

**Ayda** - Nada, papai!

**José** - Como assim? Se Oreste saiu tão desgostoso?

**Ayda** - Pior para ele.

**José** - Ayda, exijo de ti uma explicação. Mandaste-o sair?

**Ayda** - Não, disse-lhe somente que não me casaria.

**José** - (Furioso) E por que lhe disseste isto? Quem te autorizou?

**Ayda** - O senhor!

**José** - Gracejas comigo?

**Ayda** - Pelo contrário.

**José** - (Impaciente) então explica-te; já começo a impacientar-me.

**Ayda** - Que respondeu ao Jayme?

**José** - Ah! compreendo agora.....

(Pg.72)

**Ayda** (interrompe) - Que não queria casar-me por ser ainda muito criança.

**José** (quer interrompe-la) - Ah!.....

**Ayda** (levantando a voz) - Pois bem, isso não quer dizer que deva casar-me com outro;espero; e quando o Sr. julgar que eu tenho idade competente para isso, então me casarei!

**José** - Não, por Deus, deves casar-te amanhã; já está tudo pronto.

**Ayda** - Com o Jayme?

**José** - Com o Sr. Oreste. Que o diabo leve este Jayme

**Ayda** - Não me casarei. Não proferirei o Sim da minha desgraça....

**José** - Porém eu quero que te case, se não fechar-te-ei em um convento, longe do mundo e da família....

**Ayda** - Oh! não papai, eu odeio os conventos.

**José** - Tens um remédio, casa-te (pausa) Estás decidida?

**Ayda** - Decidirei a manhã. (sai)

#### CENA XVIII

José, Oreste e Padre Fernando

(Pg. 73)

(de fora) Dão licença?

**José** (Vai á porta) - Entrem meus amigos!

**Padre** - E Ayda?

**José** - Retirou-se agora mesmo.

**Oreste** - O que pensa ela?

**José** - É feliz, pois amanhã será noiva.

**Oreste** - Achei-a tão diferente hoje....

**José** - Não é nada; creio que ela está muito doente, daí o seu fastio por qualquer coisa.

**Padre** (toma rapé) - Isto passará logo depois de casados (para Oreste) Não vão viajar?

**Oreste** - Tenciono ir passar a lua de mel em uma das cidades da Itália.

**Padre** - Perfeitamente. O ar de lá é muito bom, salubre, e restituir-lhe-á brevemente as primitivas forças..., mas, e, não se confessa?

**José** - Não quer....

(Pg.74)

**Padre** Oh! Não pode se casar sem confessar-se, cometeria um pecado mortal, a menos que o senhor com uma grande quantia a absolvição.

**José** - Quanto? Que importância é preciso para isso?

**Padre** - Quinhentos mil reis para o Sr., porque é muito meu amigo... olhe que é um pecado mortal, hein?....

**José** - Pois sim; amanhã no ato do casamento os receberá.

**Padre** - Não há dúvida. (a parte esfregando as mãos) Mais quinhentos mil reis!

**Oreste** - Então podemos ir-nos embora. Amanhã viremos bem cedo, para termos tempo de embarcar no trem das dez e meia,

**Padre** - Já que o quer, vamos; o nosso amigo deve precisar de repouso.

**José** - É verdade. Hoje tive de dar muitas ordens, ver que tudo estivesse pronto, enfim fiz as vezes da minha falecida esposa.

**Padre** - Então até amanhã.

**Oreste** - Até amanhã.

(Pg. 75)

**José** - Boa noite. Desejo-lhes um feliz repouso.

**Oreste** - Obrigado sr. José. (sai com o padre)

**José** - (toca o tímpano) É preciso que Ayda se case. Oreste possui uma grande fortuna e não deixarei escapar!

**Criado** - O sr. chamou?

**José** - Sim, chame-me minha filha.

Criado (sai)

CENA XIX

José e Ayda

**Ayda** - Mandou-me chamar?

**José** - Sim! Senta-te perto de mim. Por que estás tão triste?

**Ayda** - (Muito melancólica)! Se é só isso que o sr. deseja saber, retiro-me!

**José** - Não; Ayda, vem cá, ouve-me, diz-me a verdade: caçoavas comigo quando me diziasque amanhã não te casarias; não é assim?

(Pg.76)

**Ayda** - Pelo contrário.

**José** - Não sejas tão má para com teu paisinho que tanto te ama!

**Ayda** - Não posso agir diferentemente.

**José** (com raiva) - Dize antes que não queres.

**Ayda** (ajoelha) - Não, não posso papai, tenha compaixão de sua filha, não a sacrifique...

**José** - A que chamas tu sacrifício? Faço o possível para unir-te a um homem digno de ti e agora me agradeces deste modo? Vamos, pede-me perdão. Causaste-me muitos desgostos....



Não falas? Conhecês que tenho razão, não é assim? Pois eu perdoo-te. Se soubesses como é grande o coração de pai! Vamos levantando-nos, enxuga essas lágrimas. Esquecerei tudo o queme fizeste padecer.

**Ayda** - Meu pai, meu pai! (chora)

**José** - Filha!....

**Ayda** - Não me mate. (chorando)

**José** (com força) - Como; eu mato-te?

**Ayda** - Sim. É impossível!....

(Pg. 77)

**José** - Impossível!? Ah! compreendo! De nada valem as minhas palavras; teimas ainda em não querer?

**Ayda** (vae para o lado do pai) - Não teimo .... é que não....

**José** (interrompe) - Não chegues perto de mim. Es uma ingrata!

**Ayda** (cai de joelhos) - papai, pelo amor de Deus.

**José** - É deste modo que retribuís os meus sacrifícios?

**Ayda** - Meu bom pai, se é verdade que me ama, se se lembra da minha boa mãe, se crê enfim que exista um Deus, oh! pelo amor d'este Ente sagrado....

**José** - (interr.) Basta não quero mais ouvir-te. O teu procedimento não admite a intervenção do amor que consagrei a tua mãe; ela te ensinou a ser submissa e obediente, e tu és rebelde e não me obedeces; sai, sai que eu não quero mais ver-te. Sai!...

**Ayda** - Saio sim, mas antes prometa-me....

**José** - Ousas exigir promessas? Não amanhã ou te casarás, ou irás para longe de mim para nunca mais botares os pés nesta casa.

**Ayda** - Perdão, meu pai, perdão!

(Pg.78)

**José** - Não te perdoarei nunca o que acabas de fazer-me sofrer! (outro tom) Mas dize-me: estás resolvida a casaste?

**Ayda** (com firmeza) - Não; não me caso.

**José** (com raiva) - Oh! cala-te não provoques por mais tempo o meu ódio.

**Ayda** - Embora! Eu não me casarei; haja o que houver.

**Jose** - Filha rebelde! Hás de casar-te apesar teu. Dei a minha palavra e hei de sustentá-la!

**Ayda** - Não; o sr. não o fará....

**José** - Fal-o-hei, por Deus, o juro....

**Ayda** - Ah! meu pai! Cai de joelhos.

**José** - Nem uma palavra.

**Ayda** (resoluta) - não me casarei.

**José** (dá-lhe uma bofetada e ela cai no chão.) - Morre miserável, não mereces socorro. (sai correndo)

**Ayda** (levanta-se) - Santo Deus! compadece-te de mim! Auxilia-me ou estou perdida!

**FIM DO SEGUNDO ATO**

(Pg.79)

**ATO III**

A cena dividida. Uma parte representa o quarto de Ayda; uma cama, ou sofá, uma mesinha, uma cadeira de braços, uma bilha com água e copo. A outra parte, uma sala elegante; mesa decentro e cadeiras. Uma porta põe em comunicação os dois aposentos.

**CENA I**

**Ayda** - (Fazendo toilette, vestida de noiva.) Não pude encontrar repouso! Vesti-me de noiva, preparei-me para o sacrifício. (Pausa) Oh! que sonhos horríveis tive esta noite ainda tenho medo! (Ouvem-se bater 5 horas.) Cinco horas! Todos dormem tranquilamente, no entanto, eu. Oh! como sou infeliz! Minha mãe (Dirige-se a uma fotografia.) Se é verdade que depois da morte há outra vida; se dos céus vês esta tua desgraçada filha, oh! Santa Mãe, ampara-me. Preciso

mais do que nunca da tua proteção, não m'á negues! Bem vês o quanto eu sofro, foste testemunha sagrada das lutas que travei comigo mesma; assististe a este martírio porque passei; vês que não tenho forças para continuar ... Minha mãe! .... não sejas impassível; conói-te de mim; auxilia-me! Já não te peço forças para viver, para trilhar este escabroso caminho, oh! não! eu já odeio a vida. Irei ver-te no céu, serei ainda feliz! (senta-sena cadeira e parece adormecer.)

## CENA II

Adolpho e Jayme entram cautelosamente na sala

**Adolpho** - Não sei qual foi o santo que nos ajudou a chegarmos até aqui sem incidentes....

(Pg. 80)

**Jayme** - Santo ou demônio, merece bem que lhe agradecemos.

**Adolpho** - Sim porque se meu pai nos descobrisse....

**Jayme** - Nada de sustos. Deus que lê em nossos pensamentos, há de nos proteger...

**Adolpho** - Ao menos, seja esta esperança o nosso apoio, e seremos gratificados salvando a pobre Ayda.

**Jayme** - Sim, sim, coitada como sofrerá!

**Adolpho** (perto da porta de comunicação) - Que silencio sepulcral! De certo ela dorme: há de estar sumamente fadigada....

**Jayme** - E muito fraca, pois que ontem deixe-a em estado deplorável....

**Adolpho** - Oh! como deve ficar contente quando me ver; pobrezinha, me amava tanto!

**Jayme** - O tempo passa, e nós ainda não sabemos agir.

**Adolpho** - É verdade; o que mais de tudo é preciso é muita prudência. O mínimo indício pode perder-nos.

**Jayme** - E a ela sobretudo.

(Pg. 81)

**Adolpho** - Pois bem; ocultar-nos-emos neste quarto contíguo, a espera dos acontecimentos. (aponta para o quarto oposto ao de Ayda.)

**Jayme** - E se eles nós descobrirem?

**Adolpho** - Não te assustes, aí naquele quarto nunca vae ninguém, especialmente hoje!....

**Jayme** - Julgas que poderemos então salvá-la?

**Adolpho** - Estou plenamente convencido, porque quando ouvirmos ameaçá-la, o que dê certo sucederá, sairemos logo em seu socorro....

(Batem 6 horas)

**Jayme** - Seis horas!

**Adolpho** - Não tardam a chegar, porque querem casar-se cedo para partirem

**Jayme** - Oh! meu Deus!

**Adolpho** - O que tens? Coragem, que agora precisamos de muita. É a nossa única arma; se nos faltar, adeus, estamos perdidos!!

**Jayme** - Tenho um funesto pressentimento. Martela-me o coração, ferve-me o sangue nas veias, tenho frio....

**Adolpho** - Deixa as superstições às mulheres; nós somos homens.

(Pg.82)

**Jayme** - Ouve? Vem gente....

**Adolpho** - Ocultemo-nos. (Saem)

## SCENA III

**Ayda** - (levanta-se e vae á janela.) É quase dia, a aurora com suas faces douradas abrilhanta a natureza, que por sua vez parece cumprimentá-la respeitosamente... Que linda manhã... No entanto para mim tudo se findou. Sim! Tudo, tudo! Oh! é bem triste! Moça ainda, na primavera da vida, já estou cansada, fraca, impotente para lutar. Na idade em que devia amar... (outro tom) Amar! Oh! sim, amo, com todas as forças, por este amor odeio, desprezo tudo. Amo, e sou amada. Oh! sorte adversa! Cruel destino, porque tão desapiedadamente me persegues! Oh! Jayme, meu querido Jayme! Eu vou morrer feliz por ser-te fiel; por manter o meu juramento; seria, porém,

mais feliz se pudesse ver-te, falar-te pela última vez! Que venturapara mim! Morro ó Jayme, é para ti o meu último suspiro, a minha última palavra!! Para ti serão todos os meus pensamentos, quando o efeito violento do veneno me impedir de proferir ainda o teu adorável nome. Para ti será o meu último palpite do meu triste coração, para ti serão meu derradeiro alento! Oh! Jayme! Adeus. (chora) Já escrevi a minha carta de despedida... quisera calar-me, mas seria muito consolo para os que adoram o ouro. Não, que todos saibam de que funestas consequência é mensageiro este vil metal. Vou lê-la mais uma vez. (abre a carta. lê:) Meus parentes! Não se inculpe a ninguém da minha morte; foi o único lenitivo que eu achei, foi o único braço que me amparou entre um matrimônio que eu execrava e um negroconvento

(Pg.83)

a quem em toda minha vida votei ódio. Morro, votando o mais terrível desprezo aos padres, porque um deles foi a origem da minha desgraça! ...A vós meu pai, eu perdo, deixo-vos ainda completamente feliz, pois com minha morte sereis ainda mais rico! sim mais rico! Adolpho! Peço-te perdão, disseste-me que velarias por mim, mas eu não pude mais continuar; agora serei eu quem velará por ti, lá no céu, ao lado da nossa Santa Mãe! Adelaide! Minha irmã, adeus, adeus para sempre. E tu Jayme, meu adorador Jayme, morro porque te amo. Morro com o coração cheio deste amor casto e puro que meu pai recriminava; e morro feliz. Te amo como sempre. Adeus! Se a minha morte te causar uma dor profunda, se me amas como eu te amo, Jayme, vive para honrar a minha memória! Sim é uma moribunda que t'ó pede, é a tua noiva que te diz: Vive para ela; e que a tua existência possa infundir o remorso naqueles que te desprezam por seres pobre! Adeus! Aceita meus rogos! Companheiras; a vós, enfim, um último adeus! Um último conselho: se por acaso, a sorte vos preparar um caminho tão espinhoso como aquele que eu trilhei; lutai, lutai com força, mas nunca vós torneis perjuras, porque o remorso matar-vos-ia! Lembrai-vos sempre desta infeliz, que neste extremo instante vós dirigis o último adeus! Oh! não posso mais! O tempo passa e eu devo morrer! Avante, Ayda, é o último passo no caminho d'este mundo vil, e enganador! Para que seguir? A trégua é necessária depois de tanto combate. Irei repousar para sempre na fria lousa, perto de minha querida mãe! (Pausa longa, fecha a janela e a porta á chave) está tudo fechado (Põe no copo água, veneno e meche com a colher) bebe, Ayda, é o balsamo para os teus males! (Bebe) poucos minutos ainda, depois serei completamente feliz! Sim! Feliz. (senta-se na cadeira de braços e contorce-se) Queimam-me as entranhas.... que dores horríveis! (com medo.)

(Pg.84)

Cala-te, Ayda, que ninguém te ouça! Adeus, Jayme....a-d-e-u-s! Ai! ....de mim! a-d-e-u-s! (Contorce-se, gemendo. Enquanto Ayda agoniza, ouvem-se de dentro vozes de José, Oreste e Padre entram.)

**CENA IV**

José Oreste e Padre

**Oreste** - Então, Ayda ainda não se levantou?

**José** - É muito cedo.

**Oreste** - Nem tanto assim, olhe que depois devemos embarcar e o trem não espera.

**Padre** - Tem tempo, tem tempo! Já está tudo pronto, o que custa casar-se?

**Oreste** - Não tenho prática, mas....

**Padre** - Qual "mas" O que por enquanto devemos fazer é tratarmos de beber alguma coisa...

**José** (toca o tímpano. Ao Criado) - Traz uma garrafa de champanhe com três taças.

**Padre** - Quatro. A noiva não tarda a aparecer. Como deve ser bela!

**Oreste** - Olhe, sr. Reverendo, que eu tenho ciúmes, hein?

(Pg.85)

**José** - Ora esta; tem ciúmes antes de ser casado?

**Padre** - E demais, que nunca se deve ter ciúmes dos padres, aonde nós vamos, o lugar fica santificado.

**Oreste** - Estava a gracejar (o criado entra com o pedido.)

**José** - Pronto, srs. (despeja o licor, e o padre pega um cálice)

**Ayda** (contorce-se e murmura) - Jayme!  
**Padre** - Á saúde dos noivos!  
**José** - Á sua felicidade!  
**Oreste** - Á saúde do meu sogro e do meu padrinho  
**Padre** - Vivam os noivos!  
**Todos** - Vivaaaa!  
**Oreste** - (Vendo um cálix cheio.) E esta taça?  
**José** - É de Ayda!  
**Oreste** - Porém, ela tarda a aparecer.

**(Pg.86)**

**José** - Que genro impaciente! Sossegue, agora vou chamá-la.  
**Oreste** - Se permite eu o acompanho.  
**José** - Não, chamo-a daqui mesmo. (vai á porta) Ayda! Ayda! Dormes ainda? Levanta-te que já é tarde.  
**Padre** - Levanta-te menina; que o teu noivo está muito impaciente.  
**Oreste** - Não responde!  
**Jose** - Talvez não tenha ouvido. (Bate) Ayda! Ayda!  
**Oreste** - Estará ainda incomodada como ontem? Talvez recuse casar-se!  
**José** (furioso) - Ella não fará isto...senão.  
**Padre** - Não seja tão furioso; perde-se em comentários enquanto o tempo passa.  
**José** (Bate furioso) - Abre, Ayda! Abre, Ayda! Não respondes? Zombas de nós? Espera... (Esforça-se para abrir.) Oh! a maldita fechou á chave! Pensas que ninguém possa abrir? (vai a mesa e toca o tímpano. Ao criado -) Chama o ferreiro em frente, diz-lhe que traga alguma ferramenta. (o criado sai) Ayda, abre! Se não pagarás bem caro este insulto.

**(Pg.87)**

**Oreste** - Nada; não responde. (Para o padre) o que será isso?  
**Padre** - Não sei; agora veremos. (entra o ferreiro)  
**José** (para o ferreiro) - Mande incomodá-lo?  
**Ferreiro** - Incomodo nenhum; que precisa?  
**Jose** -Que me abra esta porta!  
**Ferreiro** (examinando a fechadura) - Perdeu a chave?  
**José** - Sim, perdi!  
**Ferreiro** - Só arrombando.  
**José** - Pois arrombe, não há dúvida nenhuma. Apresse-se.  
**Ferreiro** (arromba) - Pronto. Está aberta. (Sai. Os três entram no quarto.)  
**José** (pega-lhe uma mão) - Ayda! Dormes ainda? (examinando de perto) Oh! meu Deus!...  
**Padre** - O que tem?

**(Pg. 88)**

**Oreste** (Chega mais perto) - Está morta!  
**José** (desespero) - Morta?! Envenenada! corram depressa chamem um médico, tragam umantidoto!

**CENA V**

Adolpho e Jayme atravessando a cena, e os mesmos  
**Adolpho e Jayme** - Morta! Envenenada!  
**José** (para Jayme) - Oh salve-a, salve-a!  
**Oreste** (aparte) - Ele aqui?!...  
**Jayme** (examina Ayda. Acento doloroso.) - Infelizmente, não há mais remédio! Se fosse mais cedo, talvez se pudesse salvar, agora... é tarde, muito tarde.... (chora). De repente comgesto desesperado e irônico). Resta-lhe um meio Sr. José...  
**Todos** - Qual?  
**Jayme** (amargamente) - O ouro não compra tudo?  
**José** - Ah! maldição! (ajoelha-se aos pés da filha.) Minha filha! Minha filha! Perdoa-me!  
**Jayme** (para o padre) - Vejam agora se conseguem comprar esta existência que mataram....

**(Pg.89)**

**Padre** - Paciência! Tenhamos fé em Deus! Agora preciso benzê-la, encomendar-lhe a alma, se não....

**Adolpho** (interrompe bruscamente) - Longe daqui maldito roupeta! Sua alma cândida epura, branca como o lírio não precisa de suas blasfêmias!....

**Padre** (vai para tocá-la)

**Adolpho** - Não a toques, podes manchar o seu corpo imaculado! Infames, depois que amaram covardemente querem benzê-la.... (para José) pedem-lhe perdão!....

**José** (levanta-se e vae perto de Adolpho) - Meu filho! Em nome dela...

**Adolpho** - Cale-se, não profira o seu nome, poderia trazer-lhe o eco lúgubre da vingança! Resta-lhe agora, expiar o seu hediondo crime!

**Jose** (apontando para o padre) - Perdão, Adolpho! Não sou o único culpado....

**Adolpho** - Já sei. Onde passa o padre fica a tentação do demônio. Sirva este exemplo para que todos os pais de família afugentem os jesuítas! (Chora e vae ajoelhar-se perto de Ayda)

**Padre** - É muito, senhor....

**(Pg.90)**

**Jayme** (Interrompe) - Não é muito, infame, que despedaçaste a minha felicidade, torpe vendilhão que aqui te introduziste para semear a mais horrível desgraça em nome de um Deus justo e misericordioso! Assassino, vê a tua obra execranda! Ah! a minha amada Ayda! Vítima da cobiça d'esta negra seita. Vejam o exemplo fatal da passagem do jesuíta pelo lar doméstico. (chora e ajoelha-se ao pé de Ayda)

**Adolpho** (levanta-se e apresenta ao pai um revólver) - tome; mate a sua sede feroz de sangue! Tome, já que matou Ayda, mate-me também! (todos correm perto dos dois)

**José** (toma a arma e fica pensativo)

**Padre** - Senhores, acalmem-se, sejam razoáveis; ousam gritar tanto diante de um cadáver?

**Adolpho** (exaltado) - Profana-o mais do que tudo a tua presença... Vampiro!! Sae!!... Leva para longe o teu cinismo! Sai, sai, e maldito sejas!

Todos Sai (saída falsa do padre)

**Adolpho** - Anathemas sobre os hipócritas e os usurários!

Todos (menos Jose) (para o Padre) sai! sai!

**José** (como falando consigo.) - Usurário? Sim!! Eu sou um criminoso!! (aproveita o instante em que todos estão virados para o padre e suicida-se. Adolpho que está perto ampara-o; todos correm.)  
Morto, morto também!

**(Pg. 91)**

**Jayme** (pausa) - Eis as vítimas dos eternos rivais: **AMOR E OURO**

**FIM**

---